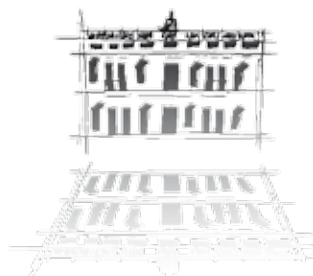


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais
Divisão de Extensão Universitária

ISSN 1808-6578

REVISTA
Conexão
UEPG

ano 12 - n.3



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

VICE-REITOR

Gisele Alves de Sá Quimelli

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Marilisa do Rocio Oliveira

CHEFE DA DIVISÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Liza Holzmann

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Gisele Alves de Sá Quimelli

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Maria Inês Chaves

COMISSÃO EDITORIAL

Dra. Ana Luiza Ruschel Nunes (UEPG)

Dra. Ana Paula Xavier Ravelli (UEPG)

Dr. Carlos Hugo Rocha (UEPG)

Dr. Cláudio Jorge Guimarães (UEPG)

Dr. Dircéia Moreira (UEPG)

Dr. Giovanni Marino Fávero (UEPG)

Dra. Gisele Alves de Sá Quimelli (UEPG)

Dr. José Tadeu Dolinski (UEPG)

Dra. Maria Salete Marcon Gomes Vaz (UEPG)

Dra. Nelci Catarina Chiqueto (UEPG)

Dra. Rosilea Clara Werner (UEPG)

Dr. Silvio Luiz Rutz da Silva (UEPG)

COMISSÃO DE CONSULTORES INTERNACIONAIS

Dr. Andrés C. Ravelo, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

Dr. César Tello, Universidad Nacional de Tres de Febrero - UNTRF, Argentina

Dra. Dagneris Batista de los Ríos, Universidad de Las Tunas Vladimir Ilich Lenin, Cuba

Dr. David P. Moxley, University of Oklahoma, Estados Unidos da América do Norte

Dr. Enrique Pastor Sellar, Universidad de Murcia, Espanha

Dra. Isabel Maria Ribeiro Mesquita, Universidade do Porto, Portugal

Dra. Kathryn Jane Campbell, University of Alberta, Canadá

Dr. Michael J. Reiss, University of London, Reino Unido

COMISSÃO DE CONSULTORES NACIONAIS

Dra. Adriana Richit – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC – Brasil

Dra. Alexandra Santos Pinheiro – Universidade Federal da Grande Dourados – MS – Brasil

Dr. Allyson Carvalho de Araújo – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN – Brasil

Dr. Antonio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais – MG – Brasil

Dra. Camila da Silva – Universidade Estadual de Maringá – PR – Brasil

Dra. Cláudia Ribeiro Bellochio – Universidade Federal de Santa Maria – RS – Brasil

Dra. Cristina Amélia Pereira de Carvalho – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS – Brasil

Dra. Daniela Dotto Machado – Universidade Federal de São Carlos – SP – Brasil
Dra. Deise Luiza da Silva Ferraz – Universidade Federal de Minas Gerais – MG – Brasil
Dra. Deisi Cristina Gollo Marques Vidor – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – RS – Brasil
Dra. Dênia Falcão de Bittencourt – Universidade Tiradentes – SE – Brasil
Dra. Denise de Freitas – Universidade Federal de São Carlos – SP – Brasil
Dr. Éder Silveira – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – RS – Brasil
Dra. Eneida Silveira Santiago – Universidade Estadual de Londrina – PR – Brasil
Dra. Fernanda Barja Fidalgo Silva de Andrade – Universidade Estadual do Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Dr. Geraldo Ceni Coelho – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC – Brasil
Dra. Gisele Caldas Alexandre – Universidade Federal Fluminense – RJ – Brasil
Dra. Jane Márcia Progianti – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Dra. Jaqueline Delgado Paschoal – Universidade Estadual de Londrina – PR – Brasil
Dr. João Jorge Correa – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR – Brasil
Dr. José Alberto Carvalho dos Santos Claro – Universidade Federal de São Paulo – SP – Brasil
Dr. José Falcão Sobrinho – Universidade Estadual Vale do Acaraú – CE – Brasil
Dra. Kelly Cristina Benetti Tonani Tosta – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC – Brasil
Dra. Louise de Lira Roedel Botelho – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC – Brasil
Dra. Luciana de Souza Neves Ellendersen – Universidade Federal do Paraná – PR – Brasil
Dr. Luiz Fernando Caldeira Ribeiro – Universidade do Estado de Mato Grosso – MT – Brasil
Dr. Luiz Roberto Pinto Nazario – Universidade Federal de Minas Gerais – MG – Brasil
Dra. Maíra Bonafé Sei – Universidade Estadual de Londrina – PR – Brasil
Dr. Marcelo Câmara dos Santos – Universidade Federal de Pernambuco – PE – Brasil
Dr. Marcelo de Maio Nascimento – Universidade Federal do Vale do São Francisco – PE – Brasil
Dr. Marcus Vinícius Tres – Universidade Federal de Santa Maria – RS – Brasil
Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva – Universidade do Estado de Santa Catarina – SC – Brasil
Dra. Marília Brasil Xavier – Universidade do Estado do Pará – PA – Brasil
Dra. Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes – Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR – Brasil
Dra. Marta Fernanda de Araujo Bibiano – Universidade Federal de Pernambuco – PE – Brasil
Dra. Moema Lúcia Martins Rebouças – Universidade Federal do Espírito Santo – ES – Brasil
Dr. Mohamed Ezz El-Din Mostafa Habib – Universidade Estadual de Campinas – SP – Brasil
Dra. Nadia Gaiofatto Gonçalves – Universidade Federal do Paraná – PR – Brasil
Dr. Raimundo Bonfim dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz – BA – Brasil
Dra. Regina Lucia Monteiro Henriques – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Dr. Ricardo Monezi Julião de Oliveira – Pontifícia Universidade Católica - PUC / Universidade Federal de São Paulo – SP – Brasil
Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS – Brasil
Dra. Stela Maris Sanmartin – Universidade Federal do Espírito Santo – ES – Brasil
Dra. Tereza Virginia Ribeiro Barbosa – Universidade Federal de Minas Gerais – MG – Brasil
Dra. Vera Marcia Marques Santos – Universidade Estadual de Santa Catarina – SC – Brasil

CONSULTORES AD HOC

Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira – Universidade Federal de Sergipe – SE – Brasil
Dra. Alexandra Folle – Universidade do Estado de Santa Catarina – SC – Brasil
Dr. Alexandre de Azevedo Olival – Universidade do Estado de Mato Grosso – MT – Brasil
Dr. Alfredo Almeida Pina de Oliveira – Universidade de São Paulo – SP – Brasil
Dr. Alfredo Argus – Universidade do Estado de Minas Gerais - UFMG
Dra. Ana Claudia Rodrigues Chibinski – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dra. Ana Paula Parra Leite – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dra. Anamaria Gonçalves dos Santos Feijó - Unidade de Pesquisa Clínica do Centro de Medicina Reprodutiva Carlos Isaias Filho – RS – Brasil
Dr. Breno Marques da Silva e Silva – Universidade do Estado do Amapá – AP – Brasil
Dr. André Mendes Capraro – Universidade Federal do Paraná – PR – Brasil
Dr. Carlos Eduardo Facin Lavarda – Universidade Federal de Santa Catarina – SC – Brasil
Dra. Claudia Regina Magnabosco Martins – Universidade Estadual Centro Oeste – PR – Brasil

Dra. Clóris Regina Blanski Grden – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dra. Cristiane Pereira Marquezini – Universidade Paulista – SP – Brasil
Dra. Daniela Abreu Matos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – BA – Brasil
Dr. Dartagnan Pinto Guedes – Universidade Norte do Paraná – PR – Brasil
Dra. Eliane Mauerberg de Castro – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – SP – Brasil
Dra. Elis Regina Duarte – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – PR – Brasil
Dr. Fabio Zoboli – Universidade Federal de Sergipe – SE – Brasil
Dr. Fernando Renato Cavichioli – Universidade Federal do Paraná – PR – Brasil
Dra. Heloisa Helena Corrêa da Silva – Universidade Federal do Amazonas – AM – Brasil
Dra. Larissa Louise Campanholi – Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – PR – Brasil
Dra. Lina Márcia Miguéis Berardinelli – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Dr. Luciano Gamez – Universidade Federal de São Paulo – SP – Brasil
Dra. Maria Alves Barbosa – Universidade Federal de Goiás – GO – Brasil
Dra. Marilu Correa Soares – Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Brasil
Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dr. Moacir Manoel Rodrigues Junior – Universidade Regional de Blumenau – SC – Brasil
Dra. Nátaí Maidl de Souza – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dra. Nilza Alves Marques Almeida – Universidade Federal de Goiás – UFG – Brasil
Dr. Paulo Humberto Porto Borges – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR – Brasil
Dr. Pedro Weirich Neto – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dra. Raimunda Hermelinda Maia Macena – Universidade Federal do Ceará – UFC – Brasil
Dra. Regina Stella Spagnuolo – Universidade Estadual Paulista – UNESP – Brasil
Dra. Renata Maria Galvão Cintra – Universidade Estadual Paulista – SP – Brasil
Dr. Ricardo Martins Porto Lussac – Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Dra. Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dra. Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – BA – Brasil
Dra. Ruth Helena Cristo Almeida – Universidade Federal Rural da Amazônia – AM – Brasil
Dra. Suélen Barboza Eiras de Castro – Universidade Federal do Paraná – PR – Brasil
Dra. Vania Moreno – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – SP – Brasil
Dra. Vera Lucia Martiniak – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR – Brasil
Dra. Yoshiko Sassakim – Universidade Federal do Amazonas – AM – Brasil

Os textos e imagens publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

REGULAMENTO, NORMAS E SUBMISSÃO DE ARTIGOS

<http://www.uepg.br/revistaconexao/>
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/>
ISSN Eletrônico: 2238-7315

COMISSÃO DE REVISORES

REVISÃO DE PORTUGUÊS

Cláudia Gomes Fonseca
Jhony Adelio Skeika
Sandra do Rocio Ferreira Leal

REVISÃO DE INGLÊS

Maria Inês Chaves
Silvana Aparecida Carvalho do Prado
Thaís Andrade Jamoussi

REVISÃO DE ESPANHOL

Dilma Heloisa Santos
Jéssica de Fátima Levandowski
Leandro Dalalibera Fonseca

REVISÃO TÉCNICA E FICHA CATALOGRÁFICA

Cristina Maria Botelho - CRB-9/994.

Conexão UEPG. / Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais, Divisão de Extensão Universitária. Ponta Grossa : Editora UEPG, 2005-

v.12 n.3 set./dez. 2016

Anual de 2005-2010. Semestral 2011-2014. Quadrimestral 2015-.

ISSN: 1808-6578 - versão impressa

ISSN: 2238-7315 - versão eletrônica

1- Multidisciplinar. 2 - Extensão Universitária.

PROJETO GRÁFICO

Wilton Paz

DIAGRAMAÇÃO

Marco Wrobel

FOTOGRAFIA CAPA

Jorge Luis Bilek

IMPRESSÃO

Imprensa Universitária UEPG

Tiragem: 250 exemplares

CONTATO

+55 (**42) 3220-3490 -
revistaconexao@uepg.br

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais

Praça Marechal Floriano Peixoto, 129 - Centro
Ponta Grossa - PR - Brasil - CEP: 84010-680

REVISTA INDEXADA

DIALNET / DOAJ (Directory of Open Access Journals) / LATINDEX / OAIJ (Open Academic Journal Index) / Portal de Periódicos da CAPES / Sumários.org / BASE (Bielefeld Academic Search Engine)

Pede-se permuta!
Exchanged requested!

SUMÁRIO

■	EDITORIAL	373
■	INVESTIGADORES Y PATRIMONIO: UNA FRUCTÍFERA EXPERIENCIA RESEARCHERS AND HERITAGE: A SUCCESSFUL EXPERIENCE	374
■	CONSTRUYENDO UNA COMUNIDAD SALUDABLE: PROYECTO DE EDUCACIÓN SOBRE EL USO RACIONAL DE LOS MEDICAMENTOS EN UN CENTRO EDUCATIVO DE NIVEL PRIMARIO Y SECUNDARIO DE LA REPÚBLICA ARGENTINA BUILDING A HEALTHIER COMMUNITY: EDUCATIONAL PROJECT ON THE RATIONAL USE OF MEDICINES IN AN EDUCATION CENTER OF ELEMENTARY AND SECONDARY LEVELS IN ARGENTINA	390
■	CORAÇÕEZINHOS DE BAEPENDI NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE ATRAVÉS DA METODOLOGIA PARTICIPATIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA <i>CORAÇÕEZINHOS DE BAEPENDI</i> AND HEALTH EDUCATION THROUGH PARTICIPATORY METHODOLOGY: EXPERIENCE REPORT	400
■	CRIAÇÃO DE CURTAS SOBRE ENGENHARIA CIVIL: A CIÊNCIA DO COTIDIANO CREATING SHORT VIDEOS ABOUT CIVIL ENGINEERING: THE EVERYDAY SCIENCE	412
■	A TEMÁTICA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA EXTENSÃO E PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA THE SUBJECT OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS IN OUTREACH ACTIVITIES AND ACADEMIC EDUCATION	426
■	RELATOS DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS DA LIGA ACADÊMICA DO TRATO GASTROINTESTINAL E DOENÇAS METABÓLICAS REPORTS OF THE OUTREACH ACTIONS OF THE ACADEMIC LEAGUE OF GASTROINTESTINAL TRACT AND METABOLIC DISEASES	436
■	AS CONCEPÇÕES DE ACADÊMICOS SOBRE PRÁTICAS LÚDICAS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO EM HEMOCENTRO THE STUDENTS' CONCEPCIONS ABOUT USING LUDIC PRACTICES IN A BLOOD CENTER THROUGH AN OUTREACH PROJECT	448
■	EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA PARA ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DETERMINANTES SOCIAIS DE SAÚDE UNIVERSITY EXTENSION: LEARNING OPPORTUNITY FOR ACADEMIC SIGNIFICANT NURSING THROUGH DETERMINING THE CONCEPT OF BUILDING SOCIAL HEALTH	462
■	HUMANIZAÇÃO NO ACOLHIMENTO AOS USUÁRIOS DAS CLÍNICAS DE ENSINO DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO HUMANIZATION IN WELCOMING THE USERS OF DENTAL CLINICS OF THE FACULTY OF DENTISTRY AT FEDERAL UNIVERSITY OF PARÁ: FIVE YEARS EXPERIENCE OF AN OUTREACH PROJECT	476
■	BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO NEGRO-RS: CONHECER PARA GERENCIAR RIO NEGRO-RS WATERSHED: THE IMPORTANCE OF KNOWLEDGE FOR MANAGEMENT	488
■	DIVULGAÇÃO SOBRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS PARA ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE DISSEMINATING INFORMATION ABOUT FEDERAL UNIVERSITY OF MINAS GERAIS TO STUDENTS FROM PUBLIC SCHOOLS OF METROPOLITAN AREA OF BELO HORIZONTE	504

- **JOGO DO ENVELHECIMENTO: OFICINA INTERATIVA COM CUIDADORES DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS**
JOGO DO ENVELHECIMENTO: AN INTERACTIVE WORKSHOP WITH CAREGIVERS OF INTITUTIONALIZED ELDERLY 514

- **DESAFIOS NA INCLUSÃO DIGITAL E ALTERNATIVAS ENCONTRADAS POR UNIVERSITÁRIOS AMAZÔNIDAS**
THE CHALLENGES OF DIGITAL INCLUSION AND THE ALTERNATIVES USED BY *AMAZONIDAS* STUDENTS 524

- **JOANA D'ARC EM LUTA PELA DIGNIDADE: UMA PRÁTICA EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**
JOANA D'ARC FIGHTING FOR DIGNITY: A PRACTICE IN COMMUNITY DEVELOPMENT 534

- **INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES POR MEIO DE GRUPOS FOCAIS: UMA ESTRATÉGIA DE DEMOCRATIZAÇÃO ESCOLAR**
INTERVENTION WITH ADOLESCENTS THROUGH FOCUS GROUPS: A STRATEGY FOR A DEMOCRATIC SCHOOL 546



Num Encontro de Extensão da Região Sul, após percorrermos mais de 1.000km e 15 horas de viagem, chegamos numa pequena escola da zona rural do extremo sul do Rio Grande do Sul. Na belíssima paisagem dos pampas fomos muito bem recebidos pela diretora, professores, alunos e mães de alunos. Nos acompanhando, como guias, acadêmicos extensionistas de um dos projetos desenvolvidos na escola. Após ouvirmos, de forma emocionada, relatos de professores e alunos, tive ali uma das maiores lições da minha vida acadêmica. Naquele dia entendi que a Pesquisa nos leva do microcosmo de uma célula ao macrocosmo do universo, mas a Extensão nos leva ao coração das pessoas, às suas almas, aos seus desejos e anseios. A Extensão nos possibilita ver com os olhos do outro e cumprir uma das mais belas funções da universidade: a de estabelecer um processo dialógico entre universidade e sociedade. Ali, acredito eu, entendi o que era ser um extensionista e muito me orgulhei por me sentir como tal.

Num momento em que muito se discute e se reflete sobre a Educação em nosso país, a Extensão se coloca como o espaço em que a cultura universitária se firma como um compromisso social. Um compromisso com as demandas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade. Um compromisso que gera, integra e potencializa o conhecimento, tanto aquele institucionalizado pela academia, quanto aquele do senso comum dos mais diferentes campos de atuação da Extensão Universitária. Estamos imersos, hoje, no processo de curricularização da Extensão. A vinda da Extensão para o currículo representa uma nova visão para o ensino superior. A consolidação do papel de um dos alicerces da formação acadêmica comprometida com a superação das desigualdades sociais, que leva em conta o meio que circunda a universidade e no qual a universidade se configura como agente modificador desse mesmo meio.

A Revista Conexão, em sua 20ª edição (v.12, n.3, 2016), através da multiplicidade de olhares, advindos das diferentes experiências, projetos, lugares e sobretudo pessoas, que compõem um pouco desse grande universo chamado Extensão, nos estimula a continuar por viagens que percorrem muitos quilômetros e que duram muitas horas. Viagens transformadoras e libertadoras, que nos levam a uma nova visão de universidade, de mundo e de seres humanos.

Tenham todos e todas, uma boa viagem....

Nelson Silva Junior

Professor Extensionista da Universidade Estadual de Ponta Grossa

INVESTIGADORES Y PATRIMONIO: UNA FRUCTÍFERA EXPERIENCIA

PESQUISADORES E PATRIMÔNIO: UMA FRUTÍFERA EXPERIÊNCIA

RESEARCHERS AND HERITAGE: A SUCCESSFUL EXPERIENCE

Mirta Ester Zink*

Stella Cornelis**

RESUMEN

La Universidad Nacional de La Pampa (Argentina) es una institución estatal y pública orientada a integrar las funciones de investigación, docencia y extensión con la sociedad desde una perspectiva dialéctica. En ese contexto, miembros del Instituto de Estudios Socio-Históricos de la Facultad de Ciencias Humanas desarrollan tareas vinculadas a la preservación del patrimonio cultural, en forma conjunta con otras entidades. Este artículo describe las acciones que se concretaron en tres Proyectos de Extensión Universitaria: 1- "*Tras las huellas del relato fotográfico de los primeros pasos de Santa Rosa. Aportes para la conservación del Patrimonio Cultural*" (2006-2008), 2- "*Parador Histórico Chacharramendi: Ordenamiento, catalogación y puesta en valor del patrimonio histórico documental*" (2012-2014) y 3- "*Los papeles de Alfonso Corona Martínez. Organización, digitalización, socialización y conservación del material documental*" (2015-2017). Los ejes centrales de estos trabajos son la preservación patrimonial, el aporte de fuentes para la investigación histórica y la recuperación de la memoria social.

Palabras clave: Universidad; extensión; patrimonio; memoria social.

RESUMO

A Universidade Nacional de La Pampa (Argentina) é uma instituição estatal e pública destinada a integrar as funções de pesquisa, ensino e extensão com a sociedade a partir de uma perspectiva dialéctica. Neste contexto, os membros do Instituto de Estudos Sócio-Históricos da Faculdade de Ciências Humanas desenvolveram tarefas relacionadas à preservação do patrimônio cultural, em conjunto com outras entidades. Este artigo descreve as ações que foram implementadas em três Projetos de Extensão Universitária: 1- "*Seguindo os passos da história fotográfica dos primeiros passos de Santa Rosa. Contribuições para a conservação do Patrimônio Cultural*" (2006-2008), 2- "*Parador Histórico Chacharramendi: Classificação, catalogação e valorização do patrimônio documental*" (2012-2014) e 3- "*Os papéis de Alfonso Corona Martínez. Organização, digitalização, socialização e conservação de material documentário*" (2015-2017). Os

* Professora da Universidad Nacional de La Pampa, Argentina. E-mail: mirtazink@gmail.com

** Professora da Universidad Nacional de La Pampa, Argentina. E-mail: stellacornelis@yahoo.com.ar

eixos centrais desses trabalhos são a preservação do patrimônio, a contribuição de fontes para a pesquisa histórica e a recuperação da memória social.

Palavras-chave: Universidade; extensão; patrimônio; memória social.

ABSTRACT

The National University de La Pampa (Argentina) is a public institution aimed to integrate research, teaching and outreach university projects with society through a dialectical perspective. In this context, members of the Institute of Social-Historical Studies at the Human Sciences Faculty are involved in different tasks related to preserving cultural heritage, along with other entities. This article describes the actions carried out within three outreach university projects: 1-“*Tras las huellas del relato fotográfico de los primeros pasos de Santa Rosa. Aportes para la conservación del Patrimonio Cultural*” (2006-2008), 2-“*Parador Histórico Chacharramendi: Ordenamiento, catalogación y puesta en valor del patrimonio histórico documental*” (2012-2014) and 3-“*Los papeles de Alfonso Corona Martínez. Organización, digitalización, socialización y conservación del material documental*” (2015-2017). The main aspects of these projects are heritage preservation, new sources for historical research and the recovery of social memory.

Keywords: University; outreach projects; heritage; social memory.

El derecho al patrimonio

El patrimonio cultural comprende los bienes muebles, inmuebles, tangibles e intangibles, cuyos valores intrínsecos los constituyen en únicos e irremplazables, se consideran de esencial importancia para la historia, arqueología, arte, antropología, arquitectura, urbanismo, tecnología, entre otras ciencias y también para el entorno natural (artículo 2º Ley 2083).¹ Su conservación no es un fin en sí mismo, es un medio hacia un fin y engloba campos como docencia, esparcimiento, estudio e investigación. Si la sociedad reconoce que los libros, documentos, mapas, pinturas, fotografías, testimonios orales y construcciones contienen aspectos de la historia, de la cultura y de la creatividad de la humanidad, debe priorizar su preservación para que las generaciones futuras puedan estudiar, transferir y disfrutar de estos recursos vastos y con frecuencia insustituibles.

Según la nueva agenda de políticas culturales para el desarrollo, el patrimonio cultural “en todas sus manifestaciones constituye un registro de incalculable valor de las experiencias y aspiraciones humanas que nutren nuestras vidas cotidianas. Por lo tanto, añade valor al ser humano y es por ello que merece ser protegido, realzado y transmitido para generaciones futuras”.² En este sentido, el diseño de tales políticas deberá centrarse en la salvaguarda del mismo.

La *Declaración Universal de Derechos Humanos de las Naciones Unidas* (1948) y el *Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos de las Naciones Unidas* (1966) plantean que todo individuo tiene derecho a una identidad y, por consiguiente, acceder a su patrimonio documental, conocer que éste existe y saber dónde se encuentra (Edmondson, 2002). Acordamos con Grimson (s/d: 5) al plantear que es necesario comprender lo cultural como “constitutivo de la ciudadanía y a los derechos culturales tan relevantes como los económicos, sociales y políticos. Evidentemente, conservar y acceder al patrimonio es un derecho, así como la propia identidad cultural lo es”. El siglo XXI plantea nuevos retos en materia de Derechos

1 Texto completo de la ley disponible en: patrimoniolapampa.wordpress.com/legislacion/ley-2083 o <http://www.sinca.gob.ar/sic/gestion/legislacion/ley.php?id=113>. Esta normativa ampara y declara de interés provincial la conservación del patrimonio cultural, disposición que se cumple de manera parcial e insuficiente.

2 Una nueva agenda de políticas culturales para el desarrollo y la comprensión mutua. UNESCO, 2011, p.6, disponible en: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002147/214747s.pdf>

Humanos y la defensa de los derechos culturales es uno de los desafíos primordiales. Como argumenta Colombato (2013; 2016), la Declaración de Friburgo enumera los siguientes derechos culturales: a la identidad cultural, a la enseñanza y formación, a la información, a los patrimonios culturales, a la libertad de investigación, actividad creadora y propiedad intelectual, a la participación en la formulación, aplicación y evaluación de las políticas culturales, entre otros.

El Estado tiene que constituirse en agente clave para lograr la democratización de la cultura, entendida ésta en términos de acceso y posibilidades de producción. Al mismo tiempo, tiene la obligación de proveer el financiamiento para la protección de los bienes culturales y comprometer a la sociedad y a las organizaciones civiles en la defensa de este derecho.

En la provincia de La Pampa (ubicada en el centro de Argentina) se han perdido diferentes elementos que hacen al patrimonio, por desconocimiento, desidia o ausencia de políticas y acciones públicas. Además, en no pocas ocasiones ha quedado depositado en condiciones inadecuadas o se ignora el valor que posee para el conocimiento de nuestro pasado. Precisamente, esta situación fue la que impulsó la redacción de los proyectos de extensión universitaria que se abordan en este artículo que, mediante la implementación de diferentes metodologías, fueron rescatados del olvido, del deterioro ocasionado por el paso del tiempo y de la inadecuada conservación.

El compromiso social: la Asociación Pampeana de Conservación del Patrimonio Cultural

La responsabilidad para la conservación no es solo estatal, también se debe involucrar a la sociedad civil, porque la importancia del patrimonio está en su legado, ya que los objetos materiales e inmateriales reciben y transmiten la herencia cultural de una generación a otra y dependen para su subsistencia de un compromiso transgeneracional que ligue aspectos intelectuales y emocionales; por ello es un concepto en permanente debate y resignificación.

En ese contexto, cabe mencionar a la Asociación Pampeana de Conservación del Patrimonio Cultural (APCPC),³ entidad que desde su conformación en el año 2000 trabaja en pos de la protección, defensa, difusión y puesta en valor del patrimonio cultural. Es una organización no gubernamental integrada por personas que con su tarea cotidiana contribuyen a instalar en la escena pública la preocupación por lo patrimonial, sus usos y sus actores, como resultado de una construcción social que lo dota de valor y de sentido. Esto implica reconocerlo como un campo de disputas y de tensión respecto de los sentidos sobre el pasado, la identidad y la pertenencia. A partir de esa concepción, la APCPC procura fortalecer la participación ciudadana en la selección, preservación, interpretación y gestión del patrimonio. Al mismo tiempo, interesada en los derechos de los individuos y de los grupos en relación a lo patrimonial, encontró su base de legitimación en el artículo 19º de la Constitución de La Pampa, al mencionar que “el acervo cultural, histórico,

3 Para mayor información se puede consultar el facebook: “Patrimonio La Pampa” y la página web: www.patrimoniolapampa.wordpress.com

arquitectónico, documental y lingüístico de la Provincia es patrimonio inalienable de todos los habitantes”⁴.

Una de las cuestiones centrales en la agenda de la APCPC fue la imperiosa necesidad de contar con una ley marco sobre esta temática, razón por la cual se abocó, junto con otros sectores, en la redacción de un proyecto que en el año 2003 se convirtió en la Ley Provincial de Patrimonio N° 2083. En la actualidad, aún resta finalizar con la reglamentación de esa normativa, pese a que la Asociación presentó una propuesta en ese sentido; esta situación constituye un obstáculo para su correcta aplicación y la definición de políticas públicas en la materia. A partir del año 2015, convocada por la Subsecretaría de Cultura de La Pampa, participa en la redacción del Anteproyecto de Ley Provincial de Patrimonio Arqueológico y Paleontológico, en conjunto con científicos de estas disciplinas, personas interesadas en la temática y, en especial, representantes de las comunidades de los pueblos originarios.

Paralelamente al accionar legislativo, la APCPC ha concretado publicaciones, asesoramientos técnicos, capacitaciones, visitas guiadas, muestras, concursos, programas de relevamiento del patrimonio arquitectónico ferroviario pampeano y del patrimonio cultural en manos de particulares. Además, participa activamente en la Comisión Provincial de Patrimonio e integra la Comisión Municipal Honoraria de Defensa del Patrimonio Arquitectónico y Natural de la Ciudad de Santa Rosa, el Consejo Social de la Universidad Nacional de La Pampa y el Nodo Audiovisual La Pampa.

Los/as integrantes desarrollan su labor *ad honorem* y la Asociación se sostiene con el aporte de los/as socios, no recibe subsidios del Estado para solventar su funcionamiento y esa postura le ha permitido actuar con independencia de las gestiones gubernativas de turno. Su labor ha sido prolífica, aunque lamentablemente no siempre se han obtenido resultados positivos. En numerosas ocasiones coopera y trabaja en forma conjunta con otras instituciones (universidades, archivos, municipios, entre otras). El énfasis de las próximas acciones está dirigido a petitionar el diseño y la ejecución de políticas públicas que garanticen una gestión sustentable del patrimonio.

Universidad y extensión

La preocupación de las universidades argentinas y latinoamericanas “por extender su acción más allá de los linderos académicos nace con la Reforma de Córdoba de 1918” (Tünnermann Bernheim, 2003:267). Las altas casas de estudios a las tradicionales prácticas de docencia y formación de sus futuros egresados, sumaron acciones para extender su quehacer a la sociedad, mediante programas de extensión y difusión cultural. De esta manera, se fue perfilando la función social de la universidad: su responsabilidad y compromiso con el ámbito en el cual está inserta. Los integrantes del Consejo Interuniversitario Nacional⁵ argentino en el año 2010 elaboraron una declaración en la cual planteaban la necesidad de asumir con firmeza esas obligaciones y reforzar las acciones de servicio hacia la sociedad. Además, ese documento firmado por los rectores

4 Constitución de la Provincia de La Pampa, disponible en: <http://www.lapampa.gov.ar/constitucion.html>

5 Este Consejo fue creado el 20 de diciembre de 1985 y nuclea a representantes de universidades nacionales, provinciales e institutos universitarios de Argentina. Para mayor información consultar en: <http://www.cin.edu.ar/institucional/>

de las universidades proyectaba vigorizar los trabajos de extensión que enriqueciera “la formación, colaborando en la detección de problemas para la agenda de investigación y creando espacios de acción vinculados con distintos actores sociales”.⁶

En ese marco se inserta la Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam), en tanto es una institución estatal y pública orientada a integrar las funciones de investigación, docencia y extensión desde una perspectiva dialéctica con la sociedad. En las Bases y Objetivos de su Estatuto sostiene que “además de su tarea específica de centro de estudios y de enseñanza superior procura difundir los beneficios de su acción cultural y social directa, mediante la extensión universitaria”.⁷ En su Plan Estratégico proyecta el fortalecimiento de los “vínculos con la sociedad para atender a sus propuestas, sus necesidades y sus objetivos futuros” y promueve, desde la extensión universitaria, una propuesta formativa integral, capaz de articular el conocimiento científico con el “saber hacer” dado por el oficio, orientado a capacitar a sectores no involucrados en la educación académica formal, pero demandantes de nuevos saberes o necesitados de herramientas para insertarse, permanecer y progresar en el mundo del trabajo.⁸

Al mismo tiempo, define la extensión como la puesta en práctica en la comunidad a la que pertenece de los saberes adquiridos en la docencia y la investigación, que le permiten vincularse con la realidad del territorio y realizar nuevos aportes, mediante una construcción colectiva en la que interactúan los conocimientos científicos con los saberes de la comunidad.⁹ Tal como sostiene Arocena (2013), se concibe como el conjunto de actividades de colaboración entre actores universitarios y no universitarios, de manera que todos los involucrados aporten sus respectivos saberes y aprendan en un proceso interactivo. Así se genera una relación dialéctica entre la universidad y la sociedad.¹⁰

A partir de estos enunciados, desde el Instituto de Estudios Socio-Históricos (IESH) de la Facultad de Ciencias Humanas de la UNLPam, se vienen desarrollando diversas iniciativas en el área de extensión, que tienen como eje central la preservación y socialización de los bienes documentales, el aporte de fuentes para la investigación histórica y la recuperación de la memoria social. Estos objetivos se materializan en colaboración con los archivos, la Asociación Pampeana de Conservación del Patrimonio Cultural, entidades cooperativas, escuelas, municipios¹¹ - entre otras instituciones -.

6 Esta declaración se elaboró en el contexto del bicentenario de la independencia argentina y puede consultarse en: [http://www.unlp.edu.ar/uploads/docs/declaracion_de_la_plata..\[1\].pdf](http://www.unlp.edu.ar/uploads/docs/declaracion_de_la_plata..[1].pdf)

7 Estatuto de la Universidad Nacional de La Pampa, Bases y Objetivos, ítem V, p. 2. Aprobado por Resolución N° 228/97 del Ministerio de Cultura y Educación de la Nación.

8 Plan estratégico de la Universidad Nacional de La Pampa, p. 50. Disponible en: http://www.unlpam.edu.ar/images/ConsejoSuperior/anexo_269_11.pdf

9 Anexo I, artículo 1° del Reglamento de Extensión Universitaria en la Universidad Nacional de La Pampa, Resolución N° 357/14 del Consejo Superior, disponible en: http://actosresolutivos.unlpam.edu.ar/static_ecs/media/uploads/pdf/4_7_2014_357_GEm1xMF.pdf.

10 Esta concepción de la extensión es superadora de posturas tradicionales que la entendían como el accionar de la universidad, en tanto depositaria del saber, hacia la comunidad destinataria de esas actividades. Ello implicaba una relación unidireccional que no rescataba los saberes y la participación de la sociedad. Según Tünnermann Bernheim (2003), hacia 1972, en el contexto de la Segunda Conferencia Latinoamericana de Extensión Universitaria y Difusión Cultural realizada en México, comenzó a perfilarse un nuevo concepto de extensión universitaria.

11 Varias gestiones gubernativas de distintas localidades tomaron contacto con la Universidad para la elaboración de libros históricos y otros materiales que recuperen la memoria colectiva y nutran el sentido de pertenencia e identidad. Estas acciones se llevaron de manera conjunta entre miembros de las comunidades y equipos interdisciplinarios universitarios y extra-universitarios.

Los tres proyectos de extensión universitaria que se describen a continuación parten de problemáticas relacionadas con la preservación del patrimonio documental. Las preocupaciones que nos impulsaron a involucrarnos fueron el desconocimiento acerca de la guarda adecuada de la documentación, su ubicación en lugares inapropiados, la exposición al público sin los recaudos y cuidados que se deben tener para conservar los documentos en formato papel. Estas falencias fueron detectadas por investigadores y estudiantes comprometidos con esta temática. En consecuencia, se diseñaron estrategias de intervención y acciones de trabajo, junto con los actores de la comunidad que estaban implicados, para el resguardo de la documentación y la democratización de la información a través de inventarios, digitalización, página web, blog.

Los proyectos tuvieron varios objetivos: 1) Realizar acciones concretas en pos de incrementar el patrimonio documental, en colaboración interinstitucional, dado que ha participado personal archivístico, técnicos en fotografía, instituciones, docentes y estudiantes universitarios. 2) Sumar nuevas fuentes de investigación a la historia regional, una labor inherente al quehacer de los científicos sociales, quienes tienen como tarea ineludible luchar por la democratización de la memoria social (Le Goff, 1991). 3) Aportar a la formación de los futuros historiadores al ampliar su incumbencia profesional en el asesoramiento y coordinación de proyectos socio-culturales e institucionales vinculados a la preservación del patrimonio cultural y la memoria histórica. 4) Propiciar en los estudiantes que participan en los proyectos capacidades para el trabajo colaborativo en equipo y con otras instituciones. 5) Reforzar en los estudiantes su formación profesional en la adquisición de conocimientos y herramientas metodológicas ligadas a la investigación histórica.

Acciones para el rescate del patrimonio documental

Las autoras de este artículo participaron en los proyectos que se describen a continuación, en calidad de investigadoras del Instituto de Estudios Socio-Históricos de la Facultad de Ciencias Humanas. Los dos primeros han finalizado y el tercero se encuentra en ejecución.

1. **“Tras las huellas del relato fotográfico de los Primeros pasos de Santa Rosa. Aportes para la conservación del Patrimonio Cultural”**, 2006 a 2008, aprobado por Resolución N° 229/2005 del Consejo Superior de la UNLPam. Este proyecto tuvo como finalidad recuperar imágenes de la ciudad de Santa Rosa, a partir del “salvataje” de un repositorio fotográfico que data de las primeras décadas del siglo XX; por ende, podríamos considerar a este material como “original”. También se localizaron dos álbumes fotográficos, ejemplares de *“La Crisálida”* - un periódico mensual escolar - y la conferencia dictada por la maestra Enriqueta Schmidt; fechadas en la década de 1940.



Imágenes de una página de los álbumes.

El conjunto de la documentación se encontraba en situación de riesgo en la Escuela primaria N° 2 “Remedios Escalada de San Martín”. La iniciativa surgió a partir del hallazgo de las placas de vidrio de fotografías que hizo la estudiante de la carrera de Historia, Alejandra Valdés, quien, paralelamente, se desempeñaba como personal de apoyo en ese establecimiento educativo, y comentó el descubrimiento a una de sus profesoras.

Algunas de las 139 placas de vidrio recuperadas presentaban roturas o faltantes de fragmentos, de no haber mediado una acción inmediata se habrían perdido esas imágenes de personas y lugares santarroseños. Muchos negativos exhibían un marcado velo dicróico, propio del envejecimiento acelerado por el almacenamiento en condiciones inadecuadas. También aparecieron negativos que tenían el papel -con el cual estaban envueltos- pegado a la emulsión, porque estuvieron expuestos a condiciones de altísima humedad, y otros fueron dañados por la acción de los hongos. Una vez recuperadas las placas, se realizaron copias de las fotos en calidad museológica, porque los originales no se volverán a manipular, quedaron almacenados en una caja de madera confeccionada con esa finalidad en el depósito acondicionado que posee el Archivo Histórico Provincial.

Las fotografías se identificaron - excepto tres -, se generó un CD-Room usuario común y un sitio web para socializarlas, denominado “Colección Fotográfica Enriqueta Schmidt - 1892 -1911- Santa Rosa, La Pampa-Argentina”, disponible en: <http://www.humanas.unlpam.edu.ar/fchst/sitio/proyecto.html> o <https://fototecabernardograff.wordpress.com/about/misiones-y-funciones/>.

Esas placas de vidrio originalmente se proyectaron como un relato fotográfico y se hipotetiza que acompañaron la conferencia que el 22 de abril de 1942 ofreció la educadora Enriqueta Schmidt, en conmemoración del 50° Aniversario de la ciudad de Santa Rosa. Así, una de las mujeres de la élite de ese proceso fundacional se posicionó como historiadora y seleccionó los acontecimientos e imágenes que le resultaron significativas para compartir con el público. De ese modo, cobraron vida personajes, lugares, acontecimientos y costumbres de los primeros tiempos de la actual capital de la provincia de La Pampa.

Las fotografías son artefactos materiales que pueden provocar el recuerdo y resultan cruciales para sostener la memoria de una comunidad o de un grupo, por ello obtuvieron un estatus importante dentro de la cultura material del mundo moderno. En tanto información histórica, testimonio político o saber etnográfico, las fotos invocan bienes simbólicos ligados a la construcción de diversos tipos de identidades y también ponen en escena valores y representaciones estéticas. En las últimas décadas, la fotografía es utilizada

con mayor frecuencia en la investigación científica y se ha convertido en una herramienta importante para preservar la memoria de los espacios, tiempos y personas. Constituye un material documental relevante para analizar los mecanismos que rigen la producción de imágenes y los significados sociales y culturales que ellas transportan (Prislei, 2002).

¿Quién fue Enriqueta y qué vínculo tuvo con la identidad local? Enriqueta nació en la provincia de San Luis en 1873, allí cursó sus estudios primarios y luego ingresó a la Escuela Normal de La Plata (provincia de Buenos Aires). A los dieciséis años arribó al territorio pampeano con el propósito de visitar a su hermano Juan, que trabajaba en la administración de la Estancia “La Malvina”. En esa ocasión conoció al propietario, Tomás Mason, quien le comentó que tenía intenciones de fundar un pueblo en sus tierras y crear una escuela, invitándola a formar parte del futuro poblado. Ella se entusiasmó con la idea, se instaló en la naciente Santa Rosa e interrumpió sus estudios de magisterio. No obstante, continuó capacitándose con el material que le enviaba su hermana porque también cursaba la misma carrera. En 1893 fundó la primera escuela con una inscripción de 33 alumnos y fue nombrada directora por el Consejo Escolar, función que años más tarde prosiguió en otro establecimiento educativo de reciente creación. En la década de 1920 migró y se radicó en La Plata, ciudad donde falleció en 1957. En 1942 y 1943 visitó Santa Rosa para disertar sobre los orígenes de la ciudad y de la primera escuela que fundó.¹²



Sitio web con las fotografías recuperadas y sus descripciones; también contiene el proyecto del PEU

En este proyecto participaron: el Instituto de Estudios Socio-Históricos e Instituto Interdisciplinario de Estudios de la Mujer de la Facultad de Ciencias Humanas de la UNLPam, la Escuela N° 2 de Santa Rosa, el Departamento de Investigaciones

¹² Datos extraídos de la *Revista del Centenario de la Escuela N° 2*, del *Libro del Cincuentenario*, de *La Crisálida* número especial del 50 Aniversario de la Escuela N° 2 y conferencia *Primeros Pasos de Santa Rosa* de 1942. Ver también Rodríguez, Zink y Valdés citado en las referencias bibliográficas.

Culturales y Archivo Histórico Provincial de la Subsecretaría de Cultura de La Pampa, y la Asociación Pampeana de Conservación del Patrimonio Cultural.¹³ De ese modo, confluyeron metodologías de la Historia, la Archivística, la Técnica Fotográfica, el Diseño Gráfico y la Informática. Los pasos que se siguieron fueron: relevamiento y diagnóstico del estado de cada placa de la colección; tratamientos de estabilización química; generación de copias de calidad museológica; fabricación de gabinetes para el almacenamiento de los negativos de vidrio; identificación y análisis documental de contenidos; descripción archivística; informatización de los datos, digitalización de imágenes y documentación anexa; generación de una página web. En tal sentido, el proyecto pretendió democratizar el acceso a bienes culturales de indudable valor histórico-testimonial y focalizó su interés en la fotografía, en tanto “huella” de las sociedades y de los grupos.

Los resultados de este PEU fueron presentados por los integrantes en diferentes eventos y formatos: ponencia, artículo, conferencia¹⁴ y muestra fotográfica. Esta última se tituló “Primeros Pasos de Santa Rosa. En recuerdo de la primera ‘maestra’ santarroseña Srta. Enriqueta Schmidt” y se expuso del 11 al 29 de septiembre del 2006. Aquí, además, se utilizó la metodología de visita guiada, a cargo de estudiantes de la carrera de Historia. La estrategia para el abordaje de la muestra se desarrolló en tres ejes: identificación de conocimientos previos, comparación con la actualidad y conceptualización del patrimonio escolar. A través del recorrido se identificaron los conocimientos previos de los alumnos, se compararon los lugares que mostraban las fotos exhibidas con los espacios actuales, ubicándolos temporal y geográficamente. Los contenidos conceptuales que se trabajaron fueron tiempo histórico, patrimonio escolar, documentos, fuentes y preservación del patrimonio. A los docentes a cargo de los grupos se les ofreció una actividad complementaria para realizar en el aula, con el propósito de reafirmar los contenidos y hacer la transposición del caso a su colegio.¹⁵

Por último, merced a las gestiones realizadas por las instituciones intervinientes, se obtuvo la inscripción en el Registro Provincial de Patrimonio Cultural de las 139 placas de vidrio, los dos álbumes fotográficos y la publicación escolar incompleta de la *Crisálida*.¹⁶

Las acciones del PEU se cumplieron en su totalidad y, de ese modo, los investigadores disponen de fuentes visuales que aportarán en el proceso de construcción de la historia regional; los profesionales de la fotografía contarán con materiales para el estudio de la profesión fotográfica y el desarrollo técnico de la misma - aspecto casi

13 Por la UNLPam participaron las docentes-investigadoras Ana María Rodríguez, Mirta Zink y Andrea Lluch, y el estudiante Daniel Smitarello; en representación del Archivo, Guillermo López Castro y Roberto Joaquín Rodríguez; por la escuela Alejandra Valdés y por la APCPC Monica Luchese.

14 Ponencias “Fotografía y memoria. Conmemorando el cincuentenario de la capital del Territorio Nacional de La Pampa”, en IV Jornadas Nacionales Espacio, Memoria e Identidad, Universidad Nacional de Rosario (provincia de Santa Fe), 5 de octubre de 2006. “Una experiencia de recuperación fotográfica” en III Encuentro de Investigadores. Fuentes y Problemas de la Investigación Histórica Regional, UNLPam, 28 de noviembre de 2008. Artículo “Fotografía y memoria. Conmemorando el cincuentenario de la capital del Territorio Nacional de La Pampa”, publicado en *estudios sociales* 34, 2008. Conferencia y presentación visual denominada “Los ojos de Enriqueta Schmidt”, ofrecida en el Centro Municipal de Cultura, 15 de abril de 2009.

15 A través de la siguiente frase se buscó motivar la reflexión sobre la importancia de las fotografías como documento y parte del patrimonio: “A veces una fotografía, solo una pequeña fotografía nos permite reconstruir un espacio perdido, un tiempo diferente, reconocer personajes, identificar situaciones y por sobre todo recordar.” Referencias extraídas de “Huellas del pasado”, texto elaborado para el curso “Identidad, su recuperación a través del reconocimiento del patrimonio escolar y su recuperación”, a cargo de las capacitadoras Mónica Becerra y Monica Luchese.

16 Ver en: <https://sitio.lapampa.edu.ar/index.php/investigaciones-culturales/patrimonio-cultural/registro-provincial-del-patrimonio-cultural-pampeano/item/coleccion-fotografica-y-documental-de-enriqueta-schmidt>

desconocido para el caso pampeano -; la institución escolar y el Archivo dispondrán de una copia en alta resolución de las fotografías y el equipo técnico que integró el proyecto podrá asesorar a instituciones educativas para la creación de archivos fotográficos escolares.

2.- “Parador Histórico Chacharramendi: Ordenamiento, catalogación y puesta en valor del patrimonio histórico documental”, 2012 a 2014, aprobado por Resolución N° 412/2012 del Consejo Superior de la UNLPam. El Parador Histórico Chacharramendi fue un comercio o pulpería¹⁷ fundado en 1901 por un inmigrante vasco llamado Fernando Seijó. El lugar también se conoce con la denominación Boliche de Feito, en referencia al segundo de los dueños del local.

En su larga trayectoria de vida el comercio sirvió como centro de abastecimiento de productos y brindó distintos servicios a los pobladores de la zona y a quienes transitaban esa área del oeste pampeano. También cumplió informalmente funciones institucionales, como Juzgado de Paz o Estafeta Postal. Este almacén cerró sus puertas en la década de 1970 y en su interior se conservaron los libros contables del accionar comercial diario, el mobiliario y diversos objetos materiales.

En los años '90 fue restaurado por decisión del gobierno de La Pampa con el objetivo de poner en valor su patrimonio arquitectónico y museográfico; desde ese momento fue promocionado por la Secretaría de Turismo como un sitio histórico. Sin embargo, la valiosa documentación en formato papel, generada durante los años de vigencia del negocio, que da cuenta de la labor económica y social de la zona, no fue inventariada y se encontraba expuesta al alcance de la mano de los visitantes del lugar - con el consiguiente peligro de pérdidas o robos -. Tampoco había un diagnóstico de su condición, ni estaba catalogada y descripta, esta situación atentaba contra su adecuada conservación.

Al identificar ese crítico escenario, investigadoras del IESH decidieron presentarse a la convocatoria que periódicamente realiza la Secretaría de Cultura y Extensión de la UNLPam. El grupo de trabajo se conformó desde la Facultad de Ciencias Humanas, bajo la dirección de la docente Andrea Lluch y la co-dirección de Stella Cornelis y Leonardo Ledesma. Lo integraron Selva Olmos como graduada, los estudiantes Karen Pereyra y Alexis Arrese, la archivera Estela Berdasco del Archivo Histórico Provincial y el personal del parador histórico: Cecilia Basualdo y Adriana Navarro. Los trabajos se concretaron en coordinación con la Comisión de Fomento de Chacharramendi.

Así, en el año 2013 comenzaron las tareas en la pulpería. La primera labor que se realizó fue elaborar un diagnóstico del estado de conservación de la documentación en soporte papel. Luego se desarrollaron las tareas de limpieza y restauración en los casos que lo requerían. En paralelo, se identificaron y registraron los libros contables y documentos diversos que se encontraban en el sitio, como libros, hojas, talonarios, cartas, entre otros. Este corpus documental fue ordenado cronológicamente por series o sub-series y se catalogó acorde a los criterios de la archivística. El inventario se encuentra a disposición de quien lo quiera consultar en el Archivo Histórico Provincial y en la Comisión de Fomento de Chacharramendi. Además, se diseñó un plan de guarda para la documentación: se

¹⁷ Era un almacén de ramos generales, es decir, un comercio minorista que concentraba múltiples funciones en el contexto de incorporación de las economías locales al mercado internacional (Lluch, 2003). También eran el único ámbito de diversión, especialmente para los trabajadores rurales (los puesteros y peones). La sociabilidad informal que allí se desarrolló giraba alrededor de los mostradores y del expendio de bebidas en el propio almacén.

colocaron los libros en los armarios o debajo de los mostradores que se encontraban en el lugar y se cubrieron con una tela especial que impide el paso del polvo y garantiza su conservación. Otros papeles que forman parte del fondo se colocaron en cajas de archivo, con los recaudos necesarios para su preservación.



Imágenes del interior de la pulpería y parte de la documentación.

El inventario da cuenta de la existencia de aproximadamente 200 libros contables y otros conjuntos documentales, como correspondencia recibida y enviada, recibos, remitos, entre otros. También se identificaron una serie de papeles enrollados y fue necesario someterlos a un proceso de humidificación para su recuperación. Esta tarea la realizó la especialista en conservación y restauración de bienes culturales Susana Brandariz, para ello fue necesario trasladarlos al laboratorio del Fondo Antigo de la Compañía de Jesús “N. Yapuguay”, localizado en Capital Federal.¹⁸

Al trabajar *in situ* se advirtió que no existía un inventario de los más de mil objetos que se exponían en el museo, entonces se sumó un nuevo objetivo al proyecto: elaborar un catálogo de esos materiales según las normas museográficas. Se realizó un registro fotográfico que luego se convirtió en una base de datos, con el correspondiente número de inventario y una descripción de cada objeto.



Objetos diversos del interior de la pulpería inventariados por el PEU.

Otra de las líneas de acción fue reconstruir la historia del edificio. El personal que trabaja allí aportó datos significativos sobre informantes clave que fueron entrevistados

¹⁸ Ver información sobre este laboratorio en: <http://laboratoriodelfondoantigo.blogspot.com.ar/> <https://www.facebook.com/Laboratorio-Fondo-Antigo-494967853956583/>

para recuperar la memoria histórica del antiguo almacén. La historia oral permitió complementar la información que brindaban los documentos escritos y comprender muchos aspectos relacionados con el comercio. Además, algunos informantes aportaron fotografías que dan cuenta de los cambios edilicios del inmueble.

Todas las acciones desarrolladas fueron publicadas en un blog, que se creó para difundir las actividades del proyecto.¹⁹

PROYECTO EXTENSIÓN UNIVERSITARIA UNLPAM: PARADOR HISTÓRICO PULPERÍA DE CHACHARRAMENDI (RES. NRO. 412-2012)

Conservación, participación y memoria en el caso del patrimonio histórico documental



¿quienes somos? / ¿por qué intervenir? / localización / contactos

Buscador

Archivo del Autor: PEU 04-2012 Pulpería de Chacharramendi

ENTRADAS RECIENTES

- Presencia del PEU en las XXII Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Humanas
- Trabajos de recuperación de material documental
- Fiestas históricas sobre la



PRESENCIA DEL PEU EN LAS XXII JORNADAS DE

Alexis Arrese y Karen Pereyra expusieron el 11 de Septiembre de 2015, y en el marco de las XXII Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Humanas de la UNLPam.

ENLACES DE INTERÉS

- Archivo Histórico Provincial
- Asociación Parapense de Conservación del Patrimonio Cultural
- Catálogo Comaritado de Bibliografía sobre Historia Regional
- Instituto de Estudios Socio-Históricos
- Universidad Nacional de La Pampa

Blog del Proyecto con las acciones realizadas.

En el transcurso de los sucesivos viajes al local se observó que el estado de conservación del edificio era cada vez más precario, situación que derivó en la presentación reiterada de notas a la Subsecretaría de Cultura, a Obras Públicas y a la Secretaría de Turismo, informando sobre el deterioro y la necesidad de preservar ese patrimonio. A partir de estas intervenciones, los organismos gubernamentales resolvieron el cierre del lugar y la elaboración de un plan de restauración que se encontraría en marcha.

La difusión de las acciones realizadas se concretaron a través de: * Charla a los estudiantes de 1º año del Colegio Secundario de la UNLPam, a cargo de Estela Berdasco, Leonardo Ledesma y Stella Cornelis, quienes comentaron las actividades que estaban desarrollando allí y explicaron el origen, funciones e historia de la pulpería. * Exposición de la comunicación titulada “Preservación del patrimonio histórico y recuperación de la memoria oral: experiencias en el PEU Pulpería de Chacharramendi”, por Karen Pereyra y Alexis Arrese en las XXII Jornada de Investigación de la Facultad de Ciencias Humanas de la UNLPam, efectuada el 11 de septiembre de 2015 en Santa Rosa. Estos estudiantes tienen previsto reiterar esa presentación en la I Jornada de Cultura y Patrimonio Regional, programadas para los días 6 y 7 de octubre de 2016 en la localidad de Victorica, La Pampa. * Disertación acerca de las actividades realizadas en el marco del PEU en la IV

19 Puede consultarse en: <http://peuchacharramendi.wordpress.com>

Jornada Institucional de Extensión Universitaria, organizada por la Secretaría de Cultura y Extensión Universitaria el día 12 de noviembre de 2015.

El proyecto concretó los objetivos que se habían planteado y además se inventariaron los objetos materiales, acción que no estaba prevista en los propósitos originales del trabajo. Como actividad final se elaboró un folleto que contiene la historia del edificio y las labores efectuadas por el PEU, el mismo se entregó a las autoridades de la Secretaría de Cultura, de la Secretaría de Turismo y a la Comisión de Fomento de Chacharramendi, como material de difusión destinado a los turistas y visitantes del parador histórico.

3- **“Los papeles de Alfonso Corona Martínez. Organización, digitalización, socialización y conservación del material documental”**, 2015²⁰ a 2017, aprobado por Resolución N° 154/2015 del Consejo Superior de la UNLPam. Este proyecto se propone concretar las acciones mencionadas en la documentación que había pertenecido a Alfonso Corona Martínez, un importante abogado, dirigente socialista, director del periódico partidario *Germinal*, concejal municipal (en 1924, 1927, 1932), presidente del Concejo (en 1933), presidente de la Cooperativa Popular de Electricidad de Santa Rosa (en 1936 y 1947) y vocal de la entidad cooperativa (1948 y 1950). Este acervo está conformado por expedientes, causas judiciales, correspondencia profesional y personal, recortes periodísticos, notas, memorias, balances, estatutos, libros y revistas.²¹



Imágenes de la documentación y del equipo de trabajo del PEU.

En el año 2010 este material fue donado a la Cooperativa por la esposa del fallecido historiador Milton Rulli, quien lo tenía en su poder. Las autoridades de la entidad se

²⁰ En febrero de 2015, el Consejo Superior de la UNLPam aprobó el “Reglamento de Proyectos de Extensión Universitaria (PEU)” mediante Resolución N° 022/15, disponible en: http://actosresolutivos.unlpam.edu.ar/static_ecs/media/uploads/pdf/4_7_2015_22.pdf. De ese modo, le otorgó mayor relevancia y profesionalidad a la extensión, se le asignaron recursos económicos y los proyectos presentados se someten a evaluación ante un comité integrado por miembros externos a esa Casa de Estudios.

²¹ La recuperación de fuentes también es uno de los ejes del Proyecto de Investigación “Sociedad y desarrollo: problemas de historia económica y de la salud en espacios regionales desde una visión de largo plazo”, del cual forman parte las autoras, dado que la incorporación de nuevos documentos es indispensable para la interpretación del espacio socio-cultural.

contactaron con la UNLPam y las investigadoras del IESH, Mirta Zink y Andrea Lluch, realizaron un somero reconocimiento y elevaron una propuesta para organizar y conservar ese acervo. Sin embargo, por distintos motivos, estas acciones se fueron dilatando y, en consecuencia, se resolvió elaborar un PEU, que fue evaluado positivamente.

La primera labor fue limpiar toda la documentación que estaba almacenada en cajas de manera inadecuada, se procedió a una clasificación provisoria y se guardó en cajas de archivo. Luego se repararon las roturas con una cinta especial y las hojas más dañadas se colocaron individualmente en folios de polipropileno para impedir la acumulación de humedad. Actualmente, se está desarrollando la etapa de descripción del contenido en series y sub-series, acorde a las normas archivísticas. Por último, se seleccionará el material que se digitalizará, en función de la relevancia y estado que presenta, para socializarlo a través de sitios digitales. Al finalizar las tareas previstas, la comunidad santarroseña contará con nuevo repositorio organizado, los investigadores dispondrán de fuentes inéditas y la población podrá consultar ese acervo documental en soporte digital, de este modo se facilita el acceso y se incrementa la durabilidad del formato papel original al evitar su manipulación.



Imágenes de la reparación de la documentación dañada.

Paralelamente, se acudió a la historia oral mediante entrevistas con un doble propósito: conocer cuál fue el derrotero que sufrió este acervo hasta el inicio de las actividades del PEU y profundizar el conocimiento sobre aspectos de la vida personal del dueño de este archivo, Alfonso Corona Martínez. De este modo, se sumará nueva información a la historia regional y a la memoria social.

En este proyecto participan docentes y estudiantes del Instituto de Estudios Socio-Históricos, personal del Archivo Histórico de la Cooperativa y del Archivo Histórico Provincial.²² Cabe señalar que ningún miembro de la UNLPam que integra el PEU -al igual que en los casos anteriores - recibe remuneración por su trabajo, éste se realiza en calidad *ad honorem*, aspecto que da cuenta del compromiso que existe en relación a la conservación del patrimonio cultural.

Las acciones desarrolladas hasta el presente se han difundido en diferentes medios de comunicación y en la IV Jornada Institucional de Extensión Universitaria de la UNLPam, que se concretó el 12 de noviembre de 2015 en Santa Rosa. También las/los estudiantes

²² Por el Instituto participan Mirta Zink como directora, Stella Cornelis y Federico Martocci en calidad de co-directores, Dolores Arrizabalaga, Leandra Paredes, Mercedes Erbiti Cabrera y Diego Pérez Lang como estudiantes de la carrera de Historia; en representación de la Cooperativa, José Depetris, Jimena Muñoz y Cristian González; por el Archivo, Guillermo López Castro y Estela Berdasco.

expondrán como autores las ponencias “Papeles rescatados del olvido”. “Recuperación de un archivo personal” y “La historia oral como recurso para adentrarnos en la vida y los papeles de Alfonso Corona Martínez”, en la I Jornada de Cultura y Patrimonio Regional que se realizarán en la localidad de Victorica (La Pampa), los días 6 y 7 de octubre del corriente.

A modo de cierre

El diccionario define sintéticamente preservación como “el arte de mantener a salvo / mantener vivo” y política como “un plan general o curso de acción”, sobre esa base la política de preservación se puede describir de la siguiente manera: “un plan de acción para el mantenimiento a salvo”, en este caso, del patrimonio cultural. Es decir, los bienes que hemos heredado de una comunidad que los ha desarrollado históricamente, que nos identifica y nos constituye como únicos y diferentes de los demás pueblos. Esta es la razón por la cual el patrimonio en todas sus formas debe ser preservado, valorizado y transmitido a las generaciones futuras, como testimonio de las experiencias y de las aspiraciones humanas, a fin de instaurar un verdadero diálogo entre las culturas.

Si bien estas acciones constituyen un deber primordial para el Estado y los organismos gubernamentales, no es su responsabilidad exclusiva y es imprescindible la participación de la población, porque un mayor compromiso garantizará una apropiación colectiva y perdurable. En ese sentido, es importante socializar en estas prácticas a los estudiantes - futuros profesores e historiadores -. Así, los proyectos de extensión universitaria son un espacio pedagógico para la aprehensión de conocimientos, un ámbito en el cual se conjuga la investigación, la docencia, la extensión y el compromiso social.

Revel (2014) sostiene que a partir de las últimas décadas hay una ampliación del repertorio patrimonial, que es inseparable de la ola memorial. Este fenómeno refleja una transformación en la relación que las sociedades mantienen con el tiempo histórico, al proyectar en el futuro las porciones del pasado que desean retener, urgidas por un salvataje del cual parece depender su existencia y su capacidad de proyectarse en el futuro, ante un presente incierto y un futuro opaco. De ese modo, se patrimonializan, invocando una suerte de propiedad colectiva que el autor cuestiona en algunos casos y convoca a reflexionar.²³ Una invitación para no desoír desde nuestras realidades latinoamericanas, si pretendemos forjar un mundo inclusivo que contenga las múltiples diversidades de manera equitativa.

Referencias bibliográficas

AROCENA, R. Curricularización de la extensión ¿por qué, cuál, cómo?. En AROCENA, R., et al. **Integralidad: tensiones y perspectivas. Cuadernos de extensión 1**. Montevideo: CSEAM, 2013. p. 9-17.

²³ Revel advierte sobre el modo en el cual las sociedades se patrimonializan y museifican de manera obsesiva para forjar afirmaciones identitarias excluyentes, como así también de la relación colectiva con el tiempo histórico.

BARTHES, R. **La cámara lúcida. Notas sobre fotografía.** España: Paidós, 1999.

BONFIL BATALLA, G. Identidad nacional y patrimonio cultural: los conflictos ocultos y las convergencias posibles. En **Antropología y Políticas Culturales. Patrimonio e Identidad.** Buenos Aires: Ed. Rita Ceballos, Talleres Gráficos Dirección Nacional del Registro Oficial, 1989.

COLOMBATO, L. El derecho al patrimonio cultural. Aportes a la definición de sus contenidos. **Equipo Federal de Trabajo**, n.102, 2013. Disponible en: <http://newsmatic.com.ar/conectar/245/102/articulo/3524/El-derecho-al-patrimonio-culturalAportes-a-la-definicion-de-su-contenido.html>

COLOMBATO, L. **El derecho humano a los patrimonios culturales. Avances, frenos y retos de su consolidación desde La Pampa.** Santa Rosa: EdUNLPam, 2016.

COMISIÓN PARA LA PRESERVACIÓN DEL PATRIMONIO HISTÓRICO-CULTURAL DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. **Temas del patrimonio cultural.** Buenos Aires, 1997.

CUESTA BUSTILLO, J. Memoria e Historia. Un estado de la cuestión. En CUESTA BUSTILLO, J. (Ed.), **Memoria e Historia** Madrid: Marcial Pons, 1998.

EDMONDSON, R. **Memoria del Mundo. Directrices para la salvaguardia del patrimonio documental.** Paris: UNESCO, 2002.

GRIMSON, A. **El estado como agente clave de procesos de democratización de la cultura.** (s/d). Disponible en: <http://www.econ.uba.ar/planfenix/docnews/III/Políticas%20culturales/Grimson.pdf>

JULIÁ, J. **La preservación del Patrimonio Cultural y Natural.** Buenos Aires: Gráfica Ayelén, 2000.

LE GOFF, J. **El orden de la memoria. El tiempo como imaginario.** Barcelona: Paidós, 1991.

LLUCH, A. Tengo que hacer las veces de médico, comisario, comerciante, defensor de oficio'. Repensando a los comercios rurales de la pampa argentina. 1900-1930. **Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segreti"**, 2003, p. 135-159. Disponible en: http://cehsegreti.org.ar/archivos/FILE_00000275_1316799788.pdf

LLUCH, A., et al. Al rescate de la pulpería de Chacharramendi. **Contexto Universitario**, n. 39, 2015, p. 6. Disponible en: <http://www.unlpam.edu.ar/images/extension/contexto/Contexto%20Universitario%20n39.pdf>

REVEL, J. La fábrica del patrimonio. **Tarea**, n. 1, 2014, p. 15-25.

RODRÍGUEZ, A. M.; ZINK, M.; VALDÉS, A. Fotografía y memoria. Conmemorando el cincuentenario de la capital del Territorio Nacional de La Pampa. **Estudios sociales**, n. 34, 2008, p. 163-177.

TÜNNERMAN BARHEIN, C. **La Universidad Latinoamericana ante los retos del siglo XXI.** México: UDUAL, 2003. Disponible en: http://www.uchile.cl/documentos/la-universidad-latinoamericana-ante-los-retos-del-siglo-xxi_113390_2_2208.pdf



Artigo recebido em:
15/08/2016
Aceito para publicação em:
09/09/2016

CONSTRUYENDO UNA COMUNIDAD SALUDABLE: PROYECTO DE EDUCACIÓN SOBRE EL USO RACIONAL DE LOS MEDICAMENTOS EN UN CENTRO EDUCATIVO DE NIVEL PRIMARIO Y SECUNDARIO DE LA REPÚBLICA ARGENTINA

CONSTRUINDO UMA COMUNIDADE SAUDÁVEL: PROJETO DE EDUCAÇÃO SOBRE O USO RACIONAL DOS MEDICAMENTOS EM UM CENTRO EDUCATIVO DE NÍVEL PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DA REPÚBLICA ARGENTINA

BUILDING A HEALTHIER COMMUNITY: EDUCATIONAL PROJECT ON THE RATIONAL USE OF MEDICINES IN AN EDUCATION CENTER OF ELEMENTARY AND SECONDARY LEVELS IN ARGENTINA

*Alicia del Carmen Panini**

*Mauricio Roberto Teves***

*María de los Angeles Belotti****

*Marisa Hilda Garraza*****

*Emiliano Giraudo******

*María Liliana Calderón******

*Natalia Salomón******

*Sara Salomón******

*Magalí Beatriz Fernández******

*Nidia Noemí Gómez******

*Claudia Patricia Calderón******

RESUMEN

En el marco del proyecto "Construyendo una comunidad saludable", se plantearon actividades educativas en aspectos relacionados con medicamentos, en enseñar y educar sobre su uso racional, utilizando

* Docente e Investigadora en la Universidad Nacional de San Luis, Argentina. E-mail: paninialicia@gmail.com

** Docente e Investigador en la Universidad Nacional de San, Argentina. E-mail: maurote@unsl.edu.ar

*** Docente e Investigadora en la Universidad Nacional de San Luis, Argentina. E-mail: mbelotti@unsl.edu.ar

**** Docente e Investigadora en la Universidad Nacional de San Luis, Argentina. E-mail: mhg@unsl.edu.ar

***** Docente e Investigador en la Universidad Nacional de San Luis, Argentina. E-mail: egiraudo@unsl.edu.ar

***** Docente e Investigadora en la Universidad Nacional de Cuyo, Argentina. E-mail: mcalderon@fca.uncu.edu.ar

***** Licenciada en Publicidad y Técnico en Diseño Multimedia, Argentina. E-mail: sheitum@gmail.com

***** Licenciada en Diseño Asistido con Mención en Diseño Editorial, Argentina. E-mail: sarita.salomon.1990@gmail.com

***** Licenciada en Tecnología Educativa, Argentina. E-mail: luciernaga675@gmail.com

***** Docente e Investigadora en la Universidad Nacional de San Luis, Argentina. E-mail: ngomez@unsl.edu.ar

***** Docente e Investigadora en la Universidad Nacional de San Luis, Argentina. E-mail: ccal@unsl.edu.ar

diferentes materiales didácticos; se implementó un taller sobre “Uso Racional de Medicamentos”. Estuvo dirigido a estudiantes de nivel primario (4º a 6º grado) y secundario (1º a 6º año) de un centro educativo. Se impartieron conceptos teóricos que los estudiantes aplicaron en los diversos juegos propuestos: dominó, análisis de las situaciones planteadas en una historieta, discernimiento entre las actitudes positivas y negativas relacionadas al uso de los medicamentos. Los estudiantes demostraron gran adherencia a las actividades propuestas, se logró un gran cambio en la percepción acerca de los medicamentos, señalando la importancia de un buen uso de ellos. Estas actividades pretenden contribuir a modificar el escenario de irracionalidad en el uso de los medicamentos que existe actualmente en distintos ámbitos de nuestra población.

Palabras clave: Proyecto Educativo; Uso Racional de Medicamentos; Centro Educativo; Argentina

ABSTRACT

Educational activities, developed with different teaching materials, were directed to issues related to the use of medicines, in order to teach and educate about their rational use in the project “Building a Healthier Community”. A workshop on “Rational Use of Medicines” was implemented with elementary (4th to 6th grade) and secondary (1st to 6th year) school students of an education center in Argentina. The theoretical aspects approached were applied through several games played by the students, such as dominoes, analysis of situations presented in a cartoon and discernment between positive and negative attitudes related to the use of medicines. Students showed great involvement with the activities proposed and a great change in the perception of medicines was seen with more awareness of the importance of proper use of medicines. These activities aimed at helping to change the scenario of irrational use of medicines that currently exists in several areas of our population.

Key words: Educational Project; Rational Use of Medicines; Education Center; Argentina

RESUMO

No âmbito do projeto “Construindo uma comunidade saudável”, as atividades educativas foram direcionadas a questões relacionadas com medicamentos, para ensinar e educar sobre seu uso racional, utilizando diferentes materiais de ensino; uma oficina sobre o “Uso Racional de Medicamentos” foi implementada. Foi destinada a estudantes do Ensino Primário (8 a 12 anos) e Secundário (12 a 18 anos) de um Centro Educacional da Argentina. Os conceitos teóricos trabalhados foram aplicados pelos alunos através de diversos jogos que foram realizados, dentre eles: dominó, análise das situações demonstradas em uma história em quadrinhos, o discernimento entre as atitudes positivas e negativas relacionadas ao uso de medicamentos. Os alunos demonstraram grande adesão às atividades propostas, uma grande mudança foi alcançada na percepção sobre medicamentos, observando a importância de um bom uso destes. Estas atividades destinam-se a ajudar a mudar o cenário do uso irracional de medicamentos que atualmente existe em várias áreas da nossa população.

Palavras-chave: Projeto Educativo; Uso Racional de Medicamentos; Centro Educacional; Argentina

Introducción

La terapéutica farmacológica o farmacoterapia es un tratamiento cuya práctica no está exenta de peligros. Su ejercicio entraña la posibilidad de ocasionar resultados que no son los esperados y pueden generar una disminución en la calidad de vida del paciente. Estos efectos, inesperados o indeseables, pueden ser consecuencia de una prescripción inadecuada, de una distribución inapropiada (por ej.: medicamento no disponible, error de dispensación), de una actuación inapropiada del paciente, de la

idiosincrasia del paciente o de una monitorización inapropiada del mismo (HEPLER; STRAND, 1999).

Las morbilidades asociadas a la farmacoterapia desempeñan un problema de suma importancia en los costos del sistema de salud pública debido a que generan un aumento del gasto sanitario y, asimismo, también motivan un aumento asistencial, sin descuidar la posibilidad de que como consecuencia se produzca la muerte del paciente. Muchos de estos problemas relacionados con los medicamentos pueden ser clasificados como prevenibles. Tres elementos definen una morbilidad considerada prevenible: que el problema relacionado con el medicamento pueda ser reconocible, que la/s causa/s pueda/n ser identificable/s y, por último, que dicha/s causa/s pueda/n ser controlable/s (HEPLER; STRAND, 1999).

Precisamente la actuación profesional en la prevención de estas morbilidades evitables desempeña un elemento fundamental, uno de los puntos fuertes lo representan las actividades clínicas orientadas a la educación y formación sanitaria de la sociedad sobre el uso racional de los medicamentos (URM).

Muchas de las características que reflejan la salud de una población dependen en gran medida de la información y educación que reciba, por lo cual, aquellos individuos que tengan acceso a mejores fuentes de enseñanza, y a los cuales se les imparta una mejor educación, se verá reflejado en una mejor instrucción, que los capacitará al momento de tomar decisiones óptimas inherentes al cuidado de su salud. Lo anteriormente planteado involucra y exhibe un reto de vital importancia para quienes participamos y asumimos el papel de educadores en la sociedad, un desafío que requiere de un criterio de selección y de cualidades de transmisión de la información, considerada esencial y objetiva, y que hace referencia al cuidado de la salud, a la medicina y a la enfermedad.

En la medicina, y en lo que se refiere concretamente a la utilización de los medicamentos, la práctica educativa de la población entraña esfuerzos que deben superar la competencia de una promoción persuasiva abundante que solo tiene por objeto aumentar el consumo y que, anexada a una desinformación de la sociedad, nos refleja la complejidad del contexto y de las tareas a llevar a cabo. Además, actualmente los medicamentos fueron llevados a asumir el rol más importante del escenario que involucra el cuidado de la salud.

Como en toda práctica educativa, el respaldo y la participación de las instituciones desempeñan un papel primordial, como también resulta fundamental la constitución de equipos de trabajo multidisciplinarios, con el fin de lograr conductas armónicas para permitir una asistencia acorde a la problemática que representa la utilización de los medicamentos en la sociedad moderna.

Nuestra historia extensionista

La actividad formadora, educativa en el URM, comenzó en el año 2003 y se desempeña en forma ininterrumpida desde entonces, mediante sucesivos proyectos que han sido ejecutados en el marco de continuas convocatorias anuales de la Secretaría de Extensión Universitaria de la Universidad Nacional de San Luis (UNSL), Argentina. Solo en la convocatoria 2009-2011 se presentó un programa de extensión que estuvo

constituido por 3 proyectos (ver tabla 1), en el resto de las convocatorias se presentaron solamente proyectos.

Tabla 1. Sinopsis de las temáticas abordadas en los proyectos y programas de extensión presentados en sucesivas convocatorias y que resumen la actividad extensionista del grupo

Año de Convocatoria	Proyecto/Programa	Denominación
2003	Proyecto	<i>Uso racional de medicamentos: puesta en marcha de un centro de información de medicamentos.</i>
2004	Proyecto	<i>Estudio de utilización de medicamentos.</i>
2005	Proyecto	<i>Estudios farmacoepidemiológicos y puesta en funcionamiento de un Centro de Farmacovigilancia en San Luis.</i>
2006, 2007 y 2008	Proyecto	<i>Estudios farmacoepidemiológicos en San Luis.</i>
2009 a 2011	Programa "Uso racional de los medicamentos"	Proyecto 1 "Promoción del uso racional de los medicamentos desde los profesionales de la salud".
		Proyecto 2 "Promoción del uso racional de los medicamentos en la comunidad".
		Proyecto 3 "Cumplimiento terapéutico en el adulto mayor".
2012 a 2013	Proyecto	<i>Uso racional de los medicamentos.</i>

La estrategia de los planes de trabajo siempre fue, y continuará siendo, contribuir pedagógicamente al problema social del uso inadecuado de las medicinas, de educar para un mejor consumo, logrando conectar, mediante la extensión, nuestra institución con la vida de las personas.

Actividades de investigación

Las actividades que se desarrollaron y que se continúan desarrollando en el marco de los Proyectos de Extensión Universitaria, sufren un proceso de articulación con los Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Técnica de la UNSL, dirigidos por la Dra. Claudia Patricia Calderón [PROIPRO 2-0107: "Estudios de utilización de medicamentos en San Luis" (2007-2009); PROIPRO 2-0107: "Estudios de utilización de medicamentos en Cuyo" (2010-2011); PROICO 2-0412: "Estudios farmacoepidemiológicos en Cuyo" (2012-2015) y PROICO 2-0416: "Estudios farmacoepidemiológicos en Cuyo" (2016-2019)].

Los resultados emanados de la investigación, nos han permitido detectar una utilización inadecuada de los medicamentos en nuestro ámbito de estudio, un conocimiento relativamente pequeño de los factores que contribuyen al URM, una escasa noción sobre los riesgos que implica la práctica de la automedicación, una falta de adherencia a los tratamientos prescriptos, una insuficiente y, en ciertos casos, nula información de las posibles interacciones que pueden presentarse habitualmente cuando se recibe más de un medicamento, o de las interacciones medicamento-alimento, medicamento-hierba medicinal, medicamento-bebidas alcohólicas o medicamento-análisis clínicos, y de la vulnerabilidad especial que presentan determinados grupos de

personas a los desconocimientos planteados. A su vez, en ciertos casos, se determinó un innegable desconocimiento de cómo ingerir o utilizar un medicamento, cierta ignorancia en los recaudos para su almacenamiento, de los factores ambientales que alteran a los medicamentos y de su utilización en situaciones especiales (niños, ancianos, embarazadas, período de lactancia).

Estas resultas manifestaron la necesidad de transmitir información e impartir educación referente a los medicamentos, que nos motivaron a emprender acciones de carácter educativo, comunicacional y participativo, mediante la organización de proyectos de extensión, jornadas, talleres, exposiciones, campañas de salud, publicaciones y otras distintas actividades destinadas a modificar dicha situación que trae como consecuencia un considerable perjuicio para la población, sea por falta de resultados positivos, como por la incidencia que tienen los resultados clínicos negativos asociados al uso de medicamentos en las personas.

Nuestra función investigadora y extensionista encuentra su esencia en el abanico de las posibles morbilidades relacionadas al uso de medicamentos que se encuadran dentro de las consideradas como “prevenibles”, y ante las cuales nuestros objetivos son focalizados, tratando de identificar y controlar las causas de los problemas relacionados con medicamentos y que son consecuencia del comportamiento del paciente (por ejemplo: automedicación, incumplimiento terapéutico).

Proyecto “Construyendo una comunidad saludable”

La génesis del Proyecto titulado *Construyendo una comunidad saludable*, presentado y aprobado en la 15ª Convocatoria a Proyectos de Extensión Universitaria y Vinculación Comunitaria “Universidad, Estado y Territorio” de la Secretaría de Políticas Universitarias, dependiente del Ministerio de Educación y Deportes de la Nación Argentina, tuvo sus pilares en la concientización para lograr una vida saludable. Conformado por dos equipos de trabajo por el carácter interdisciplinario del proyecto: uno encargado de las actividades de educación para una mejor alimentación y nutrición, y otro cuyo eje temático fue referente al URM, a cargo de nuestro grupo de trabajo.

Estuvo dirigido a los estudiantes de un establecimiento educativo de nivel primario y secundario de una localidad del interior de la provincia de San Luis, Argentina.

El proyecto *Construyendo una comunidad saludable* fue de duración bianual, a partir del 1º de Diciembre de 2013 y hasta el 1º de Marzo de 2016, con aprobación anual de los informes de actividades según Resoluciones de la Subsecretaría de Gestión y Coordinación de Políticas Universitarias del Ministerio de Educación de la Nación Argentina N° 3272/13 y 4646/14 para el primer y segundo año de ejecución, respectivamente.

Objetivos del proyecto

En el marco de este nuevo proyecto *Construyendo una comunidad saludable*, se plantearon actividades educativas dirigidas a estudiantes de entre 8 y 18 años de edad, por el papel que desempeñan como consumidores y por el efecto multiplicador que tiene su formación para su entorno de individuos allegados. El objetivo radicó en proporcionar

información en aspectos relacionados con los medicamentos, en enseñar y educar sobre su uso apropiado a partir de diferentes juegos que promuevan un carácter reflexivo de los alumnos.

Metodología

Los alumnos destinatarios correspondieron a los cursantes de 4º a 6º grado del nivel educativo primario (edades comprendidas entre 8 y 12 años) y de 1º a 6º año del nivel secundario (12-18 años de edad) de un Centro Educativo de la provincia de San Luis, Argentina.

El alumnado fue segregado por nivel educativo para el desarrollo de las actividades del proyecto, es decir, nunca se trabajó con grupos etarios muy heterogéneos.

La participación de los alumnos y docentes del establecimiento en las actividades del proyecto fue opcional.

Las acciones desarrolladas consistieron, en una primera parte teórica, en la cual se impartieron conceptos que, en una segunda etapa práctica, los estudiantes los aplicaron en juegos que fueron propuestos a tal fin e incluyeron, principalmente, dominó, análisis de las situaciones planteadas en una historieta y discernimiento entre las actitudes positivas y negativas relacionadas al uso de los medicamentos. Posteriormente a la realización de los juegos, cada grupo debía defender y explicar los razonamientos y conceptos aplicados para resolver las actividades; se plantearon interesantes debates para culminar con el taller.

Los juegos utilizados en el desarrollo práctico fueron tomados y adaptados según OPS, 2005.

Dinámica de la práctica

Los alumnos fueron divididos en grupos de aproximadamente 6 integrantes, para el desarrollo de los juegos que comprendieron la parte práctica del taller.

El juego del dominó consiste de un conjunto de fichas y cada una contiene una pregunta y una respuesta que no se corresponde. Son repartidas entre cada uno de los miembros del grupo. El juego comienza con la colocación de una primera ficha que hace referencia al concepto de medicamento. Luego se busca aquella otra que contenga la respuesta y se somete a debate su colocación; la ficha colocada tiene a su lado otra pregunta y que amerita la colocación de una nueva ficha que contenga la respuesta correspondiente. De la manera descrita, se procede hasta agotar la totalidad de las fichas repartidas, quedando constituido un camino cerrado al corresponderse la respuesta contenida en la primera ficha colocada con la pregunta de la última (OPS, 2005).

Hubieron dos temáticas del juego de dominó: una cuyo objetivo fue el aprendizaje del origen, funciones, denominaciones y efectos de los medicamentos, y la segunda que presta conocimiento sobre los cuidados y las precauciones a tener en cuenta para la utilización de medicamentos en niños y en adultos mayores. La dinámica fue idéntica para ambos.

Las historietas contienen lecturas que plantean situaciones y, mediante su análisis, permite a los alumnos reconocer los factores que influyen en la adherencia al tratamiento

terapéutico y de las consecuencias que puedan ser causa de su incumplimiento (OPS, 2005).

Un cuarto juego impuesto en el taller, consistió en un conjunto de tarjetas que exhiben actitudes positivas y negativas en los procesos de adquisición y dispensación de medicamentos, que fueron repartidas a los constituyentes de cada grupo. Los participantes debían separarlas, de acuerdo a la comprensión teórica, en aquellas que manifestaban actitudes positivas y las que representaban actitudes negativas (OPS, 2005).

Equipo capacitador

El grupo responsable de las tareas educativas en el URM estuvo conformado por profesionales Bioquímicos, Farmacéuticos, Enfermeros y alumnos del último año (5^{to}) de la carrera de Farmacia, todos pertenecientes a la Facultad de Química, Bioquímica y Farmacia de la UNSL.

Además, el equipo de trabajo contó con la participación de docentes de la Universidad Nacional de Cuyo, de la Universidad Juan Agustín Mazza y de la Universidad Champagnat de la ciudad de Mendoza (Argentina), con vasta experiencia en el diseño gráfico, quienes se encargaron de la adaptación del material con el cual se procedió en la parte práctica.

Actuaciones contempladas

Sobre la base de la interacción y de las reflexiones de maestros y profesores del establecimiento, se hizo evidente que el URM representó una herramienta fundamental para trabajar en sus grupos de alumnos, asumiendo su participación futura para reforzar el aprendizaje de los participantes.

En gran medida y acorde a la heterogeneidad etaria (8-18 años) con la cual se ha trabajado, los estudiantes demostraron una gran adherencia a las actividades propuestas, se evidenció un gran cambio en la percepción de los alumnos acerca del uso de los medicamentos y manifestaron la importancia de ejercer una buena utilización. Asimismo, mostraron gran inquietud por la adquisición de las medicinas fuera de las oficinas de farmacia.

Los juegos propuestos en la práctica resultaron de gran atractivo para los alumnos, derivando en una herramienta importante ya que a partir del entretenimiento del juego se ejerció la educación.

No fueron efectuadas exámenes formales respecto a los contenidos teóricos impartidos; los resultados de aceptación y aprobación por el alumnado fueron percibidos por cada uno de los integrantes del equipo multidisciplinario responsable.

En términos generales, se proporcionó una considerable información sobre medicamentos, se hizo hincapié en los modos y fines persuasivos de los anuncios de promoción, y en que, además, muchas situaciones para o debido a las cuales se consumen medicamentos pueden llegar a ser evitadas con un cambio del estilo de vida. Se logró el señalamiento e identificación de actitudes erróneas, de malas creencias y de hábitos equivocados en el consumo y utilización de medicamentos.

Se trataron de promover conductas saludables que logren traducirse en un URM y se trató de inculcar que, previa utilización de los medicamentos, es de suma importancia estar debidamente informados sobre la enfermedad y sobre el adecuado uso de los mismos.

Discusión y Conclusiones

El asunto referente al URM necesita, indudablemente, de un punto de vista de carácter reflexivo, no solamente desde el lugar que involucra a los profesionales de la salud y a los agentes sanitarios de control, sino de la comunidad misma. Varios son los factores que influyen y participan en el uso inadecuado de los medicamentos; la promoción excesiva de especialidades farmacéuticas de venta libre (OTC) que sumada a una educación y formación, en ciertos casos inadecuada, terminó generando que los medicamentos desempeñen un rol tan importante en el cuidado de la salud como del que gozan en la actualidad.

El adiestramiento de los jóvenes en sus hábitos de consumidor se promueve desde pequeños, actuando los componentes de su entorno familiar como agentes mediadores en el consumo (CHAPLIN; JOHN, 2010; FLOURI, 1999). Durante su adolescencia, comienzan a tomar conciencia del significado de su papel social como consumidores, aunque, en gran parte, no cuentan con una formación necesaria para efectuar un consumo responsable (BERRÍOS VALENZUELA; BUXARRAIS ESTRADA, 2015) y gran parte de los hábitos de consumo adquiridos en esta etapa de su vida los mantendrán por siempre (CHAPLIN; LOWREY, 2010). Motivado por ello, los proyectos de extensión que involucran actividades escolares resultan de suma importancia, inculcando desde las tempranas etapas educativas, una formación acorde y promotora del URM, tratando de combatir el problema de la promoción persuasiva, el flagelo de la automedicación irresponsable, el incumplimiento terapéutico, el consumo de medicamentos influenciado por personas allegadas, en fin, en lograr una concientización en la utilización y que los problemas motivados por un consumo irracional pueden ser de intensidad variable, hasta incluso, pueden tener como desenlace la mortalidad.

Las labores realizadas por los integrantes de este proyecto formativo de educación en el URM (docentes-investigadores y alumnos de la carrera de Farmacia) y que, sumadas al auxilio de maestros y profesores del establecimiento, permitieron lograr un importante avance en la formación reflexiva de los alumnos, propiciándoseles herramientas para contribuir al cuidado de su salud. Tampoco puede escapar a nuestras reflexiones finales, que dentro de los conceptos impartidos también fue abordada la temática referente al consumo de las drogas de abuso, que tanto mal le generan a nuestra sociedad.

Por otra parte, las acciones que se emprenden para educar a los consumidores de medicamentos y que promueven una utilización racional de los mismos, tienen una importante implicancia en la reducción del gasto público. En variados trabajos se informa de la prevalencia de hospitalizaciones que son consecuencia de resultados clínicos negativos asociados al uso de medicamentos, con un trascendental porcentaje de ingresos calificados como prevenibles (GARCÍA et al., 2008; PÉREZ MENÉNDEZ-CONDE et al., 2011; QUENEAU et al., 2007; SANTAMARÍA-PABLOS et al., 2009).

Vislumbramos la importante incorporación de los alumnos de la carrera de farmacia al equipo de trabajo, que permite en ellos explorar, conocer en la práctica y capacitarse en

la participación que desempeñarán como futuros profesionales en el ámbito de la salud y aplicables al cuidado clínico de los pacientes. Les sirve además, como herramienta crítica para este nuevo paradigma de desarrollo de la atención farmacéutica, de su participación activa como agentes de salud en la reducción de la morbi-mortalidad asociada al uso de los medicamentos y como experiencia para la integración e interacción con otros profesionales de las ciencias de salud, fijando como objetivo común el bienestar clínico de los pacientes.

A las actividades educativas dirigidas a niños y adolescentes, no debe escapar la formación continua de profesionales de la salud, padres, tutores, docentes universitarios de carreras de la salud y de la comunidad misma, por tal motivo, es que nuestras labores muestran una variedad de actividades, que de manera ininterrumpida, venimos desarrollando desde hace aproximadamente 14 años. Resulta también importante la articulación investigación-extensión, propiciando la investigación, bases sustentables a las actividades extensionistas

Como reflexión final, distinguimos que la educación es parte fundamental de nuestra vida y que la formación adquirida condiciona muchas de nuestras decisiones. Por otro lado, educar a una sociedad con elevado nivel de consumismo no resulta sencillo, son conductas que no pueden ser revertidas instantáneamente de un día para otro. Los conocimientos que promueven una utilización de los medicamentos de manera racional son de suma importancia para disminuir el problema de morbilidades relacionadas a su mal uso en nuestra sociedad. La irracionalidad no solo provoca un perjuicio para el individuo, sino también para la sociedad, basta solo mencionar los casos de irresponsabilidad en el consumo de antimicrobianos que traen aparejados problemas de resistencia bacteriana o la medicalización con benzodiazepinas y que van en contra de las recomendaciones de la American Medical Association sobre la utilización de ansiolíticos.

Referencias

BERRÍOS VALENZUELA, Llarela; BUXARRAIS ESTRADA, María Rosa. Educación para el consumo: aproximación empírica a los hábitos de consumo del alumnado de secundaria. **Revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación** 15 (1): 1-24; 2015.

CHAPLIN, Lan Nguyen; JOHN, Deborah. Interpersonal influences on adolescent materialism: A new look at the role of parents and peers. **Journal of Consumer Psychology** 20: 176-184; 2010.

CHAPLIN, Lan Nguyen; LOWREY, Tina. The Development of Consumer-Based Consumption Constellations in Children. **Journal of Consumer Research** 36 (5): 757-777; 2010.

FLOURI, Eirini. An integrated model of consumer materialism: Can economic socialization and maternal values predict materialistic attitudes in adolescents? **Journal of Socio-Economics** 28 (6): 707-724; 1999.

GARCÍA V; MARQUINA I; OLABARRI A; MIRANDA G; RUBIERA G; BAENA MI. Resultados negativos asociados con la medicación en un servicio de urgencias hospitalario. **Farmacia Hospitalaria** 32 (3): 157-162; 2008.

HEPLER, Charles D; STRAND, Linda M. Oportunidades y responsabilidades en la Atención farmacéutica. **Pharmaceutical care España** 1 (1): 35-47; 1999.

Organización Mundial de la Salud. The Rational Use of Drugs. Report of the Conference of Experts. Ginebra, OMS, 1985

OPS (Organización Panamericana de la Salud). Manual para la enseñanza de uso racional de medicamentos a la comunidad. Ministerio de Salud de Perú, Dirección General de Medicamentos, Insumos y Drogas, Organización Panamericana de la Salud, 2005.

PÉREZ MENÉNDEZ-CONDE, C; BERMEJO VICEDO, T; DELGADO SILVEIRA, E; CARRETERO ACCAME, E. Resultados negativos asociados al uso de medicamentos que motivan ingreso hospitalario. **Farmacia Hospitalaria** 35 (5): 236-243; 2011.

QUENEAU, Patrice; BANNWARTH, Bernard; CARPENTIER, Françoise; GULIANA, Jean-Michel; BOUGET, Jacques; TROMBERT, Béatrice; LEVERVE, Xavier; LAPOSTOLLE, Frédéric; BORRON, Stephen; ADNET, Frédéric. Emergency Department Visits Caused by Adverse Drug Events. **Drug Safety** 30 (1): 81-88; 2007.

SANTAMARÍA-PABLOS, A; REDONDO-FIGUERO, C; BAENA, MI; FAUS, MJ; TEJIDO, R; ACHA, O; NOVO, MJ. Resultados negativos asociados con medicamentos como causa de ingreso hospitalario. **Farmacia Hospitalaria** 33 (1): 12-25; 2009.



Artigo recebido em:
15/08/2016
Aceito para publicação em:
05/09/2016

CORAÇÕEZINHOS DE BAEPENDI NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE ATRAVÉS DA METODOLOGIA PARTICIPATIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

CORAÇÕEZINHOS DE BAEPENDI AND HEALTH EDUCATION THROUGH PARTICIPATORY METHODOLOGY: EXPERIENCE REPORT

*Maíra Fernandes Madureira**

*Luisa Marina Morato Peixoto**

*Haylla Haramoto**

*Natália de Paiva Sobreira**

*Nayara Soares Pereira**

*Roberta Neves Ferreira**

*Luiza Schettino Pereira**

*Rafael Oliveira Alvim***

*Carlos Alberto Mourão Júnior****

*Camila Maciel Oliveira*****

UFJF-MG / UFPR-PR - BRASIL

RESUMO

O presente artigo emergiu de ações do Projeto de Extensão “Coraçõezinhos de Baependi”, desenvolvido através de uma parceria entre a UFJF e o INCOR/HC-FMUSP, na cidade de Baependi (MG). O projeto baseia-se na metodologia participativa na construção de um ensino integral, tendo como ferramentas o teatro de fantoches e a música, e objetiva a promoção da saúde das crianças envolvidas, esperando despertar nelas o interesse pela ciência e pesquisa, fomentando a busca pelo conhecimento e incentivo ao autocuidado. Ao final das oficinas realizadas, foi visível a evolução quanto à participação dos alunos, ao interesse e à compreensão dos temas, o que foi relatado tanto pelos docentes da escola, como pelos familiares. Conclui-se, assim, que a introdução ainda na infância de conhecimento em saúde mostrou-se eficaz na promoção de autocuidado e prevenção de morbidades, reforçando o propósito das escolas como terrenos férteis para a disseminação de conceitos em saúde.

Palavras-chave: Metodologia participativa; Educação em saúde; Teatro de fantoches.

* Alunas de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG – Brasil.

** Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG – Brasil. E-mail: alvimfaefid@ig.com.br

*** Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG – Brasil. E-mail: camouraojr@gmail.com

**** Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), PR – Brasil. E-mail: camilamacieloliveira@gmail.com

ABSTRACT

This article is the result of the Outreach Project “Coraçãozinho de Baependi” developed in partnership between UFJF and InCor / HC- FMUSP in the city of Baependi (MG). The project is based on participatory methodology in order to build comprehensive teaching, using puppet shows and music as tools. It aims at promoting the health of the children involved and hopes to awaken their interest in science and research by promoting the search for knowledge and encouraging self-care. At the end of the workshops, it was possible to observe an increase in students’ participation, interest and understanding of the issues, as reported by teachers and parents. Therefore, it was possible to conclude that the introduction of knowledge about health during childhood proved to be effective in the promotion of self-care and prevention of morbidity, which reinforces the role of schools as suitable contexts for the spread of health concepts.

Keywords: Participatory methodology; Health education; Puppet show.

Introdução

De acordo com Pelicioni e Torres (1999, p. 8), “é nas idades pré-escolar e escolar que as crianças adquirem as bases de seu comportamento e conhecimento, o senso de responsabilidade e a capacidade de observar, pensar e agir”. Ainda segundo os autores, é durante esse período que se inicia a adoção de hábitos de higiene, a descoberta das potencialidades corporais e o desenvolvimento de habilidades para cuidar da própria saúde.

Faz-se lógico pensar, então, em tal período como oportuno para o desenvolvimento de práticas educativas em saúde, visto que a aprendizagem de conceitos em saúde corretos neste período tem a possibilidade de conduzir a uma adoção do autocuidado e da responsabilização futura das crianças pela própria saúde.

A escola emerge nesse cenário como um ambiente ideal, oferecendo um espaço de sociabilização e integração entre o conhecimento teórico e prático à medida que proporciona o despertar da curiosidade do corpo docente, a exposição deste aos conhecimentos teóricos pertinentes e a vivência da aplicação de conceitos saudáveis.

É importante ressaltar, todavia, que a atenção à saúde dessa faixa etária não tem ocorrido de maneira eficaz. De acordo com Cyrino e Pereira (1999, p.40):

Para algumas parcelas da população infantil, como a criança em idade escolar ou o adolescente, chama-se a atenção para a marginalização ao atendimento realizado pelo setor saúde, a necessidade de aumentar a cobertura e melhorar a qualidade dos serviços oferecidos a essa população.

Nesta conjuntura, os projetos de extensão que têm como público-alvo crianças em idade escolar e como meta a promoção da saúde figuram como importantes mediadores na busca pelo princípio da integralidade, tão almejado durante a reforma sanitária brasileira. Esta integralidade é vista aqui tanto em seu sentido holístico do cuidado quanto no que se refere à resposta às demandas espontâneas geradas pela comunidade.

É importante ressaltar a relação de ganhos bilaterais entre universidade e o meio social gerados por este tipo de iniciativa. Ao deixar o ambiente acadêmico, o estudante se depara com desafios existentes em sociedade e pode traçar metas para solucioná-los, e, concomitantemente, obter uma formação mais humanizada e crítica.

A atual mudança no perfil epidemiológico brasileiro assinala para mais uma das razões para se trabalhar com crianças em idade escolar a respeito de hábitos de vida saudáveis, com ênfase nos alimentares. De acordo com Kaufman (1999 apud PIMENTA, 2001, p. 20):

Há no Brasil cerca de 3 milhões de crianças com menos de 10 anos de idade que sofrem de obesidade. A principal preocupação está no fato de que a população de obesos dobrou, em relação a vinte anos atrás, isto é, a obesidade não para de crescer.

Nos últimos anos, a obesidade tornou-se foco de inúmeras pesquisas que têm por finalidade estabelecer sua gênese e elaborar métodos eficazes de intervenção, com o objetivo de erradicar o que hoje já se acredita ser uma epidemia. Nesse cenário, o rápido aumento da prevalência mundial de obesidade infantil vem ganhando maior notoriedade, tornando-se uma grande preocupação.

Não se sabe ao certo qual a verdadeira gênese da obesidade. Acredita-se que inúmeros fatores são importantes para o seu estabelecimento, tais como os genéticos, fisiológicos e metabólicos. Todavia, é cada vez mais notório que tal condição está intimamente relacionada às mudanças no estilo de vida e aos hábitos alimentares da população, nos quais evidenciamos o aumento do consumo de alimentos ricos em açúcares e gorduras, com um elevado teor calórico, atrelado a um estilo de vida cada vez mais sedentário, em que a prática de atividades físicas é substituída por mais horas dedicadas à TVs, vídeo games e computadores.

Nesse cenário, as crianças surgem como perfeitos produtos do novo estilo de vida implementado nos últimos anos, uma vez que elas herdam não somente as características genéticas de seus pais como também seus costumes e hábitos.

Com o crescente número de crianças se tornando obesas, aumentam também as preocupações em relação à sua qualidade de vida e sua saúde. A obesidade é a principal causa de hipertensão arterial em crianças e adolescentes, podendo levar ao desenvolvimento de complicações cardiovasculares e cerebrovasculares, além de terem maiores chances de se tornarem adultos obesos e com comorbidades.

Segundo Kaufman (1999, p. 218 apud PIMENTA, 2001, p. 23),

As crianças obesas têm maior propensão à hipertensão, diabetes, transtornos cardíacos, respiratórios e ortopédicos; cerca de 50% delas apresentam alterações de taxa de colesterol; 47,5% dessas crianças têm níveis diminuídos de HDL e 20,5% têm níveis elevados de LDL.

Tendo em vista a mudança no perfil nutricional do país, marcada principalmente pela coexistência de desnutrição, obesidade e doenças carenciais específicas relacionadas à má nutrição, um modelo de atenção à saúde que abranja ações de promoção da saúde, prevenção e tratamento de doenças como a obesidade tornou-se cada vez mais necessário, sendo atualmente um desafio para a saúde pública.

A partir do exposto, depreende-se que é cada vez mais imprescindível o desenvolvimento de políticas que promovam a intervenção e conscientização da população acerca da implementação de um estilo de vida mais saudável. Acreditando no princípio de que para uma atividade se tornar hábito, esta deve ser trabalhada desde cedo, o presente estudo foi estruturado e planejado com o intuito de conscientizar crianças em idade escolar de uma forma lúdica através de medidas de caráter educativo e informativo, motivando os estudantes a adquirirem uma alimentação mais saudável, associada a uma prática de atividade esportiva que lhes dê prazer, afastando-os do sedentarismo, na tentativa de minimizar o número de crianças obesas e, conseqüentemente, de suas complicações.

Metodologia

O “Projeto Coraçõezinhos de Baependi” foi implementado no município de Baependi, Minas Gerais, em quatro escolas (três públicas e uma particular filantrópica) – Escola Municipal Senador Alfredo Catão, Escola Municipal Raquel Campos Gonçalves, Escola Municipal Dr. Wenceslau Braz e Colégio Franciscano Santo Inácio – para crianças de 6 a 12 anos, durante horário escolar, no período de março a setembro de 2015, e conduzido por estudantes de graduação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal De Juiz de Fora (UFJF). O número de alunos por escola se encontra especificado na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição de alunos participantes por escola

Escolas	Alunos participantes			
	Março	Maio	Julho	Setembro
Colégio Franciscano Santo Inácio	48	211	211	138
Escola Municipal Senador Alfredo Catão	150	150	180	183
Escola Municipal Raquel Campos Gonçalves	130	96	170	170
Escola Municipal Dr. Wenceslau Braz	270	217	270	267

O Projeto foi desenvolvido através de uma parceria entre a UFJF e o INCOR/HC-FMUSP, que mantém, na cidade de Baependi (MG), a sede do projeto “Corações de Baependi”, o qual atua há 10 anos acompanhando a comunidade local, sendo o primeiro estudo familiar em doenças cardiovasculares no Brasil. Com base nisso, a escolha dessa cidade para a realização do projeto de extensão foi feita com a intenção de devolver à sociedade a contribuição dada pelos moradores na pesquisa, visto que estes se disponibilizam a ser seu objeto de estudo.

Desde o início do Projeto, foi visível a evolução quanto à participação dos alunos de Baependi nos encontros, tanto durante a conversa como na música e no teatro. Em casa e na sala de aula, os pais e professores notaram maior interesse em relação às questões de saúde e nutrição, o que demonstra a eficácia dessa abordagem em despertar a criança para o autocuidado.

Inicialmente, um grupo de três acadêmicos de medicina cumprimentavam os alunos e começavam a apresentação de um teatro de fantoches previamente ensaiado, escrito pela endocrinologista e colaboradora do Projeto, Dra. Camila Maciel de Oliveira. O encontro tinha um tema específico envolvendo saúde em geral (apesar de os primeiros terem tido como foco principal a alimentação saudável) e os fantoches eram confeccionados pelos próprios participantes do Projeto, com materiais de baixo custo, como EVA, feltro e cartolina.

Embora a faixa etária das crianças tivesse grande variabilidade, as peças tinham, em seu enredo, termos e conceitos científicos, que frequentemente não estavam inseridos no cotidiano dos alunos. No entanto, durante as apresentações eram criadas alusões acerca da expressão ou ideia abordada, sempre realizadas de maneira lúdica e próxima do universo infantil. No teatro “O estômago apaixonado e o coração partido”, os personagens HDL

e LDL eram representados como um anjo e um diabo, respectivamente, para já criar a impressão de que um era bom e o outro, ruim.

Em seguida, uma conversa era iniciada com os alunos que assistiram à apresentação (normalmente divididos por idade), em que os acadêmicos faziam perguntas abrangentes para introduzir a discussão e gerar um ambiente acolhedor. As crianças relatavam exemplos familiares, faziam perguntas, interagiam umas com as outras e até mesmo extrapolavam o tema proposto, como no teatro “A vitamina D e os três ratinhos”, em que surgiram perguntas a respeito de outras vitaminas e quais alimentos as continham.

Após a reflexão, os conceitos introduzidos no teatro de fantoches eram explicados de uma forma simples, depois de se questionar o entendimento que o aluno já tinha. Em uma das peças, o infarto do miocárdio foi comparado com o entupimento de uma mangueira por certas sujeiras (colesterol LDL) e que uma das soluções para evitá-lo seria utilizar um sabão (HDL).

Por fim, eram entregues atividades didáticas, também confeccionadas pelos participantes do Projeto, que normalmente continham ilustrações para colorir, as quais buscavam instigar mais os alunos a respeito de assuntos não diretamente tratados na apresentação, mas que tinham uma certa correlação, para que eles buscassem em casa ou na escola mais informações sobre o tema. Um exemplo foi a entrega de um desenho esquematizando os nomes dos ossos do corpo humano, durante um encontro que trazia a importância do cálcio para a saúde.

No verso dessas atividades, havia a letra de uma paródia baseada em músicas infantis tradicionais, como “O sapo não lava o pé”. O fato de serem utilizadas melodias conhecidas facilitava a participação e o interesse. Além disso, as letras retomavam o enredo do teatro apresentado, o que auxiliava na consolidação do tema abordado, e eram sempre cantadas em conjunto e com todos os alunos de pé, para que até mesmo os mais tímidos se desinibissem e aproveitassem o momento de ludicidade.

Um dos objetivos bastante considerados durante o planejamento dos temas, peças, músicas e materiais didáticos foi a tentativa de despertar o interesse pela ciência. Uma das apostas que foram feitas durante o processo de concepção do projeto consiste em acreditar que não há tema complexo demais que não possa ser comunicado de maneira que os interlocutores compreendam.

Como o “Coraçõezinhos de Baependi” surgiu pelo já “Corações de Baependi”, o aspecto de incentivo à ciência não poderia deixar de estar presente. Sabe-se que o genuíno interesse pela pesquisa não é devidamente estimulado e a curiosidade vem sendo cada vez mais minada. Pensando nisso e na necessidade de mentes pensantes no presente e futuro, a introdução e o fomento à busca pelo conhecimento foi um dos pilares do projeto de extensão em foco.

Na peça “Salada de frutas em confusão”, foi descrita uma experiência laboratorial em que eram descobertos os efeitos hipotensores da uva em indivíduos hipertensos. Na história, os personagens indagavam os alunos se esses resultados decorriam do consumo da semente ou da polpa. Além disso, a narrativa enfatizava o quão satisfatório era para os cientistas essa descoberta e, por fim, falava os possíveis benefícios desconhecidos pela ciência e que eles, as crianças e os futuros pesquisadores poderiam ajudar a descobrir. Uma passagem do texto utilizado nesse encontro:

*“Num laboratório de pesquisa
A minha geleia usaram
Deram para alguns ratinhos
Para ver se a pressão baixavam.”*

Apesar de algumas apresentações não terem tido essa abordagem, os objetivos mantiveram-se os mesmos. Os encontros tiveram que ser adaptados para cada faixa etária, já que foram atendidos alunos de 5 a 13 anos e o grau de conhecimento prévio diferia entre eles. O maior desafio foi lidar com os extremos de idade, pois para crianças muito pequenas os materiais escritos não eram aproveitados (por estarem em fase de pré-alfabetização) e havia mais desenhos e esquemas. Para os adolescentes, as ilustrações eram pouco atrativas por remeterem ao mundo infantil e, por isso, a abordagem era mais focada na conversa. Assim, foi possível atingir impactos semelhantes, independentemente do grau de escolaridade abordado.

O Projeto baseia-se na metodologia participativa, teatro e música, para a promoção e prevenção da saúde das crianças envolvidas e suas famílias, esperando que esta ideia seja difundida para outras regiões do país por meio de mídias sociais.

Metodologia Participativa

Apesar de o Projeto utilizar uma estratégia muito comum na área de educação em saúde para crianças – a apresentação de fantoches –, o objetivo principal foi implementar uma metodologia que desconstruísse a tradicional hierarquia na educação, em que o processo de discussão normalmente ocorre de modo unidirecional, do educador para o aprendiz, de uma maneira passiva e que não incita a construção de visão crítica. Paulo Freire denomina de educação bancária, seguindo a metáfora de que os alunos apenas recebem (assim como os bancos) blocos de conhecimentos não interconectados.

Nesta educação vazia de diálogo e de criticidade só há passividade e o condicionamento de ambos os sujeitos do processo: educandos condicionados a apenas ouvir passivamente e educadores condicionados a discursar, sem estabelecerem relações entre o conhecimento e a realidade concreta. (SCHNORR, 2000, p.91, apud MACIEL, 2011, p. 342).

Diante disso, durante a concepção do Projeto, foi planejada a realização de uma conversa inicial sem estruturação prévia, seguindo apenas o grande tema abordado no mês, em que as crianças eram estimuladas a relatar experiências pessoais, dúvidas e seu conhecimento acerca do objeto da discussão do momento.

A simplicidade da ideia, um diálogo em grupo, parece ser óbvio e natural, já que não exige muitas ferramentas e tecnologias – como alguns creem que seja necessário em um processo de educação – e que diversas civilizações partilharam saberes nesse movimento de mão dupla por séculos. No entanto, a prática mais difundida hoje nas instituições de ensino desde o maternal até as universidades é aquela baseada no pressuposto de que o professor é o único detentor do conhecimento e o aluno, a tábula rasa, recebe o que o educador transmite para o grupo, sem participar ativamente.

Existem diversos projetos pedagógicos que têm em suas bases teóricas ideias que rompem com o modelo de educação oficial do sistema. Dentre esses, aquele que se destaca

por sua importância histórica no contexto brasileiro é a chamada Educação Popular, cujos fundamentos foram concebidos e alicerçados por Paulo Freire.

Esse referencial metodológico-teórico é um rompimento com a estruturação tradicional da educação, fomentando formas coletivas de aprendizado, valorizando a intercomunicação entre os participantes do processo de aprendizagem e utilizando como matéria-prima as experiências anteriores dos atores. O intercâmbio entre o saber científico e o saber popular, o devido estímulo à participação e iniciativa dos educandos constituem práticas essenciais da educação popular.

Teatro

A palavra teatro, em sua origem grega *theatron*, significa o lugar de onde se vê e, para Aristóteles, o teatro permitia conhecer, e conhecer além da superfície. Para o pensador grego, o teatro tinha a qualidade de ensinar às pessoas a enxergarem além do discurso, além das aparências, a ver o que estava encoberto, nas profundezas. Tal conhecimento, entretanto, não ocorre de um momento para o outro. É uma construção lenta, que deve começar ainda na infância, mobilizando aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores das crianças, implicando, ainda, em aprendizagens e construção de conhecimento.

O teatro é considerado uma arte dramática que retrata momentos, situações ou problemas do cotidiano de forma lúdica e que pode despertar a criatividade e o aprendizado das crianças, pois aborda importantes assuntos de forma descontraída e, ao mesmo tempo, inspira as crianças a utilizarem a imaginação e exercitarem seu raciocínio, fazendo com que as mesmas possam compreender a essência da peça teatral.

Ultrapassando a atividade de brincar, o teatro enfatiza a atitude e o interesse, alcançando a criança em toda sua globalidade. Toda criança, ao brincar, dramatiza o seu mundo do faz-de-conta, e a linguagem do teatro propicia uma aproximação da criança com o tema a ser abordado. Ao se transmitir conhecimento para as crianças, elas poderão repassar o que aprenderam para os indivíduos do seu meio de convivência, participando, dessa forma, da promoção de saúde em sua própria comunidade.

As crianças possuem características diferenciadas de aprendizado, logo, o teatro torna-se uma ótima forma de educá-las em relação à saúde. Nesse contexto, a escola pode contribuir ao associar saúde, aprendizado, profissionais de saúde, família, educação e membros da comunidade em diversas atividades. Isso pode ser feito implementando-se políticas que visem o bem-estar individual e coletivo, e que permitam a formação de um ambiente saudável.

Existem alguns fatores que podem potencializar o desempenho do comunicador durante a peça teatral, são eles: (1) o comunicador deve estar seguro em relação ao assunto abordado, para não transmitir insegurança durante a peça; (2) as partes da peça que envolvem mais imaginação da história devem ser mais ressaltadas para que o público não se sinta entediado; (3) a utilização de uma linguagem simples é essencial para que as crianças entendam a peça; (4) é importante que o apresentador dê liberdade para que o público possa interagir com a história, o que ajuda na absorção do conhecimento.

Deste modo, as peças teatrais foram realizadas com o intuito de promover orientação em saúde, proporcionando informações simples e concisas que aprimorassem positivamente o conhecimento dessas crianças em relação ao autocuidado e promoção de

hábitos de vida saudáveis, além de permitir que interagissem com a história, possibilitando motivação e construção de conhecimento.

Música

A escolha da música como ferramenta educadora foi pautada em sua grande importância e relevância como instrumento de aprendizagem. Desde a Antiguidade, a música tem estado presente na vida e no cotidiano do homem, participando e contribuindo das mais diversas maneiras na construção das sociedades. Sua importância como metodologia de ensino remonta a Idade Média e ao Renascimento, períodos em que era considerada um dos quatro pilares da aprendizagem, dividindo espaço com a geometria, a astronomia e a aritmética. Todavia, sua notória importância foi se tornando obsoleta às custas do advento de outras ferramentas metodológicas.

Em razão de sua relevância e como sendo componente inerente ao homem, a música sempre foi alvo de muitos estudos que buscavam entender a dimensão de sua influência na sociedade, em seus múltiplos aspectos. Tais estudos resgataram o valor da música no âmbito educacional, restabelecendo um antigo e renomado instrumento de aprendizagem. É cientificamente comprovado que a música auxilia no desenvolvimento humano, o que pode ser evidenciado pelas cantigas ensinadas na escola e que contribuem para o desenvolvimento da criança.

No Projeto em questão, a utilização de músicas atreladas à exibição de peças de teatro ganhou relevância por despertar nas crianças o interesse pelas atividades propostas, além de criar um ambiente acolhedor para o aprendizado. Segundo Campbell (2000, p. 134 apud RONAVI, 2009, p. 9), “a música pode criar uma atmosfera positiva, que vai ajudá-lo a se concentrar para aprender”.

Assim, a arte do som estimula a concentração e o raciocínio dos estudantes, sendo um artifício que nos proporcionou ainda maior proximidade com os mesmos. Ela aparece nesse cenário como um instrumento motivador da aprendizagem, despertando a criatividade e o interesse no educando pelo que estava sendo proposto, como é defendido por Costa (2008 apud BANDEIRA, 2008, p. 22): “A música pode entreter, motivar, inspirar e acalmar. Pesquisadores revelam que a música também pode melhorar o modo de pensar e raciocinar, mostrando como o cérebro funciona.”.

Diante do exposto, faz-se lógico pensar na música como um instrumento de grande valor em atividades lúdicas envolvendo crianças em idade escolar. Porém, ao lidar com determinadas faixas etárias, despertar o interesse e, sobretudo, manter esse interesse pode surgir como uma tarefa árdua. Nesse sentido, a música apresenta a potencialidade de aguçar a atenção, motivando a criança a adentrar no contexto que é a ela apresentado. De acordo com a revista *Crescer* (2009, p. 7 apud RONAVI, 2009, p. 6), “A música ajuda a afinar a sensibilidade dos alunos, aumenta a capacidade de concentração, desenvolve o raciocínio lógico-matemático e a memória, além de ser forte desencadeador de emoções.”.

Essa ferramenta pedagógica possibilita ainda a sociabilização, à medida que, envolvida em uma atividade conjunta, a criança percebe a necessidade de um trabalho em equipe, ao mesmo tempo em que se identifica como parte importante e necessária desse conjunto.

Utilizar a música como ferramenta metodológica possibilitou promover, por conseguinte, um maior interesse pelas atividades propostas, sociabilização, geração de um ambiente acolhedor e também certa receptividade por parte das crianças para com as atividades que lhes eram levadas. Como a proposta fundamental do Projeto se pautou na utilização de metodologias participativas, permitir que a criança adentrasse no contexto proposto e, de fato, participasse através das letras das canções entregues a elas durante as atividades se mostrou fundamental.

Mídias Sociais

Atualmente, é indiscutível o alcance da internet e suas inúmeras possibilidades de utilização. Diante disso, encontra-se nas mídias sociais uma maneira de difundir experiências e métodos, tornando possível que estes sejam tomados como base e inspiração para que, em diversas regiões do país, os educadores e profissionais da saúde enxerguem nas crianças uma forma rica de promover saúde, para que estas influenciem seus lares hoje e se tornem adultos conscientes amanhã.

Foi criada uma página no Facebook chamada “Projeto Coraçõezinhos de Baependi”, onde as visitas às escolas foram divulgadas, disponibilizando-se o material didático utilizado, o teatro e a música de todos os encontros. Além disso, através da página, é possível conhecer mais sobre o Projeto e entrar em contato com os organizadores, tornando-se uma forma de divulgação e aproximação com os interessados em reproduzir e/ou colaborar com o trabalho.

Outra maneira de difundir o Projeto é através de um canal no Youtube, chamado “Coraçõezinhos de Baependi”, onde são colocados vídeos das apresentações e depoimentos de responsáveis das crianças que participaram do Projeto, um importante feedback para análise dos resultados quanto ao alcance dos objetivos do trabalho proposto.

Resultados

O objetivo inicial mais importante do Projeto era tornar as crianças mais cientes de sua saúde, incitar a curiosidade e a busca pelo conhecimento e fazê-las participar desse processo, para que este fosse significativo. No último encontro realizado, foi visível a evolução quanto à participação dos alunos, ao interesse e à compreensão dos temas. Além da observação feita pelos integrantes do Coraçõezinhos, os professores e pais também relataram um maior envolvimento das crianças de todas as idades e que, em algumas faixas etárias, houve inclusive curiosidade a respeito de como era um laboratório, o que os cientistas faziam e outras questões relacionadas a ciências.

Pais e familiares também deram depoimentos (disponibilizados na página do projeto no Youtube), dizendo que as crianças contavam o que aprenderam no Projeto naquele dia, comentavam e explicavam a respeito de boas práticas em saúde, como ocorriam certas doenças e como o corpo funcionava. Ao fazer isso, a abrangência do trabalho desenvolvido no Coraçõezinhos de Baependi foi maior porque, além dos filhos, os pais, irmãos e avós também aprenderam mais. Em relação à alimentação saudável, a interação aluno-família foi mais importante ainda. Mesmo que os adultos já soubessem

a importância de se comer bem, quando seus filhos os advertiam sobre qual alimento faz bem ou mal, o sentimento de ser exemplo para aquela criança teve maior impacto na prática que somente o conhecimento prévio dos pais.

Surpreendentemente, ao contrário do impacto que o Projeto teve sobre a família (que era esperado e inclusive pautava um dos objetivos), as escolas também foram afetadas positivamente. Das quatro instituições visitadas, todas foram receptivas e cederam horário, local e algumas vezes até materiais no intuito de chamar mais a atenção dos alunos, mas uma, em especial, abraçou o Projeto de forma jamais esperada.

A escola municipal Senador Alfredo Catão preparou murais sobre os temas dos encontros e aprofundou mais os assuntos tratados, estendendo a discussão para a sala de aula e, por isso, temáticas relacionadas à saúde estiveram mais presentes no dia a dia dos alunos. Isso ocorreu também nos outros colégios visitados, em que os professores e alunos se atentavam para o que era discutido no Projeto e uma semente era plantada para que esses assuntos também fossem abordados na grade curricular. Assim, além da vantagem de reunir mais facilmente os participantes no ambiente escolar, o benefício de dar enfoque para práticas saudáveis aumenta a importância de realizar o Projeto em escolas.

Conclusões

A introdução ainda na infância de conhecimento em saúde mostra-se eficaz na promoção de autocuidado e prevenção de morbidades. Diante disso, atividades voltadas para crianças em idade escolar possuem muita importância na construção de uma sociedade que reflita mais sobre maneiras saudáveis de vida e, a longo prazo, que transforme estas ideias em mudança de hábito.

O Projeto “Coraçãozinhas de Baependi” mostrou como as escolas são terrenos férteis para a disseminação de conceitos de saúde para seus alunos e, por consequência, para as famílias de um modo geral. Dessa maneira, foi possível notar que os objetivos foram alcançados, já que, através dos métodos utilizados, as crianças aprenderam sobre os diversos assuntos e adquiriram informações de qualidade que podem ser passadas adiante, formando, assim, uma rede de conhecimento.

É importante, portanto, que mais projetos de extensão voltados para a educação de crianças em saúde sejam realizados, conscientizando pais, responsáveis, professores e as crianças sobre estilo de vida e hábitos saudáveis.

Referências

BANDEIRA, E. M. **A música como instrumento facilitador da aprendizagem:** uma aplicação prática no ensino fundamental da escola Benjamin Sodré. 2008. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Português e Inglês) – Faculdade Sete de Setembro (FASETE), Paulo Afonso – BA, 2008.

CYRINO, E. G.; PEREIRA, M.L.T. Reflexões sobre uma proposta de integração saúde-escola: o projeto saúde e educação de Botucatu, São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, v. 15, p. S39-S44, 1999.

DIBA, D.; D'OLIVEIRA, A.F. Teatro e comunidade, juventude e apoio social: atores da promoção da saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1353-1362, mai. 2015.

GONÇALVES, F. D. et al. Health promotion in primary school. **Interface – Comunic. Saúde Educ.**, v.12, n.24, p.181-92, jan./mar. 2008.

MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa. v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MENDONÇA. C. P.; ANJOS, L.A. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 698-709, mai./jun. 2004.

NASCIMENTO, A. S. et al. Teatro, Cultura e Saúde: experiência interdisciplinar com jovens do bairro Irmã Dulce, Santo Antônio de Jesus, Bahia. In: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, III.,Bahia, abr. 2012.

NAZIMA, T. J. et al. Orientação em saúde por meio do teatro: relato de experiência. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 147-51, 2008.

OLIVEIRA, C. L.; FISBERG, M. Obesidade na Infância e Adolescência- Uma Verdadeira Epidemia. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia**, v. 47, n. 2, abr. 2003.

OLIVEIRA, M. E.; STOULTZ, T. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010.

PELICIONE, M. C. F.; TORRES, A.L. **A escola promotora de saúde / Health promotingschool**. Série monográfica do Departamento de Prática de Saúde Pública, Eixo Promoção da Saúde, 12. São Paulo; USP/FSP/HSP; 1998. 14 p.

PIMENTA, A. P. A. A.; PALMA, A. Perfil epidemiológico da obesidade em crianças: relação entre televisão, atividade física e obesidade. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 9, n. 4, p. 19-24, out. 2001.

RONAVI, E. A. **Contribuição da Música na Psicopedagogia**. 2009. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.

VIEIRA, P. M. et al. O teatro como alternativa de se educar em saúde. **Texto & Contexto: Enfermagem**, v. 8, n. 1, p. 372-383, jan./abr., 1999.



Artigo recebido em:
07/03/2016
Aceito para publicação em:
17/05/2016

CRIAÇÃO DE CURTAS SOBRE ENGENHARIA CIVIL: A CIÊNCIA DO COTIDIANO

CREATING SHORT VIDEOS ABOUT CIVIL ENGINEERING: THE EVERYDAY SCIENCE

UFTM - MG - BRASIL

*Luciano Gobo Saraiva Leite***Camilla de Castro Vendramini Ferreira***

RESUMO

Este artigo apresenta o trabalho desenvolvido na chamada pública Projeto Forma Engenharia – CNPq/VALE S.A., visando o incentivo dos jovens para a engenharia. Por meio da produção de curtas, buscou-se produzir conteúdo para promover a divulgação científica da engenharia através da mídia. Os curtas produzidos ilustram conceitos de matemática, física e química, que ocorrem no dia a dia, em comparação com a aplicação desses fenômenos na área da Engenharia Civil. A equipe utilizou câmera de mão, softwares de animação e edição, e divulgação na internet. Ao todo, foram produzidos 10 vídeos, com uma linguagem de fácil assimilação para o público em geral. O número de acessos no site provou que este projeto é um meio eficiente e de baixo custo de divulgação científica, além de poder propiciar a participação dos discentes no processo de criação e de divulgação científica.

Palavras-chave: Divulgação científica; Integração universidade-escola; Mídias; Educação científica, Engenharia civil.

ABSTRACT

This study reports the project *Forma Engenharia - CNPq/VALE S.A.* which is aim to encourage young people to engineering career. It south to produce content to promote the popularization of engineering through the production of short videos that compares physics and chemistry concepts which occur in a daily basis to the phenomena that occur in Civil Engineering field. The videos were produced with hand-held camera, edited with animation and editing software, and disseminated through internet. In all, it was produced 10 videos in which the topics were demonstrated in a way that it is easily accessible to everyone. The number of access on the site proved that this project is an efficient and inexpensive means of scientific dissemination. Besides, it provides students an opportunity to take part in the creating process and in the scientific dissemination.

Keywords: Scientific dissemination; Integration university-school; Media; Science education; Civil engineering.

* Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), MG – Brasil. E-mail: Luciano@civil.uftm.edu.br

** Aluna de graduação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), MG – Brasil. E-mail: camilla.vendramini@hotmail.com

O crescimento econômico, deflagrado no Brasil nos últimos anos, foi fundamental para que vários projetos e investimentos fossem alavancados em praticamente todas as áreas e regiões do Brasil. Nesse contexto, as empresas sentiram dificuldade na contratação de mão de obra especializada, em especial engenheiros, pois o país vinha de uma grande recessão e estes profissionais mudaram de área ou de país, e também por este motivo não houve interesse dos jovens pelas carreiras na área de engenharia.

Buscando superar este quadro, a empresa VALE S.A. associou-se ao CPNq na elaboração de uma chamada pública, cuja intenção era incentivar os jovens do ensino médio a seguirem a carreira no ensino superior nas áreas de engenharia, o que ajudaria a minimizar a carência deste profissional no futuro. Esta chamada pública se chamou Edital 05/2012 Projeto Forma Engenharia- CNPq/VALE S.A. Uma das linhas de pesquisa deste edital era a divulgação científica, em rádio e televisão, das atividades profissionais dos engenheiros. A partir desta premissa, foi desenvolvido este trabalho, para a produção de vídeos de curta duração para a divulgação científica na área de Engenharia Civil, com a participação de docentes e discentes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM e também de docentes e discentes do ensino médio da Escola Estadual Frei Leopoldo del Castelnovo, ambos no município de Uberaba-MG.

A difusão científica (CAMARGO; BARBARÁ; BERTOLDO, 2008) se refere a todo o processo ou recurso utilizado para comunicar informações científicas e tecnológicas. Quando a difusão científica é dirigida ao grande público, denomina-se divulgação científica. A divulgação científica é apresentada, na maioria das vezes, por meio de mídias tais como materiais didáticos, folhetos de campanha de saúde, spots de rádio, vídeos, televisão e, ultimamente, internet, que tem sido um instrumento muito eficaz de disseminação e de divulgação da ciência. O material a ser produzido para a divulgação científica deve possuir uma linguagem mais popular, para que o público, que não é especialista na área, possa assimilar com facilidade a mensagem transmitida.

Para se alcançar o sucesso na divulgação científica, é necessário – a priori – que a mídia a ser utilizada “prenda” a atenção do público-alvo. Uma das ferramentas mais poderosas é a imagem, pois como já dizia Confúcio, “uma imagem vale por mil palavras”; o vídeo nada mais é do que uma repetição de imagens que conta com a inserção de áudio, o que facilita bastante o entendimento da mensagem a ser divulgada. Uma produção audiovisual é altamente atraente para as pessoas, pois como diz Marília Franco (1997), “*O bom é ver, esperar (sic). E definitivamente o prazer de ver/louvir é a grande mágica sedutora das linguagens audiovisuais*”.

Com a utilização dos vídeos, pode-se aliar a divulgação científica ao entretenimento, fórmula muito utilizada em programas de divulgação científica da TV paga (NUNES, 2006), pois estes programas devem gerar lucro para se manter e a divulgação científica por si só não atrairia público suficiente para este fim. Os programas de divulgação científica da TV paga fazem com que as pessoas possam assistir a um vídeo em seu lugar preferido, fora do horário de trabalho, como uma diversão. A linguagem a ser utilizada nos vídeos de divulgação científica pela TV deve ser a mais simples possível, para que o público com baixa escolaridade entenda os conceitos científicos neles ilustrados.

Entretanto, muitas simplificações devem ser feitas, porém alguns conceitos científicos podem ser transmitidos de forma equivocada. Por outro lado, se for observado todo o rigor científico, não há tempo hábil para se transmitir a mensagem, a qual se torna muito complexa, podendo não atrair a atenção do público. A mensagem a ser transmitida em vídeo deve possuir um embasamento científico geral, de forma simples, sem se ater a preciosismos exigidos em cada caso.

A divulgação científica na TV aberta no Brasil teve início no ano de 1979, com o programa Nossa Ciência, idealizado pela TV Educativa do Rio de Janeiro, onde foram produzidos dez programas veiculados no horário nobre da sexta-feira (JURBERG, 2001). A abordagem utilizada correspondia a uma linguagem científica, pouco acessível a um público mais amplo, pois o formato era de uma mesa redonda

onde vários especialistas de uma determinada área discutiam os temas pertinentes, mas com uma linguagem acadêmica, usando termos científicos desconhecidos pelo público em geral.

No início dos anos 1980, houve um *boom* de programas de divulgação científica na TV aberta, como *Estação Ciência* (Manchete), *Academia Amazônia* (TV Cultura), *Tome Ciência*, *Eco Realidade* (Fundação Roquete Pinto), *Universidade e Paidéia* (TV Educativa) e *Globo Ciência* (TV Globo). O programa Globo Ciência é o único exibido até hoje e a formatação de sua programação apresenta uma grande exibição de imagens, possuindo uma linguagem mais popular, direcionada a desde um público não escolarizado até a comunidade científica e setores empresariais, embora a grande audiência do programa seja de adolescentes.

Na década atual, a produção de vídeos deixou de ser uma exclusividade das grandes redes de televisão, graças à diminuição do preço e da alta qualidade das imagens produzidas pelas câmeras portáteis e *smartphones*. Graças a esta inovação tecnológica, várias pessoas podem produzir vídeos de boa qualidade e distribuí-los pela internet, em sites de divulgação gratuitos, como o youtube.com (YOUTUBE, 2005), atingindo a milhares de pessoas em uma escala global. Este recurso começa a ser utilizado também pelas escolas do ensino médio (TOLEDO, 2015), como forma de melhorar o aprendizado dos alunos e também para divulgação científica.

Metodologia

A equipe era composta por um professor do curso de Engenharia Civil, coordenador do projeto, uma docente do ensino médio que coordenava as atividades dos alunos do ensino médio, dois alunos bolsistas de curso superior e quatro alunos bolsistas do ensino médio, sendo todos esses alunos responsáveis pela produção e edição dos vídeos.

Para a divulgação de atividades da área de engenharia civil, optou-se por pequenos vídeos, denominados “curtas”, que foram produzidos com recursos tecnológicos de fácil acesso, adotando-se uma linguagem simples, mas com rigor científico, para que o público em geral entendesse a mensagem que se desejava transmitir. Os vídeos deveriam ter a duração entre um e três minutos, de modo que possam ser inseridos em intervalos da programação de TV e também não entediarem o espectador.

A confecção de cada um dos curtas foi dividida em duas partes: a) a primeira parte diz respeito à escolha da temática, que foi definida a partir da observação de atividades cotidianas ou situações comuns às pessoas e de como tais ocorrências estão correlacionadas a atividades de engenharia civil, dando pistas sobre a relação entre a atividade cotidiana e a profissional. A partir dessa contextualização, era lançada a questão: “- O que há de comum entre as duas atividades?”; b) na segunda parte, desenvolveu-se a explicação científica (física, química ou matemática) das atividades, correlacionando-se o que havia em comum. A ideia central foi a de mostrar, de forma muito didática, clara e acessível, que os conhecimentos físicos, químicos e matemáticos existentes em atividades corriqueiras seguem os mesmos princípios de quando utilizados para os grandes trabalhos no campo da engenharia civil.

Os vídeos foram produzidos de forma simples e, por esta razão, optou-se por utilizar uma câmera de mão, pois é de fácil manuseio, produz imagens com uma resolução

muito boa, e também os vídeos produzidos poderiam ser facilmente editados em um computador pessoal.

O objetivo deste trabalho foi o de produzir curtas que ilustram as relações entre as atividades de engenharia civil com as atividades do cotidiano das pessoas, no intuito de incentivar os jovens a seguirem a profissão de engenharia civil e também informar ao público em geral que muito das atividades de engenharia civil e do cotidiano podem ser explicados de uma maneira simples, direta e atraente.

O roteiro da produção dos vídeos seguiu as seguintes etapas:

Escolha dos temas

Em reuniões semanais, era apresentada a ideia do próximo vídeo, sendo que os temas deveriam tratar de atividades rotineiras das pessoas e descrever sob a ótica da física, química ou matemática o que estava acontecendo com este processo. Discutia-se sobre a maneira mais simples e didática de apresentar a temática escolhida, considerando-se como possibilidades filmes ou animações gráficas, utilizando-se de uma linguagem simples e acessível, descartando-se recorrer a termos técnicos muito complicados.

O conhecimento científico apresentado nos vídeos deveria ser de fácil entendimento para qualquer pessoa, mesmo com uma escolarização mínima (ensino básico). Outro fator considerado foi a necessidade de ilustrar construções de engenharia civil, como barragens, pontes, fundações e grandes edificações, para incentivar principalmente os jovens do ensino médio a seguirem a carreira de engenharia civil.

Nesta fase, era elaborado todo o planejamento acerca dos recursos que deveriam ser utilizados na produção do vídeo, que na sequência deveriam ser providenciados pela equipe; eles dizem respeito aos materiais, à definição dos locais da filmagem e ao detalhamento de toda a atividade, bem como da necessidade da utilização de animações gráficas para a produção e edição do vídeo.

Produção dos vídeos

Com todo o roteiro detalhado, a equipe iniciava a produção dos vídeos. Algumas atividades eram filmadas e aconteciam no laboratório de ciências da Escola Estadual Frei Leopoldo, onde os atores eram os próprios alunos da escola. Outras imagens, como obras de edificações, fundações e pontes eram filmadas externamente, e, ainda, algumas eram feitas nos laboratórios do curso de Engenharia Civil da UFTM.

Por se tratar de imagens em que seria necessário inserir gráficos para elucidar eventos físicos, algumas atividades foram executadas por animações gráficas, sendo utilizado um software específico para esta atividade. Dentre os softwares procurados, alguns não possuíam licença livre e foram descartados por não haver previsão de compra de licença na proposta enviada ao CNPq; outros softwares livres não atendiam em termos de qualidade para a produção dos vídeos, pois possuíam falhas na animação e alguns produziam apenas imagens em 2D.

Dessa forma, o software escolhido foi o BLENDER (BLENDER, 2013), pela razão de ter licença de uso gratuito, produzir excelentes imagens tridimensionais e também possuir uma gama muito variada de recursos de animação gráfica, como linha de tempo bem definida, ótima renderização de imagens, em especial na criação e movimentação de fluídos, modelagem de explosões, dentre outros. O único inconveniente deste software deveu-se ao fato de estar escrito na língua inglesa, o que acarretou, para os alunos do ensino

médio, certa dificuldade. Também por ser um software livre, a operação das atividades se processa por métodos diferentes dos tradicionais (os comandos são executados por teclado e não por mouse), o que retardou a produção das animações gráficas, gerando um atraso na montagem dos vídeos.

Nos softwares de animação, a utilização de bibliografia tradicional de livros e tutoriais é de pouca ajuda, pois as animações são dinâmicas e apresenta várias fases. Para este Projeto, foram utilizados tutoriais de vídeos do site youtube.com, que mostram o “passo a passo” de cada processo de animação. O site mais visualizado foi o da autora Poggueti (2015).

Estando os vídeos prontos, foram gravados os áudios – que seriam posteriormente inseridos nos filmes – em notebooks e smartphones dos membros da equipe, em formato MP3, escolhido pela facilidade da inserção e edição de áudios nos vídeos.

A última etapa na produção dos vídeos foi a montagem final dos filmes, das animações gráficas e do áudio. O software escolhido para esta montagem foi o MOVEMAKER (MOVEMAKER, 2013), de propriedade da Microsoft e que está disponível nos sistemas operacionais Windows 7. Este software possui interface gráfica bastante amigável e já é bem conhecido dos alunos do ensino médio, portanto, não houve grandes problemas na edição dos vídeos. Esta fase de edição é muito parecida com a edição de filmes tradicionais, onde partes dos filmes são cortadas e há inserção de outras partes (filmagens ou animações gráficas). Também há como sincronizar o áudio com as animações gráficas e também inserir legendas e os créditos da equipe.

Resultados

No total, foram produzidos dez vídeos com tempo entre 1:12 a 3:14 minutos, que retrataram as mais variadas áreas da engenharia civil, como estruturas, fundações, geotecnia, hidráulica e construção civil, relacionando-as com atividades do dia a dia das pessoas. Para ilustrar o produto final do trabalho, são apresentadas algumas das cenas principais do segundo e do quarto vídeos produzidos e, também, uma breve descrição do roteiro destes vídeos.

1 Vídeo: Atrito

Neste vídeo, são ilustrados os princípios físicos que explicam como um prego cravado adere em um pedaço de madeira e como as fundações de estacas interagem com o solo para suportar o peso de grandes edificações. Na primeira parte do vídeo, é ilustrada uma situação bastante comum e rotineira em um canteiro de obras, que é a cena de um operário cravando um prego em um pedaço de madeira, com o auxílio de um martelo (Figura 1).

Figura 1 – Operário da construção civil pregando um prego



Fonte: Autor

Em sequência, é executado um corte brusco no vídeo e é apresentada outra atividade de Engenharia Civil, onde aparece um bate-estaca cravando uma estaca de fundação no solo (Figura 2).

Figura 2 – Cravação de estaca com auxílio de um bate-estaca

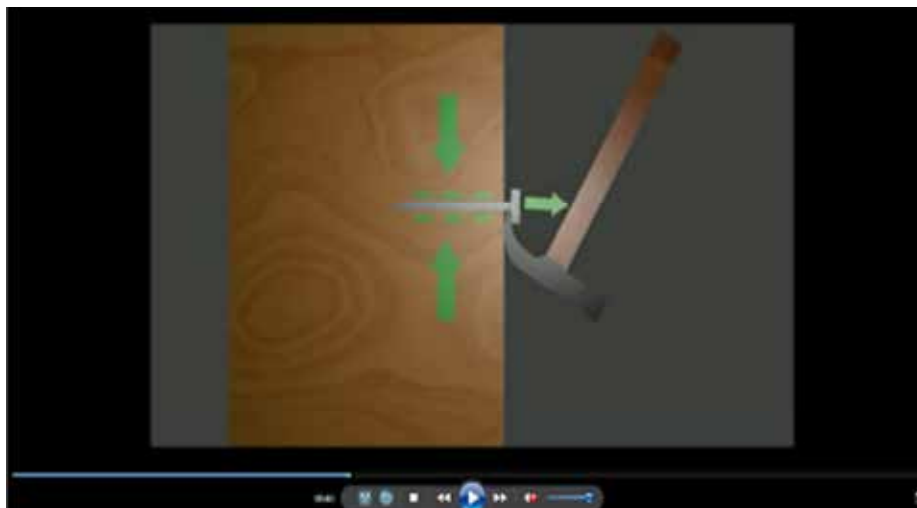


Fonte: Autor

Em seguida, é feito o seguinte questionamento na forma de áudio: - O que há de comum entre um prego e uma estaca de fundação?

Na segunda fase do vídeo, é ilustrado o princípio físico das duas atividades e feita a correlação entre elas. A Figura 3 ilustra o desenvolvimento do atrito lateral entre o prego e a madeira, que é a força que faz com que o prego se prenda a madeira, impedindo sua remoção.

Figura 3 – Vetores ilustrando o atrito lateral entre o prego e a madeira

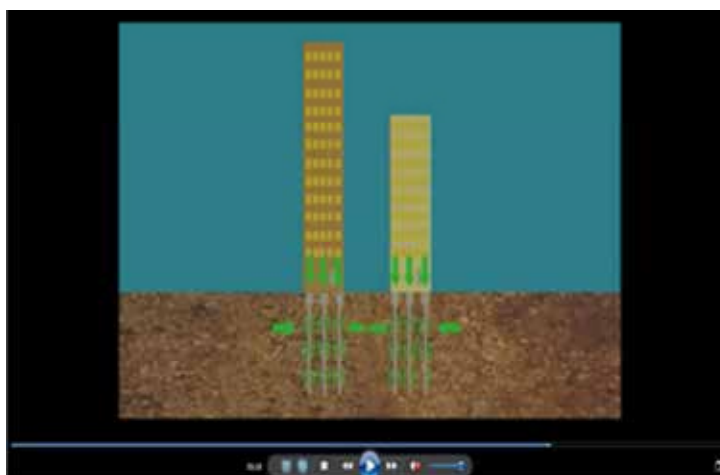


Fonte: Autor

Nesta fase, foram feitas animações gráficas, onde foi mostrado o atrito lateral entre o prego e a madeira na forma de vetores (setas). A movimentação da animação foi importante para ilustrar como se dá a perda do atrito entre os materiais. Para os alunos do Projeto, este conceito foi explicado utilizando-se uma bibliografia utilizada por eles, ou seja, uma apostila do ensino médio (MEDEIROS; BARBOSA, 2015).

Já na Figura 4, é ilustrado o desenvolvimento do atrito lateral entre o solo e a estaca, que faz com que esta fundação sustente a edificação acima, utilizando para esta explicação uma bibliografia específica para o curso de Engenharia Civil (BOWLES, 2001). Nesta animação, é frisado que é a pressão lateral do solo que faz com que surja o atrito entre o solo e a estaca, mostrando o que acontece de forma análoga à animação vista anteriormente do prego em relação à madeira.

Figura 4 – Desenvolvimento do atrito lateral entre solo e estaca



Fonte: Autor

Conclui-se, analisando a Figura 3 e a Figura 4, que o princípio físico entre as duas atividades é o mesmo. Toda essa sequência é explicada no vídeo, detalhadamente e com uma linguagem simples, acessível ao público em geral.

2 Vídeo: o caminho das águas

Neste vídeo, foi feita uma analogia entre a infiltração de água em uma simples esponja de lavar louça e a infiltração da água da chuva no solo. O conceito físico aqui ilustrado será a percolação da água entre os vazios existentes na esponja e também no solo, que se dá pelo processo chamado de capilaridade. A primeira parte do vídeo mostra uma pessoa molhando uma esponja e depois a apertando para a água escorrer (Figura 5).

Figura – 5 – Pessoa apertando uma esponja para a água escorrer



Fonte: Autor

Ao mesmo tempo, é feito um corte no vídeo onde aparece uma mina d'água (Figura 6) e é feita a seguinte pergunta: - O que há em comum entre uma simples esponja de lavar louça e uma mina d'água?

Figura 6 – Mina d'água



Fonte: Autor

Na segunda fase do vídeo, é mostrada a animação gráfica que explica fisicamente o processo da esponja, informando que, quando a esponja foi molhada, alguns poros ficam cheios de água e outros não. Mas quando a pessoa aperta a esponja, os poros se juntam, diminuindo o espaço ocupado pela água, o que faz com que a água esorra entre os poros (Figura 7), e pela ação da gravidade começa a escorrer da esponja. Nesta fase, há a presença de um áudio que explica todo o processo.

Figura 7 – Água escorrendo dos poros de uma esponja após a contração da mesma



Fonte: Autor

Por último, é ilustrado um perfil de solo onde há uma chuva (Figura 8), situação análoga à primeira cena, onde uma pessoa está molhando a esponja.

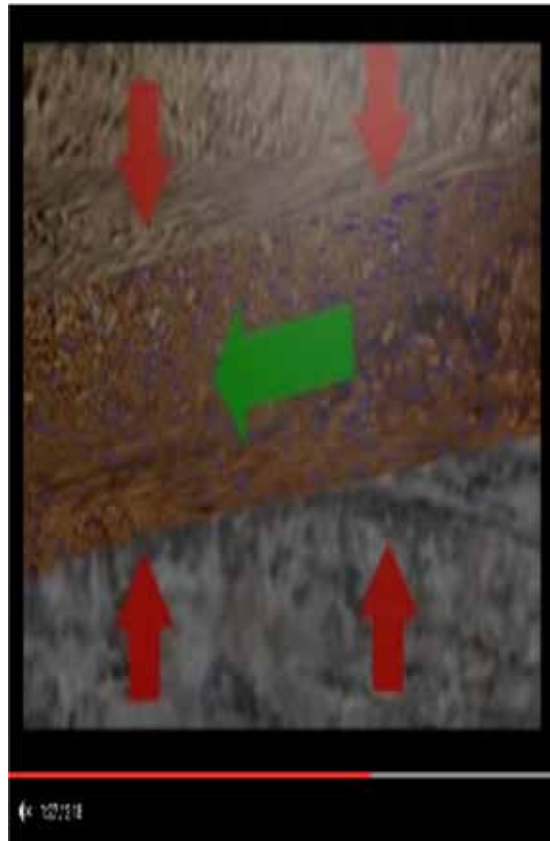
Figura 8 – Água da chuva infiltrando no solo



Fonte: Autor

É ilustrado no vídeo o processo em que a água da chuva infiltra no solo e é contida por uma camada impermeável de rocha, ficando na camada permeável (a camada do meio entre as três camadas mostradas no vídeo) (Figura 9).

Figura 9 – Percolação de água no solo



Fonte: Autor

Pela pressão exercida pelo solo superior à camada permeável e também pela impossibilidade de haver infiltração na rocha, o que é demonstrado pelas setas vermelhas, o solo se comprime e expulsa a água de seus poros que, pela ação da gravidade, escorre para pontos mais baixos do terreno (setas verdes). Onde houver uma exposição destas camadas com a atmosfera, essa água escorrerá para fora, dando origem às minas d'água, em um processo análogo ao de uma pessoa apertar a esponja. Todo este processo é explicado em áudio no vídeo, em uma linguagem simples e de fácil assimilação para o público em geral.

Divulgação

Os vídeos produzidos foram armazenados para serem posteriormente divulgados. Inicialmente, como descrito na proposta inicial, os vídeos deveriam ser divulgados nos intervalos da TV aberta, em especial da TV Universitária de Uberaba, a qual é mantida pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Entrando em contato com os diretores de programação, foi-nos informado que tal inserção na programação era paga, como acontece em toda a TV aberta, pois toda a programação televisiva da TV aberta é mantida através de propaganda paga. Havia um edital de fluxo contínuo na Universidade

para financiar tais atividades, mas não atendia ao Projeto, pois os vídeos necessitavam de inserções constantes e o edital financiava uma ou poucas inserções.

A solução encontrada foi a divulgação na Internet, já que é uma mídia muito desenvolvida e bastante acessível à grande camada da população, tanto em computadores como em aparelhos móveis, como smartphones e tablets, pois como indica a pesquisa sobre a proporção de domicílios com acesso a internet no Brasil, feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da sociedade de Informação – (CETIB, 2014), 54% dos lares brasileiros possuem acesso a internet. O canal escolhido foi o youtube.com, que já é certamente o canal de vídeo de divulgação gratuito mais conhecido no mundo. Foi aberto um canal onde foram publicados os dez vídeos produzidos. O endereço dos vídeos está descrito a seguir:

TÍTULO	Tempo em min.	LINK	Visitas*
1- Casamento Perfeito (Concreto armado)**	3:04	https://www.youtube.com/watch?v=SXT7TpDv1s8	308
2- Lego (Estrutura pré-fabricada)	1:52	https://www.youtube.com/watch?v=XsuTpqvNyOM	40
3- Atrito	1:54	https://www.youtube.com/watch?v=FawmAuoON70	945
4- Conhecendo o que não se vê (Sondagem do subsolo)	3:27	https://www.youtube.com/watch?v=T02q0DymLWI	799
5- Distribuição de peso (Fundações rasas)	1:34	https://www.youtube.com/watch?v=8pE_lqMewkU	357
6- De um copo d'água aos grandes rios (Fundações profundas)	2:17	https://www.youtube.com/watch?v=xRCgL3FRnSg	30.888
7- A receita (Materiais de construção civil)	1:12	www.youtube.com/watch?v=-l7OyR8VeNY	1.071
8- O caminho das águas (Hidráulica)	2:19	www.youtube.com/watch?v=5LcDMKFIL8I	2.710
9- Do cafezinho à energia elétrica (Hidráulica e geotecnia)	2:03	https://www.youtube.com/watch?v=w0-TotITZyU	4.011
10- Fadiga (pontes)	3:14	https://www.youtube.com/watch?v=APPX_irGEpM	601

Nota: visitas entre os dias 24/05/2015 até o dia 23/03/2016. ** Em parênteses, as áreas correlatas de Engenharia Civil mostradas nos vídeos.

Conclusão

A ideia principal deste trabalho foi a produção de vídeos que ilustram, de forma simples e didática, os conhecimentos científicos inclusos nas atividades cotidianas das pessoas e sua relação com atividades desenvolvidas no campo da engenharia civil, tornando atraente para o público. O formato de curta foi escolhido por não ocupar tanto tempo de espectador.

Os vídeos são de fácil entendimento para o público em geral, pois apresentaram uma linguagem simples, do dia a dia das pessoas, utilizando expressões linguísticas populares. A linguagem científica adotada segue os padrões de canais televisivos de divulgação científica da TV paga, com farta ilustração gráfica para explicar cientificamente os eventos

ilustrados. Este efeito foi conseguido graças aos poderosos recursos do software *blender*. As filmagens foram feitas como um vídeo amador, com equipamentos de baixo custo e de alta eficiência e qualidade, pelos próprios alunos.

A forma de divulgação escolhida foi a de hospedar todo o material produzido no site youtube.com, que apresenta, além da gratuidade de acesso, um canal de diálogo com o público. Este site é referência mundial na disseminação de vídeos caseiros e conhecido de todos os internautas, o que faz com que seja visualizado por um grande número de pessoas. No período compreendido entre os dias 24/05/2015 e 23/03/2016, 41.730 pessoas já visualizaram os vídeos, o que atesta a sua boa aceitação.

Em suma, os vídeos atingiram o objetivo proposto pelo Projeto, que foi a divulgação de atividades de Engenharia Civil para o público, em especial para jovens do ensino médio, neste caso para incentivar o ingresso nos cursos de Engenharia Civil

Este projeto mostrou que é possível que os alunos produzam, podendo ser feitas até com smartphones e editados em softwares livres em microcomputadores. Com estes recursos, é possível a produção de vídeos sobre as mais variadas matérias do ensino médio, como matemática, física, geografia e português, sendo atrativo para os jovens do ensino médio, que já produzem vídeos e os publicam na Internet.

O software *blender* se mostrou muito trabalhoso de se operar, por razão de seus comandos estarem escritos na língua inglesa, mas esta dificuldade pode ser utilizada principalmente como um desafio de atividades das disciplinas da língua inglesa. As escolas de ensino médio poderiam oferecer mini-cursos ou atividades de montagem de animações gráficas, nos quais os jovens têm grande interesse.

O canal de divulgação youtube.com poderia ser mais utilizado pelas escolas, com a criação de um canal próprio para veicular atividades escolares, além de material didático produzido internamente por meio de vídeo aulas, animações e outras atividades didáticas.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq e a VALE S.A. (Chamada pública Edital 05/2012 Projeto Forma Engenharia - CNPq/VALE S.A.) e a CAPES (Programa Jovens Talentos) pelo auxílio financeiro na execução do projeto.

Referências

BARROS, H. L. A cidade e a ciência. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Eds.). **Ciência e público**: Caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. p. 25-42.

BLENDER Software de criação de animações gráficas no espaço tridimensional. **Blender Foundation, Germany**. Software. Disponível em: <<https://www.blender.org/about/>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

BOWLES, J. **Foundation analysis and design**. McGraw Hill. 5th Edition. New York, 2001.

CAMARGO, B. V.; BARBARÁ, A.; BERTOLDO, R. B. A influência de vídeos documentários na divulgação científica de conhecimento sobre a Aids. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 2, 2008.

CETIB Tic **Domicílios e Usuários 2014, A4**- Proporção de domicílios com acesso a Internet, 2014. Disponível em: <www.cetic.br/usuarios/2014/total-brasil/A4/>. Acesso em: 23 mar. 2016.

FRANCO, M. Linguagens audiovisuais e cidadania. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 9, p. 32-55, 1997.

JURBERG, C. Ciência na TV: um erro histórico. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, XXIV, Campo Grande /MS, set. 2001.

MEDEIROS, A. F.; BARBOSA, C. G. **Física**: O movimento e suas causas. Módulo 2. São Paulo: Editora FTD, ano. pp. 13-15.

MOVEMAKER, Software de edição gráfica. Edita filmes com a inclusão de filmes, animações e áudio. **MICROSOFT**. Software. Acesso em: 02 nov. 2013.

NUNES, C. Ciência e TV, a união possível e desejável. **Cienc. e Cult.**, 2006. v. 58, n.4, p. 10-11, 2006.

POGGUETI, I. **Curso de Blender**. Disponível em: <http://www.equilibrecursos.net/>. Acesso em: 12 jan-12 dez 2013.

TOLEDO, L. F. Luz câmera e ação: ficção do cinema vira realidade na escola. **Jornal O Estado de São Paulo**, 2015, São Paulo – SP. Edição 06/09/2015.

YOUTUBE, Apresenta vídeos na internet gratuitamente dos mais variados campos da cultura. **Google 2005-2016**. Software. Disponível em: www.youtube.com. Acesso em: 27 nov. 2014.



Artigo recebido em:
13/04/2016
Aceito para publicação em:
20/06/2016

A TEMÁTICA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA EXTENSÃO E PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA

THE SUBJECT OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS IN OUTREACH ACTIVITIES AND ACADEMIC EDUCATION

*Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira Silva**

*Camila Isabel Cruz Souza***

*Andrea Donatti Gallassi****

RESUMO

A atividade de extensão integra ensino, extensão e pesquisa. Este estudo descreve as atividades de extensão sobre álcool e outras drogas desenvolvidas pelas instituições públicas de ensino superior, refletindo sobre a importância de incluir temáticas atuais e transversais nas áreas da saúde, como as drogas e vulnerabilidades associadas. É parte integrante do Programa de Extensão Centro de Referências sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas, por meio do Projeto de Extensão Roda de Debate sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas, o qual estimula o debate sobre a problemáticas das drogas e as vulnerabilidades associadas com profissionais de saúde. Utilizou como método o estudo descritivo de projetos de extensão. Os dados apresentaram que há muitos investimentos de formação para profissionais da rede intersetorial, como resposta ao investimento público, e uma limitação no ensino superior, no cotidiano acadêmico. É relevante a utilização das atividades de extensão sobre a temática das drogas, junto aos discentes, para uma formação reflexiva e crítica.

Palavras-chave: Extensão universitária; álcool e outras drogas; formação acadêmica.

ABSTRACT

The outreach activity involves teaching, outreach and research. This study aims to reports the outreach activities conducted by public institutions of higher education on the subject of alcohol and other drugs. It also reflects on the importance of including current and cross-cutting issues in the areas of health, such as drugs and associated vulnerabilities. It is part of the outreach program Center of Excellence in Drugs and Associated Vulnerabilities (*Centro de Referências sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas*) through the outreach project Group of Discussion (*Roda de Debates*) which aims to encourage debate on issues related to drugs and vulnerabilities associated with health professionals. As method, it was used the descriptive

* Professora da Universidade de Brasília (UnB), DF - Brasil. E-mail: malchersilva@unb.br

** Aluna de graduação da Universidade de Brasília (UnB), DF - Brasil. E-mail: camilaisa.95@gmail.com

*** Professora da Universidade de Brasília (UnB), DF - Brasil. E-mail: andrea.gallassi@gmail.com

study of outreach projects. The data show that the training of professionals of intersectoral network is larger due public investments and that there are limitations to the higher education system on daily basis. It should be noted the relevance of developing outreach activities on the subject of drugs with students from universities in order to promote reflexive and critical learning.

Keywords: Outreach; Alcohol and other drugs; Academic education.

Introdução

De acordo com Lobato, Abranches e Rodrigues (2012), a atividade de extensão nas Instituições de Ensino Superior (IES) é considerada como um resultado do processo social iniciado na década de 1930 e que, até a década de 1960, gerava aos discentes apenas um espaço de aprendizagem, como uma forma de atualização. Com a criação da Lei da Reforma Universitária, em 1968, foi incluída a indissociabilidade entre ensino e pesquisa nas IES, o que gerou o desenvolvimento de assistência à população, mas também o estímulo ao processo formativo acadêmico.

Entretanto, foi somente na década de 1980, por meio do I Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas – FORPROEX, que foi criada a Política Nacional de Extensão Universitária, a qual incluiu a extensão como um espaço de reflexão crítica, que deveria colaborar para clarear o conhecimento e o agir da Universidade, em consonância à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Assim, a LDB institui que as universidades forneçam ensino, pesquisa e extensão, por meio dos princípios da indissociabilidade, tornando obrigatória a sua inclusão nos projetos políticos-pedagógicos dos cursos, tendo como desafio a inserção dessa lógica nas grades curriculares.

Processualmente, a atividade de extensão neste formato vem ganhando notoriedade, como uma atividade presente no cotidiano dos universitários e que busca, cada vez mais, uma relação ensino serviço e um processo reflexivo. (RIBEIRO, 2009).

Segundo o Projeto Político-Pedagógico Institucional – PPPI da Universidade de Brasília – UnB (BRASÍLIA, 2011, p. 36), a extensão universitária “deve desenvolver troca de saberes, relação dialógica que possibilite o empoderamento mútuo da sociedade e da universidade”, permitindo que os acadêmicos busquem construir a formação de acordo com suas afinidades e interesses.

A associação entre ensino, pesquisa e extensão, bem vinculada nas atividades acadêmicas, acarreta mudanças relevantes nos processos de ensino e aprendizagem, contribuindo de forma ativa para a formação profissional de discentes e docentes, fortalecendo as habilidades e competências para o ensinamento de contextos relacionados às práticas profissionais (RODRIGUES, 2011). Neste sentido, possibilita a produção de espaço de interação ensino serviço, mas também desenvolve conhecimento sobre temáticas atuais, como a problemática do consumo de álcool e outras drogas e as vulnerabilidades associadas a esse consumo.

Para Assis e Bonifácio (2011), durante a formação acadêmica, o discente deve assimilar o conhecimento não somente na sala de aula, mas também por meio de sua participação em projetos de extensão, onde terá contato com a comunidade e com a pesquisa científica, promovendo uma formação ampla.

Na formação superior em saúde, mudanças históricas e significativas, ao longo dos tempos, ocorreram para responder ao paradigma do cuidado e nas políticas públicas inovadoras, como o Sistema Único de Saúde (SUS), a Política de Saúde Mental e a Política Nacional sobre Drogas. Esse processo modificou a forma do entendimento sobre o ser humano e sobre a relação saúde-doença, acarretando mudanças na formação dos profissionais de saúde.

A Reforma Psiquiátrica (Lei 10.216 GM/MS de 2002) foi uma das transformações ocorridas no campo da saúde mental, álcool e outras drogas, o que incitou mudanças nas habilidades e competências nos cursos de saúde (BRASIL, 2002).

Outro fato importante foi o Programa Crack é Possível Vencer, implantado em 2011 pelo Ministério da Justiça, em parceria com outros Ministérios, com recursos focados em três eixos de atuação: cuidado, autoridade e prevenção. Os objetivos eram: estruturar a rede de atenção no cuidado do uso problemático de álcool e outras drogas e seus familiares; reprimir o tráfico, o crime organizado e garantir a segurança pública; fortalecer o vínculo familiar e comunitário; reduzir os fatores de risco associados ao uso de drogas; e capacitar a rede de atenção para oferecer um melhor cuidado junto àqueles que dele necessitam (BRASIL, 2013).

Este Plano incentivou os diversos serviços intersetoriais, mas também colocou as IES como protagonistas na formação continuada e permanente dos profissionais, por meio dos Centros Regionais de Referências (CRR), em parceria com as instituições públicas de ensino superior. Assim, passou a desenvolver ações presenciais de educação permanente sobre a temática das drogas para os profissionais que compõem a rede integrada de atenção, composta pelas instituições de saúde, de assistência social, de educação, segurança pública, Ministério Público, Poder Judiciário, instituições que compõem o Sistema Nacional de Socioeducação (SINASE) – que atendem adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa – como também para mapear e articular os diferentes setores que atuam na abordagem desta população. (BRASIL, 2012).

Nos CRRs, o processo formativo possibilitou que as IES ampliassem suas ações de extensão e pesquisa, favorecendo a indissociabilidade ensino, extensão e pesquisa instituído pela política de educação superior e pelas diretrizes curriculares para os cursos de saúde.

É importante destacar que, no Plano de Reestruturação Universitária (REUNI), as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação (DCNS) são consideradas estratégias para mudanças dos projetos político-pedagógicos dos cursos e, dessa forma, para delinear um perfil de habilidades e competências profissionais que respondam às necessidades instituídas nos parâmetros das políticas públicas, como a de drogas.

Barros, Santos, Mazoni, Dantas e Ferigolo (2008) ressaltam que a expansão, a diversidade e a complexidade problemática com o consumo abusivo de álcool e outras drogas e os modelos de cuidados inovadores incitam a necessidade de se estudar essa temática no cotidiano acadêmico, na forma que contemple o paradigma do modelo psicossocial, que vislumbre o sujeito, a substância usada e o contexto do consumo.

Nesse cenário, este estudo teve como objetivo descrever as atividades de extensão sobre álcool e outras drogas desenvolvidas pelas IES, refletindo sobre os investimentos nesta temática, entendendo a relevância da inclusão no cotidiano acadêmico como um campo contemporâneo de uma problemática de saúde pública e de políticas públicas inovadoras.

Método

Este estudo é do tipo descritivo, com dados quantitativo e qualitativo, para maior compreensão do fenômeno da pesquisa, a qual trata de apresentar o perfil das instituições

de ensino superior públicas em relação ao desenvolvimento de atividades de extensão relacionadas à temática das drogas.

A questão de pesquisa inicial do estudo ocorreu com base nas atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão: Roda de Debate sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas, que pertence ao Programa de Extensão Centro de Referência sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas, da Faculdade Ceilândia, Universidade de Brasília (CRR/FCE/UnB).

O CRR/FCE/UnB é resultado dos investimentos dos editais do Plano Crack é Possível Vencer. Foi instituído em 2012 e desenvolve cursos de formação sobre a problemática das drogas nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), Assistência Social (SUAS), educação, justiça, segurança pública e organizações não governamentais. Os conteúdos oferecidos nos cursos correspondem ao projeto organizado e aprovado pela Secretaria Nacional sobre Drogas do Ministério da Justiça (SENAD/MJ), que avalia, aprova e acompanha as atividades formativas.

Para além do espaço formativo junto à rede intersetorial, o CRR/FCE/UnB ampliou suas atividades, promovendo continuidade desse espaço no ambiente acadêmico do ensino superior, como ocorre com o Projeto de Extensão Roda de Debate sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas. Este projeto de extensão promove a continuidade das atividades formativas, porém junto aos discentes, em que os profissionais da rede intersetorial, participantes do CRR/FCE/UnB, atuam como mediadores da roda em debates sobre temáticas relacionadas às drogas.

A roda de debate acontece quinzenalmente, é aberta a toda comunidade acadêmica, e conta com dois mediadores (profissionais da rede intersetorial), que gerenciam o debate sobre a problemática das drogas, a partir de sua prática e do cotidiano do serviço. A cada semestre, os temas são levantados por meio dos Centros Acadêmicos dos Cursos da FCE/UnB e do levantamento de sugestões de temas realizado pelos participantes do semestre anterior. O cronograma das rodas é divulgado e toda a organização e logística das rodas são acompanhadas pelo CRR/FCE, por meio da coordenadora do Projeto e de alunos bolsistas de extensão.

A roda funciona desde 2013 e até o primeiro semestre de 2016 realizou 42 encontros, envolvendo 49 mediadores e uma média, a cada evento, de 60 discentes. Os debates desenvolvidos são voltados aos aspectos relevantes da atualidade. Entre alguns temas desenvolvidos, citam-se o tratamento compulsório e voluntário, a clínica da drogadição, o contexto do modelo de cuidado psicossocial, a descriminalização das drogas, a maioria penal e vulnerabilidades da juventude, entre outros.

Os mediadores, a cada roda, desenvolvem o debate, apresentando o serviço, o trabalho que realizam, assim como uma breve contextualização sobre o tema para fomentar a discussão. Os participantes debatem a partir das questões apresentadas pelo mediador, reflexões e críticas sobre o tema.

Ao final de cada roda, dez participantes são selecionados e convidados a responderem um questionário simplificado, com questões referentes à roda de debate, ao aspecto de participação do debate, à percepção dos discentes sobre questões relacionadas à temática das drogas e à descrição de críticas e sugestões de novos temas.

Portanto, a atividade de extensão da Roda de Debate instigou a necessidade de levantar nas IES outras atividades de extensão que tratem desta temática. Para isso, utilizou-se como estratégia a pesquisa em sites institucionais de universidades públicas

federais, cujo critério de inclusão foram os sites de IES com cursos em saúde, em que se descreviam conteúdos sobre extensão.

Inicialmente, as IES foram levantadas no portal do Observatório Nacional de Informações sobre Drogas – OBID (disponível em: www.obid.senad.org), site organizado pela Secretaria Nacional sobre Drogas do Ministério da Justiça (SENAD/MJ), que organiza e divulga a produção sobre a temática das drogas. Entre diversos conteúdos encontrados na página, consta a lista das IES públicas que estão inscritas como instituições de ensino que possuem CRR. Estas instituições foram também pesquisadas na Plataforma Carlos Chagas (disponível em: <http://carloschagas.cnpq.br/>), levantando-se os projetos de pesquisas na temática das drogas.

Posteriormente, foram localizados os sites das instituições de ensino, e os conteúdos sobre extensão na temática de álcool e outras drogas encontrados nos endereços virtuais foram estudados e os dados levantados, buscando-se nos documentos as variáveis, como: tipos de IES, local, população que atendem na extensão, ano de desenvolvimento, abordagem desenvolvida na extensão, tipo de atividades e associação de extensão com pesquisa. A planilha categorial de conteúdo oportunizou verificar a frequência das respostas das variáveis, que foram apresentadas descritivamente de forma numérica e de conteúdo.

O levantamento dos dados apresentou algumas limitações, como ausência de material informativo sobre extensão nos sites, ou mesmo informações incompletas e desatualizadas. Por este motivo, inicialmente, algumas IES foram descartadas do estudo. Os dados finais referem-se ao estudo em sites de 42 IES, entre Instituições (25%), Universidades (33%) e Centros (42%).

Resultados

O resultado do estudo das 42 IES nos sites selecionados abrangeu diversas regiões do país, como: 38% da Região Nordeste, 31% Sudeste, 12% da Região Sul, 12% da Região Centro Oeste e 7% da Região Norte.

As IES descreveram os investimentos relacionados à temática das drogas, dentre os quais 12 sobre projetos de extensão, 42 associadas a projetos de pesquisa e 36 apenas sobre eventos acadêmicos. Houve um predomínio dessas atividades entre os anos de 2014 e 2015 (63%).

Nos 12 projetos de extensão descritos nos sites, os objetivos foram relacionados como espaço para dialogar, promover estudos, pesquisas e ações educativas em torno da temática álcool e outras drogas e suas consequências; melhorar as interações interpessoais nas comunidades universitárias; articular o cuidado entre as redes de serviço do SUS e SUAS, bem como fortalecer a atuação dos profissionais na área de álcool, crack e outras drogas.

As atividades foram voltadas para grupos específicos, como: (1) profissionais de serviços de saúde mental (34%); (2) pessoas em consumo problemático de drogas (14%); (3) profissionais de serviços e comunidades (12%); (4) apenas comunidades (12%); e (5) com discentes (5%). Além disso, 24% dos projetos de extensão não apresentaram a descrição sobre a população atendida.

Os beneficiados pelos projetos de extensão foram os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS transtorno e álcool e drogas, os hospitais gerais, os ambulatórios de saúde mental, as residências terapêuticas e os consultórios na rua. Portanto, de modo geral, os projetos de extensão mostram-se com predomínio no serviço profissional e comunidade, ou mesmo com abordagem clínica, em detrimento à focada aos discentes nas IES, podendo estar relacionada à necessidade de responder as demandas produzidas pelos incentivos públicos, do Plano Crack é Possível Vencer, voltados para rede intersetorial e para formação de profissionais em temas relacionados ao uso de drogas.

Esse foco junto aos profissionais nos serviços é visto na literatura como uma estratégia para oferecer diferentes ferramentas e alternativas para otimizar o processo ensino-aprendizagem (BARROS, et al., 2008; CHANDLER; FLETCHER; VOLKOW, 2009; GALLASSI; DOS SANTOS, 2013). Porém, observa-se pouco espaço formativo das IES na educação superior, base para construção de competências para a atuação profissional.

As atividades de extensão realizadas nesses serviços mostraram-se diversificadas em dois focos: as abordagens clínicas (25%), como as oficinas, atendimento de grupos, intervenções clínicas e atividades de acolhimentos; e as preventivas e de promoção de saúde (33%), como as palestras, os cursos e rodas de debate. Já 42% não especificaram as atividades que realizam.

Em 31 IES do estudo, além dos projetos de extensão, desenvolvem-se também eventos acadêmicos científicos, como as palestras e debates (75%), congressos, simpósios, seminários e cursos (11%). Portanto, são incentivadas aprendizagens nas temáticas das drogas no universo acadêmico. O objetivo dos eventos foi justificado com conteúdos relacionados à capacitação dos profissionais para intervir no problema, fortalecendo as práticas de intervenção e estimulando a elaboração de propostas de ações para o combate ao uso do crack.

Entre os temas desenvolvidos nestes eventos, foram levantados: os fatores que levam ao envolvimento com drogas e seus malefícios; a discussão sobre o cuidado e a qualidade de vida; orientações sobre os riscos, os esclarecimentos sobre a redução de danos, prevenção no campo das drogas; a atuação dos CAPS AD; as políticas públicas relacionadas ao campo; a Política Nacional sobre Drogas; as ações de rede de cuidado e proteção social; metodologias clínicas e de reintegração social; e a legalização e descriminalização da maconha.

Assim, no geral, o foco está relacionado à capacitação, qualificação, educação continuada, divulgação de informações acerca da temática, ao envolvimento junto aos jovens do ensino médio e fundamental, participação maior dos serviços da saúde pública e seus profissionais, construção de redes para melhor atender essa população, e conhecimento do perfil dos usuários e das complicações decorrentes do uso de álcool e drogas para o indivíduo e para a comunidade.

Observou-se uma predominância de atividades de extensão e pesquisa sobre a temática das drogas voltadas prioritariamente para o público externo às instituições de ensino superior, com diminuição do tempo de espaços de aprendizagens sobre esta temática no cotidiano acadêmico.

Esses dados corroboram com estudos sobre as IES e a formação de profissionais de saúde sobre a temática de drogas, que apresentam dados relevantes com relação

aos graduandos de áreas relacionadas à saúde e a limitação de horários no currículo acadêmico para a aprendizagem sobre drogas de abuso. Por outro lado, pode-se constatar que, mesmo sendo uma temática transversal às diversas áreas da saúde, o seu acesso apresenta-se limitado, o que indica que a sua inclusão nas universidades, nos espaços de extensão e pesquisa é favorável para competências interdisciplinares e que promovem outros formatos de aprendizagem, como a educação permanente, por meio da relação ensino serviço (MILLER; SHEPPARD, 1999; DACKIS; O'BRIEN, 2001; GALLASSI; DOS SANTOS, 2013).

Além disso, como medidas necessárias e urgentes, os planos para a educação superior, a partir de 2001, levaram as universidades a investirem nas necessidades e desafios do Século XXI, com avanços científicos e culturais, com pesquisa para a busca de soluções para problemas da atualidade e diminuição das desigualdades. Isso ocorreu por meio de estratégias para renovação do ensino universitário brasileiro, da reformulação do rígido sistema atual dos controles burocráticos, autonomia e permanente avaliação dos currículos (BRASIL, 2001; BRASIL, 2007; BRASÍLIA, 2013).

A elaboração do PNE se deu em um importante momento histórico-político, em 2001, e possibilitou ao Brasil investir em uma mudança no contexto universitário, com a integração curricular, a diversidade de cenários de aprendizagem, articulada ao Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da concepção ampliada de saúde (BATISTA, 2005; BRASÍLIA, 2013) e da garantia do acesso às instituições de ensino e de oportunidades de educação profissional (BRASIL, 2001).

A partir desse panorama, caracterizado pelo aumento da disponibilidade de drogas, redução da idade de uso, alto impacto individual e social, e a abordagem restrita sobre o tema nos cursos de graduação, reconhece-se a necessidade de capacitar a rede de profissionais nos diversos setores envolvidos na atenção aos usuários e familiares.

Ressalta-se a importância de favorecer investimento nos currículos acadêmicos do ensino superior, no sentido de ampliar espaços para atividades de ensino, extensão e pesquisa que envolvam a comunidade acadêmica em uma temática de saúde pública. Como exemplo a este contexto, encontra-se a experiência do Projeto de Extensão Roda de Debate sobre Crack, Outras Drogas e Vulnerabilidades Associadas, que contribui na criação, no aperfeiçoamento e na construção de uma relação de comunicação constante e vinculada entre a Universidade e a Sociedade.

Conclusões

O REUNI mostra-se como um plano inovador não apenas para expandir, mas melhorar a formação superior, aumentando recursos e reorientando a formação, que possibilite alcançar os novos paradigmas (como o de saúde e de saúde mental, relacionado ao uso problemático de álcool e outras drogas), com profissionais com competências política, técnica, ética e pedagógica para aplicabilidade nas situações reais dos serviços no cotidiano do trabalho, mas que, principalmente, respondam às mudanças do modelo de saúde.

Esse cenário de mudanças na educação superior é significativo, mas com resultados ainda pouco expressivos no desenvolvimento do modelo de cuidado instituído pela

Política de Saúde Mental, pois a formação em saúde ainda não incorporou os novos valores e princípios, comprometendo o desenvolvimento de competências para práticas que respondam ao modelo psicossocial. Isso gera, entre outros fatores, a necessidade de maiores investimentos de educação permanente em serviço como uma estratégia para superar essa lacuna.

Além disso, o estudo apresentou uma realidade atual, o investimento público nas IES para a formação de profissionais da rede intersetorial, que tem apresentado um fenômeno de desenvolvimento de competências e habilidades junto aos profissionais do serviço para lidar com a problemática das drogas. Porém, esse processo não tem se voltado para ampliar, nos espaços acadêmicos, a temática das drogas, como primário para a aprendizagem do cuidado sobre uma problemática atual, e que se mostra a cada dia como de saúde pública.

Finalmente, é importante destacar a importância de investir na temática das drogas, de forma dialógica, reflexiva e crítica, quanto aos contextos que permeiam esta problemática junto à comunidade acadêmica, tendo as atividades de extensão como um espaço propício a essa lógica.

Referências

ASSIS, R.; BONIFÁCIO, N. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.1, n.3, p.36-50, set./dez. 2011. Disponível em: http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=educacao&page=article&op=view&path%5B%5D=1515&path%5B%5D=pdf_97. Acesso em: 4 mar. 2016.

BARROS, H.M.; SANTOS, V.; MAZONI, C. et al. Neuroscience education for health profession undergraduates in a call-center for drug abuse prevention. **Drug Alcohol Depend**, v.98, n.3, p. 270-274, 2008.

BATISTA, N.; BATISTA, S.; GOLDENBERG, P. et al. O enfoque problematizador na formação de profissionais da saúde. **Revista de Saúde Pública**, v.39, n.2, p.231-237, 2005.

BRASIL. Lei Nº 10.216, de 06 de abril de 2002. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm. Acesso em: 12 fev. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para todos (PROUNI). Brasília, 2005. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/legislacao/legislacao-2005/87-lei-n-11-096-de-13-de-janeiro-de-2005?path=legislacao-2005>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BRASIL. Crack, é possível vencer. 2012. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/index.html>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BRASIL. Legislação brasileira sobre educação. **Série Legislação**. 2.ed. Brasília: Edições Câmara, 2013. 358 p.

BRASÍLIA. **Projeto Político Pedagógico Institucional da Universidade de Brasília**. Brasília: UnB, 2011.

CHANDLER, R. K.; FLETCHER, B. W.; VOLKOW, N. D. Treating drug abuse and addiction in the criminal justice system: improving public health and safety. **JAMA: The Journal of the American Medical Association**, v.301, n.2, p.183-190, 2009.

DACKIS, C.; O'BRIEN, C. Cocaine dependence: a disease of the brain's reward centers. **J Subst Abuse Treat.**, v.21, n.3, p. 111-117, Oct. 2001. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11728784>. Acesso em: 03 ago. 2016.

GALLASSI, A.; DOS SANTOS, V. O abuso de drogas: desafios e opções a prática profissional de saúde no Brasil. **Brasília Médica**, v.50, n.1, p. 51-57, 2013.

LOBATO, P. L. M.; ABRANCHES, M.; RODRIGUES, T. V. **A indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão no Projeto Rondon Minas Resíduos Sólidos.** 2012. Disponível em: <http://www1.pucminas.br/documentos/forext_02.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2016.

MILLER, N.; SHEPPARD, L. The role of the physician in addiction prevention and treatment. **Psychiatr Clin North Am.**, v.22, n.2, p.489-505, 1999.

RIBEIRO, K.S. A experiência na extensão popular e a formação acadêmica em fisioterapia. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 29, n. 79, p. 335-346, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013262200900-0300004&l-ng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 mai. 2016.

RODRIGUES, G. M. **Ensino, pesquisa e extensão universitária.** 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,ensino-pesquisa--e-extensaouniversitaria-,793617,0.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2016.



Artigo recebido em:
16/08/2016
Aceito para publicação em:
08/09/2016

RELATOS DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS DA LIGA ACADÊMICA DO TRATO GASTROINTESTINAL E DOENÇAS METABÓLICAS

REPORTS OF THE OUTREACH ACTIONS OF THE ACADEMIC LEAGUE OF GASTROINTESTINAL TRACT AND METABOLIC DISEASES

UEPG - PR / UFPR - PR - BRASIL

*Eduarda Mirela da Silva Montiel**

*Matheo Augusto Morandi Stumpf***

*Jefferson Matsuiti Okamoto****

*Marcos Ricardo da Silva Rodrigues*****

*Cíbele Pereira Kopruszynski******

*Gianna Carla Alberti Schrut******

RESUMO

As ligas acadêmicas na área da saúde, como projeto extensionista, desenvolvem atividades extracurriculares voltadas para a educação médica, pesquisa científica e promoção da saúde. Essa forma de extensão acadêmica, principalmente no curso de Medicina, fornece oportunidade de crescimento pessoal e profissional aos seus integrantes, apresentando efeito positivo na formação dos mesmos. Por esse motivo, este artigo tem como objetivo relatar as experiências que a “Liga Acadêmica do Trato Gastrointestinal e Doenças Metabólicas”, desenvolvida por alunos e professores de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), teve em seu primeiro ano como projeto extensionista, tendo em vista a análise e compreensão de seu papel na formação dos acadêmicos, sua inserção como um importante agente de atenção à saúde no município e sua atuação na comunidade, por meio das atividades realizadas. Com isso, destacam-se a importância de ligas acadêmicas para a formação de profissionais qualificados, além da influência positiva gerada para a comunidade.

Palavras-chave: Relações Instituição-Comunidade; Trato Gastrointestinal; Doenças Metabólicas.

* Aluna de graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR – Brasil. E-mail: eduarda.montiel@gmail.com

** Aluno de graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR – Brasil. E-mail: matheoaugusto@hotmail.com

*** Aluno de graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR – Brasil. E-mail: okamotojeff@gmail.com

**** Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR – Brasil. E-mail: marcos.rrod@uol.com.br

***** Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), PR – Brasil. E-mail: cibelek@uol.com.br

***** Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR – Brasil. E-mail: gialberti@uol.com.br

ABSTRACT

In health area, academic leagues, as outreach project, develop extracurricular activities for medical education, scientific research and health promotion. It provides, especially in Medicine, opportunity for personal and professional improvement, and has a positive effect on their education. For this reason, this article aims to report the experiences of "The Academic League of Gastrointestinal Tract and Metabolic Diseases" during the first year of its existence as an outreach project, analyzing and understanding, through the activities developed, its role in students' education, its inclusion as an important health care agent in the city and its role in the community. Thus, it highlights the importance of academic leagues to the education of health care professional as well as having a positive influence on community.

Keywords: Community-Institutional Relations; Gastrointestinal Tract; Metabolic Diseases.

Introdução

Ligas acadêmicas relacionadas à saúde podem ser definidas como organizações estudantis sem fins lucrativos que criam para seus membros oportunidades de atividades didáticas, científicas, culturais e sociais, abrangendo uma determinada área da saúde, visando seu aprendizado e desenvolvimento, sendo geridas pelos próprios estudantes, sob orientação de docentes (PÊGO-FERNANDES *et al.*, 2011; HAMAMOTO FILHO *et al.*, 2011; COSTA *et al.*, 2009; MONTEIRO *et al.*, 2008; NEVES *et al.*, 2009).

Elas atuam como projeto extensionista dentro da universidade e, dessa forma, representam uma oportunidade singular para o desenvolvimento de atividades extracurriculares, direcionadas para a educação médica, pesquisa científica e promoção da saúde, que, quando corretamente direcionadas, colaboram positivamente com a formação de seus participantes (PÊGO-FERNANDES *et al.*, 2011; FERREIRA *et al.*, 2011; MONTEIRO *et al.*, 2008; ANDRADE *et al.*, 2007).

Os primeiros relatos referentes a este tipo de atividades ocorreram na segunda metade do século XIX, nos quais destacam-se a participação de acadêmicos em campanhas de saúde na Inglaterra e a realização de atividades focadas na prestação de serviços em áreas rurais e urbanas por acadêmicos de universidades americanas (FREITAS JÚNIOR *et al.*, 2014; HAMAMOTO FILHO, 2011). A extensão universitária, como uma das funções que compõem os pilares da universidade, possui cunho social e envolve relações interdisciplinares entre as práticas de ensino e pesquisa, tornando-se parte orgânica do currículo na formação de educadores e profissionais (MONTEIRO *et al.*, 2008; JEZINE, 2004).

A institucionalização de uma extensão verdadeiramente acadêmica exige uma intensa articulação interna e externa às universidades, referente à formulação de uma política pedagógica que permita a interação entre extensão, ensino e pesquisa, à formulação de parcerias de dimensão interinstitucional e à integração com a comunidade (JEZINE, 2004).

Os programas de extensão universitária desvelam a importância de sua existência na relação estabelecida entre instituição e sociedade, consolidando-se através da aproximação, troca de conhecimentos e experiências entre docentes, discentes e população. Na área da saúde, assumem particular importância na medida em que se integram à rede assistencial e podem servir de espaço diferenciado para novas experiências voltadas à humanização, ao cuidado e à qualificação da atenção à saúde (BASTOS *et al.*, 2012; HAMAMOTO FILHO *et al.*, 2010; HENNINGTON, 2005). Assim, criaram-se as ligas acadêmicas, com o objetivo de relacionar os diversos saberes para a produção do conhecimento com a realidade social (SANTANA, 2012; FERREIRA *et al.*, 2011; JEZINE, 2004).

Ao refletir sobre esses conceitos, denota-se o aprimoramento do ensino e a formação de profissionais como sujeitos ativos, com uma visão ampliada da saúde, respondendo às necessidades da população, que

viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade (FREITAS JÚNIOR *et al.*, 2014; SANTANA, 2012; FERREIRA *et al.*, 2011; HAMAMOTO FILHO *et al.*, 2010).

No curso de Medicina, alguns autores (PÊGO-FERNANDES *et al.*, 2011; HAMAMOTO FILHO, 2011) apontam pontos negativos, como a controvérsia de colaboração ou prejuízo ao ensino no período da graduação, em vista de que muitos alunos acabam por dar maior importância às atividades extracurriculares em detrimento daquelas próprias do curso. No entanto, é fato que as ligas representam uma oportunidade para o aprendizado, que acaba por ocorrer de uma forma dinâmica, já que as atividades são desenvolvidas pelos próprios discentes (PÊGO-FERNANDES *et al.*, 2011; VIERA *et al.*, 2004).

No conjunto das atividades de uma liga acadêmica de Medicina, estão as atividades teóricas, como aulas, seminários, discussões de textos, apresentações de casos clínicos, ou práticas, como por exemplo o atendimento a pacientes e desenvolvimento de projetos científicos. Além de atividades educativas para orientação da população, participação em programas comunitários, desenvolvimento de campanhas de saúde, entre outras, que são importantes atividades sociais (PÊGO-FERNANDES *et al.*, 2011; HAMAMOTO FILHO *et al.*, 2010).

Nesse sentido, o estatuto de uma liga acadêmica deve prever quais são seus objetivos, as obrigações dos membros, a formação da diretoria e descrever suas atividades. Deve também definir seus participantes, especificando quais são os acadêmicos (de que cursos, anos e instituições) que podem fazer parte e quantas vagas estão disponíveis (BASTOS *et al.*, 2012; PÊGO-FERNANDES *et al.*, 2011).

Assim, a conformação da Liga Acadêmica do Trato Gastrointestinal e Doenças Metabólicas (LATGIDM) decorreu da percepção de que o padrão alimentar atual favorece o desenvolvimento de doenças metabólicas (MELLO *et al.*, 2009). O processo de refinamento de grãos aumenta seu índice glicêmico, reduz a quantidade de fibras em 80% e de proteínas em 30%, restando compostos ricos em carboidratos de alta absorção. A substituição de uma dieta rica em fibras e de baixo índice glicêmico por alimentos com altas cargas e índice glicêmico aumentou significativamente a glicemia e a demanda insulínica nas últimas décadas (OKAMOTO *et al.*, 2015).

Essa inadequação da dieta, associada ao sedentarismo, são importantes fatores desencadeantes de doenças metabólicas, de tal maneira que a epidemia mundial de obesidade está diretamente relacionada ao número elevado de casos de diabetes mellitus (DM) tipo 2 (COELHO *et al.*, 2009; MARIATH *et al.*, 2007; PEREIRA *et al.*, 2003).

Em 2000, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou que o número de pessoas com sobrepeso chegaria a 2 bilhões em 2030. A prevalência mundial da obesidade quase dobrou entre 1980 e 2008. Dados mais atuais mostram que cerca de 250 milhões de pessoas estão nessa condição no mundo, sendo vários os países que sofrem com essa epidemia, inclusive o Brasil (OKAMOTO *et al.*, 2015; WHO, 2010).

No Brasil, têm-se dados epidemiológicos da Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL), levantamento anual realizado pelo Ministério da Saúde que ocorre desde 2006. No último VIGITEL, de 2014, foram monitorados 40.853 adultos com mais de 18 anos de idade, residentes nas 26 capitais dos estados e no Distrito Federal, sendo que 52,5% dos pesquisados estão acima do peso. Quando esse inquérito iniciou, no ano de 2006, o índice era de 43% (MINISTÉRIO

DA SAÚDE, 2015). Justifica-se, portanto, a importância da Liga, visto que temas de alta prevalência farão parte da prática clínica dos membros ligantes.

Assim, este artigo objetiva apresentar a experiência que a LATGIDM teve em seu primeiro ano como projeto extensionista, tendo em vista a análise e compreensão de seu papel na formação dos acadêmicos, sua inserção como um importante agente de atenção à saúde no município e sua atuação na comunidade, por meio das atividades realizadas.

Metodologia

A LATGIDM é um projeto extensionista desenvolvido por alunos e professores de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e a colaboração da professora de Nutrição que atualmente presta serviço à UFPR, com início em 2015. O projeto conta com a supervisão dos professores Marcos Ricardo da Silva Rodrigues, cirurgião geral e do aparelho digestivo, Cibele Pereira Kopruszynski, professora atual de nutrição da UFPR, mas que durante o período da Liga acadêmica ainda não estava atuante nesta instituição, e Gianna Carla Alberti Schrut, endocrinologista clínica.

O projeto foi aberto a todos os níveis da graduação do curso de Medicina da UEPG. Os acadêmicos que tiveram interesse em participar da Liga e que compareceram à primeira reunião foram consagrados como membros efetivos. A Figura 1 demonstra o logotipo da LATGIDM feita por um de seus membros.

Figura 1: Logotipo da LATGIDM



Fonte: os autores.

Os objetivos traçados foram o aprimoramento do conhecimento dos acadêmicos de Medicina da UEPG quanto às doenças do trato gastrointestinal e metabólicas (DM, tireoidopatias, obesidade, dislipidemia), tanto na teoria como na prática. Com isso, houve a inserção dos discentes na comunidade ou em ambulatórios do Hospital Regional, atendendo à demanda da população relacionada a essas doenças (OKAMOTO *et al.*, 2015).

Dessa forma, entende-se que um amplo conhecimento sobre a relação do consumo alimentar e suas consequências metabólicas auxiliam os alunos participantes da liga a desenvolverem ações educativas voltadas à comunidade, orientações para grupo de riscos, campanhas de promoção da saúde e prevenção primária relacionada às condições patológicas mencionadas. Além disso, a LATGIDM objetiva a elaboração de projetos de pesquisa que divulguem o conhecimento produzido pelos seus integrantes e que valorizem o papel social da UEPG na comunidade na qual está inserida.

As reuniões científicas da Liga foram realizadas quinzenalmente, por um ano (período 2015-2016), em horário extracurricular, para que os acadêmicos pudessem participar, sem comprometimento da grade curricular básica. Os temas abordados foram ministrados pelos docentes e discentes (Quadro 1) com eventuais palestras de profissionais especialistas no tema pertinente. Foram discutidos temas de interesse geral, assim como discussão de artigos científicos específicos.

Quadro 1: Assuntos abordados nos encontros da LATGIDM. Ponta Grossa, 2016

Aula inaugural e introdução à LATGIDM
Aula sobre classes de alimentos
Discussão sobre índice glicêmico e carga glicêmica dos alimentos
Secreção entero-hormonal
Discussão de artigo (SACKS et al., 2014)
Inquéritos alimentares
Fisiopatologia e bases moleculares da obesidade
Fibras alimentares
Microbiota intestinal
Tratamento clínico da obesidade
Transplante fecal
Discussão de artigo (BUSE et al., 2009)
Organização do Dia Mundial do diabetes mellitus
Aula sobre hipertrigliceridemia
Apresentação dos dados do Dia Mundial do diabetes
Aula de encerramento do ciclo da Liga

A elaboração de material educativo sobre uma dieta equilibrada e hábitos saudáveis à população atendida no dia do diabetes também foi realizada pelos discentes e docentes. Pensando em uma abordagem didática e de leitura rápida, elaborou-se um material com a imagem de um prato saudável, de modo a facilitar a visualização das proporções recomendadas de cada nutriente. No verso, foram colocadas diversas opções de alimentos que podem substituir aqueles apresentados no prato saudável, com valor nutricional equivalente.

Por fim, os discentes e docentes dividiram-se em dois grupos iguais para realizar, em dois dias livres de atividades curriculares, exames de glicemia capilar, coleta de dados antropométricos, assim como uma anamnese que contemplava informações relacionadas a dados familiares, pessoais e alimentares de uma população aleatória estudada. Ao final da entrevista, os pacientes eram orientados em relação a uma dieta balanceada e hábitos saudáveis, pelos alunos e profissionais, coordenadores da LATGIDM ali presentes (nutricionista, endocrinologista e cirurgião do aparelho digestivo). Tais atividades

ocorreram em supermercados da Rede Condor, nos bairros Uvaranas e Nova Rússia, da cidade de Ponta Grossa - PR.

Resultados e discussão

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos pela LATGIDM a partir das ações desenvolvidas. Com relação à área da pesquisa, os acadêmicos realizaram projetos de iniciação científica sob coordenação dos professores supervisores. Alguns trabalhos de conclusão de curso também foram idealizados a partir de discussão de temas das reuniões científicas. Ressalta-se que uma revisão de literatura realizada por membros da Liga foi aceita para publicação em um periódico nacional (STUMPF *et al.*, 2015). O Quadro 2 demonstra os temas de trabalhos oriundos da LATGIDM. Todos os projetos foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Quadro 2: Correlação entre os temas das reuniões e os projetos de pesquisa. Ponta Grossa, 2016

Tema da reunião científica	Ideia do projeto de pesquisa
Diabetes mellitus	Avaliação da qualidade de vida e da prevalência de neuropatia diabética
	Avaliação do sono em pacientes com diabetes
Cirurgia bariátrica	Qualidade de vida antes e após a cirurgia bariátrica
	Análise da tolerância alimentar após a cirurgia bariátrica
Entero-hormônios	Alterações histológicas no trato gastrointestinal de ratos com diabetes induzida

Em outro âmbito das atividades desenvolvidas, foram realizados acompanhamentos ambulatoriais, nos quais os integrantes da Liga, conforme disponibilidade, podiam atender pacientes sob supervisão de pelo menos um dos coordenadores da LATGIDM. O principal ambulatório acompanhado foi o do serviço de endocrinologia, que permitia ao acadêmico aprofundar o conhecimento teórico adquirido nas reuniões da Liga.

A partir da experiência do acompanhamento e da inserção precoce dos acadêmicos no âmbito clínico, foram escritos dois resumos ao Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM). Ressalta-se, dessa forma, o uso de atividades extracurriculares (como ligas) e o início precoce na prática clínica como oportunidades para a formação médica comprometida com a integração academia, serviço e comunidade. Vale ressaltar que, dentre 1.000 resumos enviados ao COBEM, somente 150 foram aceitos, sendo 7 da UEPG (dentro dos quais computam os enviados pela LATGIDM).

Os acadêmicos que participaram da LATGIDM ampliaram seus conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, sendo notável a diferença da forma com que os conteúdos ministrados em sala de aula foram interpretados após as discussões de artigos e casos clínicos, e o contato prático com o ambiente de atendimento à população.

A atuação dos discentes nas ligas permitiu-lhes encontrar o espírito crítico, a criatividade, a capacidade de discernimento, de planejamento e ação, e o compromisso ético para com a população. Fez ainda com que as teorias aprendidas em reuniões

científicas fossem utilizadas de maneira prática tanto para o desenvolvimento de habilidades semiológicas utilizadas nos ambulatórios como para o atendimento realizado na comunidade.

Assim, a presença do estudante, juntamente com os profissionais de saúde, permitiu a criação de um ambiente de trocas de conhecimento e prática. Sabe-se que o acadêmico que interage precocemente com os pacientes e com os profissionais adquire reconhecimento do ambiente de trabalho, da divisão de funções e auxilia no vínculo médico/paciente (PÊGO-FERNANDES *et al.*, 2011; HAMAMOTO FILHO, 2011; VIERA *et al.*, 2004).

Os integrantes da LATGIDM também desenvolveram noções de aprendizado em conjunto, de trabalho em equipe, de trocas de experiências e, ainda, a compreensão das necessidades dos pacientes, levando à formulação de orientações em saúde mais específicas para cada pessoa atendida. Isso objetiva evitar a reprodução de modelos centrados na doença e no cientificismo que desconsidera o conhecimento empírico das pessoas.

Devido ao envolvimento dos discentes tanto na discussão de artigo como na apresentação de aulas, participando ativamente da Liga acadêmica, mostrou-se que este espaço fornece condições para o desenvolvimento de habilidades de comunicação com eficiência, respeito às opiniões contrárias, discussão inteligente, além de compreensão de problemas e raciocínio para sua resolução (OKAMOTO *et al.*, 2015).

Vários trabalhos que abordam temas como o tratado neste artigo apresentam resultados semelhantes. A maioria afirma que, quando os acadêmicos são inseridos dentro de um grupo que aborda determinado tema de grande interesse, em um ambiente construído e conduzido por eles próprios sob orientação, é possível uma grande aquisição de aprendizado e experiência, desenvolvimento de raciocínio clínico-científico, ampliação do conhecimento, ao mesmo tempo em que se promove uma maior interação com a comunidade. E, em longo prazo, estes acadêmicos se tornarão líderes de comunidade e formadores de opinião em suas diversas especialidades (FREITAS JÚNIOR *et al.*, 2014; FERNANDES *et al.*, 2011; MONTEIRO *et al.*, 2008; HENNINGTON, 2005; JEZINE, 2004).

Como ação voltada para a comunidade, a LATGIDM participou do Dia Mundial do DM (24 de novembro), doença metabólica que afeta 415 milhões de pessoas no mundo, segundo dados recentes da Federação Internacional de Diabetes (IDE, 2015). Foram programados dois dias extracurriculares (14 e 21 de novembro, 2015), para realização de triagem na população.

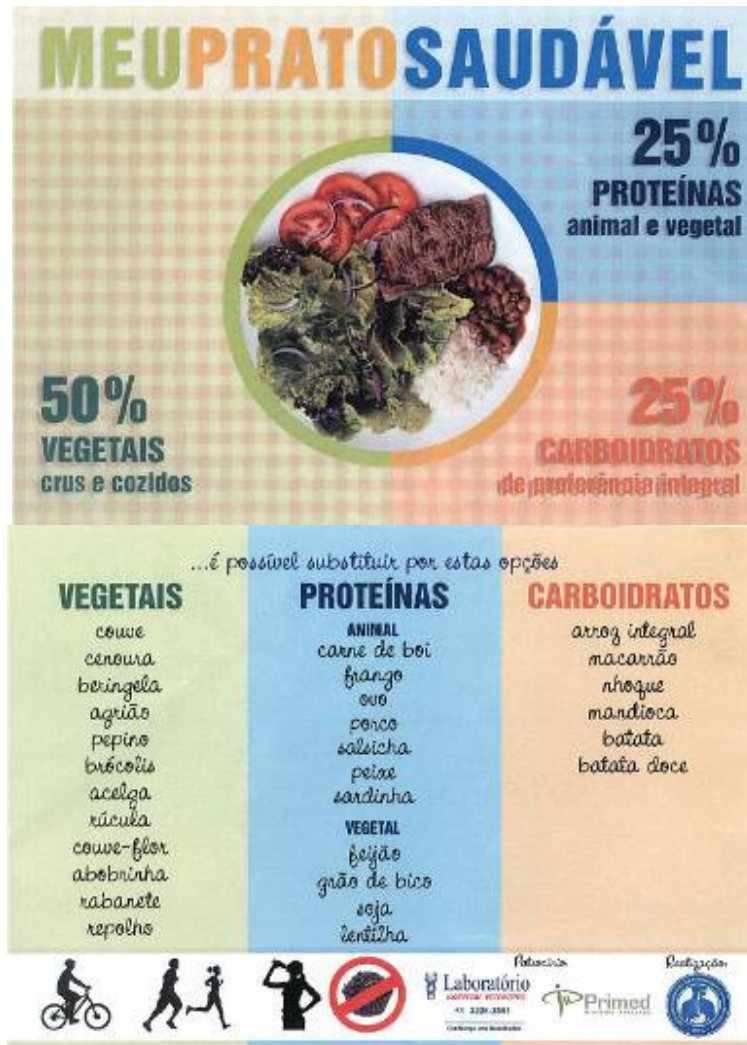
Nesses dias, todos os integrantes da Liga participaram ativamente, realizando anamneses, aferindo pressão arterial, coletando dados antropométricos, além de realização de testes de glicemia sérica por meio de glicosímetro e fornecendo orientações médicas e nutricionais direcionadas para cada pessoa atendida.

Ao final do atendimento, todos os pacientes eram orientados, através de demonstração de material educativo pré-elaborado pelos membros da LATGIDM (Figura 2), a adotarem uma dieta adequada, assim como foram estimuladas atitudes mais saudáveis, como prática de atividade física, cessar tabagismo, entre outras.

Percebeu-se grande adesão da comunidade que procurou o atendimento em supermercados da Rede Condor de Ponta Grossa (propaganda realizada pela Rede de Supermercados Condor – Figura 3). Na Figura 4, podem ser vistos alguns integrantes da Liga no segundo dia de atuação na comunidade.

No futuro, os dados coletados serão utilizados para desenvolvimento de outros trabalhos científicos, para relatos de experiência ou submissão de resumos em congressos.

Figura 2: Material educativo elaborado pelos discentes da LATGIDM



Fonte: Os autores.

Figura 3: Imagem veiculada em redes sociais pela Rede de Supermercados Condor de Ponta Grossa, sobre a atuação da LATGIDM da UEPG



Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeCondor/photos/a.220283487995367.61271.212743445416038/1074639362559771/?type=3&theater>.

Figura 4: Integrantes da LATGIDM da UEPG no segundo dia de atendimento à comunidade



Fonte: Os autores.

Conclusão

Tendo em vista a relevância do assunto tratado pela Liga, observa-se a importância desta para a formação de novos profissionais e o ganho curricular que o discente adquire durante todo o processo de ensino, pesquisa e extensão. Soma-se a isso a importância e influência positiva que o projeto tem para a comunidade da região, melhorando e ampliando a prestação de serviço aos participantes das ações extensionistas da LATGIDM.

Apesar de que um relato de experiência não permite a extrapolação de seus resultados para outras populações, permite a indicação de estratégias e processos interessantes para valorizar a construção de competências nos estudantes que contribuem para sua formação crítica, reflexiva e cidadã.

Desta forma, a partir das atividades desenvolvidas e os resultados aqui apresentados, aponta-se que a LATGIDM oferece um papel importante na formação médica, social, pessoal e o contato com a comunidade, atuando na reflexão sobre os hábitos da população em geral que podem estar associados a doenças crônicas não transmissíveis, desencadeando maior índice de doenças metabólicas.

Assim, espera-se que as ligas médicas sejam modelos para que os acadêmicos possam adquirir conhecimentos práticos, com maior grau de satisfação e de modo mais significativo. Que possam desenvolver suas habilidades e potenciais, assim como a capacidade crítica e reflexiva, de forma que isso reflita no atendimento à população.



Referências

ANDRADE, A.S.; GARCIA, S.B.; PERES, C.M. Atividades extracurriculares: multiplicidade e diferenciação necessárias ao currículo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.31, n.3, p.203-211, 2007.

BASTOS, M.L.S.; TRAJMAN, A.; TEIXEIRA, E.G.; SELIG, L.; BELO, M.T.C.T. O papel das ligas acadêmicas na formação profissional. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v.38, n.6, 2012.

BUSE, J.B. *et al.* How Do We Define Cure of Diabetes? *Diabetes Care*, v.32, n.11, p.2133-2135, 2009.

COELHO, C.F.; BURINI, R.C. Atividade física para prevenção e tratamento das doenças crônicas não transmissíveis e da incapacidade funcional. **Revista de Nutrição**, v.22, n.6, p.937-946, 2009.

COSTA, A.P.; AFONSO, C.L.; DEMUNER, J.M.M.; MORAES, J.M.; PIRES, W.C. A importância da Liga acadêmica de queimaduras. **Revista Brasileira de Queimaduras**, v.8, n.3, p.101-105, 2009.

FERREIRA, D.A.V.; ARANHA, R.N.; SOUZA, M.H.F.O. Ligas Acadêmicas: uma proposta discente para ensino, pesquisa e extensão. **Interagir: pensando a extensão**, n.16, p.47-51, 2011.

FREITAS JÚNIOR, J.R.; PRZYBYCIEN, M.; TRENTINI, C.A.; CAMARGO, C.H.F. O papel da liga acadêmica de urgências e emergências cirúrgicas na formação médica. **Revista Conexão UEPG**, v.10, n.1, p.120-127, 2014.

HAMAMOTO FILHO, P.T.; VENDITTI, V.C.; OLIVEIRA, C.C.; VICENTINI, H.C.; SCHELLINI, S.A. Ligas acadêmicas de Medicina: extensão das ciências médicas à sociedade. **Revista Ciência em Extensão**, v.7, n.1, p.126-133, 2011.

HAMAMOTO FILHO, P.T. Ligas acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.35, n.4, p.535-543, 2011.

HAMAMOTO FILHO, P.T. *et al.* Normatização da abertura de ligas acadêmicas: a experiência da Faculdade de Medicina de Botucatu. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.34, n.1, p.160-167, 2010.

HENNINGTON, E.A. Acolhimento Como Prática Interdisciplinar Num Programa de Extensão Universitária. **Cadernos de Saúde Pública**, v.21, n.1, p.256-265, 2005.

INTERNATIONAL DIABETES FEDERATION. IDF Diabetes Atlas – 7th Edition, 2015. Disponível em: <<http://www.diabetesatlas.org/>>. Acesso em: 25/03/2016.

JEZINE, E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABEU, 2004.

MARIATH, A.B. *et al.* Obesidade e fatores de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis entre usuários de unidade de alimentação e nutrição. **Cadernos de Saúde Pública**, v.23, n.4, p.897-905, 2007.

MELLO, V.D.; LAAKSONEN, D.E. Fibras na dieta: tendências atuais e benefícios à saúde na síndrome metabólica e no diabetes melito tipo 2. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia**, v.53, n.5, p.509-518, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Vigitel Brasil 2014 Saúde Suplementar: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Ministério da Saúde, Agência Nacional de Saúde Suplementar. Disponível em: http://www.ans.gov.br/images/stories/Materiais_para_pesquisa/Materiais_por_assunto/2015_vigitel.pdf. Acesso em: 12 abr. 2016.

MONTEIRO, L.L.F.; CUNHA, M.S.; OLIVEIRA, W.L.; BANDEIRA, N.G.; MENEZES, J.V. Ligas acadêmicas: O que há de positivo? Experiência de implantação da Liga Baiana de Cirurgia Plástica. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v.23, n.3, p.158-161, 2008.

NEVES, F.B.C.S. *et al.* Inquérito nacional sobre as ligas acadêmicas de Medicina Intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v.20, n.1, p.43-48, 2008.

OKAMOTO, J.M., STUMPF, M.A.M., VEIGA, R.B., SCHURT, G.C.A., RODRIGUES, M.R.S. Apresentação da liga acadêmica do trato gastrointestinal e doenças metabólicas. In: CONEX – CONVERSANDO SOBRE EXTENSÃO, 13., Ponta Grossa, 2015. **Anais...** Ponta Grossa: UEPG, 2015.

PÊGO-FERNANDES, P.M.; MARIANI, A.W. O ensino médico além da graduação: ligas acadêmicas. **Diagnóstico e Tratamento**, v.16, n.2, p.50-51, 2011.

PEREIRA, L.O.; FRANCISCHI, R.P.; LANCHETA JR, A.H. Obesidade: hábitos nutricionais, sedentarismo e resistência à insulina. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 111-127, 2003.

SACKS, F.M. *et al.* Effects of High vs Low Glycemic Index of Dietary Carbohydrate on Cardiovascular Disease Risk Factors and Insulin Sensitivity The OmniCarb Randomized Clinical Trial. **The Journal of the American Medical Association**, v.312, n.23, p.2531-2541, 2014.

SANTANA, A.C.D.A. Ligas acadêmicas estudantis: o mérito e a realidade. **Medicina Ribeirão Preto**, v.45, n.1, p.96-98, 2012.

STUMPF, M.A.M; RODRIGUES, M.R.S.; KLUTHCOVSKY, A.C.G.C.; TRAVALINI, F.; MILLEO, F.Q.M. Análise da tolerância alimentar em pacientes submetidos à cirurgia bariátrica através do questionário Quality of Alimentation. **Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**, v.28, p.79-83, 2015.

VIEIRA, E.M. *et al.* O que eles fazem depois da aula? As atividades extracurriculares dos alunos de ciências médicas da FMRP-USP. **Medicina Ribeirão Preto**, v.37, n.1, p.84-90, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Obesity: Data and Statistics**, 2010. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/health-topics/noncommunicablediseases/obesity/data-and-statistics>. Acesso em: 25/03/2016.



Artigo recebido em:
02/08/2016
Aceito para publicação em:
25/09/2016

AS CONCEPÇÕES DE ACADÊMICOS SOBRE PRÁTICAS LÚDICAS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO EM HEMOCENTRO

THE STUDENTS' CONCEPCIONS ABOUT USING LUDIC PRACTICES IN A BLOOD CENTER THROUGH AN OUTREACH PROJECT

*Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula**

*Monique de Oliveira da Silva***

*Lucas Tagliari da Silva****

*Marcos Antonio dos Santos*****

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar as concepções de acadêmicos do curso de Pedagogia e de Educação Física sobre os desafios e as reflexões de um Projeto de Extensão que é desenvolvido em um Hemocentro do interior do Paraná, envolvendo pessoas que possuem diferentes patologias sanguíneas, como Hemofilia, Talassemia, Anemia Falciforme, entre outras. A metodologia utilizada foi a análise de questionários que foram respondidos por sete participantes do referido projeto, contendo perguntas subjetivas sobre as suas perspectivas e compreensões a respeito da sua atuação nesse trabalho de extensão. Como resultado, foi possível identificar que os membros do Projeto têm dado um novo sentido às suas práticas e estão superando as indagações e impressões iniciais sobre os pacientes. Os princípios teóricos da Educação Social contribuem para o trabalho com os atendidos no Hemocentro no sentido de levar à compreensão da necessidade dos cuidados com a saúde e da luta pela garantia dos seus direitos. O Projeto possibilita que os pacientes interajam entre si e construam soluções coletivas para seus problemas e também se divirtam com as atividades e brincadeiras desenvolvidas. Outrossim, o trabalho desenvolvido também apresenta contribuições significativas para o processo de formação profissional, bem como para os aspectos sociais e principalmente humanos dos integrantes que compõem o grupo.

Palavras-chave: Formação de Professores; Práticas Lúdicas; Hemocentro.

ABSTRACT

This study aims to report the challenges and the reflections of students of Pedagogy and Physical Education about an outreach project carried out in Paraná. The project is developed in a blood center with people

* Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM), PR – Brasil. E-mail: erciliaangeli@yahoo.com.br

** Pedagoga. Universidade Estadual de Maringá (UEM), PR – Brasil. E-mail: moniqueoliveira.pedagogia@gmail.com

*** Aluno de Mestrado da Universidade Estadual de Maringá (UEM), PR - Brasil. E-mail: lu.cas.ts@hotmail.com

**** Aluno de Mestrado da Universidade Estadual de Maringá (UEM), PR - Brasil. E-mail: santosffe@gmail.com

who have different blood disorders, such as Hemophilia, Thalassemia, Sickle Cell Anemia, among others. The methodology used was the analysis of questionnaires answered by seven participants of that project, with subjective questions about their perspectives and insights about their performance. As a result, it was possible to conclude that the outreach project gives a new impetus to the practice of its participants, allowing them to cope with queries and their initial impressions about patients. The theoretical principles of social education contribute to deal with patients so that they understand the importance of health care as well as the struggle to guarantee their rights. The project allows patients to interact with each other and build collective solutions to their problems as well as having fun with the activities and games. It also contributes significantly to the training process and to the human and social aspects of the group members.

Keywords: Teacher Training; Ludic Practices; Blood Center.

Introdução

As práticas lúdicas e educativas desenvolvidas por estudantes universitários dos cursos de Pedagogia e de Educação Física em Hemocentros no Brasil são recentes e ainda pouco conhecidas. Na formação inicial desses cursos, a educação “fora da escola” é discutida de modo secundário em disciplinas isoladas e/ou em Projetos de Extensão.

Pensando nisso, este trabalho tem como objetivo apresentar as concepções de acadêmicos do curso de Pedagogia e Educação Física sobre os desafios e as reflexões de um Projeto de Extensão¹ desenvolvido em um Hemocentro do interior do Paraná, o qual teve como proposta fundamental refletir sobre as realidades e especificidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos que fazem tratamento no Hemocentro e também propor diferentes ações para a garantia dos direitos humanos nas áreas de educação e saúde. A origem do trabalho extensionista está vinculada à solicitação de profissionais da área da saúde do Hemocentro Regional de uma cidade do interior do Paraná, os quais observaram que muitos pacientes eram provenientes de outras cidades e viajavam para receber atendimento multidisciplinar, que era marcado para ser realizado durante um único dia com intuito de facilitar a ida das pessoas ao Hemocentro.

Dessa maneira, apesar do atendimento ser concentrado para oportunizar poucas viagens, os pacientes esperavam horas para serem atendidos e alguns precisavam realizar transfusão de sangue que, às vezes, demorava de quatro a seis horas. Sendo assim, os profissionais do Hemocentro, preocupados com o longo período de espera do atendimento, solicitaram aos docentes do curso de Pedagogia a oferta de atividades lúdicas e educativas nesse período para que as pessoas se sentissem acolhidas e apresentem uma melhor adesão ao tratamento.

Dessa maneira, uma docente do curso de Pedagogia de uma universidade pública do interior do Paraná, acadêmicos dos cursos de graduação em Educação Física e Pedagogia, estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação e uma pedagoga egressa da universidade se uniram em agosto de 2015 e, após várias visitas ao Hemocentro e diversas reuniões de planejamento e de formação, iniciaram as atividades do Projeto de Extensão em setembro do mesmo ano.

De acordo com Oliveira (2010), para os diferentes profissionais que atuam em Hemocentros, a preparação dos estudantes e profissionais que irão trabalhar nesse contexto consiste em estudos, discussões e pesquisas relacionadas às doenças ocasionadas no sangue, mais conhecidas pela terminologia científica como doenças Hematopatológicas.

¹ Projeto de Extensão aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário, número 5851/2015-PRO

A partir das discussões sobre as patologias e também do esclarecimento dos profissionais do Hemocentro a respeito de como atuar com pacientes Hemofílicos, com Anemia Falciforme, Talassemia e outras doenças do sangue, foram realizadas práticas lúdicas e educativas. Através do contato com os pacientes e seus familiares, todos têm a oportunidade de conhecer as realidades dos pacientes, suas vidas, seus contextos culturais, econômicos e sociais. Também foi possível identificar as brincadeiras, músicas e histórias prediletas dos pacientes e propor novas atividades em conjunto.

Ao longo do desenvolvimento do Projeto percebeu-se que a acolhida dos pacientes foi um momento significativo para o estabelecimento de vínculos que proporcionam as criações lúdicas. Sendo assim, as brincadeiras são construídas de maneira coletiva. A roda de conversa inicial permite saber quem são as crianças, adolescentes e/ou adultos, quais as cidades residem, quais suas patologias, suas maiores fragilidades que evidenciam, suas coagulopatias, entre outros aspectos pessoais. Essas são algumas informações iniciais dentre tantas outras que, a partir de uma boa receptividade, podem ser um diferencial das práticas e para repensar a teoria.

Nas rodas de conversa iniciais estão expressos os princípios teóricos metodológicos da Educação Social em Saúde, que se fundamenta na prática da Educação Popular na qual os indivíduos problematizam em conjunto suas dificuldades, angústias e constroem soluções coletivas para seus problemas. Também são destacados os trabalhos com a emancipação social das pessoas envolvidas nessas intervenções. Segundo Paula (2014),

a visão de mundo que reforça o valor do sonho e da utopia numa perspectiva da história como possibilidade é coerente com os princípios da Educação Popular como caminho para a emancipação dos oprimidos. Isso representa considerar o ser humano como um ser histórico e social.

É preciso destacar que o trabalho com crianças envolve o lúdico como um elemento agregador e desencadeador para as discussões das realidades vividas. O Projeto de Extensão se dedica a desenvolver ações sociais, lúdicas e educacionais construídas de forma coletiva com as classes populares na busca de construções teóricas e práticas da Educação Social no Brasil, a qual procura atuar com essas pessoas para o enfrentamento das injustiças e desigualdades sociais na busca da promoção do empoderamento, mais especificamente do protagonismo infanto-juvenil.

Para Natali (2016, p. 18), a “Educação Social trata da potencialização dos sujeitos em direção às construções culturais da sua época”. Dessa maneira, é preciso buscar ações que superem os dilemas contemporâneos impostos pelos governos excludentes, além de lutar constantemente pela garantia dos direitos e por melhores condições de vida para todas as pessoas.

Segundo Müller et al. (2010), a Educação Social precisa estimular o sujeito no tempo presente para que seja instrumentalizado a fim de enfrentar os desafios da sua vida e modificar o seu contexto, a partir da leitura da sua realidade e do seu passado. No caso do Hemocentro, a Educação Social atua desde a promoção de atividades lúdicas da cultura da infância até de discussão sobre a manutenção de direitos mais amplos, como a garantia do atendimento de qualidade pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Outra discussão referente à Educação Social está voltada para as análises dos indicadores de avaliação para essas práticas educativas e lúdicas, os quais, de acordo com Souza (2016), precisam ser diferenciados das práticas educativas formais das escolas, pois apresentam características diferentes na forma de estruturação e operacionalização. Ainda

para Souza (2016, p. 18), as intervenções realizadas nos projetos de Educação Social são amplas, pois “A educação ultrapassa os muros da escola, não só porque se diferencia em relação ao conteúdo que transmite, mas também porque não só é ali que está o acesso ao conhecimento. A educação ocorre em diferentes espaços”. Dessa maneira, faz-se necessário pensar em estratégias para realizar o trabalho e poder avaliá-lo também nas suas características próprias.

Aliados a essas discussões, os referenciais teóricos da Educação em Saúde de Gazzinelli e colaboradores (2005) também estão presentes no Projeto de Extensão. Para os autores, não é possível pensar na Educação em Saúde em uma perspectiva determinista e linear, pois nesse trabalho

Ressalta-se a formação de uma rede de solidariedade entre educadores e educandos, na qual busca-se o compartilhamento e o desenvolvimento de potencialidades na tentativa de ultrapassar limites e dificuldades, outorgando autonomia dos sujeitos envolvidos. (GAZZINELLI et. al., 2005, p. 204).

As práticas realizadas no Projeto de Extensão aqui relatado são regidas por esses princípios e por ações educativas que envolvem o respeito, o compromisso, a inclusão, a participação, o diálogo e a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes. É preciso destacar que o conhecimento das patologias e suas características também é um aspecto importante para a realização do Projeto de Extensão e elaboração das ações. Para tanto, os estudantes têm a necessidade de pesquisar informações sobre como é trabalhar com pessoas que apresentam diferentes limites que a própria doença impõe aos seus organismos.

Paula e Foltran (2007) enfatizam que quando uma criança ou adolescente no curso de seu desenvolvimento se descobre portador de uma patologia, a sua forma de ver o mundo tem continuidade, mas muitas vezes acontece uma série de alterações na própria rotina e também na sua família. As autoras constataram que o brincar é essencial para a saúde física, emocional e intelectual do ser humano, em qualquer idade, para promoção e incentivo ao desenvolvimento.

Quando as pessoas brincam, elas desenvolvem o equilíbrio e reciclam suas emoções vividas, além de motivar outros elementos como a atenção, a concentração e muitas outras habilidades, uma vez que mergulham em um mundo de possibilidades. Assim, esse é um momento de recriar e enfrentar situações por elas vividas no dia a dia, por isso o brincar para pessoas em tratamento de saúde não pode ser vazio, precisa ser planejado e por vezes repensado para que a saúde física e emocional dessas pessoas seja preservada. A seguir será descrita a forma como o Projeto de Extensão foi realizado.

Planejamento para as intervenções do projeto

O Projeto de Extensão iniciou suas intervenções em agosto de 2015 na universidade e foram realizados encontros com a coordenadora do Projeto e os estudantes para discussão, conhecimento e esclarecimento das patologias que o Hemocentro atende. A partir disso, foram construídos diferentes modelos de planejamentos para a realização das ações a serem desenvolvidas ao longo do ano. Esses encontros foram necessários antes de iniciar as práticas educativas e lúdicas no Hemocentro

Semanalmente aconteceram duas intervenções dos estudantes com as pessoas em tratamento de saúde que frequentam o Hemocentro (segundas e quartas-feiras) e também aconteceram encontros quinzenais da equipe (quintas-feiras) para a realização de planejamentos e avaliações das práticas. As intervenções realizadas no Hemocentro são lúdicas e educativas e o objetivo é sempre proporcionar momentos de aprendizado e muita alegria, não somente para os pacientes, mas também para os familiares que os acompanham nas consultas, uma vez que a principal finalidade da proposta educativa é ajudá-los no enfrentamento dos processos de tratamento das doenças e de compreensão das suas potencialidades e limitações.

Para compreender as patologias são realizadas pesquisas constantes. De acordo com a Federação Brasileira de Hemofilia (2015), a Hemofilia é um distúrbio genético que afeta os fatores de coagulação sanguínea. A respeito da Talassemia, a Associação Brasileira de Talassemia - ABRASTA (2016) a define como uma desordem hereditária que é transmitida por meio do pai ou da mãe para seus filhos; comumente produz anemia, ou seja, é uma falha genética que leva a uma malformação da Hemoglobina. Quanto à Anemia Falciforme, é uma hemoglobinopatia hereditária, ou seja, não é contagiosa e é mais frequente na população negra por ter sido originado no continente africano. Essa doença ocorre devido a uma alteração genética fazendo com que as hemácias, ao invés de forma arredondada, possuam um formato de foice que acaba destruindo as demais hemácias, por isso a necessidade de transfusão de sangue quinzenalmente.

Todas essas patologias apresentam algumas limitações físicas para os pacientes. No caso da Hemofilia, eles têm dificuldades de coagulação do sangue, principalmente aqueles acometidos pela Hemofilia grave, pois qualquer movimento exagerado do organismo pode ocasionar hemorragias de difícil contenção. Atualmente, o tratamento profilático com a aplicação de medicamentos; essas hemorragias são contidas, entretanto, é preciso tomar muito cuidado para que os hemofílicos não se machuquem. Em relação à Talassemia e à Anemia Falciforme, elas podem ocasionar problemas no fígado, baço, fazendo pés e mãos incharem, o que dificulta exercícios físicos. É preciso cuidado redobrado com essas pessoas.

Braga (2007, p. 234) apresenta um conceito sobre a importância do exercício físico para pacientes que fazem tratamento de saúde em Hemocentros:

A prática de exercícios pode ser encorajada, desde que as atividades sejam regulares, moderadas e o esforço progrida lentamente. O próprio paciente deve monitorar a medida adequada para ele quanto ao esforço físico. Os responsáveis e o paciente devem ser alertados sobre a necessidade da hidratação, antes, durante e após as atividades físicas.

Portanto, no Projeto de Extensão, todas as atividades são pensadas antecipadamente de forma responsável para que não coloquem em risco a integridade física das pessoas em tratamento de saúde. Por vezes, aparentemente os pacientes não são necessariamente frágeis fisicamente, mas elas precisam de cuidados especiais. O conhecimento sobre o tratamento e procedimentos médicos que cada doença exige é adquirido por meio do grupo de estudos que ocorre uma vez por semana (sextas-feiras) e nos planejamentos, momentos nos quais são estudadas as patologias do sangue a partir de dissertações, artigos acadêmicos, informações adquiridas no Hemocentro e relatos dos pais e profissionais da saúde que atuam na instituição.

Segundo Oliveira (2010), apesar de precisar de certos cuidados, as doenças do sangue não impedem que essas crianças e adolescentes tenham uma vida normal. É preciso que os educadores se interessem pelo desenvolvimento dessas pessoas, considerando que a educação e a ludicidade são inseparáveis nas ações no Hemocentro, pois proporcionam momentos de alegrias e amenizações da dor e sofrimento, tanto para os pacientes quanto para seus familiares.

A partir dessas informações, tem sido possível constatar que é preciso ter o máximo de cuidado na escolha das atividades para não provocar nenhum dano à integridade física dos pacientes. Assim, também se faz necessário o desenvolvimento de estudos e pesquisas para elaboração de novas brincadeiras.

Intervenções no hemocentro com os pacientes

As práticas educativas e lúdicas no Hemocentro ocorrem em três momentos e, como o Projeto está em andamento, essas práticas são constantemente avaliadas e reavaliadas. Primeiramente são realizadas atividades iniciais que normalmente tem o intuito de proporcionar uma aproximação com os pacientes que ainda não tiveram a possibilidade do contato com o Projeto de Extensão. O objetivo dessa atividade é estabelecer laços que permitam conhecer melhor as características pessoais, familiares e sociais das pessoas envolvidas e possibilitem que elas discutam os motivos pelos quais fazem tratamento no Hemocentro.

A brincadeira inicial é com uma bolinha. Todos os integrantes do Projeto – crianças, adolescentes, familiares e estudantes – se reúnem em círculo e passam a bolinha uns para os outros dizendo os seus nomes; esse é um momento de apresentação. Posteriormente, cada integrante precisa dizer o seu nome e dos colegas e, nessa roda inicial de conversa, também são feitas algumas conversas sobre o que os pacientes gostam de brincar, se estão na escola e de qual cidade são provenientes.

É preciso destacar que, seguidamente a essas brincadeiras, um estudante é responsável por uma entrevista mais sistematizada com os familiares e os pacientes. Nessa entrevista, pergunta-se sobre dados pessoais, escolarização, patologias, idade e cidade, um levantamento que auxilia na obtenção dos dados de caracterização das pessoas atendidas, no planejamento e acompanhamento, bem como no conhecimento das doenças hematológicas mais recorrentes dos pacientes que frequentam o Hemocentro. Essas informações também contribuem para o relatório das ações do Projeto.

No início das intervenções, os estudantes solicitam aos pacientes e familiares a autorização das imagens através de consentimento informado aprovado pelo Comitê de ética do Hospital Universitário no qual o Hemocentro está relacionado.

No segundo momento, são realizadas atividades intermediárias que proporcionam o bem-estar, autonomia, criatividade, curiosidade, desenvolvimento da linguagem verbal e corporal, tais como: contação de histórias, telefone sem fio, estátua, careca cabeludo, mímica, batata-quente, passa anel, quebra-cabeça com bexigas, caça ao tesouro, atividades artísticas, atividades musicais, jogos de tabuleiro, de adivinhação e raciocínio.

De acordo com Lieberman (1997) os jogos voltados para a promoção da saúde colaboraram para a obtenção de conhecimentos sobre prevenção e autocuidado. Essas

atividades promovem a socialização entre as pessoas, entre os familiares e os participantes do Projeto, já que nas rodas de conversas intercaladas nas brincadeiras os estudantes têm a oportunidade de conhecer as histórias de vidas, os desejos e as dificuldades de conviver com essas doenças; eles também aprendem e desenvolvem uma consciência crítica a respeito dos direitos e da condição de vida das pessoas que realizam tratamento de saúde no Hemocentro.

Para finalizar as intervenções, em um terceiro momento, são realizadas atividades artesanais e/ou de literatura infantil. Pelo fato dessas atividades exigirem maior concentração de todos os envolvidos, essas práticas permitem uma aproximação maior com os pacientes, familiares das crianças e adolescentes e com os colaboradores do trabalho de extensão.

Vygotsky (1991) afirma que o lúdico tem influência no desenvolvimento da criança e que os benefícios do ato de jogar são: aprender a tomar algumas decisões; estimular a curiosidade; aumentar o poder de iniciativa e autoconfiança; desenvolver a linguagem verbal e corporal; e aumentar o poder de concentração. O jogo pode ser considerado uma poderosa ferramenta pedagógica, por isso o Projeto vem atuando com o desenvolvimento de jogos e brincadeiras que trabalham a percepção cognitiva, afetiva e social das crianças, adolescentes e familiares que acompanham seus filhos.

A metodologia do Projeto também é fundamentada na Educação Social, por esse motivo são elaboradas rodas de estudos e conversas, produção de relatórios, registros em diário de campo com relatos e fotografias e avaliações constantes das intervenções pelo grupo e pelos próprios pacientes e familiares, os quais também sugerem novas atividades e brincadeiras.

Com brincadeiras coletivas sistematizadas, as crianças desenvolvem a socialização, coordenação motora e cognição. Vale salientar que direcionados pela Educação Social no Hemocentro também é possível encontrar um espaço de exercício da cidadania e conscientização política dos direitos e deveres da criança e do adolescente, considerando a importância do lúdico em suas vidas. Muitas atividades são baseadas no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) com intuito das pessoas conhecerem seus direitos, principalmente em relação à saúde, educação e desenvolvimento humano, no qual o lúdico tem importante atuação.

Metodologia – aplicação dos questionários sobre as concepções dos acadêmicos a respeito projeto de extensão

Para fundamentar este trabalho, foram utilizadas três produções acadêmicas, começando por um artigo que discute Projetos de Extensão com crianças e adolescentes, além de ações de acadêmicos em uma brinquedoteca hospitalar – “Projeto brilhar: Brinquedoteca, literatura e arte no ambiente hospitalar”, de Paula e Foltran (2007). Também foi considerada a dissertação “Brincar(es) na Infância: Possibilidades no Contexto da Doença Falciforme e da Hemofilia” de Oliveira (2010), estudo que apresenta ações de acadêmicos em um Hemocentro.

Outro artigo que serviu de referência para as ações dos profissionais de Educação Física no trabalho com pessoas em tratamento de saúde foi a pesquisa de Invernizzi e Vaz

(2016) sobre “Tempo e conhecimento na Educação Física dos primeiros anos do ensino fundamental em classe hospitalar: algumas questões”. Nesse artigo, os autores discutem práticas educativas de estagiários de Educação Física em Classe Hospitalar em Santa Catarina e analisam as ações dos estagiários com as crianças e adolescentes.

Todas essas produções auxiliaram na elaboração dos questionários e análises de concepções dos Projetos de Extensão que se desenvolvem em Brinquedotecas Hospitalares, Classes Hospitalares e Hemocentros. Com essa base, foram aplicados sete questionários para os integrantes do Projeto sendo: duas estudantes de Pedagogia, uma estudante de Educação Física, três pós-graduandos de Educação e uma estudante egressa do Curso de Pedagogia. Os nomes desses colaboradores foram alterados para as identidades serem preservadas e, assim, suas respostas foram identificadas com sílabas e consoantes. Os estudantes assinaram um Consentimento Informado autorizando a pesquisa.

Em relação às características do questionário, a primeira pergunta feita aos participantes do Projeto no Hemocentro foi sobre o interesse de participar do Projeto de Extensão na Universidade. Em geral, os entrevistados responderam que esse trabalho é a oportunidade de conhecer e aprender sobre a Pedagogia Hospitalar, Educação Social e não somente compreender essas áreas na teoria, mas também na prática. Eles salientaram que a contribuição do Projeto não é apenas para a formação dos participantes, mas também para o bem-estar da comunidade em tratamento de saúde.

Os questionários apresentavam as seguintes questões para os estudantes: Qual o seu interesse de participar de um Projeto de Extensão na Universidade? Como ficou sabendo do Projeto e qual sua reação inicial? Como você pensava que era o Projeto no Hemocentro? Como você pensava que eram as crianças e adolescentes no Hemocentro? Sua percepção modificou após a realização do Projeto? Quais as atividades que você mais gosta de realizar no Projeto e o momento que mais lhe marcou? Qual a contribuição do Projeto para a sua formação?

Todos os participantes tiveram conhecimento do Projeto de Extensão por meio da professora coordenadora que divulgou na universidade as ações extensionistas. O projeto foi divulgado em cartazes distribuídos pelo *campus*, nas redes sociais e também foram realizados convites e apresentação do projeto nas salas de aula dos Cursos de Pedagogia e Educação Física. Esses cursos foram escolhidos, pois a proposta é integrar atividades educacionais e lúdicas.

Os acadêmicos interessados passaram por uma seleção e entrevista para se saber suas preocupações e interesses. As análises das respostas dos questionários que serão apresentadas a seguir estiveram fundamentadas na perspectiva teórica de Análise de Conteúdo de Bardin (2009) e as respostas dos estudantes foram decodificadas em categorias.

Em um primeiro momento, foi realizada uma pré-análise das respostas, posteriormente o material foi explorado e analisado em suas semelhanças e diferenças. Após esse tratamento metodológico, foram realizadas as inferências e interpretações.

Resultados das análises dos questionários dos estudantes

Em relação às análises dos questionários, quando os estudantes foram questionados sobre a reação inicial ao tomarem conhecimento do Projeto ou quando foram convidados

para se tornarem membros do grupo de trabalho, eles descreveram que existiram um misto de incertezas por não saberem com que tipo (fisicamente e psicologicamente) de crianças e adolescentes iriam lidar; em contrapartida, também se sentiram entusiasmados e interessados por uma proposta de trabalho tão desafiadora. Essa primeira categoria foi denominada de **Contato Inicial**. Os participantes E e F relatam que:

A reação inicial de participação no Projeto foi de descoberta e encantamento, até o início do Projeto não sabia como era a vivência com as doenças do sangue, algumas das doenças foram conhecidas ao longo das ações realizadas no Hemocentro. (Participante E).

A minha intenção, desde o início, foi me integrar a um Projeto com objetivos recreativos, também pedagógicos, para crianças hospitalizadas. Sempre foi o campo que mais me interessou por motivos pessoais e por conseguir compreender a importância de pequenas atividades recreativas para elas. (Participante F).

Outra unanimidade nas respostas foi o fato de imaginarem que as atividades a serem desenvolvidas no Hemocentro não poderiam apresentar muitas exigências dos aspectos físicos dos pacientes, como correr e pular, devido às doenças do sangue. Os integrantes pensavam inicialmente que não haveria contato físico com os atendidos, uma vez que acreditavam que as pessoas estariam nas macas fazendo transfusão de sangue e o Projeto desenvolveria apenas atividades de contação de histórias e pintura. Vejamos o que relatam os participantes A e L:

Desde a primeira vez que pudemos ter o contato com as crianças e adolescentes dentro do Hemocentro minha percepção mudou, visto que, encontrei crianças e adolescentes por vezes dispostos, que estavam alegres, brincando na sala de espera, conversando e nem sempre estão em transfusão, sentados ou deitados em tratamento, e mesmo alguns com bolsa de sangue, eles conseguem se movimentar com os devidos cuidados, mas não necessariamente estão “presos” aos aparelhos. (Participante L).

A princípio minha visão era de que seriam pessoas com problemas relacionados ao sangue e que por meio de visitas ao Hemocentro realizavam procedimentos para assegurar um prolongamento de vida, até o início do Projeto o único caso de Hemofilia que eu tinha conhecimento era do sociólogo “Betinho”, (Herbert José de Sousa),[...] Com a participação no Projeto posso afirmar que houve uma mudança significativa com relação a percepção que tenho para com as crianças e adolescentes e também os adultos (idosos) [...]E percebo que as pessoas que participam do Hemocentro são cidadãos de direito que convivem com uma diversidade funcional que requer apoio constante de equipes médicas, mas em especial das famílias, as crianças são alegres e participativas, como toda criança é. (Participante A).

Mediante os primeiros contatos com toda a equipe de profissionais e também com as crianças, adolescentes e seus familiares, foi possível perceber que, mesmo que o local das atividades (a sala de espera) não permita o desenvolvimento de algumas atividades devido às limitações do espaço físico e da dinâmica da instituição, mesmo assim, foi possível desenvolver diferentes atividades que exploram o ambiente disponível. Portanto, foram realizadas ações que despertam nos membros do Projeto a criatividade e a imaginação, atividades que foram rigorosamente discutidas desde desenvolvimento e planejamento e

que buscaram propiciar a todas as pessoas atendidas e seus familiares e ou responsáveis uma ressignificação das suas idas e permanências nas dependências do Hemocentro.

A segunda categoria de análise foi intitulada **Modificação de Conceitos**. As concepções dos estudantes sobre as crianças, os adolescentes, suas patologias e potencialidades foram modificadas através das práticas e dos saberes envolvidos. Eles passaram a repensar os planejamentos, levando em consideração as potencialidades e capacidades das pessoas que ali sempre se encontram, visando uma socialização entre todas os sujeitos envolvidos na dinâmica proposta pelo Projeto (pacientes, familiares, colaboradores – acadêmicos e professores – e a equipe de saúde). Em relação a essa temática, os participantes L e G afirmaram:

A atividade da “bolinha” sem dúvida é a mais legal, pois é uma forma diferente de conhecer um ao outro, pois sempre tem crianças e adolescente novos. Essa atividade nos ajuda a ter uma interação maior com os pacientes e acompanhantes, porque fazemos variações que nos permite uma comunicação mais suave, quebrando aquele clima de hospital. O momento que mais me marcou foi em uma atividade realizada para as crianças conhecerem mais sobre o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, que em determinado momento uma das crianças disse que não teria direito de dar opinião, e nos do Projeto pudemos intervir, fazendo-a refletir a respeito de sua fala. (Participante G)

Gosto das atividades de adivinhação e raciocínio, pois permite com que as crianças e adolescentes usem sua imaginação, e faz com que as conheçamos mais, por meio de seus saberes expressos em suas falas e ações. (Participante L).

Por meio das diferentes estratégias educacionais e lúdicas que o Projeto desenvolve, observou-se que as práticas educativas desenvolvidas no Hemocentro contribuem significativamente para o processo de formação dos estudantes, visto que tem possibilitado refletir sobre o aprendizado discente, bem como sobre as futuras atuações profissionais no campo da educação em diferentes contextos. No tocante à categoria **Formação**, os participantes G e E enfatizam:

O Projeto contribui e muito para a minha formação, pois é um espaço que posso conhecer mais sobre a doença e a experiência de trabalhar com as limitações que a doença lhes exige. Como futura professora de Educação Física é de suma importância passar por isso, pois nos faz repensar as nossas atitudes como educadora e como pessoa, visto que a cada encontro é um aprendizado novo, nós participantes somos os que mais aprendemos com os pequenos. (Participante G)

Não há como dimensionar a contribuição do Projeto, ele tem significância em todas as áreas de formação que posso pensar, seja pessoal, profissional e acadêmica, vejo o Projeto como um espaço de estudo e aprendizado ímpar, e sinto muita falta de atuar constantemente nas atividades do grupo. (Participante E)

É notório que cada participante teve um momento muito marcante no Projeto e eles descrevem que o trabalho extensionista contribui para a formação profissional e humana de cada um. Todavia, em meio às diferentes respostas obtidas nas perguntas, verifica-se que as ações que mais marcaram os participantes referem-se às práticas

educativas realizadas no Dia Mundial do Hemofílico, evento que foi realizado em uma praça da cidade, no dia 17 de abril de 2016, para conscientização da sociedade sobre a Hemofilia e os cuidados necessários.

Outra atividade marcante foi o evento de encerramento das atividades do ano de 2015 cujo objetivo foi discutir e refletir a respeito do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) e a sua relação com o cotidiano das crianças, adolescentes e adultos com diferentes patologias. Esses foram momentos em que as famílias, os pacientes e os membros do grupo se mobilizaram em tardes de aprendizado e participação social.

Com base nisso, o Projeto tem permitido refletir a respeito das práticas educacionais e lúdicas e sua importância na formação dos educadores; o trabalho também faz repensar concepções sobre pessoas Hemofílicas, aquelas que têm Anemia Falciforme, Talassemia e o papel que exercem na sociedade. A cada prática educativa, são reafirmados novos olhares e práticas na formação dos estudantes, que cada vez mais conseguem compreender o papel fundamental no exercício da profissão, no cuidado com as crianças e adolescentes, no respeito e conhecimento da diversidade e na luta coletiva pela garantia dos direitos dessas pessoas a um tratamento com dignidade, tanto no que se refere aos medicamentos, a garantia do sangue e sua qualidade nos Hemocentros quanto aos profissionais e atividades que proporcionem bem-estar, acolhimento e maior adesão ao tratamento.

Considerações finais

A partir dessas experiências vivenciadas no Hemocentro, pode-se afirmar que o Projeto de Extensão tem contribuído significativamente para a formação humana e acadêmica dos seus participantes. A área de estudo sobre pessoas em tratamento de saúde em Hemocentros necessita de mais pesquisas, considerando a compreensão das interfaces do campo educacional associadas à saúde, em especial, a relação da Educação Social em Saúde.

A integração dos participantes do Projeto e o conhecimento das pessoas atendidas têm possibilitado a construção de brincadeiras e ações em espaços abertos e fechados. Os saberes dos diferentes cursos de graduação, em especial de Pedagogia e Educação Física, promovem ações multidisciplinares, as quais têm possibilitado a construção de fundamentos teóricos para atuação lúdica e educativa com pacientes que frequentam Hemocentros, bem como de materiais didáticos e produções acadêmicas para outros Projetos de Extensão nessa mesma área.

É possível afirmar que, no decorrer das práticas educativas, o Projeto contribuiu para o desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e pedagógico das pessoas em tratamento de saúde, tendo em vista que elas apresentam uma maior desenvoltura desde quando o Projeto teve início em 2015, não apenas com os integrantes do Projeto, mas também nas relações estabelecidas com toda a equipe dos profissionais de saúde do Hemocentro.

O trabalho extensionista propicia bem-estar para todas as pessoas dentro da unidade de atendimento, sejam profissionais de saúde, pacientes, familiares e todos os participantes do Projeto, pois torna o ambiente mais caloroso, humanizado, pertencente, afetivo e, acima de tudo, alegre e vivo. Observa-se também uma maior adesão ao tratamento, pois as crianças e adolescentes solicitam que as consultas sejam marcadas nos dias de realização do Projeto.

Como resultados, também é possível identificar que os membros do Projeto de Extensão têm dado um novo sentido às suas práticas e superaram as indagações e impressões iniciais sobre os pacientes. Os princípios teóricos da Educação Social contribuem para o trabalho com os pacientes para que eles compreendam a necessidade dos cuidados com a saúde e da luta pela garantia e manutenção dos seus direitos básicos. Outrossim, as ações no Hemocentro possibilitam que os pacientes interajam entre si e construam soluções coletivas para seus problemas e também se divirtam com as atividades e brincadeiras desenvolvidas.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BRAGA, J. A. P. Medidas gerais no tratamento das doenças falciformes. **Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia**, São José do Rio Preto, v. 29, n. 3, p. 233-238, jul./set. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbhh/v29n3/v29n3a09.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ABRASTA, Associação Brasileira de Talassemia. **Definição Talassemia**: A Talassemia não é contagiosa e não é causada por deficiência na dieta. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.abrasta.org.br/definicao-talassemia>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 10 ago. 2016.

FBH, Federação Brasileira de Hemofilia. **O que é Hemofilia?** Distúrbio genético e hereditário que afeta a coagulação do sangue. Barueri, 2016. Disponível em: <<http://www.hemofiliabrasil.org.br/hemofilia/o-que-e/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

GAZZINELLI, M. F et al. Educação em Saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências com doenças. **Cad. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 200-206, jan./fev. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n1/22.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

INVERNIZZI, L.; VAZ, A. F. Tempo e conhecimento na educação física dos primeiros anos do ensino fundamental em classe hospitalar: algumas questões. **Ágora**: para la educación física y el deporte, Valladolid, n. 18(1), p. 49-60, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://agora-revista.blogs.uva.es/files/2016/05/agora_18_1d_invernizzi_et_fezvaz.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

LIEBERMAN, D. A. Interactive video games for health promotion: Effects on knowledge, self-efficacy, social support, and health. In: SREET, R. L.; GOLD, W. R.; MANNING, T. (orgs.) **Health promotion and interactive Technology**: Theoretical applications and future directions. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997, p. 103-120.

MÜLLER, V. R. et al. A formação do profissional da Educação Social: espectros da realidade. In: XVIII Seminário Internacional de Formação de Professores para o MERCOSUL/CONE SUL, 18, 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 446-456. Disponível em: <<http://seminarioformprof.ufsc.br/files/2010/12/M%C3%9CLLER-Ver%C3%B4nica-Regina3.pdf>>. Acesso em 5 jul. 2016.

NATALI, P. M. **Formação profissional na Educação Social:** Subsídios a partir de experiências de educadores sociais latino americanos. 2016, Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

OLIVEIRA, L. S. **Brincar (es) na infância:** possibilidades no contexto da doença falciforme e da Hemofilia. (Dissertação de Mestrado) Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

PAULA, E. M. A. T.; FOLTRAN, E. P. Brinquedoteca hospitalar: direito das crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista. Conexão**, Ponta Grossa, 2007, v. 3, n. 1, p. 22-25, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3828/2707>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

SOUZA, C. R. T. **Educação Social e Avaliação:** Indicadores para contextos educativos diversos. 2016, Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991. p. 61-69.



Artigo recebido em:
29/07/2016
Aceito para publicação em:
11/09/2016

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA PARA ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DETERMINANTES SOCIAIS DE SAÚDE

UNIVERSITY EXTENSION: LEARNING OPPORTUNITY FOR ACADEMIC SIGNIFICANT NURSING THROUGH DETERMINING THE CONCEPT OF BUILDING SOCIAL HEALTH

*Margarete Bernardo Tavares Silva**

*Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense***

*Paulo Cezar Gonçalves da Silva****

*Claudia Teresa Vieira de Souza*****

UNIGRANRIO / UFRJ / UNIRIO/
FIOCRUZ - RJ - BRASIL

RESUMO

A integração do ensino à pesquisa e extensão objetiva consolidar todo o processo de amadurecimento pessoal do aluno. Nesta ótica foi criado em 2013 o projeto de pesquisa/extensão: "A inserção do acadêmico de enfermagem no âmbito da pesquisa científica focando os determinantes e condicionantes do processo saúde-doença, seus desdobramentos e relações em diferentes níveis de atenção e promoção da saúde à localidade, ao indivíduo e a família". O objetivo foi descrever o uso de metodologia ativa no processo-ensino-aprendizagem de alunos de graduação em enfermagem através da participação em atividades de extensão dentro do currículo regular. Exploramos o relato de experiência dos projetos utilizando a metodologia da problematização. Durante três semestres foram desenvolvidas 11 atividades de extensão, envolvendo 118 alunos. Concluímos que uma vez vivenciada a experiência além dos muros da universidade foi possível desenvolver habilidades e competências importantes para seu exercício profissional, pois levará consigo uma bagagem de experiências reais.

Palavras Chaves: Ensino; Enfermagem; Relações Comunidade-Instituições; Determinantes Sociais de Saúde

ABSTRACT

The integration of education research and objective extension consolidate all of the student's personal maturation process. In this light was created in 2013 the research project / scope: "The insertion of the nursing academic in scientific research focusing on the determinants and conditions of the health-disease,

* Professora da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), RJ – Brasil. Aluna de Doutorado da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), RJ – Brasil. E-mail: margaretetavares@yahoo.com.br

** Professora da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), RJ – Brasil. Aluna de Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ – Brasil. E-mail: pacitageovana@yahoo.com.br

*** Aluno de Mestrado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), RJ - Brasil. E-mail: pcrj03@yahoo.com.br

**** Professora da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), RJ – Brasil. E-mail: clau@fiocruz.br

its consequences and relationships at different levels of care and health promotion to location, the individual and the family. The aim were to describe the use of active methodology in the process-teaching-learning in nursing undergraduate students through participation in outreach activities within the regular curriculum. We explore the project experience reporting using the methodology of questioning. During three semesters were developed 11 outreach activities, involving 118 students. We conclude that once lived experience beyond the university walls was possible to develop important skills and competencies for their professional practice, as will carry a baggage of real experiences.

Keywords: Education; Nursing; Community-Institutional Relations; Social Determinants of Health

Introdução

A articulação entre ensino, pesquisa e extensão tem sido o pilar da educação no Brasil desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 (BRASIL, 1996). É possível descrevê-los da seguinte forma: *Ensino* - apreender novos conhecimentos através de processos mentais, sociais e representacionais (MOREIRA, 2011); *Pesquisa* – é um processo sistemático de construção do conhecimento que tem como meta gerar novos conhecimentos, corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente; *Extensão* – é compartilhar de experiências e conhecimentos entre os estudantes e sociedade, num constante diálogo de respeito a cultura e de indissociabilidade entre a sociedade e a universidade (LEITE et al., 2014).

O conceito de extensão universitária historicamente passou por mudanças na sua concepção desde o seu surgimento no Século XIX, na Inglaterra. Os projetos de extensão universitária surgiram no intuito de aproximar a universidade da sociedade, seu início foi nas universidades públicas e aos poucos ganhou espaço nas instituições privadas. Na década de 80, século XX, a extensão universitária consolidou-se como espaço de aprendizagem reconhecido pela academia. Inicialmente na prática extensionista, não apenas assistencialista, buscava-se a construção de uma concepção indissociável entre extensão, ensino e pesquisa, como foi posteriormente promulgado na Constituição Federal Brasileira de 1988, no artigo 207 (PAULA, 2013; NUNES e SILVA, 2011).

Os pioneiros na extensão universitária acabaram desenvolvendo atividades assistenciais em coletividades, o que gerou em certas comunidades a “acomodação” do Estado em suprir as necessidades locais. Em discussões a este respeito, conclui-se que para um projeto de extensão abrangente e qualificado é necessário a interdisciplinaridade no desenvolvimento das ações. Neste contexto, o papel da Universidade é de constituir-se em espaço de reflexão acerca das diferentes realidades em que o aluno vive e trabalha, de forma que ele não se transforme apenas num executor de procedimentos, mas questione, pesquise, planeje, avalie e reflita sobre seus atos enquanto profissional (PAULA, 2013; BISCARDE, PEREIRA-SANTOS, SILVA, 2014; LEITE et al, 2014).

Os resultados dos projetos de extensão, atualmente, são caracterizados pela produção de conhecimento alicerçado na troca de saberes, popular e acadêmico, conduzindo a uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade. É o retorno à sociedade do conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa desenvolvidos pela instituição. É neste espaço de extensão, que o aluno tem a aproximação com a educação em saúde e promoção da saúde, veículos importantes para a minimização da miséria e das desigualdades no Brasil (BISCARDE, PEREIRA-SANTOS, SILVA, 2014).

O Caminho da teoria-à-prática de forma significativa para cada aluno está diretamente relacionado às experiências individuais e coletivas propostas pelo professor ao aluno e vivenciadas em conjunto num ambiente de trocas. A aprendizagem ocorre quando existiu uma relação de base afetiva e de troca entre o professor e o aluno, considerando todo o seu contexto, os materiais pedagógicos adequados na

apresentação no novo tema de forma dinâmica, sendo então necessário pensar, sentir e agir por ambos os atores neste processo. Esta é a teoria de aprendizagem proposta por Novak, onde ele apresenta a educação como um conjunto de experiências que contribuem para o engrandecimento do indivíduo para lidar com a vida diária, este processo envolve o professor, o aluno, o conhecimento prévio e novo, o contexto e a avaliação (MOREIRA, 2011).

Como tornar o processo de aprendizagem uma experiência significativa? Foi e ainda é uma questão para as escolas. Várias têm sido as estratégias desenvolvidas desde então, para formação profissional de qualidade. Uma destas estratégias é o desenvolvimento de projetos de extensão universitária para as comunidades, com o intuito de facilitar o reconhecimento da atuação extramuros, como imprescindível na formação e posterior atuação profissional do acadêmico.

A formação de um profissional crítico e reflexivo exige dos cursos de graduação uma profunda reformulação de suas práticas pedagógicas. No que diz respeito aos cursos da área de saúde, formar um profissional capaz de observar, interpretar e intervir na realidade de forma ética, e pautado no conhecimento científico é um desafio e uma grande responsabilidade para o corpo docente uma vez que estamos falando em lidar com vidas. Partindo deste pressuposto, a adoção de metodologias ativas é imprescindível para o enfrentamento dos desafios educacionais e mercadológicos atuais.

Neste sentido, o Programa Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (PROCIEPE) é a estratégia pedagógica proposta e implementada no curso de Enfermagem da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)¹ com o objetivo de integrar as atividades de pesquisa e extensão, através de vivências práticas fora dos muros da universidade, durante oito períodos da graduação. Esta experiência proporciona ao aluno uma oportunidade de reflexão crítica em relação às experiências vivenciadas nos campos de extensão e prática. Tendo assim a oportunidade de, a partir da realidade vivida desenvolver habilidades e competências profissionais inerentes ao Enfermeiro (AMARAL, CARVALHO & FIGUEIREDO, 2010).

O PROCIEPE foi uma construção coletiva do colegiado dos professores de cada período acadêmico. As atividades foram organizadas para integrar o conteúdo teórico da sala de aula com a realidade nos diferentes cenários de prática, sempre tutorado por professores, acompanhando o amadurecimento do aluno (AMARAL, CARVALHO & FIGUEIREDO, 2010). Suas atividades de extensão são conduzidas pelo plano de ensino coletivo, ficando sob responsabilidade do docente alocado no semestre na turma o seu desenvolvimento para o alcance das habilidades e competências propostas.

Entender as condições particulares de produção da doença é uma tarefa complexa a qual necessita de uma abordagem e reflexão transdisciplinar, é necessário transcender as fronteiras das ciências biomédicas e percorrer os caminhos das ciências sociais, sociologia, psicologia, planejamento, economia, entre outras. Integrar esses diferentes modos de pensar é o grande desafio. Na visão de Morin (2007) o pensamento é indivisível e deve integrar os diferentes modos de pensar.

O desenvolvimento do conhecimento científico, de forma geral, influenciou profundamente no controle das doenças transmissíveis e contribuiu para ultrapassar os conceitos de unicausalidade das doenças e de grupo de risco. Fortaleceu a forma de pensar o coletivo, o ambiente como potencial agente no processo de transmissão de doenças e/

1 O nome da UNIGRANRIO pode ser divulgado porque este manuscrito foi construído a partir da experiência com os alunos em atividade de extensão e pesquisa, com projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

ou agravamento de seu quadro. As doenças deixam de serem percebidas apenas como ente biológico, mas, passam a ter um componente social, comportamental, ambiental, que envolve entre outras facetas: infraestrutura de habitação, saneamento e educação (SILVA, 2010).

As condições de vida individual ou coletiva apontam para uma realidade que configura uma situação social/econômica, que pode determinar o surgimento e agravamento de problemas nas várias dimensões de vida dos grupos sociais. Assim, condições de vida referem-se ao campo de ação, onde os atores se movem e atuam, buscando formas de enfrentamento destes problemas e de suas determinações como um todo (BADZIAK & MOURA, 2010).

Como determinante no processo saúde-doença as condições de vida do indivíduo influenciam na distribuição desigual dos agravos à saúde, os quais são produtos da ação de fatores que se distribuem desigualmente na população. O conhecimento destes fatores das doenças permite aplicação de medidas preventivas e curativa, direcionadas a alvos específicos cientificamente identificados, o que resulta em aumento da eficácia das intervenções propostas (PEREIRA, 2007).

Conhecer a historicidade da doença permite apreender a participação dos fatores não-biológicos envolvidos em sua transmissão, pois as doenças assim como as sociedades em que ocorrem, estão em constante processo de mudança. Os determinantes e condicionantes no processo saúde-doença do indivíduo, sua família e sua comunidade, variam de núcleo familiar à núcleo familiar, nesta ótica o Enfermeiro deve estar atento a todos os detalhes verbalizados ou não para identificar a questão e agir focado nela.

Portanto, diante do exposto acima, este estudo tem como objetivo descrever o uso de metodologia ativa no processo de ensino-aprendizagem de alunos de graduação em Enfermagem através da participação em atividades de extensão dentro do currículo regular. A análise e discussão dos resultados produzidos poderão contribuir para o fortalecimento do uso da metodologia da problematização no processo de construção do conceito de Determinantes Sociais em Saúde (DSS).

Método

O relato de experiência é uma ferramenta de pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica. No caso, trata-se do relato de experiência da inserção dos alunos do primeiro período de Enfermagem na comunidade para desenvolver um programa socioeducativo a partir de determinantes e condicionantes de saúde identificados por eles e expresso em problemas coletivos, para assim promover a melhoria da qualidade de vida dos residentes na localidade.

A integração do ensino à pesquisa e extensão objetiva consolidar todo esse processo de amadurecimento pessoal do aluno e do seu entendimento dos diferentes campos de atuação, na relação da teoria com a prática real. Para a integração da pesquisa com a extensão foi criado e aprovado pelo CEP a pesquisa denominada: “*A inserção do acadêmico de Enfermagem no âmbito da pesquisa científica focando os determinantes e condicionantes do processo saúde-doença, seus desdobramentos e relações em diferentes níveis de atenção e*”

promoção da saúde à localidade, ao indivíduo e a família”, registrada sob o número: **CAAE:** 13897413.2.0000.5283.-

A pesquisa foi desenvolvida durante três semestres (2013-1, 2013-2, 2014-1), totalizando uma amostra composta por 236 indivíduos, sendo 118 alunos (média de 40 alunos por turma em cada semestre) e 118 moradores das comunidades. Após o desenvolvimento de todas as atividades de extensão durante um semestre o aluno tem a oportunidade de apresentar o produto de seus trabalhos em um evento científico organizado pela própria UNIGRANRIO, a “Mostra de Práticas Curriculares na Atenção Básica”. Trata-se de um espaço onde os todos os alunos do curso de Enfermagem de diversos períodos apresentam seus produtos oriundos das atividades desenvolvidas nos projetos ao longo do semestre.

Todos os alunos e membros da comunidade que participaram da pesquisa foram orientados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os alunos foram treinados para a realização das visitas domiciliares e o instrumento utilizado para coleta dos dados foi a ficha A do Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB). Optamos por utiliza-lo tendo em vista a sua finalidade, ou seja, aproximar o aluno dos instrumentos padronizados nas unidades básicas de saúde onde desenvolverão estágios supervisionados. Além disso foi elaborado um roteiro semiestruturado com questões socioantropológicas. As atividades de extensão foram desenvolvidas em dois municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A aplicação do Arco de Maguerz foi utilizado como metodologia ativa para o desenvolvimento da proposta. Esta técnica estimula principalmente o desenvolvimento de habilidades de observação e julgamento de situações problemas a fim de sugerir hipóteses de solução dos mesmos (SOBRAL, CAMPOS, 2012; PRADO et al, 2012; MAIA, 2014).

A descrição e a organização dos resultados seguiram as etapas da aplicação do Arco de Maguerz. A análise dos dados baseou-se na descrição percebida pelos alunos e nos relatos dos membros da comunidade entrevistados. Foram identificados temas que se reverteram em atividades de extensão realizadas pelos acadêmicos. Sendo assim possível observar e entender o processo de amadurecimento dos alunos e evolução dos conceitos, conhecimentos e comportamentos apresentados, possibilitando demarcar as mudanças no tempo (PÊCHEUX, 2008).

Seguindo a lógica de desenvolver junto ao seu corpo docente uma estratégia de incorporação de metodologias ativas ao processo de ensino-aprendizagem do acadêmico de Enfermagem, a UNIGRANRIO, instituição lócus de nosso relato de experiência, localizada no município de Nova Iguaçu, região da Baixada Fluminense no Estado do Rio de Janeiro, estruturou uma disciplina denominada Prática Curricular em Saúde (PCS), totalmente baseada na Metodologia da Problematização. Sua ementa destaca: “Integrar ensino, pesquisa e extensão”.

A teoria necessária para o desenvolvimento desta disciplina é articulada transversalmente, com outros conteúdos teóricos, de maneira que o acadêmico correlaciona à teoria adquirida durante o semestre com as práticas desenvolvidas nesta PCS.

O ensino respeita os estágios do desenvolvimento dos alunos, uma vez que a construção do conhecimento não surge do nada, é fruto da assimilação, de acordo com os padrões de conhecimento, acomodação, equilíbrio e do desenvolvimento da

inteligência. Desta forma o aluno tem um papel ativo, participante e questionador (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009; MOREIRA, 2011). Neste sentido, de acordo com o avançar dos períodos o nível de complexidade vai aumentando de maneira que, o cuidado de Enfermagem perpassa três esferas de clientela: comunidade, família e indivíduo no âmbito da atenção primária, secundária e terciária.

A integração deu-se a partir da atividade que consistia em aplicar a metodologia da Problematização para os alunos vivenciarem e desenvolverem suas habilidades de observação e levantamento de solução usando o arco de Magueréz, conforme apresentado no fluxograma das atividades desenvolvidas (figura 1). (SOBRAL, CAMPOS, 2012) nos apresentam os passos em 5 etapas, quais sejam:

1- Observação da Realidade - observação sistemática da comunidade através do roteiro sócio antropológico e entrevista estruturada junto às famílias.

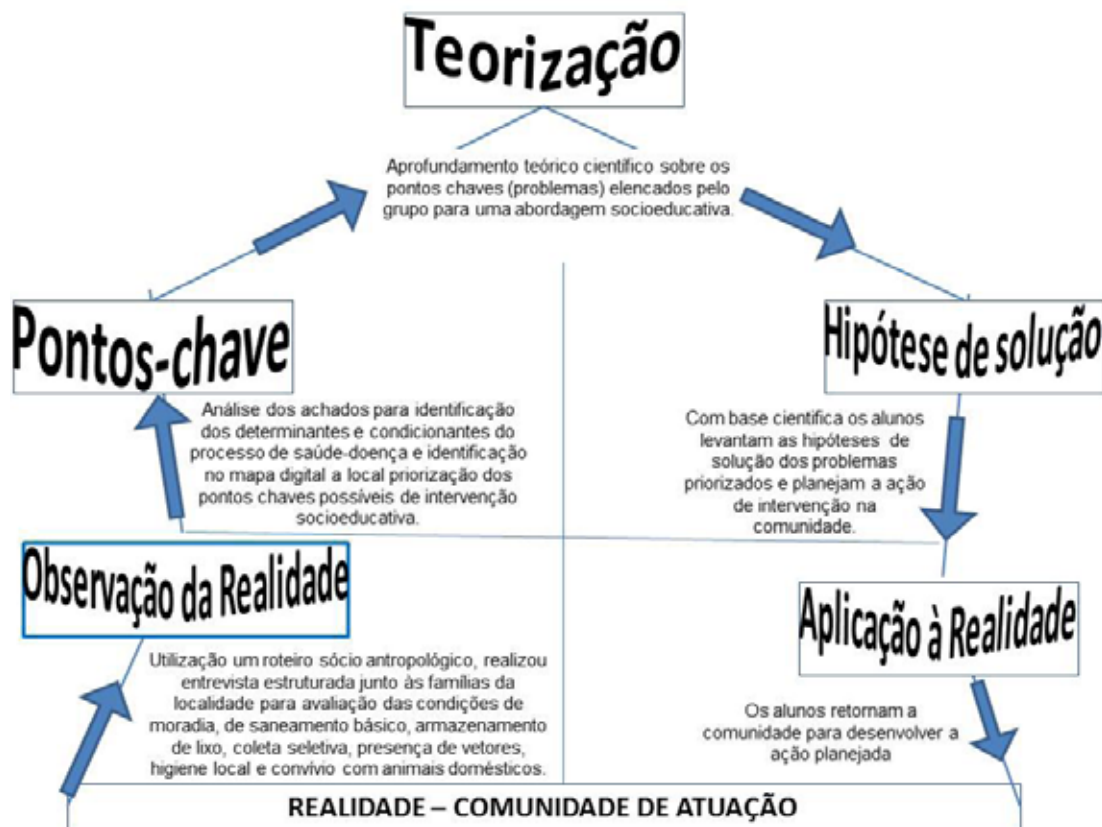
2- Pontos chaves - Identificação dos determinantes e condicionantes do processo de saúde-doença, priorização para intervenções socioeducativas.

3- Teorização – Aprofundamento teórico científico dos pontos elencados pelo grupo para uma abordagem socioeducativa.

4- Hipóteses de solução - planejamento de ações que visem minimizar os problemas determinantes e condicionantes do processo saúde-doença.

5- Aplicação a realidade - Implementação da intervenção na comunidade para desenvolver a ação.

Figura1: Fluxograma das atividades desenvolvidas pelos alunos com base no Arco de Magueréz



Resultados

A metodologia ativa (MA) é uma concepção educativa que estimula processos de ensino-aprendizagem crítico-reflexivos, no qual o educando participa e se compromete com seu aprendizado. Este método propõe a elaboração de situações de ensino que promovam uma aproximação crítica do aluno com a realidade; a reflexão sobre problemas que geram curiosidade e desafio; a disponibilização de recursos para pesquisar problemas e soluções; a identificação e organização das soluções hipotéticas mais adequadas à situação e a aplicação dessas soluções (PRADO et al, 2012; MAIA, 2014).

Nas ações de cada etapa do arco, a ênfase está em fazer do acadêmico de Enfermagem o protagonista de todo o processo afim de que ele compreenda, ao término da disciplina, que ele foi responsável direto e ativo na construção de sua formação profissional. O professor, nesta conjuntura, assume o papel importante na condução metodológica do processo por todo o semestre contribuindo muito mais para a formação do que para a informação deste aluno.

Seguindo as etapas do Arco de Maguerez (figura 1), a primeira atividade relacionou-se a observação da realidade. Nesta etapa, cada grupo seguiu para a comunidade de destino, selecionada por eles, levando um roteiro para realização de levantamento do perfil socioantropológico da localidade. A finalidade do roteiro socioantropológico é instigar e direcionar o olhar do acadêmico para os determinantes e condicionantes de saúde presentes na localidade.

A observação sistemática com o roteiro socioantropológico permitiu aos alunos conhecerem a dinâmica sócio produtiva do bairro, o qual possui ruas pavimentadas, é bem estruturado com equipamentos urbanos como: escolas privadas(6), públicas(2), unidades básicas de saúde(2), biblioteca municipal, cursos de idiomas, casa lotérica, comércio diversificado e transporte coletivo.

O período relatado neste estudo compreende o ano de 2013 e o primeiro semestre de 2014, nestes semestres foram matriculados no primeiro período 50 alunos em 2013-1, 29 alunos em 2013-2 e 39 alunos em 2014-1, totalizando 118 alunos.

Em 2013-1, a turma foi subdividida em 4 grupos de trabalho, dois atuaram no município de Mesquita, após as entrevistas às famílias, foram identificados que dos integrantes das famílias 53% eram mulheres e 47% homens, com distribuição semelhante por todas as faixas etárias. Os alunos identificaram animais no ambiente intra e peridomiciliar sendo predominante a presença de cachorro (50%) e gato (45%). Apesar de 100% (26) dos entrevistados nesta comunidade, relatarem coleta regular de lixo e rede de abastecimento de água ligada a rede pública todas as famílias reclamaram da falta de água constante e, portanto, utilizam o recurso de reservatórios ou poços artesianos para suprir o abastecimento de água.

Sabe-se que as condições de saúde de uma população estão diretamente relacionadas à adoção de políticas públicas capazes de reduzir as iniquidades sociais e empoderar os indivíduos para o exercício pleno da cidadania. Ao observar a realidade, o acadêmico percebe-se como parte integrante de uma sociedade que é dinâmica e mutável, e compreende o conceito de saúde como resultado de uma produção social que transcende o aspecto meramente biológico. O conceito ampliado de saúde também está relacionado a forma como a sociedade organiza e modifica seu espaço a partir da presença, da ausência

ou da insuficiência dos aparatos sociais locais como rede de transporte, escolas, segurança e saneamento básico (BADZIAK & MOURA, 2010).

Ao aplicarem a ficha A percebemos o início da mudança na percepção dos alunos sobre os DSS e o papel do Enfermeiro na promoção da saúde. Os alunos mostraram-se surpresos ao identificar que mesmo com a coleta seletiva municipal regular alguns moradores relataram jogar o lixo no valão, nos intervalos da coleta, como também a presença de vetores como rato, mosca/mosquito.

Enfermagem é cuidar da saúde e saúde ainda é entendida pelos alunos como ausência de doença. Esta forma de pensar do aluno, vem da experiência de vida deles, que como alunos dos primeiros períodos, ainda não se sensibilizaram para a ideia mais complexa do processo de saúde-doença. No início os alunos expressaram pré-conceitos: *"professora nessa área, não tem nenhum problema de saúde são ricos"*, ou *"o bairro é bem estruturado"* ou ainda *"na nossa comunidade encontraremos muitos problemas porque lá é uma área bem carente"*.

É a partir da análise dos dados coletados e discussões em sala de aula, que os acadêmicos fazem um primeiro levantamento de pontos chave. Geralmente, associado a este levantamento surgem as primeiras hipóteses de solução para os problemas levantados.

Ao se consolidar a teorização, atingiu-se a quarta etapa do arco que consistiu na construção de hipóteses para solução do problema selecionado. A partir das buscas e da seleção de materiais para formação do arcabouço teórico, a percepção crítica foi estimulada na elaboração das hipóteses para solução dos problemas selecionados.

Os grupos buscaram eleger hipóteses dentro das possibilidades reais de aplicabilidade na prática. Vale destacar que, mesmo sendo um problema para cada grupo, a construção das hipóteses foi coletiva e compartilhada por todos. Ao final, várias soluções sugeriram tais como realização de palestras e oficinas, minicursos para crianças e adolescentes, confecção de material educativo, teatro, ações comunitárias, dentre outras.

Ao longo dos três semestres, muitas temáticas levantadas como problemas nas comunidades se repetiram. Entretanto, as ações para solução variaram bastante de acordo com o perfil de cada grupo, suas vivências pessoais, sua visão de mundo. Os problemas selecionados envolveram desde aqueles que já são alvos de campanhas consolidadas pelo governo federal por sua relevância na saúde pública, tais como obesidade, desnutrição infantil, pediculose, diabetes e hipertensão, gravidez na adolescência, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e o uso abusivo de álcool até àqueles problemas que estavam mais ligados a fatores ambientais, como o descarte inadequado do lixo residencial, ausência de área verde na comunidade, presença de vetores, ociosidade de idosos e crianças por falta de áreas de lazer dentre outros.

A doença é produzida pelas inúmeras relações existentes, entre as pessoas que constituem as camadas da sociedade, juntamente com todo o ambiente que o circunscreve. No entanto, ressalta-se aqui que não é somente o agente patogênico responsável pela doença, são várias as condições para este acontecimento, porém, não podemos reduzir sua importância. A presença do agente não significa doença, porém a sua ausência significa a não doença.

A última etapa consistiu na aplicação prática das hipóteses de solução elaboradas. Cada grupo confeccionou seu material e preparou a atividade a ser desenvolvida na comunidade. Toda etapa foi acompanhada pelas professoras da disciplina e os resultados

apresentados em sala de aula antes de sua aplicação na comunidade para dirimir dúvidas e prever dificuldades que os grupos poderiam enfrentar, na tentativa de minimizá-las.

Como o projeto de pesquisa e extensão o PROCIEPE/PCS ao longo dos três semestres de implantação da metodologia, foram desenvolvidas algumas atividades de extensão discriminadas no quadro abaixo

Quadro 1: Distribuição das atividades de extensão realizada por acadêmicos no primeiro período de graduação em Enfermagem nos anos de 2013 e 2014

Semestre	Problema	Atividade
2013-1	Acondicionamento do lixo em local inapropriado na comunidade.	Mutirão para limpeza do local onde o lixo estava sendo depositado, com organização do lugar e placas indicativas sobre a necessidade de preservação e cuidado. Elaboração de folder explicando os dias de coleta regular e o local adequado para o armazenamento – Caçamba.
2013-1	Presença de mosquitos na comunidade e armazenamento de água de forma inadequada.	Teatro infantil no jardim escola, para as turmas do ensino infantil e fundamental 1: Cuidados para o controle do <i>Aedys Aegypt</i>
2013-1	Lixo nas ruas e a presença de roedores na localidade	Um teatro e atividade lúdica com adolescente e jovens na associação de moradores sobre: Os roedores e as doenças transmitidas.
2013-1	Excesso de lixo nas ruas.	Atividade Lúdica (jogo perguntas e respostas) com alunos do ensino fundamental 1 sobre higiene pessoal e destino do lixo.
2013-2	Precariedade na higiene pessoal	Um teatro sobre higiene oral e corporal para crianças do ensino fundamental 1 em duas escolas da localidade. Com distribuição de kit de higiene oral.
2013-2	Falta de Higiene na manipulação de alimentos na feira livre e lixo nas ruas	Elaboraram uma cartilha sobre os cuidados na manipulação de alimentos. Um folder sobre o acondicionamento adequado do lixo. Fizeram um corpo-a-corpo no final da feira junto aos feirantes distribuindo a cartilha e orientando. Fizeram visitas as famílias para disponibilizar a cartilha e o folder. Realizaram um mutirão para limpar e sinalizar o local adequado para acondicionamento do lixo
2013-2	Excesso de lixo nas ruas e presença de vetores.	Realização de Mutirão na comunidade, num corpo-a-corpo para divulgar a importância do armazenamento correto do lixo para prevenção de vetores. Com distribuição do folder.
2014-1	Ausência de Água de rede pública e utilização dos poços artesianos.	Visitação com entrega do folheto com informações sobre os principais cuidados que se deve ter com a água fornecida pelos poços artesianos e comuns, para que os mesmos não se tornem armadilhas
2014-1	Excesso de lixo reciclável pelas ruas.	Oficina de reciclagem de lixo na associação de moradores.
2014-1	Lixo no centro após término do horário comercial	Projeto Cidade Limpa – confecção de folder com dias e horários da coleta de lixo e telefones úteis. Distribuição na feira livre aos feirantes e no comércio.
2014-1	Jovens ociosos durante o dia e número excessivo de bares.	Palestra na Escola Municipal no turno noturno com alunos do EJA sobre o alcoolismo, drogas ilícitas e as complicações para o corpo humano.

O ano de 2013 foi o primeiro ano de implantação da metodologia da problematização na disciplina como um projeto de pesquisa e extensão devidamente registrado. Assim ao final do primeiro semestre de 2014 foi possível ter uma primeira amostra representativa de como a disciplina tinha sido implementada e vinha sendo desenvolvida e solidificada enquanto metodologia ativa efetiva, eficiente e eficaz. Daí veio à iniciativa de criar um evento em que estes produtos pudessem ser expostos para o corpo docente e discente da instituição.

Nos dois semestres de 2013 e no primeiro semestre de 2014, as turmas de primeiro período tinham respectivamente um total de 50, 29, 39 acadêmicos inscritos perfazendo um total de 118 alunos comprometidos com o desenvolvimento do projeto de extensão.

Entretanto, quando da realização do evento intitulado Mostra de Práticas Curriculares na Atenção Básica a Saúde, em junho de 2014, havia um total de 94 alunos matriculados, do primeiro ao terceiro período, na unidade de Nova Iguaçu. Como participar era facultativo, 56 alunos inscreveram-se no evento, em outras palavras houve uma adesão de quase 60% dos acadêmicos.

Um dos trabalhos apresentados consistiu na realização de uma palestra junto a comunidade. Intitulada *“Do Lixo ao Luxo – tornando a Vila Emil um lugar melhor”*, aconteceu no salão de uma igreja da comunidade. Para convidar a comunidade foram confeccionados pelos alunos convites individuais, entregues nas casas da localidade com uma rápida abordagem sobre a importância da participação. Também foi colocada na comunidade com uma semana de antecedência uma faixa divulgando o evento.

Na palestra que aconteceu numa tarde e teve a participação de adultos e crianças foi realizada uma apresentação utilizando cartazes sobre doenças e vetores oriundos do lixo, após foi desenvolvida uma dinâmica com os participantes com música e atividades lúdicas para catalogar os diferentes tipos de lixo. Foi realizada a distribuição de brinde para os participantes: *kits* de limpeza e combate a vetores e cestas de lixo.

Outra atividade desenvolvida foi a instalação de uma tenda no campo de futebol, com verificação de pressão arterial pelos alunos e orientação sobre os possíveis vetores e os cuidados necessários para seu controle, como a divulgação de receita caseira de repelente contra insetos.

Outros grupos realizaram atividades com distribuição de panfletos nas residências orientando sobre os cuidados necessários no armazenamento do lixo doméstico até a coleta pelo serviço público no dia regular.

A partir do estímulo dado para apresentação no evento em formato técnico-científico, os alunos por iniciativa buscaram outros eventos, tais como Congresso Brasileiro de Enfermagem (CEBEn) realizados em diversos estados, Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica promovido pela própria UNIGRANRIO, entre outros. E hoje desenvolvem outras atividades de pesquisa, com vistas a publicação e divulgação, cumprindo desde a graduação com um dos objetivos da formação do Enfermeiro relacionado ao desenvolvimento, participação e aplicação de pesquisas mostrando um novo olhar sobre a prática profissional. Além disso, desmistifica a concepção que os alunos oriundos de instituição privada têm dificuldades para o desenvolvimento de projetos, devido as atividades laborais e demais atividades além da graduação.

Esta experiência acadêmica fez refletir tanto os discentes e muito mais os docentes responsáveis por ministrar tal conteúdo na grade curricular do curso de Enfermagem. Como no relato de outras experiências já publicadas (PRADO et al, 2012) adotando

este método, o grande ganho com seu uso é perceber o desenvolvimento da capacidade individual dos acadêmicos no sentido de modificarem a forma como interpretavam as questões cotidianas permitindo desenvolver um processo de ação-reflexão-ação e não apenas a reprodução de ações do cuidado em saúde. O aluno passa a ter uma visão do todo ultrapassando os limites do treinamento puramente técnico.

Neste novo século o enfermeiro precisa ter autonomia no desenvolvimento de suas atribuições. A universidade tem como desafio propor o uso de metodologias de ensino e aprendizagem nesta perspectiva, com uma prática pedagógica crítica e reflexiva, de forma que possa despertar no graduando a visão holística do indivíduo e sua comunidade, com interdependência e transdisciplinaridade, assim contribuindo para ações transformadoras (PRADO, 2012; LOPES et al, 2015; FERREIRA e ANDRADE, 2015).

Usando o método do Arco de Magueréz parte desse processo foi estimulado, mas uma manutenção constante se faz necessário, para que este aluno que cursa uma graduação possa perceber como se dá a construção do saber científico, profissional, e especializado, fazendo dele após formado, um sujeito capacitado para produzir as mudanças sociais. A estratégia pedagógica da PCS assegura a articulação entre o ensino, pesquisa e extensão, formando profissional com um olhar crítico e reflexivo, dando a oportunidade de os alunos serem criativos e inovadores.

Conclusões

Experienciar através das atividades de extensão o contato com a realidade profissional foi um diferencial na formação destes alunos, pois permitiu a eles o entendimento do ser enfermeiro em quase toda sua plenitude. Extrapolando os muros da universidade o horizonte profissional de um trabalho, com responsabilidade social e de cidadania contribui para formação de um profissional cidadão, comprometido com a sua realidade.

A inserção do aluno na extensão no início da graduação de forma regular pelo currículo possibilitou o entendimento do amplo significado dos determinantes sociais de saúde dentro da realidade local. Este conhecimento construído em conjunto com o professor, sendo valorizada a experiência individual de cada aluno (sua história de vida), seus conhecimentos prévios, o conteúdo novo apresentado, permanecerá em seu cognitivo. Quando em sua vida profissional vivenciar situações próximas as já experienciadas saberá como proceder ou mesmo que passe por uma experiência toda nova, poderá seguir o raciocínio de resolver um problema e aplicar a nova questão.

Com o resultado aqui apresentado, acreditamos que este tipo de metodologia ativa junto a atividade de extensão, contribuiu para a construção de competências e habilidades adquiridas pelos alunos. Além dos saberes conceituais, envolveu a promoção da autonomia intelectual, do senso crítico e do respeito a valores tal como noção de direitos e deveres do cidadão, bem como ética e moral profissionais ao lidar com a comunidade. Durante esse projeto foi possível verificar o amadurecimento dos acadêmicos de enfermagem, com a sedimentação dos novos conhecimentos expressos pelas novas relações construídas ao longo do semestre.

A metodologia empregada levou a rupturas com a forma tradicional de ensinar e aprender, estimulando gestão participativa dos protagonistas da experiência e reorganização da relação teoria/prática. Pode representar um movimento inovador no contexto da

educação na área da saúde favorecendo rupturas e processos mais amplos de mudança. Os olhares de perplexidade a uma proposta inovadora como a inserção do acadêmico de Enfermagem na comunidade desde o primeiro período da graduação transformam-se em olhares atentos as influências e interferências que o contexto do indivíduo pode ter no seu processo saúde-doença. Este amadurecimento esperado tem-se mostrado relevante e primordial na formação do enfermeiro.

Em tempos de expansão da Estratégia Saúde da Família, humanização da assistência e com o projeto de governo Brasil sem Miséria torna-se imprescindível à formação desde cedo da consciência de responsabilidade social, cultural, moral e científica de nossa categoria profissional. A experiência acadêmica influencia o caminho profissional que todos irão percorrer.

A divulgação por meio do evento “Mostra de Práticas Curriculares na Atenção Básica” revelou-se um espaço de oportunidade para o conhecimento ser difundido, entretanto, incentivamos a inserção de outras formas neste processo tais como ferramentas midiáticas, entre elas os sites de divulgação da instituição e as redes sociais haja visto seu grau de difusão e suas diversas possibilidades de interação.

Em se tratando de DSS, tal ferramenta pode ter um papel agregador uma vez que se trata de buscar uma interação com a comunidade, o público leigo. Para nós docentes, é uma oportunidade para que novas práticas pedagógicas sejam pensadas de forma a buscar novas alternativas para lidar com a temática sempre visando integrar o aluno a realidade, além da sala de aula, proporcionando uma aprendizagem baseada em problemas, formando profissionais com um diferencial de atuação.

Concluímos assim que os objetivos propostos para este trabalho foram concretizados, pois houve impacto positivo nos alunos, expressos pelos seus relatos nas avaliações finais e na vontade de levar seus achados adiante em eventos científicos. Foi possível descrever a construção e o desenvolvimento das atividades de extensão propostas para os alunos dentro do currículo regular com o foco dos determinantes sociais de saúde.

Foram analisados os resultados e os objetivos alcançados, não apenas para a comunidade, mas principalmente para a formação do profissional em treinamento, uma vez que vivenciado a experiência além dos muros da universidade no projeto, foi possível desenvolver habilidades de observação, priorização, planejamento e avaliação, as quais são importantes para seu exercício profissional.

Para analisar os resultados foi necessário discutir a efetividade do uso da metodologia da problematização num projeto de pesquisa e extensão na construção do conceito de DSS. Entendendo efetividade como resultado de qualidade a longo prazo, ou melhor o aluno que vivenciou estes projetos levará consigo uma bagagem de experiências reais, que foi possível verificar. Esta realidade é incontestável, eles levarão consigo o aprendizado, que se espera não se perder com tempo, somente aperfeiçoar.

Referências

AMARAL, MF; CARVALHO, S. & FIGUEIREDO, GO (Orgs). **Programa Curricular De Integração Ensino, Pesquisa E Extensão**. Livro Didático. Volume 1. Escola de Enfermagem. Centro de Ciências da Saúde. Rio de Janeiro: Unigranrio, 2010.

BAALBAKI, A.C.F. et al. O projeto de extensão e suas formas de comunicação com a comunidade externa. **Revista Conexa-** o UEPG. Ponta Grossa, volume 11 número 3 - set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao> acesso em 5 de abril de 2016.

BRASIL. Lei 9493/1996 de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília: DF 20/12/1996. 1996. p.27833. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/egin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-normaatualizada-pl.html>>

_____.Decreto 7.492/2011. Plano Brasil sem Miséria. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília:DF. 2011. p.6. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7492.htm

BADZIAK, R.P.F.; MOURA, V.E.V. Determinantes Sociais da Saúde: um conceito para efetivação do direito à saúde. **R. Saúde Pública. Santa Cat.**, Florianópolis, Santa Catarina Brasil, v.3, n.1, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/viewFile/51/114>> acesso em: 22/05/2016.

BISCARDE, D.G.S.; PEREIRA-SANTOS, M.; SILVA, L.B. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 177-186. 2014.. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100177&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de Maio de 2016.

FERREIRA, T.L.S. & ANDRADE, F.B. Advances in the Health Training Process Quality: Links between Education, Service and Community. **Health**, 7, 1788-1792. 2015. <http://dx.doi.org/10.4236/health.2015.713195>

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História da Educação Brasileira**. 4ed. São Paulo:Cortez, 2009

LEITE, M.F. et al . Extensão Popular na formação profissional em saúde para o SUS: refletindo uma experiência. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1569-1578. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601569&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 Maio de 2016.

LOPES, R.M. et al. Aprendizagem Baseada em Problemas: uma proposta para a formação de Técnicos em Laboratórios de Saúde Pública. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, [S.l.], v. 9, n. 2, junho. 2015. ISSN 1981-6278. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/942>>. Acesso em: 25 may 2016.

MAIA, J.A. Metodologias Problemadoras em Currículos de Graduação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 38 (4) : 566-574. 2014.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU. 2011.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução de Eliane Lisboa, Editora Sulina, Porto Alegre, 3ª edição. 2007.

NUNES, A.L.P.F.; SILVA, M.B.C.. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-Estar e Sociedade*. Barbacena, Ano IV, n. 7, páginas 119-133, julho/dezembro/2011. 2011. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/malestar/article/viewFile/60/89>> acesso em 20 de março de 2016.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

PÊCHEUX, Michel, **O discurso: estrutura ou acontecimento**/ Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlando – 5ª Edição, Campinas, SP Pontes Editores. 2008.

PEREIRA, M.G. **Epidemiologia Teoria e Prática**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 11ª reimpressão. 2007.

PRADO, M.L. et al. Arco de Charles Magueréz: refletindo Estratégias de Metodologia Ativa na Formação de Profissionais de Saúde. **Rev. Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 172-177, março de 2012. Disponível a partir <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de maio de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000100023>

SILVA, Margarete Bernardo Tavares da. **Distribuição socioespacial da esporotricose humana de pacientes atendidos no Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas no período de 1997 a 2007, residentes no Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro. 2010

SOBRAL, F.R.; CAMPOS, C.J.G. Utilização de Metodologia Ativa no Ensino e Assistência de enfermagem na Produção nacional: Revisão integrativa **Rev. Esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 208-218, fevereiro de 2012. 2012 Disponível a partir <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000100028&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de maio de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000100028>.



Artigo recebido em:
15/04/2016
Aceito para publicação em:
13/07/2016

HUMANIZAÇÃO NO ACOLHIMENTO AOS USUÁRIOS DAS CLÍNICAS DE ENSINO DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO¹

HUMANIZATION IN WELCOMING THE USERS OF DENTAL CLINICS OF THE FACULTY OF DENTISTRY AT FEDERAL UNIVERSITY OF PARÁ: FIVE YEARS EXPERIENCE OF AN OUTREACH PROJECT

*Danielle Tupinambá Emmi**

*Jéssica Teixeira Gomes***

*Regina Fátima Feio Barroso****

*Marizeli Viana de Aragão Araújo*****

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar a experiência do Projeto de Extensão “A promoção de saúde e a humanização na espera pelo atendimento odontológico nas clínicas da Faculdade de Odontologia da UFPA” e seu impacto para a modificação do ambiente da sala de espera e acolhimento do usuário. As atividades realizadas pelo Projeto foram estruturadas para humanizar o acolhimento e promover aprendizado em saúde bucal, por meio de ferramentas facilitadoras, como: pôsteres, álbuns seriados, mesas demonstrativas, macromodelos e atividades lúdicas. O aproveitamento deste ambiente para o desenvolvimento de ações educativas é imprescindível na construção de conhecimentos, onde há troca de experiências e saberes, considerando a realidade sociocultural dessa população. O Projeto, no decorrer de cinco anos, conseguiu corresponder positivamente ao acolhimento dos pacientes, apresentando-se efetivo na transmissão de conhecimentos aos usuários, com resposta adequada à ansiedade do tratamento proposto, desenvolvimento de responsabilização no autocuidado e formação de sujeitos empoderados neste âmbito.

Palavras-chave: Acolhimento; Educação em saúde; Promoção da saúde; Saúde bucal.

* Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: dtemmi@yahoo.com.br

** Aluna de Mestrado da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: jessicateixeiragomes_@hotmail.com

*** Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: reginafeio26@gmail.com

**** Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: marizeli.araujo@gmail.com

1 Artigo originado do Projeto de Extensão “A promoção de saúde e a humanização na espera pelo atendimento odontológico nas clínicas da Faculdade de Odontologia da UFPA

ABSTRACT

The aim of this study is to report the experience of the outreach project "Health Promotion and Humanization in the Faculty of Dentistry at Federal University of Pará (UFPA) during the waiting period for dental care" and its impact on the waiting room environment and on welcoming users. The activities carried out through the project were structured to humanize the welcoming process and to promote learning about oral health using posters, flipcharts, demonstration tables, macro models and ludic activities. The use of that environment for developing educational activities is important for the construction of knowledge where there are experience and knowledge exchange, considering the socio cultural reality of that population. Over five years, the project contributed positively to improve the user embracement. It also provided knowledge to the users about their treatment as well as to dental self care, empowering them through education and prevention.

Keywords: User Embracement; Health education; Health promotion; Oral health.

Introdução

De acordo com a Política Nacional de Humanização (PNH), entende-se por humanização a valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde, sejam usuários, trabalhadores ou gestores (BRASIL, 2004).

A humanização do atendimento tem sido eixo de grande relevância no campo da saúde. Seus objetivos extrapolam as visões com interesse técnico, exclusivamente terapêutico, e possibilitam a visão do indivíduo em sua totalidade, permitindo que o indivíduo passe a ser assistido em sua subjetividade (WALDOW; BORGES, 2011).

Para humanizar o acolhimento, as interações interpessoais devem ser baseadas em uma escuta atenta, eticamente comprometida e interessada no reconhecimento do outro, estando relacionado a atitudes e postura ética de todos que trabalham naquele ambiente.

A espera por atendimento odontológico necessita de um acolhimento humanizado, por meio de um ambiente de espera agradável, que possibilite a troca de saberes, visando a transformação dos pacientes em indivíduos informados, conscientes dos seus problemas e suas necessidades, tornando-os motivados e cooperativos diante do tratamento proposto (CAMPOS et al., 2004).

Segundo Silva et al. (2013), estar em uma sala cuja função aparente é apenas esperar é uma prova do esvaziamento dos sentidos nos espaços férteis para intervenções em saúde, referenciando um ambiente entediante, isento de prazeres ou de novidades. Sendo assim, a sala de espera é um espaço propício à promoção de saúde, tendo em vista que o tempo ocioso de espera pode ser aproveitado de forma prazerosa e como fonte de aprendizado, onde a educação em saúde pode ser utilizada como uma ferramenta de trabalho importante para este espaço enfadonho.

O conceito de educação em saúde está ancorado no conceito de promoção da saúde, que trata de processos amplos que abrangem a participação de toda a população no contexto de sua vida cotidiana e não apenas na abordagem do processo saúde-adoecimento. Essa noção está baseada em um conceito de saúde, considerado como um estado positivo e dinâmico de busca de bem-estar, que integra os aspectos físicos e mentais (ausência de doença), ambiental, pessoal e social (OLIVEIRA et al. 2009).

Promover saúde por meio de ações em educação proporciona ao indivíduo o desenvolvimento da autorresponsabilização, guiando-o a adotar um estilo de vida saudável, resultando na diminuição de fatores de risco e de sintomas de doenças crônicas, e em uma melhor qualidade de vida (SILVA et al., 2012). Assim, a promoção da saúde na sala de espera transforma esse espaço em um lugar de construção, educação e aprendizagem, permitindo que pacientes e familiares constatem seus medos e dúvidas frente ao processo saúde-doença (TEIXEIRA; VELOSO, 2006).

Nora et al. (2009), baseados na perspectiva da educação em saúde proposta por Freire (1987), ressaltam que educar para saúde visa a conscientização e reflexão dos indivíduos acerca da sua condição de saúde e transformação de seus hábitos, para que, assim, possam desenvolver sua autonomia e responsabilização no autocuidado. Para isso, se faz necessária a criação de espaços para a troca de conhecimentos, possibilitando, desta forma, a construção de saberes e a compreensão da real situação de saúde, sem a imposição de um saber técnico-científico.

Para a construção do Projeto de Extensão “A Promoção de Saúde e a Humanização na espera por atendimento odontológico nas clínicas da Faculdade de Odontologia da UFPA”, tomou-se como base as diretrizes da Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2004), para transformação do ambiente de espera das clínicas de ensino em um ambiente mais acolhedor, favorável à recepção do usuário, com dignidade, e à realização de práticas educativas, permitindo a corresponsabilização e vínculo do usuário na produção de saúde.

Assim, o objetivo deste artigo é relatar a experiência de cinco anos de atividade extensionista realizada por meio do acolhimento humanizado e da realização diária de atividades educativo-informativas com os usuários e acompanhantes nas clínicas de ensino odontológico da Universidade Federal do Pará (UFPA). Assim, o tempo ocioso de espera é transformado em um momento de troca de conhecimentos, possibilitando a humanização da assistência, a melhora da relação paciente-aluno e a resolução de dúvidas comuns. Além disso, há a diminuição do estresse proporcionado pela longa espera para o atendimento.

Métodos

As clínicas de ensino fazem parte do projeto pedagógico da Faculdade de Odontologia da UFPA (FO-UFPA), que preconiza atenção integral, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais. Oferecem serviços de atenção básica e especializada em Odontologia, para todas as faixas etárias, prestando atendimento integralmente destinado a usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Os usuários do serviço são oriundos da região metropolitana e das ilhas que fazem parte do município de Belém.

As atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão ocorreram no espaço da sala de espera das clínicas da FO-UFPA, durante os turnos da manhã e da tarde, entre os anos de 2011 e 2015, com a participação anual de cerca de 20 alunos de graduação, 3 professores e 2 assistentes sociais envolvidos no Projeto.

Para capacitar os envolvidos, foram realizadas oficinas de humanização anualmente, utilizando-se da leitura de artigos atuais, rodas de conversa e discussões.

A elaboração dos materiais e estratégias utilizadas nas atividades eram também realizadas em oficinas anuais, que além de possibilitar a preparação de diversos materiais educativos dirigidos a diferentes públicos, também possibilitava a discussão dos temas a serem expostos, capacitando e padronizando o conhecimento entre os alunos envolvidos.

Para a elaboração dos materiais educativos, observaram-se as recomendações de Mialhe e Silva (2008), que mencionam que as imagens sejam trabalhadas de forma a despertarem a atenção e o interesse dos indivíduos na sala de espera e necessitam, também, ser elaboradas de forma sucinta e com linguagem popular adequada à comunidade em que se está trabalhando.

As atividades de educação em saúde contavam com a utilização de estratégias direcionadas a diferentes públicos e idades. Assim, utilizaram-se cartazes, pôsteres, álbuns seriados, vídeos, mesas demonstrativas, macromodelos, jogos interativos e atividades lúdicas (Figuras 1, 2, 3 e 4). Todos os instrumentos educativos foram elaborados e explorados com linguagem simples e acessível, utilizando-se das rodas de conversa para que o público pudesse se expressar, buscando superar seus próprios medos e esclarecer as dúvidas.

A escolha dos temas abordados em cada atividade na sala de espera levou em consideração os principais problemas de saúde bucal da população e daquela comunidade, em especial. Além disso, muitos temas foram construídos com base nas próprias dúvidas e solicitações dos usuários que frequentavam as clínicas de ensino da FO-UFPA.

Dentre os temas, foram tratados assuntos sobre saúde bucal e geral, como etiologia da cárie, dieta cariogênica, alimentos protetores, doença periodontal, hipersensibilidade dentinária, cuidados com as próteses, câncer bucal, halitose, materiais alternativos de higiene bucal, técnica de escovação e desmistificação de conceitos relativos à saúde bucal.

Além das atividades de educação em saúde realizadas, buscou-se tornar o ambiente de espera mais acolhedor, por meio da instalação de aparelhos de ar condicionado e televisores, que, após as palestras e rodas de conversa, se encontravam ligados nas programações televisivas para entretenimento. Ademais, o Projeto realizou a confecção de material visual indicando o fluxograma de atendimento da instituição.

Figura 1: Palestra dirigida ao público adulto, que se mostra atento à atividade, com tema sobre “Evolução da Cárie”. O material educativo utilizado na atividade foi elaborado pelo Projeto



Figura 2: Atividade educativa abordando “Mitos e Verdades sobre Saúde Bucal”. A atividade procura estimular a participação do público em um jogo de perguntas e respostas



Figura 3: Atividade lúdica, com dinâmica elaborada pelo Projeto, com jogos interativos para crianças



Figura 4: Atividade, utilizando-se de mesa demonstrativa, abordando técnica de escovação e confecção de materiais alternativos de higiene bucal



Resultados e discussão

O atendimento a usuários nas clínicas universitárias deve responder à necessidade de formação e treinamento prático e técnico dos alunos, sem excluir o ideal ético de suprir as necessidades de saúde e as demandas dos pacientes que procuram esse tipo de atendimento, bem como a formação humanizada dos profissionais de saúde (TIEDMAN et al., 2005). No entanto, é comum perceber que, devido às características próprias da prática clínica, o aluno encontra-se focado nas tecnologias, instrumentais e equipamentos presentes no consultório odontológico e de saberes circunscritos, fazendo com que, na maioria das vezes, centre suas ações nessas tecnologias, subestimando a relação com o paciente (COSTA, 2007; COSTA; ARAÚJO, 2011).

Segundo Rodrigues et al. (2015), a humanização pode ser compreendida como a capacidade de oferecer atendimento de qualidade, articulando os avanços tecnológicos com relacionamentos solidários e éticos. Ressalta-se nesse contexto, a importância de um ambiente acolhedor e confortável, que transmita tranquilidade e confiança a quem está em tratamento, caso contrário pode contribuir para aumentar a ansiedade do usuário.

O tratamento odontológico ainda é um procedimento que desperta medo e ansiedade no paciente, cujo temor à sensação dolorosa esperada é capaz de ocasionar traumas e falta de cooperação no momento do atendimento. Para trabalhar o medo e a ansiedade e implementar novas metodologias visando a promoção da saúde, a sala de espera constitui uma ferramenta importante para amenizar os desgastes físico e emocional, além de ser um território dinâmico, um espaço público onde as pessoas aguardam atendimento, trocam experiências sobre o atendimento local, falam de suas aflições, de suas doenças, dos saberes populares e das várias maneiras de cuidados com o corpo, o que pode, muitas vezes, interferir diretamente no seu atendimento e tratamento. Desse modo, o aproveitamento deste espaço para desenvolver atividades educativas pode ser uma ferramenta da construção coletiva do conhecimento, reunindo experiências e saberes científico e popular em relação à saúde bucal.

Precisa-se ainda que a prática do ensino-aprendizagem possibilite ao aluno de Odontologia desenvolver sua capacidade de comunicação, interação com o usuário e utilização de práticas educativas que não levem apenas à transmissão de conhecimento, mas ao reconhecimento da realidade sociocultural, suas representações, seus conceitos, preconceitos e formas populares de cuidado em saúde bucal. Para que isso ocorra, deve haver uma possibilidade de diálogo entre o saber popular e técnico-científico, incorporado pelos atores que compõem o cenário, não como algo restrito, de habilidades cognitivas, mas onde devem existir relações afetivas envolvendo o usuário, o aluno e o professor.

A sala de espera das clínicas da FO-UFGA, apesar de ser um espaço amplo, apresentava-se pouco acolhedor, em virtude das poucas cadeiras presentes, falta de climatização e entretenimento aos usuários que aguardavam atendimento. A parceria e o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará contribuíram para mudanças no espaço físico da sala de espera, melhorando a ambiência do local, por meio da cessão de televisores, aparelhos de ar condicionado e cadeiras, tornando o ambiente de espera mais organizado e agradável (Figura 5).

Figura 5: Aspecto atual da sala de espera principal da FO-UFPA, com melhora da ambiência, conseguida por meio de parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UFPA, com aparelho de televisão e cadeiras estofadas e em número adequado à demanda. À direita, afixado na parede, detalhe para o fluxograma de atendimento das clínicas odontológicas da Instituição



Nesse sentido, a Política Nacional de Humanização refere que a ambiência é um espaço físico e social, devendo ser tranquilo, acolhedor e resolutivo, e propiciar conforto e privacidade a usuários e trabalhadores, favorecer o diálogo, a otimização de recursos e o tratamento humanizado (BRASIL, 2004). Autores relatam que o ambiente clínico deva ser aconchegante, ter iluminação adequada, bem como cheiro e cores agradáveis, que o tornem tranquilizador e sereno, servindo para o alívio da ansiedade do usuário que espera a vez de ser atendido (TEIXEIRA; VELOSO, 2006; SANTIAGO et al., 2009).

O início do Projeto de extensão se deu em razão de oferecer aos usuários das clínicas da FO-UFPA um ambiente mais acolhedor e humano e que pudesse ocupar o tempo ocioso de espera com atividades de orientação em saúde bucal, que possibilitasse o empoderamento do usuário de informações para o autocuidado, além de colaborar no atendimento, visto que o usuário teria mais esclarecimentos e adentraria as clínicas para atendimento, menos estressado, devido o preenchimento do tempo enfadonho da longa espera. Além disso, as atividades permitiriam o diálogo e a aproximação entre usuários e alunos, facilitando a adesão ao tratamento e corresponsabilização.

Merhy (1999) destaca a importância das atividades de acolhimento em espaços de mediação nos quais se produz a relação de escuta e responsabilização. A partir da aproximação entre os profissionais e usuários, constituem-se os vínculos e compromissos que devem nortear os projetos de intervenção. Neste processo, o trabalhador utiliza o saber, que é sua principal tecnologia, tratando o usuário como sujeito portador de direitos.

Durante as dinâmicas educativas realizadas na sala de espera, observou-se que os usuários sempre interagem satisfatoriamente com o grupo de alunos, seja para participar das brincadeiras propostas, seja para esclarecer dúvidas e mitos. Alguns relatos obtidos nas rodas de conversa com os usuários das clínicas da FO-UFPA enfatizam a importância de estarem participando dessas atividades:

[...] se tivesse essas informações antes, possivelmente não estaria aqui precisando do uso de próteses. Mas agora eu já sei e vou repassar isso pra minha família.

[...] Perdi meus dentes muito cedo. Quando cheguei na adolescência já não tinha quase dente. Os que restavam já estavam com cárie. [...] Se meus pais tivessem tido essas informações de cuidado, hoje meus dentes estariam aqui.

[...] pra mim isso é novidade! Sempre pensei que grávida perdia os dentes.

[...] eu tinha ideia errada a respeito da escovação! Pensava que quanto mais força e mais dura a escova, melhor escovava [...].

[...] nunca usei fio dental e hoje estou sofrendo as consequências disso.

[...] eu pensava que só tinha cárie quem comia doce!

Para as crianças, as atividades realizadas na sala de espera influenciaram positivamente na colaboração da criança durante o atendimento odontológico, como mostraram os resultados de Emmi e Pires (2016). Atividades lúdicas e de promoção de saúde bucal podem contribuir para a aquisição de conhecimentos por parte das crianças e responsáveis, dando-lhes maior autonomia para o autocuidado, além de contribuir para um comportamento menos estressante e mais colaborador frente ao tratamento odontopediátrico. Percebeu-se boa aceitação das informações por parte das crianças, principalmente nas encenações e jogos interativos.

A troca de ideias pode ser enfatizada a partir da utilização de imagens. Dessa forma, a criatividade e o envolvimento do provedor com o seu público-alvo podem ser fatores determinantes no sucesso das atividades de educação em saúde (MOURA; SOUZA, 2002).

Além disso, para o perfeito entendimento do usuário sobre o atendimento institucional, foi elaborado um fluxograma de atendimento, para o paciente tornar-se mais esclarecido de seu percurso nas clínicas de ensino.

Paixão e Castro (2006) criaram o Projeto “Grupo Sala de Espera Unidade Básica Santos Dumont”, em Pelotas, Rio Grande do Sul, e perceberam que os usuários conseguiram responder positivamente aos temas trabalhados durante atividades educativas na sala de espera, o que demonstra a importância e eficácia de intervenções desse tipo nesses locais.

Na sala de espera das clínicas da FO-UFGA, observou-se que as atividades realizadas atingem não só usuários, como acompanhantes e funcionários da Faculdade, possibilitando a troca de conhecimento e demonstrando a importância das atividades realizadas em sala de espera, devido a seu caráter multiplicador.

De acordo com Pimentel et al. (2011) e Torres et al. (2011), as orientações difundidas na sala de espera contribuem para o fortalecimento do autocuidado, que é uma estratégia que se fundamenta na concepção do homem como um ser capaz de desenvolver e manter autonomia, motivação, habilidades e atitudes para cuidar de si mesmo, com o objetivo de responder às próprias demandas, contribuindo para a manutenção da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar geral.

Assim, o ambiente da sala de espera pode tornar-se um espaço para cuidar de si, criar, interagir, refletir sobre o serviço e expressar-se. A sensação do tempo perdido e de ociosidade pode dar lugar à produtividade, ao protagonismo e à formação de novos sujeitos. Segundo Morcerf et al. (2015), a humanização só será alcançada de forma concreta quando se mantiver o respeito às diferenças e à autonomia dos pacientes.

Como prática inovadora dentro da FO-UFPA, as atividades do Projeto também oportunizaram a formação de um novo perfil de discente, com experiências e conhecimentos acerca da humanização da saúde, mais preocupado com o vínculo, autonomia e bem-estar do paciente, permitindo não mais uma visão essencialmente tecnicista, mas sobretudo mais humana.

Os benefícios se deram não somente aos discentes envolvidos diretamente nas atividades, como para os demais discentes, por estes receberem nas clínicas um paciente menos estressado, menos ansioso e desgastado pela espera, dando lugar a um indivíduo mais informado, tranquilo e menos cansado, o que favorece o atendimento clínico tanto para o paciente quanto para o aluno.

Observou-se que as ações do Projeto foram se intensificando e se estabelecendo como prática cotidiana da Faculdade ao longo dos anos, o que propiciou, a cada ano, o aumento da procura de mais alunos interessados em integrar o Projeto, desde alunos recém-ingressos na FO-UFPA até concluintes.

A complexidade em que se insere a saúde demanda ações conjuntas, integradas, com investigações e tentativas permanentes para melhoramentos constantes. O Projeto em foco continua sua atuação, pois entende que o acolhimento, a escuta e a responsabilização devem ser exercidos de forma continuada por todos aqueles envolvidos no processo de trabalho em saúde bucal, valorizando os diferentes sujeitos implicados no processo de promoção da saúde.

Conclusão

O cenário da sala de espera das clínicas da FO-UFPA antes da implantação do Projeto mostrava ambiente pouco acolhedor, sem entretenimento, sem informações acerca do atendimento prestado e sem ventilação adequada, acarretando elevado grau de estresse dos pacientes, descontinuidade do tratamento, absenteísmo às consultas e pouca cooperação do paciente ao longo do atendimento e terapêutica clínica. Esses fatores ensejaram a necessidade de intervenção para um acolhimento humanizado, que melhorasse o ambiente de espera, otimizando o tempo ocioso, levando mais informação para o paciente e o assistindo em sua integralidade.

Ao longo dos cinco anos de execução do Projeto, o cenário da sala de espera foi reconfigurado, apresentando uma ambiência aprimorada, com condições estruturais adequadas, mais agradáveis, humanizadas e acolhedoras. Os usuários das clínicas de ensino passaram a ter acesso a informações em saúde, bem como sobre o seu percurso de tratamento nas clínicas, ocupando o tempo ocioso de espera, melhorando a adesão ao tratamento odontológico, reduzindo o estresse e transformando a sala de espera em um ambiente de interação, reflexão e construção de saberes para todos os que ali se encontravam.

Sob a ótica da formação acadêmica, o Projeto oportunizou e continua favorecendo a formação de discentes com experiências e conhecimentos acerca da humanização; qualificados para desenvolver ações de educação em saúde, com objetivo de reduzir os fatores de risco da população; comprometidos com a autonomia, responsabilização e bem-estar do paciente.

Assim, pode-se dizer que o Projeto de Extensão “A Promoção de Saúde e a Humanização na espera por atendimento odontológico nas clínicas da Faculdade de Odontologia da UFPA” tem demonstrado uma atuação exitosa, ratificando a importância de atividades de promoção e humanização da saúde em ambientes de espera ambulatoriais e em clínicas universitárias, para a construção da cidadania e integralidade dos sujeitos, possibilitando, com isso, melhorias na relação paciente-profissional, diminuição da ansiedade e conscientização de sua realidade no processo saúde-adoecimento.

Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. **HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: relatório de atividades 2003**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAMPOS, G.W.; BARROS, R.B.; CASTRO, A.M. Avaliação da Política Nacional de Promoção da Saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.9, n.3, p. 746-749, 2004.

COSTA, I.C.C.; ARAÚJO, M.N.T. Definição do perfil de competências em saúde coletiva a partir da experiência de cirurgiões-dentistas atuantes no serviço público. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.16, n.1(supl), p.1181-1189, 2011.

COSTA, I.C.C. Os sete saberes necessários à educação do futuro e o planejamento em saúde: reflexões e confluências. **Rev. ABENO**, v.7, n.1, p.122-129, 2007.

EMMI, D.T.; PIRES, M.J.M. Acolhimento e educação em saúde na sala de espera: avaliação da contribuição das ações para o atendimento odontopediátrico. **Rev. Aten. Saúde**, v.14, n.48, p.62-67, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MERHY, E.E. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.4, n.2, p.305-314, 1999.

MIALHE, F.L.; SILVA, C.M.C. Estratégias para a elaboração de impressos educativos em saúde bucal. **Arq. Odontol.**, v.44, n.2, p.82-87, 2008.

MORCERF, C.C.P.; IMPAGLIAZZO, S.P.; ALMEIDA, G.C.; SCHNEIDER, L.; DIMITRIOU, R.S.; BRAGA, P. M. et al. Projeto de extensão ilumine: a entrada da figura do palhaço no ambiente hospitalar. **Rev. Conexão UEPG**, v. 11, n.1, p.88-99, 2015.

MOURA, E.R.F.; SOUZA, R.A. Educação em Saúde reprodutiva: proposta ou realidade do Programa Saúde da Família? **Cad. Saúde Pública**. v.18, n.6, p.1809-1811, 2002.

NORA, C.R.D.; MÂNICA, F.; GERMANI, A.R.M. Sala de espera: uma ferramenta para efetivar a educação em saúde. **Rev. Saúde e Pesquisa**. v. 2, n. 3, p. 397-402, 2009.

OLIVEIRA, C.B.; FRECHIANI, J.M.; SILVA, F.M.; MACIEL, E.L.N. As ações de educação em saúde para crianças e adolescentes nas unidades básicas da região de Maruípe no município de Vitória. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.14, n.2, p. 635-644, 2009.

PAIXÃO, N.R.A.; CASTRO, A.R.M. Grupo Sala de Espera: trabalho multiprofissional em Unidade Básica de Saúde. **Boletim da Saúde - Porto Alegre**, v.20, n.2, p.71-78, 2006.

PIMENTEL, A.F.; BARBOSA, R.M.; CHAGAS, M. A musicoterapia na sala de espera de uma unidade básica de saúde: assistência, autonomia e protagonismo. **Interface - Comunic. Saúde Educ.**, v.15, n.38, p.741-54, 2011.

RODRIGUES, M.P.; COSTA, I.C.C.; MEDEIROS, A.R.; SOUZA, P.H.S.; MEDEIROS, R.M.; CARNEIRO, S.E.R. et al. Humanização: fragilidades, desafios e fortalezas em uma escola de Odontologia. **Rev. Espaço Saúde**, v. 16, n. 3, p. 27-38, 2015.

SANTIAGO, V.F.; DUARTE, D.A.; MACEDO, A.F. O impacto da cromoterapia no comportamento do paciente odontopediátrico. **Rev. Bras. Pesqui. Saúde**, v.11, n.4, p.17-21, 2009.

SILVA, G.G.S.S.; PEREIRA, E.R.; OLIVEIRA, J.O.; KODATO, Y.M. Um momento dedicado à espera e à promoção da saúde. **Psicol. Cienc. Prof.** v.33, n.4, p.1000-13, 2013.

SILVA, K.I.; SENA, R.R.; GRILLO, M.J.C.; HORTA, N.C. Formação do Enfermeiro: Desafios para a promoção da saúde. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** v.14, n.2, p.368-76, 2012.

TEIXEIRA, E. R.; VELOSO, R. C. O grupo em sala de espera: território de práticas e representações em saúde. **Texto Contexto Enferm.**, v.15, n. 2, p. 320-325, 2006.

TIEDMANN, C.R.; LINHARES, E.; SILVEIRA, J.L.G.C. Clínica integrada odontológica: perfil expectativas dos usuários e alunos. **Pesq. Bras. Odontoped. Clin. Integr.**, v. 5, n. 1, p.53-58, 2005.

TORRES, L.H.N.; PAULA, J.S., SOUSA, M.L.R.; MIALHE, F.L. Histórias em quadrinhos na sala de espera: um método de educação em saúde bucal. **Odontol. Clín-Cient.**, v.10, n.1, p.69 - 72, 2011.

WALDOW, V.R.; BORGES, R.F. Cuidar e humanizar: relações e significados. **Acta Paul. Enferm.**, v.24, n.3, p.414-418, 2011.



Artigo recebido em:
12/04/2016
Aceito para publicação em:
16/08/2016

BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO NEGRO-RS: CONHECER PARA GERENCIAR

RIO NEGRO-RS WATERSHED: THE IMPORTANCE OF KNOWLEDGE FOR MANAGEMENT

RESUMO

Este artigo apresenta o projeto de extensão universitária intitulado “Bacia hidrográfica do Rio Negro: conhecer para gerenciar”, seus principais aspectos e os resultados alcançados até o momento. O projeto tem como objetivo principal promover ações que resultem em conhecimentos sobre aspectos físicos, sociais e ambientais da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desse projeto constitui-se de: a) estudo do problema; b) definição de ações de extensão; c) planejamento das ações; d) realização das ações planejadas e f) avaliação das ações realizadas. Após três anos de execução desse projeto, é possível afirmar que tem contribuído para a conscientização da população que habita a bacia hidrográfica do Rio Negro a respeito de sua importância no contexto local e internacional e também sobre a preservação dos recursos hídricos localizados no interior da bacia hidrográfica.

Palavras-chave: Rio Negro-RS; Bacia Hidrográfica; Meio Ambiente; Extensão Universitária.

ABSTRACT

This paper presents the University Outreach Project “Negro River watershed: the importance of knowledge for management”, its main aspects and the results achieved so far. The project has been developed since the end of 2012, and aims to promote actions that result in greater knowledge about the physical, social and environmental aspects about the Negro River watershed. The method used for the development of the project include: a) the study of the problem; b) the definition of the outreach actions; c) planning the actions; d) implementing the actions; and f) evaluating the actions taken. After three years of the project, it is possible to say that it has been contributing to raise the awareness of the population that lives in the Negro River Watershed about its importance for the local and international context, as well as about the preservation of water resources located within the watershed.

Keywords: Rio Negro River- RS; Watershed; Environment; Outreach University Project.

* Aluna de Graduação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), RS – Brasil. E-mail: viviantabranco@gmail.com

** Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), RS – Brasil. E-mail: alexandro.schafer@unipampa.edu.br

Introdução

A água está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de todas as sociedades e culturas. Entretanto, esse desenvolvimento impõe considerável pressão nos recursos hídricos – agricultura, energia e indústria têm impactos no uso e governança da água (UNESCO, 2015). De acordo com a Unesco (2003), todos os sinais sugerem que a crise relacionada à água que o planeta vem enfrentando vem se agravando e continuará piorando no decorrer dos próximos anos, a menos que ações corretivas sejam realizadas. Nesse cenário, proporcionar suprimento de água adequado, tanto quantitativamente quanto qualitativamente é, sem dúvida, um dos maiores desafios para o futuro.

No Brasil, a Lei federal n.º 9.433, do dia 08 de janeiro de 1997, instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) e criou o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, com o objetivo de assegurar à atual e às futuras gerações água em qualidade e disponibilidade suficientes através da utilização racional e integrada, da prevenção e da defesa dos recursos hídricos contra eventos hidrológicos críticos. A bacia hidrográfica passou a ser a unidade territorial de gestão dos recursos hídricos e a água a ser considerada bem de domínio público, cuja gestão deve ser descentralizada e participativa. De acordo com IPH-HWRP (2008), a avaliação de recursos hídricos com base na bacia hidrográfica é, atualmente, reconhecida como a abordagem mais sustentável para tratar questões relacionadas aos recursos hídricos.

No caso da bacia hidrográfica do rio Negro, localizada no estado do Rio Grande do Sul, o gerenciamento integrado sustentável dos recursos hídricos coloca-se como um desafio, já que, segundo ANA (2015), o Rio Negro está incluído entre os 16% dos rios federais com trechos críticos, apresentando criticidade tanto qualitativa como quantitativa.

A bacia hidrográfica do rio Negro-RS pertence à região hidrográfica do Uruguai e contempla uma área de aproximadamente 3.000 km². De acordo com DAEB (2007), os principais problemas encontrados na bacia em território brasileiro estão relacionados: ao déficit hídrico; aos efluentes industriais e domésticos das áreas urbanas; aos depósitos de resíduos; à extração de materiais nas margens dos cursos d'água e à ocupação de áreas de preservação permanentes por atividades rurais.

Segundo Ravello e Pante (2013), a bacia do Rio Negro-RS apresenta elevada demanda hídrica para irrigação, sendo impossível atender a todos os usuários irrigantes no período de safra do arroz (de outubro a março). De acordo com DAEB (2007), ocorrem falhas no atendimento das demandas primárias. Além disso, o atendimento ao abastecimento público também apresenta problemas, ocasionado por questões relacionadas às características de recarga da bacia hidrográfica, que culminam em severos processos de racionamento de água na área urbana de Bagé. O déficit hídrico é agravado significativamente nos períodos de estiagem, que são recorrentes na região. Segundo dados da defesa civil (2010) e SEMA (2012), o maior número de pessoas afetadas pelas estiagens no período de 2009/2010, no Rio Grande do Sul, foi registrado nas bacias hidrográficas dos rios Camaquã e Negro. As estiagens registradas nos anos 2000 mostram que os usos da água na bacia e também na região operam com um alto índice de risco, comprovado pelo frequente decreto de situação de emergência por parte dos municípios abrangidos pela bacia, destacando-se Bagé (DAEB, 2007).

Além do déficit hídrico, outro problema que tende a se agravar nos próximos anos é a ocorrência de enchentes. De acordo com a Secretaria Nacional de Defesa Civil (2010) e SEMA (2012), as bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul mais afetadas por alagamentos foram as bacias dos rios Santa Maria, Ibicuí, Piratinim, Negro, Pardo, Camaquã e a Mirim-São Gonçalo. Na bacia do rio Negro, recentemente, foram registradas enchentes na área urbana dos municípios de Bagé e de Hulha Negra.

Cabe ressaltar os problemas enfrentados pelo Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Negro-RS (CBRN), criado pelo Decreto Estadual n.º 45.531, de 05 de março de 2008 (RIO

GRANDE DO SUL, 2008). Entre as dificuldades do comitê estão a ausência de recursos financeiros, diagnóstico da bacia realizado com base em dados limitados, falta de mobilização – reuniões com número ínfimo de participantes, desconhecimento da bacia hidrográfica e da PNRH por parte da sociedade e dos integrantes do comitê, além da falta de identidade da comunidade com os rios da região.

Levando em consideração os argumentos apresentados, verifica-se que existem sérios problemas ambientais na bacia hidrográfica do Rio Negro-RS que podem ser tratados em um contexto de gerenciamento integrado dos recursos naturais. Entretanto, para que isso seja possível, é fundamental que a comunidade residente na bacia hidrográfica possua conhecimentos sobre o lugar onde vive, suas características e problemas existentes. Dessa maneira, a implantação desse tipo de gerenciamento pode ser facilitada.

Material e Métodos

Área de estudo

A bacia hidrográfica do Rio Negro em território brasileiro (bacia do Rio Negro-RS) constitui-se na unidade hidrográfica U-80, conforme divisão do Sistema Estadual de Recursos Hídricos do Rio Grande do Sul (SERH-RS), abrangendo aproximadamente 3.007km² (SEMA, 2006). A bacia se desenvolve no sentido nordeste-sudoeste até a fronteira com o território uruguaio, abrangendo parcialmente os municípios de Aceguá, Bagé, Candiota, Dom Pedrito e Hulha Negra. Na figura 01, apresenta-se a localização da bacia hidrográfica do Rio Negro nos municípios.

Figura 1: Localização da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS nos municípios



Material

Para o desenvolvimento das atividades previstas no projeto de extensão universitária, foram utilizados os seguintes materiais: a) Computadores desktop; notebooks dual core, com 4Gb de RAM e 500 GB de HD; b) Par de aparelhos Global Navigation Satellite

System (GNSS) L1/L2, marca Topcon, modelo Hiper Lite+; c) Par de radiocomunicadores; d) Impressora Epson L1800; e) Programas computacionais: gvSIG (versão 1.11), ArcMap (versão 10.3), ENVI (versão 5.0), Draft Sight (versão 2015) e pacote Microsoft Office; f) Sistema Gerenciador de Banco de Dados PostgreSQL, com sua extensão espacial PostGIS; g) Sistema Web i3geo; h) Google Earth (Google, 2015); i) Limites das bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul (SEMA, 2015); j) Página de download de dados geográficos do Ministério do Meio Ambiente (MMA), disponível em <http://mapas.mma.gov.br/i3geo/datadownload.htm>; k) Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - Escala 1:50.000. (Hasenack e Weber, 2010); l) Arquivos digitais do Sistema de Informações Hidrológicas HidroWeb (ANA, 2015).

As atividades de pesquisa e de desenvolvimento do material de divulgação foram realizadas no Laboratório de Modelagem, Simulação Computacional e Geoprocessamento (LMSC-Geo) da Unipampa e na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe (E. E. M. Carlos Kluwe).

Método

A primeira etapa do desenvolvimento do projeto foi a realização de estudos sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro-RS e das questões relacionadas aos recursos hídricos nos municípios que estão em sua área de abrangência. Logo após, foram definidas ações relacionadas às atividades de pesquisa e/ou extensão universitária que poderiam contribuir para minimizar os problemas identificados na etapa anterior. O próximo passo foi a identificação de quais ações poderiam ser realizadas com os recursos humanos, financeiros e infraestrutura disponíveis. Em seguida, as ações foram planejadas e executadas, realizando-se ajustes e/ou adaptações com relação ao planejamento prévio, quando necessário. Por fim, realizou-se a avaliação de cada ação executada ou não.

As ações que envolvem o contato direto com o público, como as palestras, foram avaliadas pelo próprio público por meio de questionários e pela equipe de execução da ação de maneira subjetiva, levando em consideração o nível de participação do público e o teor das discussões que ocorreram após a ação. As ações que resultavam em produtos específicos, como textos, banners, mapas, etc., foram avaliadas subjetivamente, com base na percepção da equipe de projeto e/ou por profissionais que atuam em áreas correlatas ao teor do material desenvolvido. As atividades de apoio técnico ao comitê foram avaliadas, subjetivamente, com base na percepção da equipe de projeto com relação ao aprendizado dos membros do comitê sobre a PNRH sobre os aspectos físicos e ambientais da área de abrangência da bacia hidrográfica.

Para fins de organização e apresentação dos resultados, optou-se por separar as ações desenvolvidas em três tópicos: a) Atividades de divulgação sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro-RS; b) Apoio técnico ao comitê de gerenciamento da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS; c) Atividades no Colégio Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe.

O público alvo das atividades de divulgação da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS é a população que vive na bacia, aproximadamente 122.000 pessoas, (IBGE, 2010). O projeto está inserido no programa institucional da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), denominado “Bacias do pampa”, que visa articular a participação

da universidade nos comitês de gerenciamento de bacia hidrográfica da região onde a UNIPAMPA foi implantada.

O público alvo das atividades relacionadas ao apoio técnico ao CBRN é o próprio CBRN e os seus integrantes, aproximadamente 20 profissionais de órgãos públicos e privados.

O público alvo das atividades no Colégio Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe (C. E. E. M. Dr. Carlos Kluwe) consistiu-se em seis alunos e em dois professores da escola, bolsistas do projeto “Desenvolvimento de uma base de dados da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS”, financiado pela FAPERGS.

Resultados

a) Atividades de divulgação da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS

As atividades de divulgação da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS consistiram em: a) confecção de textos informativos sobre a bacia; b) confecção de figuras e mapas; c) realização de palestras; d) realização de cursos de extensão universitária; e) saídas de campo; f) realização de eventos de extensão universitária; g) desenvolvimento de página na internet; h) realização de trabalhos envolvendo geoprocessamento (Sistemas de Informações Geográficas e Sensoriamento Remoto) e i) Estruturação do SIGWeb da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS.

Inicialmente, foi realizado um levantamento dos estudos existentes sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro-RS e/ou sobre os recursos hídricos existentes em sua área de abrangência. Nesse processo, buscou-se o Departamento de Recursos Hídricos da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (DRH/SEMA) e o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Negro-RS (CBRN). A partir daí, os professores envolvidos com o projeto passaram a integrar o CBRN e a participar das reuniões mensais do comitê. Em um primeiro momento, a participação restringia-se às reuniões do comitê, que eram realizadas mensalmente. Em um segundo momento, tendo como base o aumento da compreensão sobre a bacia hidrográfica, obtido a partir da realização de pesquisa bibliográfica, foi possível auxiliar em questões técnicas.

Desde o ano de 2013, foram realizadas dez palestras sobre recursos hídricos e sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro-RS, em escolas, universidades, cursos técnicos e em eventos relacionados ao meio ambiente na área de abrangência da bacia, atingindo aproximadamente 350 pessoas. As palestras foram programadas para terem duração de cinquenta minutos, aproximadamente, sendo voltadas para adultos e jovens, profissionais e estudantes de ensino médio, de nível técnico e universitário. Com públicos tão distintos, a ideia inicial era realizar palestras diferenciadas para cada público alvo. No entanto, optou-se por ministrar apenas um tipo de palestra, que poderia ser alterada quando necessário, para atender públicos diferentes.

As primeiras palestras foram requisitadas pelos técnicos do DAEB, em 2013. Em seguida, foram recebidos convites do SENAC, da Prefeitura Municipal de Aceguá, da Prefeitura Municipal de Bagé, da Universidade da Região da Campanha (URCAMP) e do próprio CBRN. Os ouvintes, em geral, eram profissionais e/ou estudantes de nível técnico e superior, servidores ou professores de ensino fundamental e médio dos municípios abrangidos pela bacia hidrográfica. Os autores acreditam que o fato de as

palestras versarem sobre a área onde os ouvintes residem, apresentando uma quantidade considerável de mapas, fotografias e figuras tenha contribuído para a boa aceitação. Os ouvintes expuseram questões relacionadas aos problemas ambientais vivenciados, às secas, às enchentes, bem como externaram a preocupação com a poluição das águas dos arroios que atravessam as áreas urbanas de Bagé e Hulha Negra e com a quantidade de lixo visível nas suas margens. Muitas vezes, os ouvintes contribuem com dados e/ou informações relevantes para o projeto.

Uma questão importante que pode ser verificada no momento da palestra é a falta de identificação da população com os cursos d'água da região, além do grande desconhecimento de questões relacionadas aos recursos hídricos e à geografia na área de abrangência da bacia. Em algumas ocasiões, ouviu-se que os arroios que atravessam a área urbana de Bagé eram verdadeiros esgotos a céu aberto e que deveriam ser canalizados. Pouco se falou sobre as possibilidades de despoluição dos rios, revitalização das margens dos cursos d'água ou sua utilização para fins recreacionais. Grande parte dos ouvintes atribuiu os problemas relatados à administração pública. Pode-se citar como de grande relevância a constatação do desconhecimento, quase que completo, da PNRH e da própria bacia hidrográfica por parte dos integrantes do CBRN.

Ainda com relação ao grau de satisfação com as palestras, foi possível verificar em duas palestras realizadas no município de Aceguá-RS, que grande parte do público era constituído por estudantes de ensino médio e fundamental e que a estrutura das palestras está inadequada a esse tipo de público. Os ouvintes não demonstraram interesse durante a explanação e também não interagiram ao final da palestra. Dessa maneira, é necessário adaptar o material desenvolvido ou trabalhar de outra maneira, com o auxílio de profissionais capacitados, buscando materiais de divulgação que sejam atraentes para esse público.

Além das palestras, outra atividade em desenvolvimento é a realização periódica de saídas a campo na bacia hidrográfica. Essas saídas têm como objetivo: proporcionar uma visão mais abrangente da área em estudo para a equipe que desenvolve o projeto e permitir que parte da população que reside na bacia tenha a oportunidade de conhecer melhor o local onde vive e tenha contato com os principais problemas relacionados aos recursos hídricos na região. Até o momento, foram realizadas 12 saídas a campo, envolvendo um total de 64 pessoas. Na figura 3, apresenta-se foto da saída de campo realizada no local de encontro entre o Rio Negro e o arroio Piraí, próximo à fronteira do Brasil com o Uruguai, no ano de 2012.

Como o objetivo de fomentar a criação de espaços para a disseminação de informações sobre a bacia do Rio Negro, foram realizados, até o momento, quatro eventos de extensão universitária.

O I Seminário de Pesquisa e Extensão sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Negro em território brasileiro buscou reunir docentes universitários e da educação básica, técnicos e discentes, que desenvolviam ou pretendiam desenvolver atividades sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro em território brasileiro. O Seminário contou com 14 palestrantes e 90 participantes. Na ocasião, fizeram-se presentes os presidentes dos Comitês de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas dos rios Ibicuí e Santa Maria, que proferiram palestras sobre o histórico de atuação de seus comitês. Os dois presidentes ressaltaram a importância da inserção da Unipampa no contexto do desenvolvimento de ações nas bacias hidrográficas localizadas na região do Pampa gaúcho.

**Figura 3: Saída a campo realizada com residentes na
bacia hidrográfica do Rio Negro-RS**



A I e a II Mostra Fotográfica e Cartográfica sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro em território brasileiro tiveram como objetivo principal divulgar informações à população local sobre os aspectos físicos e ambientais da bacia hidrográfica, por meio de vídeos, fotografias e material cartográfico produzido por discentes e docentes da UNIPAMPA. Na figura 4, apresenta-se um registro da II Mostra Fotográfica e Cartográfica.

Em 2015, foi realizada a segunda edição do Seminário de Pesquisa e Extensão Sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Negro em Território Brasileiro, juntamente com o Seminário Internacional de Recursos Hídricos, Energia e Desenvolvimento Sustentável. O evento fez parte da agenda oficial do Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Negro-RS e contou com a participação da maioria de seus integrantes. Na ocasião, foram realizadas onze palestras, uma mesa redonda e dois minicursos, com engenheiros, agrônomos e professores-pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidad de la Republica do Uruguay (Udelar). Destaca-se a participação do Secretário Estadual do Departamento de Recursos Hídricos, que ministrou palestra sobre os “Desafios e oportunidades em recursos hídricos na metade sul do Rio Grande do Sul, trazendo novas informações e perspectivas de atuação aos integrantes do CBRN.

Figura 4: II Mostra Fotográfica e Cartográfica sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro em território brasileiro



Outras ações realizadas foram os cursos de extensão universitária: a) Introdução à Política Nacional de Recursos Hídricos; b) Introdução ao CAD aplicado ao Geoprocessamento; c) Introdução ao Sensoriamento Remoto e ao Processamento Digital de Imagens; d) Introdução aos Sistemas de Informações Geográficas; e) Introdução ao SIGWeb da Bacia Hidrográfica do Rio Negro-RS.

Foi realizado um conjunto de ações no campo do geoprocessamento. Essas ações surgiram a partir da necessidade de organizar parte dos dados geográficos e/ou alfanuméricos encontrados na etapa de pesquisa bibliográfica. Inicialmente, os dados foram estruturados em um banco de dados utilizando programas computacionais de Sistemas de Informações Geográficas (SIG). Em princípio, utilizou-se o programa gvSIG, que é gratuito, e que se mostrou útil para a visualização dos dados espaciais vetoriais armazenados. No entanto, não apresentou a mesma eficiência para a edição de dados, a manipulação dos dados armazenados em formato matricial e a produção de mapas. Dessa maneira, optou-se por migrar para o sistema ArcMap, que atendeu satisfatoriamente as demandas existentes. Cabe ressaltar que a opção de migrar para o ArcMap se deu a partir de sua aquisição para um projeto de pesquisa da UNIPAMPA. Os dados vetoriais também foram armazenados no SGBD PostgreSQL, utilizando as funcionalidades de sua extensão espacial PostGIS.

Com o desenvolvimento do projeto, surgiu a demanda por verificar as mudanças no uso e cobertura da terra na bacia hidrográfica. De acordo com Munroe e Müller (2007), as mudanças no uso e cobertura da terra são resultados da interação entre processos sociais, ecológicos e geofísicos, e tem sido mundialmente reconhecidos, segundo Xiao et al. (2006) e Mendoza et al. (2011), como um dos mais importantes fatores de modificação ambiental. Em ecossistemas de bacias hidrográficas, as mudanças no uso e cobertura da terra influenciam as características do escoamento superficial que, por sua vez, afetam a disponibilidade de água superficial e subterrânea, que leva a outras mudanças no uso e cobertura da terra (SAJIKUMAR e REMYA, 2015). Para verificar as mudanças no uso e

cobertura da terra, foram utilizadas imagens da série de satélites Landsat. Atabela 1 traz informações sobre as cenas utilizadas no estudo.

Tabela 1: Dados das cenas do satélite Landsat utilizadas no mapeamento do uso e cobertura da terra na bacia hidrográfica do Rio Negro-RS

Satélite/ Sensor	Órbita/Ponto	Data	Bandas	Resolução espacial (m)
Landsat 2/MSS	239/082	27/08/1977	4,5,6,7	80
Landsat 5/TM	222/082	04/05/1985	1,2,3,4,5,7	30
	223/082	11/05/1985		
Landsat 5/TM	222/082	30/07/1996	1,2,3,4,5,7	30
	223/082	05/07/1996		
Landsat 7/TM	222/082	06/01/2003	1,2,3,4,5,7	30
	223/082	29/01/2003		
Landsat 8/OLI	222/082	28/11/2014	1,2,3,4,5,6,7,8	15
	223/082	05/12/2014		

As imagens foram processadas utilizando técnicas de Processamento Digital de Imagens (PDI) e classificadas utilizando o método da Máxima Verossimilhança (M_{AX}Ver), no programa computacional ENVI. Por fim, trabalhou-se na pós-classificação dos mapas de uso e cobertura da terra gerados na classificação supervisionada. Os resultados (tabela 2) indicam que houve significativa alteração nos padrões de paisagem na bacia hidrográfica do Rio Negro-RS.

Tabela 2: Quantificação do uso e cobertura da terra na bacia hidrográfica do rio Negro-RS entre 1977 e 2014

Classe	Quantificação do uso e cobertura da terra									
	1977		1985		1996		2003		2014	
	Km ²	%	Km ²	%	Km ²	%	Km ²	%	Km ²	%
Urbano	14,96	0,45	21,26	0,71	21,04	0,71	24,98	0,83	28,13	0,92
Florestal	714,42	23,83	366,30	12,20	413,01	13,78	254,60	8,49	144,95	4,85
Campos	1975,30	65,89	2094,80	69,88	1989,30	66,35	2017,22	67,28	1283,80	42,00
Água	33,25	1,11	68,16	2,27	59,90	1,20	71,88	2,40	91,38	3,04
Cultura temporária	260,70	8,69	417,01	13,91	486,12	16,12	471,36	15,72	1603,20	46,92
Silvicultura	-	-	31,25	1,04	29,70	0,99	158,87	5,30	47,09	1,56

Como se pode verificar na figura 2, as áreas ocupadas por campos (classe “campestre”) e por mata nativa (classe “áreas florestais”) tiveram uma considerável redução, enquanto as áreas ocupadas por atividades agrícolas (classe “cultura temporária”) aumentaram de 260,70 km² em 1977 para 1603,20 km² em 2014.

Como os dados estavam armazenados em um SIG Desktop, a disponibilização desses dados em um contexto multiusuário tornou-se um problema. Para possibilitar que os usuários acessassem simultaneamente os dados espaciais da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS, a solução adotada foi desenvolver uma aplicação SIGWeb. O serviço de mapas foi desenvolvido utilizando o servidor de mapas i3geo, que é gratuito e de

Figura 6: Registro de reunião do CBRN



c) Atividades no Colégio Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe

No ano de 2014, foi aprovado um projeto de pesquisa intitulado “Desenvolvimento de uma base de dados da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS”, no edital FAPERGS/PICMEL. O edital previa bolsas para dois professores e para seis alunos de escolas públicas de ensino médio. A escola parceira na realização do projeto foi o Colégio Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe, localizado no município de Bagé-RS. Os professores tinham formação em Geografia e em Engenharia Química.

Os alunos bolsistas estavam entre o primeiro e o segundo ano do ensino médio. Para a realização do projeto de pesquisa, era necessário que os alunos tivessem conhecimentos teóricos e práticos sobre Geoprocessamento, além de conhecimentos teóricos sobre a PNRH. Para suprir essa demanda, organizaram e ministraram cinco cursos de extensão universitária introdutórios, voltados para os alunos e professores bolsistas, com algumas vagas destinadas ao público em geral.

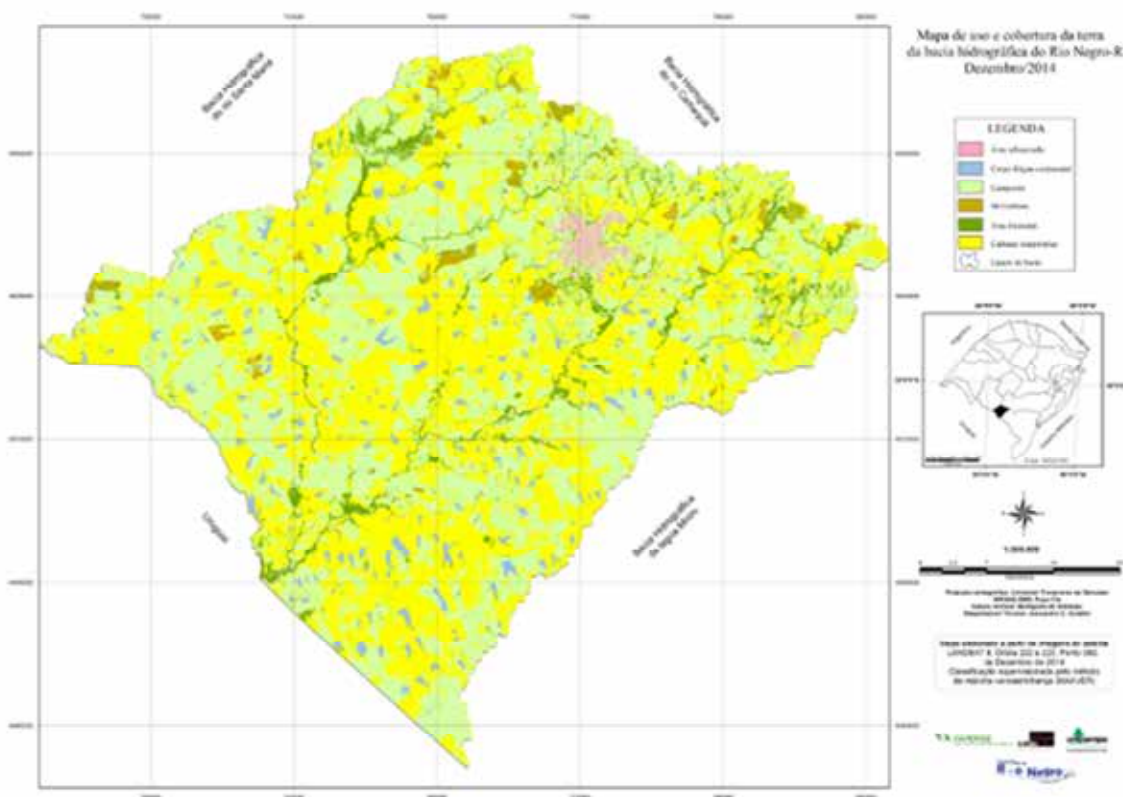
No decorrer dos cursos, foram realizadas saídas a campo, com o objetivo de proporcionar uma visão sobre a bacia hidrográfica do Rio Negro-RS, no contexto da PNRH e do Geoprocessamento.

A partir da realização dos cursos, foi possível verificar que a formação em geoprocessamento era uma demanda não só referente ao projeto de extensão, como também de determinados setores de órgãos públicos dos municípios abrangidos pela bacia, que demandaram vagas nos cursos.

Após a realização dos cursos, os alunos foram divididos em dois grupos. Um grupo desenvolveu atividades na área de sensoriamento remoto, enquanto o outro grupo desenvolveu atividades relacionadas com SIG.

A figura 8 apresenta no mapa de uso e cobertura da terra da bacia hidrográfica do Rio Negro, em dezembro de 2014, elaborado com o auxílio dos alunos bolsistas de ensino médio.

Figura 8: mapa de uso e cobertura da terra na bacia hidrográfica do Rio Negro-RS em 2014



Em maio de 2015, foi realizado um seminário no auditório do Colégio Carlos Kluwe. Os alunos bolsistas apresentaram para os demais alunos da escola o trabalho que estavam desenvolvendo, bem como os primeiros resultados alcançados. Na ocasião, aproximadamente cem alunos do Colégio Estadual Carlos Kluwe participaram do seminário. Nas figuras 9 e 10, têm-se registro da apresentação de alunos bolsistas do projeto (figura 9) e do público presente (figura 10) no seminário.

Figura 9: Discentes do Colégio Estadual Dr. Carlos Kluwe apresentando um relato das atividades em desenvolvimento



Figura 10: Registro do público presente no seminário realizado no Colégio Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe



Em outubro de 2015, foi realizado na UNIPAMPA o seminário de encerramento do projeto de pesquisa do edital PICMEL/FAPERGS, paralelamente ao seminário trimestral do Laboratório de Modelagem, Simulação Computacional e Geoprocessamento (LMSC-Geo) da UNIPAMPA. Também foi realizado um balanço das atividades desenvolvidas ao longo do projeto, no edital PICMEL, em que alunos e professores expuseram as principais dificuldades e desafios encontrados ao longo do projeto, bem como a experiência adquirida.

Dois dos alunos participantes do projeto PICMEL são, atualmente, bolsistas do programa de bolsas de ensino médio no CNPQ e estão dando continuidade ao projeto de pesquisa submetido ao edital PICMEL/FAPERGS.

Considerações Finais

As ações desenvolvidas vêm contribuindo para o aumento do conhecimento sobre os aspectos físicos e ambientais da bacia do Rio Negro-RS; e para fomentar o contato da universidade com o poder público, com a comunidade e com os CBHs (Comitês de Bacias Hidrográficas), tanto da bacia do Rio Negro quanto de outras bacias hidrográficas que apresentam características e desafios comuns.

No decorrer da execução do projeto, professores, técnicos e discentes foram se agregando à equipe inicial. Até o momento, 21 alunos dos cursos de graduação em Engenharia de Produção, Engenharia da Computação, Engenharia Química e Engenharia de Energias Renováveis e Ambiente participaram das atividades do projeto. Os alunos desenvolveram atividades relacionadas à extensão universitária, à pesquisa e ao ensino. Essas atividades resultaram em 10 artigos completos, 14 resumos expandidos e mais de 20 resumos publicados em eventos no Brasil e no exterior. Atualmente, a equipe é constituída

por três professores, além de nove alunos (bolsistas e voluntários) dos cursos de Engenharia da Computação, Engenharia de Energias Renováveis e Ambiente, Engenharia Química e Engenharia de Produção, campus Bagé, e de um aluno do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental do campus Caçapava do Sul, da UNIPAMPA.

Após três anos de execução do projeto de extensão, é possível afirmar que se está contribuindo para a conscientização da população que habita a bacia hidrográfica do Rio Negro sobre sua importância no contexto local e internacional, bem como a respeito da preservação dos recursos hídricos localizados no interior da bacia hidrográfica. No entanto, tem-se consciência de que o trabalho realizado até o momento se constitui em uma pequena contribuição no contexto do conhecimento e divulgação dos aspectos físicos, econômicos e sociais na área de abrangência da bacia hidrográfica do Rio Negro em território brasileiro.

Por fim, ressalta-se que embora se tenha apresentado neste artigo uma série de experiências exitosas, é importante deixar claro que diversas ações não tiveram os resultados esperados e/ou planejados. No entanto, os erros e os problemas enfrentados ao longo do desenvolvimento do projeto não foram encarados como fracassos. Ao contrário, vêm servindo como um grande aprendizado e motivação neste processo de “aprender fazendo”, parte do desenvolvimento deste projeto.

Referências

ANA – AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil:** Informe 2014. Brasília, 2015.

ANA – AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. Arquivos digitais do Sistema de Informações Hidrológicas HidroWeb. Disponível em: <http://hidroweb.ana.gov.br/HidroWeb.asp?Tocltem=4100>. Acesso em 05/03/2015.

BRASIL. **Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997.** Brasília, 1997.

DAEB - DEPARTAMENTO DE ÁGUA E ESGOTO DE BAGÉ– **Caracterização e diagnóstico da bacia do Rio Negro em Território Brasileiro-RS.** Contrato nº 004/2007. Bagé, 2007.

GOOGLE. Google Earth Pro. Version 7.1.5.1557. 2016. Área de abrangência da bacia hidrográfica do Rio Negro-RS. Disponível em: <https://www.google.com.br/earth/download/ge/agree.html>. Acesso em: 15/07/2015.

Hasenack, H.; Weber, E.(org.) **Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000.** Porto Alegre: UFRGS Centro de Ecologia. 2010. 1 DVD-ROM. (Série Geoprocessamento n.3). ISBN 978-85-63483-00-5 (livreto) e ISBN 978-85-63843-01-2 (DVD).

IBGE. Censo Demográfico 2010 - Resultados do universo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2013.

IHP-HWRP.**GLOWA: Global change and the hydrological cycle.** Germany Federal Ministry of Education and Research.Koblenz, 2008.

MENDOZA, M., LÓPES-GRANADOS, E., GENELETTI, D. PÉREZ-SALICRUP, D., SALINAS, V. Analysing land cover and land use change processes at watershed level: A multitemporal study in the Lake Cuitzeo Watershed, Mexico (1975-2003). **Applied Geography**, 31, 237-250, 2011.

MUNROE D., MÜLLER D. Issues in spatially explicit statistical land-use/cover change (LUCC) models: Examples from western Honduras and the Central Highlands of Vietnam. **Land Use Policy**, 24, 521-530, 2007.

RAVANELLO, M. M.; PANTE, A. R. Outorga de direito de uso de recursos hídricos em bacia carente de dados – Rio Negro-RS. **Anais do XX Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos**. Bento Gonçalves, 2013.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 45.531, de 5 de março de 2008**. Porto Alegre, 2008.

SAJIKUMAR, N., REMYA, R. Impact of land cover and land use change on runoff characteristics. **Journal of Environmental Management**, 161, 460-468, 2015.

SEMA- SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE. **Relatório Anual sobre a Situação dos Recursos Hídricos no Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SEMA, 2006.

SEMA- SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE. **Relatório Anual sobre a Situação dos Recursos Hídricos no Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SEMA, 2012.

SEMA- SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE. Limites das bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul. Disponível em http://www.sema.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu=21&cod_conteudo=6463. Acesso em 05/03/2015.

UNESCO. **The United Nations World Water Development Report 2003: Water for People Water for Life**. UNESCO, França, 2003.

UNESCO. **The United Nations World Water Development Report 2015: Water for a Sustainable World**. UNESCO, França, 2015.

XIAO, J., SHEN, Y., GE, J., TATEISHI, R., TANG, C., LIANG, Y. et al.. Evaluating urban expansion and land use change in Shijiazhuang, China, by using GIS and remote sensing. **Landscape and Urban Planning**, 75 (1/2), 69-80, 2006.



Artigo recebido em:
19/02/2016
Aceito para publicação em:
30/08/2016

DIVULGAÇÃO SOBRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS PARA ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

DISSEMINATING INFORMATION ABOUT FEDERAL UNIVERSITY OF MINAS GERAIS TO STUDENTS FROM PUBLIC SCHOOLS OF METROPOLITAN AREA OF BELO HORIZONTE

*Elisamara Rodrigues Ferreira**

*Ana Luiza Silva Detomi***

*Miriana Teixeira Costa****

*Micena Roberta Miranda Alves Silva*****

*Amália Verônica Mendes da Silva******

*Janice Henriques da Silva******

RESUMO

O ingresso em uma universidade pública brasileira tem sido considerado, ainda, um objetivo quase inalcançável por diversos alunos do ensino médio. É surpreendente que muitos desses estudantes não saibam qual a conduta a ser tomada para ter acesso ao ensino superior. Nesse contexto de escassez de informações, o Projeto Grupo de Estudantes que Multiplicam e Transformam Ideias (GEMTI) elaborou ações educativas que possibilitaram a troca de conhecimentos entre graduandos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e estudantes de escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte. Para o seu desenvolvimento, foram utilizados recursos como: leitura de artigos científicos; encontros com a equipe; tecnologia audiovisual e questionário. Com as intervenções, tornou-se perceptível a existência de uma lacuna no sistema de ensino. Portanto, a equipe do GEMTI acredita que as ações extensionistas contribuíram positivamente para propiciar reflexões, além de agregar novos conhecimentos para todos os envolvidos, colaborando para um melhor futuro profissional de ambos.

Palavras-chave: Educação; Ensino Médio; Ensino Superior; Divulgação; Formas de Ingresso.

ABSTRACT

Entrance to a Brazilian public university still has been considered an almost unattainable goal for many

* Fisioterapeuta. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG – Brasil. E-mail: elisamararferreira@hotmail.com

** Aluna de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG – Brasil. E-mail: anadetomi@hotmail.com

*** Aluna de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG – Brasil. E-mail: miriana_bh@hotmail.com

**** Professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG - Brasil. E-mail: micena@icb.ufmg.br

***** Professora da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), MG – Brasil. E-mail: avsilva@fumec.br

***** Professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG – Brasil. E-mail: janicehs@icb.ufmg.br

high school students. Besides, it is extremely surprising that many of these students do not know the actions to be taken to gain access to higher education. Within the context of a lack of information, the project *Grupo de Estudantes que Multiplicam e Transformam Ideias* (GEMTI) developed educational activities that enabled students from Federal University of Minas Gerais (UFMG) and students from public schools of metropolitan area of Belo Horizonte to exchange knowledge among them. It was conducted by reading scientific articles, meetings with the group, audiovisual technology and questionnaires. Through the interventions it became clear that there is a gap in the education system. Thus, the GEMTI team believes that the outreach actions contributed positively to give them opportunity to reflect and to obtain knowledge as well as contributing to improve their professional future and the students as well.

Keywords: Education; Secondary Education; Higher Education; Dissemination; Entry form.

Introdução

As oportunidades de acesso ao ensino superior são ofertadas de forma muito variada durante todo o histórico escolar do indivíduo (ZAGO, 2006). As escolas particulares de elite buscam preparar seus alunos para ingressarem em uma conceituada Universidade Federal, enquanto as escolas públicas dão pouca orientação e incentivo aos seus alunos (ORTEGA, 2001). Sparta e Gomes (2005), ao avaliarem alunos do ensino médio de escolas da região de Porto Alegre, constataram diferenças significativas entre alunos de escolas públicas e particulares quanto à importância atribuída ao ingresso na educação superior, obtendo-se uma frequência de escolha pelo vestibular de 77% e 95,4% para as escolas públicas e particulares, respectivamente.

Segundo Alvarenga et al. (2012), as escolas públicas não divulgam e nem despertam interesse nos alunos pelas Universidades, além de criarem uma cultura desmotivadora que leva os estudantes a não tentarem o vestibular por acreditarem serem incapazes de concorrer com aqueles oriundos de escola privada. Assim, para os estudantes de escola pública, o acesso ao ensino superior não é entendido como processo natural de continuidade dos estudos (ZAGO, 2006).

É importante ressaltar, ainda, que a fase da vida na qual os jovens se encontram no ensino médio é um período conflitante, caracterizado pela diminuição do entusiasmo pelos estudos, acrescido de novos interesses, tais como o ingresso no mercado de trabalho (KRAWCZYK, 2011). A expansão no número de vagas do nível fundamental e médio não aboliu as dificuldades relacionadas à qualidade do ensino público (ZAGO, 2006). Segundo Oliveira (2000), os alunos terão oito anos de escolarização, mas os níveis de conhecimento serão muito variáveis, resultando em exclusão do acesso ao conhecimento.

Neste contexto, o acesso ao ensino superior no Brasil, tanto pela população de baixa renda quanto por alunos oriundos de escolas públicas, ocorre com muita dificuldade, representando um desafio a ser enfrentado (ZAGO, 2006; SILVA, 2012). Dessa forma, para que ocorra a democratização do ensino superior, é necessária a implementação de políticas que amplie e solidifique o ensino público em todos os níveis de escolarização (ARAUJO, 2012).

O Grupo de Estudantes que Multiplicam e Transformam Ideias (GEMTI) é um projeto de extensão universitária, que tem como referência o conceito expresso no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das universidades públicas brasileiras (FORPROEX), realizado em 2009 e 2010, que define como extensão universitária: “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.” (FORPROEX, 2012, p.16).

Por meio de suas ações, o GEMTI propõe-se a cumprir as cinco diretrizes descritas no FORPROEX: (1) Interação dialógica: trata-se do diálogo e troca de saberes entre a Universidade e a sociedade, superando o discurso de hegemonia acadêmica, criando uma aliança com organizações, setores e movimentos

sociais. O conhecimento universitário não é apenas estendido à sociedade, buscando-se, também, interagir com a mesma e construir conhecimento novo, que contribua para superar a desigualdade e exclusão social. Dessa forma, destaca-se a participação dos atores não universitários na produção e difusão do conhecimento, construindo uma sociedade mais justa, ética e democrática. (2) Interdisciplinariedade e interprofissionalidade: busca a combinação da especialização, modelos, conceitos e metodologias oriundas das disciplinas e áreas do conhecimento com a construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais. (3) Princípio constitucional da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão: este princípio foi proposto às instituições brasileiras, no qual as atividades de extensão são mais efetivas quando vinculadas ao processo de formação de pessoas (ensino) e geração de conhecimento (pesquisa). (4) Impacto na formação do estudante: esta diretriz possibilita a construção de um conhecimento sólido, com fusão entre a teoria e a prática. Nesse contexto, o estudante é colocado como protagonista de sua formação técnica – obtendo competências necessárias à atuação profissional – e de sua formação cidadã – reconhecendo-se como agente de garantia de direitos, deveres e de transformação social. (5) Impacto e transformação social: reafirma que a extensão deve estabelecer a inter-relação entre a Universidade e os outros setores da sociedade, com ações voltadas para os interesses e as necessidades da maioria da população, propiciando desenvolvimento social e regional, e que aprimorem as políticas públicas. Não só a sociedade deve ser impactada e transformada pela extensão, mas a universidade pública, enquanto parte da sociedade (VASCONCELOS, 2001; FORPROEX, 2014).

Emerge-se, assim, um novo conceito de “sala de aula”, não restrita ao espaço físico de ensino-aprendizado tradicional, mas estendendo-se a todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se aprende e se (re)constrói o processo histórico-social. Cria-se um novo eixo pedagógico entre estudante-professor-comunidade. As atividades de extensão universitária contribuem para a formação do estudante por ampliarem o universo de referência que estes ensinam e permitem contato direto com grandes questões contemporâneas, possibilitando o enriquecimento da experiência em termos teóricos e metodológicos. Além disso, abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da universidade pública brasileira.

O Projeto GEMTI, formado por professores e acadêmicos de cursos da área da saúde das universidades FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura) e UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), propõe a construção e troca de conhecimento entre acadêmicos e a comunidade. O GEMTI foi criado em 2004 e ao longo desses 11 anos realizou ações educativas em saúde nas escolas de educação básica da região metropolitana de Belo Horizonte (SILVA, 2009, 2010, 2011, 2012). Durante algumas intervenções com alunos do ensino médio, os graduandos participantes constataram a falta de informação aos alunos de escolas públicas em relação à UFMG. A percepção do GEMTI sobre essa falta de informação foi evidenciada por meio de algumas perguntas como: “você sabe como ingressar UFMG?”; “é muito caro estudar na UFMG?”; “se eu fizer o ENEM, como que a UFMG vai saber que eu quero estudar lá?”.

Levando-se em consideração esses questionamentos, a equipe do GEMTI decidiu criar uma intervenção que pudesse responder a essas perguntas, acreditando que a conscientização dos alunos possa despertar o interesse em ingressar em uma renomada instituição pública como a UFMG ou em outras de ensino superior, além de transformá-los em multiplicadores de saberes.

Metodologia

O trabalho em questão refere-se a um relato de experiência dos integrantes do GEMTI, a partir da ação geral denominada “Apresentando a UFMG”, cujas intervenções foram desenvolvidas nos anos de 2013 e 2014. Em 2013, as ações foram realizadas com alunos matriculados no Projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Belo Horizonte, alunos do ensino médio de uma escola do Município de Contagem - MG (região metropolitana de Belo Horizonte - MG) e uma escola estadual do município de Belo Horizonte - MG. Já no ano de 2014, as intervenções ocorreram para alunos do ensino médio em uma escola do município de Belo Horizonte - MG. O Projeto foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa (Processo N° 32, ano 2010).

A fundamentação teórica para o desenvolvimento das intervenções foi realizada por meio de leitura de artigos científicos selecionados nas bases de dados Lilacs e SciELO; leitura de *sites* especializados; materiais jornalísticos impressos e eletrônicos, além de reuniões para discussão sobre o tema e elaboração da metodologia. A equipe foi composta por professores das universidades UFMG e FUMEC e graduandos do curso de Fisioterapia da UFMG. É interessante relatar que todos os discentes envolvidos na equipe conseguiram obter o ingresso na UFMG, mesmo tendo estudado em escolas públicas.

As intervenções priorizaram a divulgação e esclarecimentos sobre a ampla opção de cursos de graduação e técnicos ofertados; o sistema de cotas adotado pela Universidade; a forma de ingresso; quantidade de candidatos/vaga em alguns cursos de graduação, desde os mais concorridos até os de menor concorrência; os bons salários oferecidos a quem faz curso técnico; a assistência aos alunos oferecida pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP) da Universidade; além de apresentação de fotos das instalações da UFMG, do ônibus de circulação interna e do Clube Esportivo Universitário (CEU).

Cada ação extensionista teve duração de 50 minutos, em média, sendo dividida em duas partes: a primeira compreendeu a exposição do conteúdo pela equipe com recursos audiovisuais e a segunda destinou-se à discussão com a participação dos grupos de alunos. Os questionamentos e os relatos pessoais dos próprios graduandos do GEMTI, que cursaram a educação básica das escolas públicas participantes do Projeto, enriqueceram de forma expressiva o momento de discussão. Durante as intervenções, os graduandos incentivaram o envolvimento direto dos alunos, favorecendo o processo de compartilhamento de informações, ou seja, a criação e a capacitação de multiplicadores de ideias sobre o tema.

Nas intervenções de 2014, foi aplicado um questionário aos alunos para levantamento de dados quantitativos e qualitativos referentes ao conhecimento e interesse prévios dos estudantes a respeito da UFMG. O questionário apresentou as seguintes perguntas: (1) Você conhece a UFMG?; (2) Se conhece, por qual meio você conheceu a UFMG?; (3) Você sabe como ingressar (estudar) na UFMG?; (4) Você já pensou em estudar na UFMG?; (5) Você acha que estudar na UFMG é muito difícil para um aluno de escola pública?; (6) Você acha que a UFMG cobra mensalidade?

Resultados e discussão

As ações extensionistas do GEMTI sobre o tema “Apresentando a UFMG” foram realizadas para um total de 273 alunos matriculados em escolas públicas de Belo Horizonte e região metropolitana. No ano de 2013, as ações englobaram o envolvimento de 85 estudantes do terceiro ano do ensino médio em duas escolas estaduais localizadas nos municípios de Contagem – MG (Bairro Eldorado) e Belo Horizonte (Bairro Barreiro), e 60 estudantes do EJA do município de Belo Horizonte. Em 2014, foram contemplados 128 escolares do ensino médio em uma escola estadual do município de Belo Horizonte, no bairro Jaraguá.

Como abordagem inicial em todas as intervenções, direcionou-se aos alunos uma pergunta sobre a pretensão de algum dia prestar vestibular ou fazer algum curso técnico. Em todas as turmas, apenas uma minoria afirmou ter este interesse. O restante apresentou as seguintes justificativas: a necessidade de trabalhar para contribuir na renda familiar; o fato de se julgar incapaz de ser aprovado; desconhecimento do período de inscrição; a falta de informação sobre a maneira de se ingressar na universidade pública; ou não considerar importante realizar um curso profissionalizante. De modo interessante, a realização destas perguntas possibilitou uma discussão que culminou no relato de maior número de alunos interessados em fazer um curso superior em uma Universidade Federal.

Após o primeiro contato e discussão baseada nas perguntas, iniciou-se uma palestra expositiva referente ao conteúdo proposto “Apresentando a UFMG”, durante a qual foi permitido que os alunos fizessem questionamentos em relação ao conteúdo apresentado. A equipe preparou uma apresentação contendo: a lista dos cursos de graduação oferecidos pela UFMG e a relação candidato/vaga; uma breve descrição de alguns cursos técnicos ofertados pela UFMG por meio de parceria com o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); um fluxograma para esclarecimento do sistema de cotas adotado pela UFMG; explicações sobre a substituição do vestibular pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e sobre seleção dos aprovados acontecer por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu); informações básicas sobre o auxílio estudantil oferecido pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP); fotos das instalações do Campus Pampulha e dos eventos artísticos e culturais que nele ocorreram. Vale relatar que toda a equipe do Projeto, incluindo os professores, ficou muito surpresa ao conhecer todas as oportunidades que a UFMG oferece, principalmente as opções de cursos técnicos.

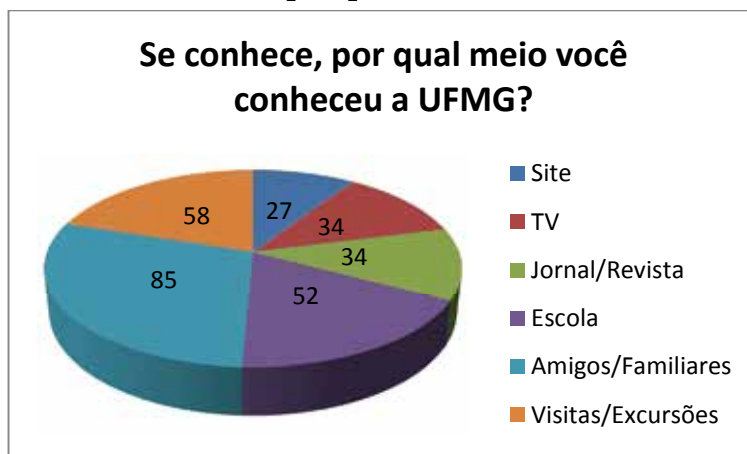
Em um próximo momento, os graduandos contaram seus relatos pessoais sobre o ingresso na Universidade e permitiram novamente que os alunos expressassem suas opiniões e manifestassem suas dúvidas. Esse momento contribuiu imensamente para a troca de conhecimento entre graduandos e estudantes, produzindo um espaço de diálogo em que a universidade vai à escola não somente para ensinar, mas também para aprender e, por meio desse aprendizado, desenvolver estratégias que tornem a instituição de ensino superior relevante para a sociedade. Durante as intervenções realizadas no ano de 2014 com 128 alunos do terceiro ano do ensino médio, foi realizada a aplicação de um questionário, e por meio deste observou-se que 96% dos alunos disseram “conhecer a UFMG”. A equipe acredita que esse resultado pode ser devido ao fato de a escola localizar-se muito próximo ao Campus Pampulha da UFMG (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Você conhece a UFMG?



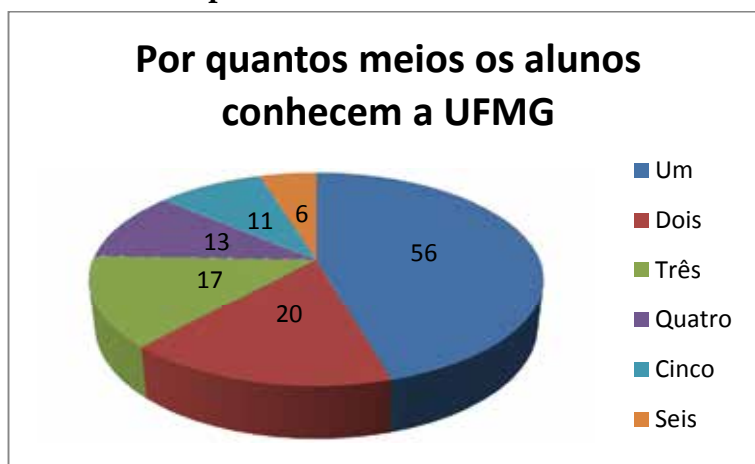
Ao serem perguntados por qual meio eles conheciam a UFMG, 66% disseram que por amigos/familiares, representando o meio mais comum, seguido pelas visitas/excursões da escola. Apesar de se tratar de uma faixa etária que, culturalmente, tem grande interesse por meios virtuais, surpreendentemente o *site* foi o meio menos comum pelo qual os escolares conheciam a UFMG, apenas 27 alunos (21%) (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Se conhece, por qual meio você conheceu a UFMG?



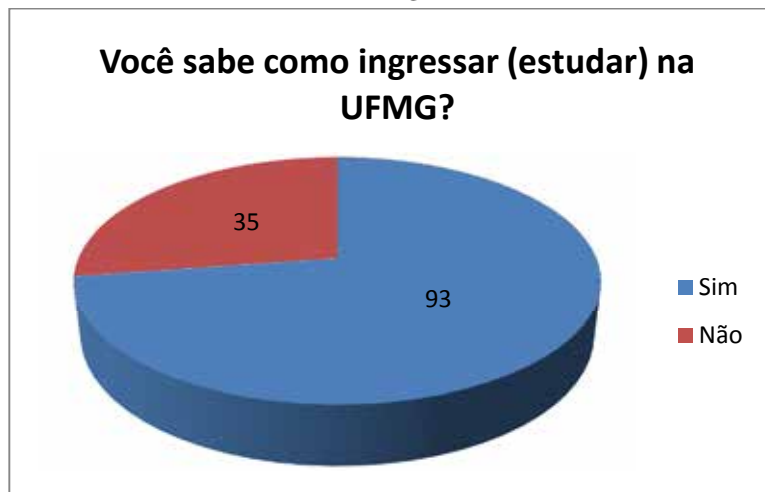
Ao se avaliar por quantos meios os alunos conheciam a UFMG, a maioria citou por apenas um ou dois meios, totalizando 59%, ao passo que 4% relataram conhecer a UFMG pelos seis meios perguntados (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Por quantos meios os alunos conhecem a UFMG



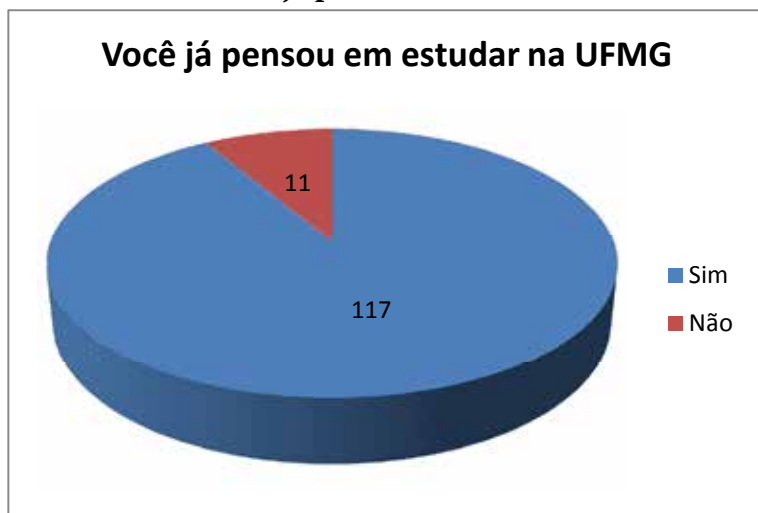
Quanto à pergunta sobre como ingressar na UFMG, 72% dos alunos relataram saber. Dos cinco alunos que disseram não conhecer a referida Universidade, três sabiam como ingressar na mesma. Dos 123 que disseram conhecer a Instituição, 93 relataram que sabiam como ingressar (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Você sabe como ingressar (estudar) na UFMG?



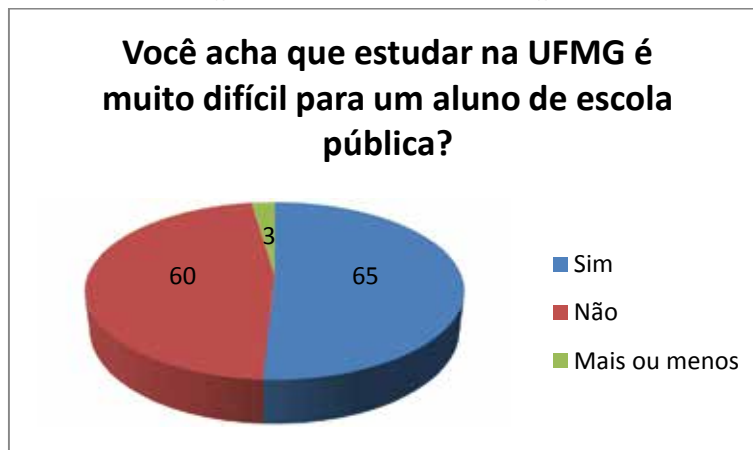
Sobre a intenção de estudar na UFMG, 91% dos alunos mencionaram ter interesse em ingressar na Instituição, cinco alunos disseram não a conhecer e três disseram que não pensaram em estudar nela (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Você já pensou em estudar na UFMG?



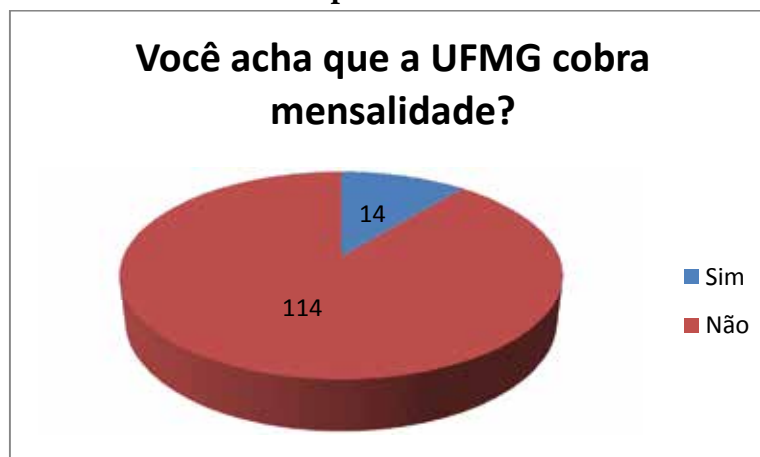
Em relação à dificuldade de estudar na Universidade, 50% dos alunos consideraram ser difícil para um aluno de escola pública estudar na UFMG. Dos cinco alunos que disseram não conhecer a UFMG, todos mencionaram que é difícil estudar na mesma, e três alunos disseram ser mais ou menos (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Você acha que estudar na UFMG é muito difícil para um aluno de escola pública?



A respeito da mensalidade, 89% dos alunos sabem que a UFMG não cobra mensalidade. Dos cinco que disseram não conhecer a Instituição, dois achavam que a mensalidade era cobrada. Além desses, outros 12 alunos, que disseram conhecer a UFMG, pensavam que a Instituição era paga (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Você acha que a UFMG cobra mensalidade?



Conclusão

É válido destacar que as intervenções realizadas tiveram grande receptividade pelos diretores, professores e alunos. Conceitos como responsabilidade social, cidadania e valorização das próprias oportunidades foram evidenciados durante as ações de troca de experiências entre os alunos, acadêmicos, professores e diretores.

Além do mais, a oportunidade de atender a uma demanda da comunidade por meio de uma relação igualitária entre educando e educador proporcionou uma experiência única entre ambos, despertando o interesse dos alunos em dar continuidade aos estudos em uma instituição pública de ensino superior, além de revelar os pensamentos destes em relação ao universo acadêmico.

Por meio das observações coletadas pela equipe durante as intervenções e dos dados adquiridos pelos questionários, fica explícito que o conhecimento de informações básicas sobre a UFMG, bem como a forma de ingresso, ainda é deficitário nas escolas públicas de Minas Gerais, principalmente considerando-se o fato de que uma das escolas atendidas se localiza geograficamente próxima à UFMG, o que destaca a importância da realização de projetos como esse. Ainda mais, evidencia a necessidade da promoção de atividades oriundas de universidades públicas diretamente nas escolas públicas, a fim de incentivar os seus alunos a ingressarem nas instituições públicas de ensino superior.

Fica claro, portanto, a relevância quanto à criação e manutenção de projetos de extensão que aproximem a universidade de escolas públicas. Desse modo, acredita-se que a iniciativa do Projeto GEMTI, idealizado pela UFMG, contribuiu com a troca de conhecimentos relevantes acerca desse assunto.

Referências

ALVARENGA, C.F. et al. Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro. v. 6, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2012.

ARAUJO, L. R. de. **Desafios e dificuldades dos jovens das classes populares no ensino superior público**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012. KRAWCZYK, N. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de pesquisa**, v.41, n.144, set./dez. 2011.

OLIVEIRA, R. P. de. Reformas Educativas no Brasil na Década de 90. In: CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, Romualdo Portela de (Orgs.). **Reformas educacionais em Portugal e no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 77-94.

ORTEGA, E.M.V. O Ensino médio público e o acesso ao ensino superior. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 23, p. 153-176, jan./jun. 2001.

SILVA, A.V.M. et al. GEMTI - Grupo de Estudantes que Multiplicam e Transformam Ideias. **Caderno de artigos**, p. 69-71, 2009.

SILVA, A.V.M. et al. GEMTI – Grupo de Estudantes que Multiplicam e Transformam Ideias: A prática do ensino por meio da promoção da saúde em escola do município de Nova Lima. **SaBios: Rev. Saúde e Biol.**, v.6, n.2, p.43-49, mai./ago., 2011.

SILVA, A.V.M. et al. GEMTI - Grupo de Estudantes que Multiplicam e Transformam Ideias: Promoção da saúde no cenário da educação. **Caderno de artigos**, p. 78-82 2012.

SILVA, A.V.M. et al. GEMTI - Grupo de Estudantes que Multiplicam e Transformam Ideias: A prática do ensino por meio da promoção da saúde. **Caderno de artigos**, p. 54-58, 2010.

SILVA, S.S. **Trajetórias de estudantes da rede pública que ingressam, permanecem e obtêm êxito numa universidade pública**. 2012. 17 p. Dissertação (Programa de pós-

graduação em Educação) - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino e Formação Docente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

SPARTA, M.; GOMES, W.B. Importância Atribuída ao Ingresso na Educação Superior por Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.6, n.2, p. 45-53, 2005.

UFMG. RENEX – Rede Nacional de Extensão. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus-AM, Maio, 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2014.

VASCONCELOS, E.M. Redefinindo as práticas de Saúde a partir de experiências de Educação Popular nos serviços de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.5, n.8, fev. 2001.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira Educ. [online]**, v.11, n.32, p. 226-237, 2006.



Artigo recebido em:
15/04/2016
Aceito para publicação em:
27/07/2016

JOGO DO ENVELHECIMENTO: OFICINA INTERATIVA COM CUIDADORES DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

JOGO DO ENVELHECIMENTO: AN INTERACTIVE WORKSHOP WITH CAREGIVERS OF INTITUTIONALIZED ELDERLY

Jacy Aurelia Vieira de Sousa*
Juliana Heloise de Oliveira da Silva**

RESUMO

Este estudo objetivou estimular a reflexão dos cuidadores de uma Instituição de Longa Permanência (ILPI) sobre o serviço prestado a idosos, a partir da vivência pessoal de características próprias da velhice. Realizou-se uma oficina chamada “Jogo do envelhecimento”, em outubro de 2015, em uma ILPI da região dos Campos Gerais, Paraná. Esta oficina inseriu-se no Projeto de Extensão “Inter(ação) na terceira idade: atenção multidisciplinar a idosos institucionalizados e seus cuidadores formais”, desenvolvido por docentes e discentes do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Participaram 16 cuidadores formais, sendo a atividade realizada em quatro ambientes simulados: farmácia, supermercado, restaurante e instituição de saúde. Após, os cuidadores relacionaram características vivenciadas na oficina com idosos residentes na instituição, refletiram sobre o cuidado prestado e a necessidade de atentar para as alterações do envelhecimento. A capacitação dos cuidadores quanto aos problemas vivenciados por idosos mostrou-se como uma tática benéfica para a melhoria da assistência em ILPI.

Palavras-chave: Cuidadores; Instituição de Longa Permanência para Idosos; Idoso.

ABSTRACT

This study aims to describe a workshop designed to stimulate caregivers of a long-stay institution for elderly to reflect on the service provided to them from personal experience and from the particular characteristics of old age. In October 2015, it was carried out the workshop *Jogo do Envelhecimento*, in a long-stay institution for elderly of the region of Campos Gerais, Paraná, Brazil. This workshop was part of the extension project “Inter(action) in the elderly: Multidisciplinary attention to institutionalized seniors and their formal caregivers,” developed by teachers and students from Nursing course of State University of Ponta Grossa. Sixteen formal caregivers took part in it and it was conducted through simulation techniques in pharmacy, supermarket, restaurant and health institution. Afterwards, the caregivers shared their experiences in the workshop with the elderly residents at the institution and reflected on the care provided and the need to pay attention to the aging changes. The training of caregivers about the

* Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR – Brasil. E-mail: jacy.sousa@gmail.com

** Aluna de graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR - Brasil. E-mail: ju.heloise@hotmail.com

difficulties faced by the elderly proved to be a beneficial tactic to improve the care provided in a long-stay institution.

Keywords: Caregivers; Long-stay institutions for the elderly; Elderly.

Introdução

O envelhecimento é um processo natural durante o qual podem ocorrer várias alterações fisiopatológicas que causam repercussões no estado de saúde do idoso (VALCARENCHI *et al.*, 2015). A alta prevalência de doenças crônicas degenerativas desperta a necessidade de uma capacitação profissional contínua em relação à assistência prestada a esse grupo etário (FERREIRA; BANSI; PASCHOAL, 2014).

Com o aumento da longevidade populacional, tem sido dada maior importância ao papel e à qualidade do serviço exercidos por parte das instituições e profissionais na prestação de cuidados aos idosos (VALCARENCHI *et al.*, 2015). Com mais de 20 milhões de idosos, o Brasil tem apenas 218 instituições públicas, que, somando-se às privadas, abrigam cerca de 83 mil idosos, a maioria mulheres (IPEA, 2011). De acordo com a crescente procura por tais serviços, a Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI) talvez seja a alternativa possível para muitos idosos, mantida assim por órgãos governamentais e não governamentais destinadas a propiciar atenção integral em caráter residencial, com condições de liberdade e dignidade, cujo público-alvo são as pessoas acima de 60 anos, com ou sem suporte familiar, de forma gratuita ou mediante remuneração (ANVISA, 2004).

A ILPI tem como função oferecer assistência gerontogerátrica conforme o grau de dependência dos seus residentes, e, ao mesmo tempo, oferece um ambiente doméstico, no qual são preservadas a intimidade e identidade dos seus residentes (MATOS; CARMO; SANTIAGO *et al.*, 2014). De acordo com a projeção da população brasileira efetuada pelo IBGE, a expectativa é de que a razão da dependência de idosos chegue a 63,2 pessoas de 60 anos ou mais de idade em 2060 (IBGE, 2013).

Conforme o aumento da dependência dos idosos, necessita-se uma assistência de longo prazo ofertada pela ILPI, que pode ser realizada por cuidadores formais cuja função é de cuidar, recebendo, assim, uma remuneração pelo serviço prestado para idosos que conseguem ou não realizar suas atividades (BAUAB; EMMEL, 2014).

Estudo mostra que a capacidade funcional é um novo paradigma na saúde do idoso (SANTOS; CUNHA, 2014), tendo como definição a capacidade de realizar sua atividade sozinha, de forma independente e autônoma, mesmo que tenha doenças (MORAES, 2012).

As atividades básicas de vida diária compreendem alimentar-se, vestir-se, fazer higiene e transferir-se; já as atividades instrumentais de vida diária são realizadas com o intuito de levar uma vida independente, realizando tarefas domésticas, fazer compras, administrar as próprias medicações e manusear dinheiro (KAGAWA; CORRENTE, 2015).

De acordo com as atividades que podem ser realizadas pelos residentes, os cuidadores formais devem desenvolver a motivação para prestar o cuidado. A motivação é uma qualidade que o cuidador precisa ter, caracterizada por uma condição fundamental na empatia por idoso, na valorização da classe como grupo social, considerando que a assistência deve ser um compromisso prioritário, pessoal e também da sociedade (BATISTA; ALMEIDA; LANCMAN, 2014).

Dentre os desafios, capacitar esses profissionais no cuidado integral, mostrando a importância do conforto físico e psicológico para o idoso, seria um suporte adequado para a evolução na qualidade de vida dessa faixa etária (OLIVEIRA; PEDREIRA, 2012). Com isso, a atividade de simulação intitulada

Jogo do Envelhecimento foi projetada para a melhora nas atitudes dos profissionais para os residentes (LALLY; CROME, 2007).

Em 1993, o Jogo do Envelhecimento foi modelado após uma versão realizada na Duke Medical School, iniciado como uma experiência eletiva durante o ano na Universidade de Medicina de Minnesota. Com base no modelo de Duke, várias características inovadoras foram adicionadas à oficina, com o objetivo de apresentar uma versão melhor (PACALA; BOULT; HEPBURN, 2006).

Um ano após a apresentação do Jogo como uma experiência eletiva, recebeu avaliações positivas, exigindo a inserção do mesmo para o curso de medicina na Universidade de Medicina de Minnesota. Assim, desde 1994, o Jogo do Envelhecimento tem sido uma oficina obrigatória acadêmica (PACALA; BOULT; HEPBURN, 2006).

A oficina é um exercício de simulação para sensibilizar os alunos para a experiência do envelhecimento e para promover a autorreflexão sobre atitudes em relação ao cuidado com os idosos. O Jogo tem sido utilizado nas graduações de medicina, enfermagem e nas ILPI. Durante o Jogo, os alunos tornam-se “velhos” através da aquisição de déficits físicos, sensoriais e cognitivos, simulados à medida que passam através de ambientes que representam fases das dificuldades na realização das atividades (PACALA; BOULT; HEPBURN, 2006).

Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi estimular a reflexão dos cuidadores de uma ILPI sobre o serviço prestado a idosos, a partir da vivência pessoal de características próprias da velhice.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência sobre a oficina denominada “Jogo do Envelhecimento”, realizada em outubro de 2015 e inserida no Projeto de Extensão intitulado “Inter(ação) na terceira idade: atenção multidisciplinar a idosos institucionalizados e seus cuidadores formais”, desenvolvido por docentes e discentes do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

A oficina foi desenvolvida em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, localizada na região dos Campos Gerais, Paraná, que abriga cerca de 30 idosos dependentes e independentes.

Os sujeitos envolvidos na atividade foram todos cuidadores formais empregados na ILPI, sendo excluídos apenas aqueles que não se encontravam no local no momento da oficina. Foram considerados como cuidadores formais todos os profissionais, com qualquer nível de escolaridade, que possuíssem vínculo empregatício com a ILPI e, conseqüentemente, prestassem cuidado direto ou indireto com as residentes. Desse modo, a amostra final foi composta por 16 cuidadores formais da instituição.

Para o desenvolvimento da proposta, foram simulados quatro ambientes pelos quais os cuidadores deveriam transitar: farmácia, restaurante, supermercado e instituição de saúde. A fim de compor cada ambiente, utilizaram-se materiais específicos, como caixas vazias de medicamentos, pratos e talheres descartáveis, caixas vazias de alimentos, cadeiras de rodas, dentre outros. Todos os espaços eram interligados de modo a permitir o livre trânsito dos sujeitos após o cumprimento das atividades propostas em cada ambiente.

Antes do início da oficina, todos os cuidadores foram convidados a se paramentarem com equipamentos que simulavam características clínicas comuns em idosos. Para simular a diminuição da acuidade visual, foram ofertados óculos com grau corretivo elevado; para a diminuição da acuidade auditiva, tampões de algodão; para diminuição da sensação tátil, luvas; para dores nos membros inferiores ao andar, propés com grãos de milho.

Além disso, também no início da oficina cada sujeito recebeu uma receita médica, uma lista de compras, algumas cédulas monetárias falsas e um cardápio de restaurante. Todos os papéis encontravam-se impressos em letras pequenas de modo a simular a dificuldade dos idosos quanto à leitura e compreensão de documentos.

Em todos os ambientes havia, no mínimo, dois monitores que atuavam na oficina como farmacêuticos, garçons, caixa de supermercado e profissionais de saúde. Todos interagiam com os cuidadores, no entanto, não prestavam auxílio durante a realização das ações dos sujeitos.

Após a passagem de todos os cuidadores pelos ambientes simulados, foi feita uma roda de conversa na qual se discutiu sobre a atividade desenvolvida e a relação com o cotidiano dos profissionais, com ênfase na relação com as idosas residentes e com o próprio envelhecimento. A presente apresentação da atividade extensionista foi fundamentada com base no relato verbal dos cuidadores antes, durante e após a oficina. Todos os profissionais foram esclarecidos quanto aos objetivos e particularidades da pesquisa e, após, convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados

Participaram 16 cuidadores formais, sendo o Jogo realizado em quatro ambientes fictícios, que foram identificados como: farmácia, supermercado, restaurante e instituição de saúde. Conforme Bland, Topping e Wood (2011), a simulação clínica compreende a ocorrência de uma situação hipotética associada à representação da realidade, a fim de permitir a participação ativa do sujeito, por meio da criação de oportunidades de repetição, avaliação e reflexão.

Antes do início do Jogo, os cuidadores foram dispostos em fila para iniciar a paramentação. Os monitores entregaram aos sujeitos os equipamentos e documentos que deveriam ser utilizados em cada ambiente. Também orientaram que as listas e o cardápio só poderiam ser lidos após a paramentação completa.

A utilização de materiais no desenvolvimento da oficina teve como objetivo simular as características clínicas das idosas residentes e permitir a reflexão dos cuidadores quanto à assistência prestada na instituição. Já no início, uma cuidadora manifestou suas expectativas: “A gente já sabe como é [ser idoso]. Tamo quase lá também. Vai ser moleza” (participante 5). Outro cuidador destacou: “Não vai ter novidade, né? Idoso é tudo igual!” (participante 3).

A crença de que o envelhecimento é igual para todos deve ser desestimulada entre os cuidadores. Além de se constituir como um processo individual, envelhecer também está sujeito às influências do meio. Autores nacionais (CORDEIRO et al., 2015) apontam que idosos residentes em ILPI são mais propensos a possuir níveis baixos de qualidade de vida e tais resultados tendem a estar relacionados à qualidade da assistência recebida nesses locais. Cuidadores mais engajados em uma assistência de qualidade, com conhecimentos

técnicos sobre o envelhecimento, podem melhorar a adaptação, bem como a saúde dos idosos.

Primeiro ambiente: a farmácia

Em uma mesa, foram dispostas caixas vazias de medicamentos e, à frente de cada uma, um copo descartável contendo pequenos doces em formato de comprimido. A atividade a ser realizada consistia em ler a receita médica, identificar e consumir corretamente o medicamento e a dose prescritos (Figura 1).

Figura 1 – Cuidadores formais participando do Jogo do Envelhecimento. Ponta Grossa, PR



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Uma das dificuldades mais relatadas foi quanto à diminuição da acuidade visual: “Nossa, mas é muito pequenininho! Não dá pra ver não!” (participante 11); “Será que você não pode me ajudar? Tô em dúvida se é isso mesmo.” (participante 3).

O declínio da acuidade visual em idosos constitui um processo que normalmente não ocasiona repercussões significativas no dia a dia do indivíduo; no entanto, atividades mais específicas, como identificação precisa de nomes, podem ser afetadas. Apesar disso, quando essa redução se encontra associada a doenças crônicas ou crônico-degenerativas, pode haver prejuízo em relação à independência e autonomia desses sujeitos.

Jannuzzi e colaboradores (2015, p. 245) destacam que a adesão medicamentosa por idosos pode ser prejudicada por alterações oftalmológicas que dificultam “desde o reconhecimento do rótulo, das cartelas, das cápsulas/comprimidos, até o preparo/estabelecimento da dosagem adequada, e ainda nas formas de aquisição dos medicamentos”. Apesar de não haver autoadministração de medicamentos pelos residentes na instituição, sendo uma das funções dos cuidadores, é fundamental que o profissional conheça as dificuldades clínicas vivenciadas pelos idosos, a fim de evitar possíveis conflitos na instituição.

Segundo ambiente: o supermercado

No supermercado, foram dispostas caixas vazias de produtos alimentícios e outros produtos não perecíveis, de diversos tamanhos. A atividade a ser realizada consistia em ler a lista de supermercado, identificar e separar corretamente os produtos descritos. Após

a separação, era necessário calcular o valor total da compra, pagar com as notas falsas recebidas no início da oficina e verificar se o troco estava correto.

Nesse ambiente, a dificuldade visual para identificação dos produtos presentes na lista também foi comum: “[Esse produto] não dá pra ver o nome... Como podem fazer tudo tão pequeno, hein?” (participante 1); “Só agora eu vejo como é ruim pra eles... e a gente sempre acha que eles são lentos por causa da idade. Com a vista ruim não dá pra fazer nada rápido mesmo!” (participante 8).

Mesmo em ILPI, o idoso pode ser exposto diariamente a diversas formas de comunicação visual, especialmente quanto a orientações em saúde ou mesmo rotinas da instituição. A falta de compreensão desses informativos pode levar à revolta, angústia e, até mesmo, ao ócio e depressão (OLIVEIRA; ROZENDO, 2014).

Ademais, o manejo correto com o dinheiro foi algo destacado pelos cuidadores: “Ainda se não bastasse isso [a visão], ainda tem que fazer as contas de cabeça... Acho que nem vou conferir.” (participante 13); “Imagino isso no dia a dia... acho que eles devem acreditar muito no que os outros devolvem pra eles, né? (participante 4).

Além da influência visual, a dificuldade na realização de cálculos pode estar associada a um declínio cognitivo significativo em idosos. Tais situações têm maior prevalência em idosos institucionalizados e influencia negativamente a qualidade de vida, capacidade funcional e estado mental dos residentes (TRINDADE *et al.*, 2013).

Terceiro ambiente: o restaurante

Neste ambiente, os cuidadores eram convidados a sentarem-se e escolherem uma das refeições descritas no cardápio. Após a escolha, um monitor servia o participante, que deveria se alimentar utilizando pratos e talheres descartáveis. Após o consumo, ele deveria pagar a refeição com suas notas falsas e conferir o troco recebido.

No momento da alimentação, uma nova dificuldade foi apontada: a diminuição da habilidade em manipular talheres e pratos. Além disso, todos os cuidadores destacaram a influência do uso das luvas na diminuição da sensibilidade tátil: “Isso [pegar a comida com o garfo] é muito difícil... A partir de hoje, só vou dar colher pras idosas daqui (risos)” (participante 10); “A gente não consegue e acho que vocês não tem que esperar... vou ficar com fome mesmo!” (participante 15).

A vivência dessas dificuldades promove a reflexão do cuidador acerca da influência de suas ações no cotidiano dos residentes. A escolha dos materiais corretos que devem ser fornecidos aos idosos, bem como a paciência para o uso adequado dos mesmos, são ações muitas vezes negligenciadas diante da necessidade de manutenção da rotina na instituição (OLIVEIRA, PEDREIRA, 2012; MORAIS *et al.*, 2015).

Outro ponto importante diz respeito às ações dos cuidadores no fornecimento das refeições aos residentes: “Acho que se entregar tudo cortadinho, daí já facilita pra gente...” (participante 2); “Eles [os idosos] não precisam ficar esse tempo todo sem conseguir [se alimentar]... o certo, eu acho, é já entregar tudo preparadinho pra eles” (participante 7).

As ações realizadas pelos profissionais das ILPI devem estar voltadas à manutenção ou reabilitação da capacidade funcional dos residentes, a fim de mantê-los capazes de realizar o máximo de atividades de vida diárias. Além das atividades de rotina, é importante que o cuidador possa identificar as reais necessidades do idoso institucionalizado, buscando compreender quando deve intervir ou não (MORAIS *et al.*, 2015).

Quarto ambiente: a instituição de saúde

Neste ambiente, os cuidadores eram convidados a aguardar o atendimento de saúde, que seria realizado por dois monitores. Cada monitor apresentava-se de roupa branca, crachá e simulava ser um enfermeiro, fazendo um deles o papel de bom profissional e o outro, o de profissional negligente. Os cuidadores eram aleatoriamente destinados ao cuidado de um dos monitores.

Enquanto o bom profissional encaminhava o participante para a cadeira de rodas e realizava a assistência devida, o outro profissional ausentava-se da sala, não se comunicava verbalmente e mantinha atitudes grosseiras com o cuidador, mantendo-o de pé durante vários minutos. Alguns participantes destacaram: “Eu não aguento mais as dores nos pés e ainda não consigo me sentar...” (participante 3).

As dificuldades na marcha são comuns em idosos, e quando associadas a afecções osteomusculares, podem comprometer o desempenho dos residentes nas atividades diárias em decorrência das algias, fadiga e câimbras. Escutar as queixas e reconhecer os momentos de cansaço e dores permite que o cuidador compreenda as limitações físicas, temporárias ou não, dos idosos institucionalizados. Moraes e colaboradores (2015, p. 8941) alertam que o cuidado prestado na ILPI deve exceder o físico, por meio das tentativas incessantes em compreender as “necessidades da mente e, acima de tudo, da alma, do espírito”.

Ademais, alguns cuidadores destacaram que, devido à falta de paciência em alguns momentos, acabam sendo rudes com os residentes: “Não é por querer... mas, às vezes, a gente fica nervoso mesmo... mas depois fica tudo bem” (participante 3); “Hoje eu me vi... fiquei até lembrando de uma situação e agora fico até com vergonha de mim mesma” (participante 6).

O uso de ambientes e/ou situações simuladas constitui uma estratégia pedagógica que estimula o aprimoramento das habilidades individuais, além de permitir a análise do desempenho por parte de quem cuida (CHEN *et al.*, 2015). Por meio da empatia, o profissional reconhece-se como um indivíduo em processo de envelhecimento, com todas as possibilidades de encontrar-se limitado quando idoso.

Momento final: reflexão sobre o cotidiano profissional e a oficina

Ao final de todas as etapas da oficina, os profissionais reuniram-se em uma roda de conversa para discutir a experiência do *Jogo do Envelhecimento*. Em relação aos equipamentos utilizados, a maioria elegeu os óculos como aquele que gerou maior dificuldade, por limitar a maioria das atividades realizadas, seja pela leitura da prescrição médica ou mesmo na dificuldade em perambular pelos ambientes.

Destaca-se a fala de um cuidador quanto ao uso de óculos pelos idosos: “Eles até têm, mas não usam... ou se usam, nem sei se funcionam” (participante 4); “Acho que vou comentar com a enfermeira pra ver se não conseguimos levar uns pra consultar com o oftalmologista” (participante 7).

O momento de mais destaque foi a relação entre os participantes e os monitores no ambiente simulado da instituição de saúde. Alguns cuidadores apontaram o sentimento de frustração e impotência diante da assistência prestada pelo mal profissional: “Eles aqui não podem falar nada... se alguém fala grosso, eles baixam a cabeça, tadinhos” (participante 3); “Nessa hora a gente vê como eles se sentem” (participante 1); “Acho

que vou parar um pouco antes de responder eles de qualquer jeito... aqui eu vi como eles sofrem calados” (participante 9).

O processo de reflexão das atividades desenvolvidas pelos cuidadores demonstrou-se positivo, especialmente pela possibilidade de rever ações, repensar atitudes e construir vínculos mais fortalecidos com os residentes. Por meio da vivência pessoal de características próprias da velhice, trabalhou-se a questão da empatia com os cuidadores, na perspectiva de melhoria da qualidade da assistência prestada na instituição.

Conclusão

Conclui-se que, por meio dos relatos durante a oficina, houve um processo reflexivo das ações e dos comportamentos relacionados à assistência prestada na ILPI pelos cuidadores envolvidos na atividade.

Os resultados obtidos possibilitarão o desenvolvimento de propostas com a finalidade de promover um processo de melhoria contínua na assistência prestada aos idosos residentes na ILPI. Com isso, a capacitação dos cuidadores da ILPI contribuiu para a sensibilização quanto ao olhar diferenciado das limitações dos idosos nas suas atividades diárias.

Referências

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública nº 41, de 18 de janeiro de 2004. Disponível em: < <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

BATISTA, M.P.P.; ALMEIDA, M.H.M.; LANCMAN, S. Cuidadores formais de idosos: contextualização histórica no cenário brasileiro. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, v.17 n.4, p.879-85, 2014.

BAUAB, J.P.; EMMEL, M.L.G. Changes in the daily lives of caregivers of elderly in process of dementia. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.339-52, 2014.

BLAND, A.J.; TOPPING A.; WOOD, B. A concept analysis of simulation as a learning strategy in the education of undergraduate nursing students. **Nurse Educ Today** v.31, n.7, p.664-7, 2011.

CHEN, A.M.H. et al. Impact of an Aging Simulation Game on Pharmacy Students' Empathy for Older Adults. **Am J Pharm Educ.**, v. 79, n.5, p. 65, 2015.

CORDEIRO, L.M. et al. Quality of life of frail and institutionalized elderly. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v.28, n.4, p.65, 2015.

FERREIRA, F.P.; BANSI, L.O.; PASCHOAL, S.M.P. Serviços de atenção ao idoso e estratégias de cuidado domiciliares e institucionais. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v.17, n.4, p. 911-26, 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). 71% dos municípios não têm instituições para idosos. Maio 2011. Brasília: IPEA, 2011.

JANNUZZI, F.F. et al. Visão, qualidade de vida e adesão medicamentosa em idosos com retinopatia diabética. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n.2, p. 241-6, 2015.

KAGAWA, C.A.; CORRENTE, J.E. Análise da capacidade funcional em idosos do município de Avaré-SP: fatores associados. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n.3, p. 577-86, 2015.

LALLY F.; CROME P. Undergraduate training in geriatric medicine: getting it right. **Age Ageing**, v.36, n.4, p. 366-8, 2007.

MATTOS, I.E. et al. Factors associated with functional incapacity in elders living in long stay institutions in Brazil: a cross-sectional study. **BMC Geriatr.**, v.14, 2014.

MORAES, Edgar Nunes. **Atenção à saúde do Idoso**: Aspectos Conceituais. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2012.

MORAIS, J.C. et al. Meaning of care: professional and institutionalized elderly view significado de cuidado: la mirada del profesional y del ancianos institucionalizados. **Rev. Enferm. UFPE**, Recife, v. 9 (Supl. 7), p. 8937-45, ago. 2015.

OLIVEIRA, A.M.S.; PEDREIRA, L.C. Being elderly with functional dependence and their family caregivers. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v.25, n.spe1, p. 143-9, 2012.

OLIVEIRA, J.M.; ROZENDO, C.A. Long-stay institutions for the elderly: a place of care for those who have no choice? **Rev. Bras. Enferm.**, v.67, n.5, p. 773-779, 2014.

PACALA, J.T.; BOULT, C.; HEPBURN, K. Ten years' experience conducting the Aging Game workshop: was it worth it? **J Am Geriatr Soc.**, v.54, n.1, p.144-9, 2006.

SANTOS, G.S.; CUNHA, I.C.K.O. Capacidade funcional e sua mensuração em idosos: uma revisão integrativa. **REFACS**, v.2, n.3, p.269-78, 2014.

TRINDADE, A.P.N.T. et al. Impact of cognitive decline in functional capacity in elderly institutionalized and non-institutionalized. **Fisioter Mov.**, v. 26, n.2, p. 281-289, 2013.

VALCARENGHI, R.V. et al. Produção científica da Enfermagem sobre promoção de saúde, condição crônica e envelhecimento. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 68, n.4, p.705-12, 2015.



Artigo recebido em:
15/04/2016
Aceito para publicação em:
29/07/2016

DESAFIOS NA INCLUSÃO DIGITAL E ALTERNATIVAS ENCONTRADAS POR UNIVERSITÁRIOS AMAZÔNIDAS

THE CHALLENGES OF DIGITAL INCLUSION AND THE ALTERNATIVES USED BY AMAZONIDAS STUDENTS

*Danilo Teixeira Lima**

*Ildete da Silva Falcão***

*Maria da Penha de Andrade Abi Harb****

RESUMO

Atualmente, tem se intensificado as discussões sobre a importância da Inclusão Digital e alguns grupos de estudantes, de diversas áreas de conhecimentos, têm unido esforços para integrar, por meio de atividades extensionistas, pessoas idosas à sociedade da informação. O Projeto IDIGETI (Inclusão Digital no GETI (Grupo de Educação na Terceira Idade)), do Campus de Castanhal da UFPA (Universidade Federal do Pará), localizado no nordeste paraense, promove, a partir de exposições teóricas e práticas, o saber sobre a utilização de tecnologias digitais, conhecimento preconizado no Estatuto que regulamenta os direitos deste público. Porém, existem fatores que obstruem a chegada dessa população ao ambiente virtual, e a presente pesquisa vem relatar as adversidades encontradas por um grupo de idosos da cidade de Castanhal, revelando, então, as problemáticas e alternativas encontradas para promover esse segmento social junto às TIC'S (Tecnologias de Informação e Comunicação).

Palavras-chave: Inclusão Digital; Pessoas Idosas; Obstáculos.

ABSTRACT

Currently, discussions on the importance of digital inclusion have intensified. Scholar groups, from different areas, have been joining efforts to integrate, through extension activities, older people to the information society. The IDIGETI Project (Digital Inclusion in GETI (Education Group in the Third Age)) is carried out in Campus Castanhal of Federal University of Pará (UFPA), located in the northeastern of Pará, Brazil. It provides information about the use of digital technologies through lectures and practices, which is required by the law that protects the rights of older people. However, there are factors that may inhibit older persons to access virtual environment. Thus, this study aims to show the difficulties faced by a group

* Aluno de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: danilosistema13@gmail.com

** Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: ildetefalcao@gmail.com

*** Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: mpenhaufpa@gmail.com

of senior citizens of the city of Castanhal, revealing the issues and the alternatives found to provide them with the TICs (Information and Communication Technologies).

Keywords: Digital Inclusion; Older Persons; Obstacles.

Introdução

O surgimento das novas tecnologias (computadores, internet, smartphones, dentre outros) proporcionou à sociedade diversos benefícios, e essas ferramentas tornaram-se imprescindíveis aos vários segmentos sociais. “A penetração das tecnologias digitais está nos levando a um salto de evolução que acontece em velocidade vertiginosa sem precedentes na história da humanidade.” (GABRIEL, 2003, s/p).

Souza (2003, p. 67), em seu livro *Comunicação, Educação e Novas Tecnologias*, sustenta que a maior vantagem obtida com o advento da internet é “sem dúvida a grande transformação social que ela tem proporcionado. Quando falamos em social nos referimos à troca do conhecimento entre as pessoas através da reciprocidade ou convivência”.

Silveira aponta que:

A informação penetrou na sociedade tal como a energia elétrica. Resultante da revolução industrial, reconfigurou a vida das cidades. O computador, ícone da nova revolução, ligado à rede, está alterando a relação das pessoas com o tempo e com o espaço [...] estamos falando de uma tecnologia que permite aumentar o armazenamento, o processamento e a análise de informações, realizar bilhões relações entre milhares de dados. (SILVEIRA, 2001, p. 15)

Juntamente ao crescente avanço de uma civilização dependente da utilização da internet e das TIC'S, várias pesquisas realizadas atualmente apontam para um inquestionável crescimento da população idosa, que não se restringe ao Brasil.

O crescimento da população idosa é um fato, e tal fato se justifica especialmente em função do avanço tecnológico presenciado em várias áreas de atuação humana, principalmente na área médica, e também devido a algumas alterações sociais ocorridas em nossa sociedade, como, por exemplo, a redução da natalidade e aumento da expectativa de vida (NERI; CACHIONI, 1999, s/p).

O Estatuto do Idoso foi sancionado no dia 1 de outubro de 2003, Lei 10.741, e preconiza alguns direitos que esse público possui. No Art. 21. § 1º “Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para a sua integração à vida moderna”. No entanto, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apenas 12,6% do segmento idoso brasileiro possui acesso à internet, de um número de 85,6 milhões de usuários da rede mundial de computadores.

Por diversos fatores, alguns segmentos da sociedade foram restringidos da nova realidade de ampla utilização das novas tecnologias digitais e de mídias, por exemplo, parte da população de pessoas idosas. É considerado um cidadão digitalmente excluído quem não possui acesso às ferramentas tecnológicas atuais, como: computadores, celulares, caixas eletrônicos, eletrodomésticos, redes sociais, blogs, dentre outros. Esse cerceamento do manuseio das atuais tecnologias interfere diretamente no exercício de cidadania dessas pessoas, prejudicando suas relações sociais, restringindo oportunidades de atividades profissionais, dentre outras consequências que o mesmo acarreta.

Segundo Kachar (2003), essa geração sente-se analfabeta diante das novas tecnologias, revelando dificuldades em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos, até mesmo em

questões básicas com eletrodomésticos, celulares e os caixas eletrônicos instalados nos bancos.

A exclusão digital de pessoas velhas pode ser consequência de inúmeros fatores, dentre eles, os mais comuns são a falta de oportunidade do contato com o computador e as novas tecnologias, limitações encontradas pela idade, por exemplo, baixa visão, fadigas, além da perda de parte da coordenação motora, o que dificulta a interação desse público com os sensíveis hardwares, dentre outros.

Muitos estudiosos, professores e alunos de diversas áreas de conhecimento, por meio de momentos de discussão sobre o tema inclusão digital e atividades extensionistas, com aulas práticas e teóricas, vêm buscando atingir a diminuição dos elevados índices de exclusão tecnológica de pessoas idosas brasileiras. Porém, alguns fatores são imprescindíveis de serem observados no momento da promoção do conhecimento virtual, indicadores que de forma direta comprometem o progresso do aprendizado do público em questão.

Métodos

A pesquisa foi realizada a partir da abordagem qualitativa com um coletivo de idosos do projeto IDIGETI, localizado no Campus Universitário da UFPA/Castanhal. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, buscando investigar as problemáticas pertinentes no processo de transmissão do conhecimento tecnológico e as alternativas encontradas pelos universitários extensionistas desse projeto de inclusão, que por meio de exposição de conteúdos teóricos e práticos sobre utilização das novas ferramentas digitais, promovem inserção de velhos amazônidas no contexto virtual. Foi escolhida esta abordagem, pois segundo Neves (1996, p.1), “faz parte obtenção de dados descritivos mediante contato direto com a situação objeto de estudo”.

A Faculdade de Computação do Campus de Castanhal, ao reconhecer a importância do cumprimento do Art. 21 do Estatuto do Idoso, e ao observar que neste Campus da UFPA não existia um projeto de inserção de pessoas idosas às ferramentas tecnológicas, apresentou à PROEX (Pró-Reitoria de Extensão da UFPA) a proposta de criação de atividades de cunho tecnológico, para serem trabalhadas com este público. A partir da aprovação do Projeto IDIGETI, vinculado ao Programa GETI, foram disponibilizados recursos para a efetivação dos processos de informatização da atual era digital aos alunos do Programa.

O GETI é um programa que, desde o ano de 1999, oferece atividades voltadas à promoção de melhor qualidade de vida dos seus participantes, tanto pela alfabetização, quanto pelas atividades físicas, palestras informativas, cursos e momentos de lazer.

Pereira e Neves (2011, p.5) contribuem que:

Mais especificamente, no que concerne ao ensino das novas tecnologias a idosos, é necessário promover um ambiente de aprendizagem próprio para os indivíduos em questão, que passa pela criação de uma interação com a máquina de acordo com as suas necessidades e condições físicas.

As aulas de informática desse curso acontecem às quartas-feiras, no horário da tarde, no laboratório de 40 micros do Campus de Castanhal, equipado com 2 (duas) centrais de ar condicionado, 1 (um) Datashow e internet. As atividades do Projeto

iniciaram em maio de 2014. O curso já ofereceu 3 (três) turmas de informática básica e 3 (três) turmas de informática avançada, com 15 (quinze) alunos em média por turma. Objetivando um atendimento mais específico possível aos participantes, as turmas são formadas com poucos alunos. As aulas são ministradas por 01 (um) bolsista da Faculdade de Computação, acadêmico de Sistemas de Informação e por mais (duas) voluntárias acadêmicas de Pedagogia.

Os cursos de inclusão digital necessitam estar configurados de acordo com o perfil da população, com atendimento específico e com turmas pequenas e de mesma faixa etária, para promover o acesso e a capacitação do uso destes recursos tecnológicos. (KACHAR, 2010, p. 146)

O grupo de acadêmicos extensionistas do Projeto insere uma parte do segmento de pessoas castanhalenses com idade superior a 50 anos na era de “compartilhamento instantâneo”, apesar dos obstáculos impostos pela idade. O perfil dos participantes atendidos é de pessoas semialfabetizadas, do sexo feminino, habitantes da própria cidade que sedia o Campus Universitário provedor das ações de inclusão digital.

A renda dos alunos que participam dessas exposições sobre as novas TIC'S varia entre 1 e 2 salários mínimos. Dificilmente, os matriculados nas aulas de informática possuem acesso a ferramentas tecnológicas em suas residências, sobretudo os microcomputadores.

Os conteúdos teóricos e práticos sobre a utilização das novas ferramentas tecnológicas são geralmente repassados aos alunos de micro a micro. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p. 25). A partir desta troca de informação, os participantes têm se tornado aptos a utilizarem novas e importantes ferramentas digitais, por exemplo, e-mail, Word, Excel e algumas redes sociais, além de desenvolverem a expertise de trabalho em grupo. O coletivo de universitários amazônidas participantes do Projeto pôde conhecer ainda mais sobre comportamento e habilidades das pessoas idosas, adquirindo experiências a partir dessa relação intergeracional.

O advento da tecnologia provê oportunidades para se tornar um aprendiz virtual, oferecendo a educação continuada, educação a distância, estimulação mental e bem-estar, possibilitando ao idoso estar mais integrado numa comunidade eletrônica ampla, colocando-o em contato com parentes e amigos, num ambiente de troca de informações, reduzindo o isolamento por meio da experiência comunitária e auxiliando na construção de uma identidade como cidadão do mundo. (GRANDA; DUARTE, 2011, p. 7)

O curso promove a democratização do conhecimento digital, competência que está assegurada no Estatuto do Idoso. Alunos “conectados” à sociedade da informação possuem a oportunidade de buscar todos e quaisquer dados que lhes forem úteis.

Resultados

Ao realizar a investigação, foram percebidos alguns fatores que desafiam a proposta de inclusão tecnológica da pessoa idosa, descobertos por meio de entrevista e de análise das experiências no laboratório de informática. Foi detectado que a maior dificuldade encontrada para o progresso do aprendizado do aluno é com relação à saúde. “O processo de envelhecimento humano é acompanhado de mudança nos órgãos e sistemas

do organismo, levando, com isso, a uma diminuição da reserva fisiológica, sendo essas mudanças inevitáveis.” (SOUZA; IGLESIAS, 2002, p.81).

Rybash (1995) afirma que a maioria dos idosos enfrenta dificuldades ante as organizações e interpretações de informação ocasionadas por declínio na capacidade em reconhecer objetos. Por sua vez, Nunes (1999) diz que o processo de informações pode ser subsídio para investigação de aspectos cognitivos afetados com a idade, fazendo alusão à diminuição da atenção seletiva (responsável por compreender informações pertinentes) e atenção dividida (espertize de processamento de várias informações no mesmo instante).

No entanto, atividades realizadas cotidianamente na internet proporcionam o aumentada possibilidade de um acesso fácil e rápido, auxiliando na obtenção de informações sobre saúde e atividades físicas. A rede virtual é uma forma efetiva de incluir e atualizar o indivíduo. O uso regular da internet pode minimizar alguns fatores, como solidão, isolamento social e depressão por proporcionar a interação do indivíduo com o meio social, através de amizades e informação (WHITE et al., 2002, p. 220).

A prática cotidiana da utilização de internet pode auxiliar na prevenção do envelhecimento do cérebro, mantendo-o ativo e dinâmico. Várias pesquisas apontam que idosos que utilizam dessa ferramenta possuem melhor desenvolvimento cognitivo. Essas habilidades são muito importantes para a terceira idade em razão do manuseio do computador. No processo de aprendizagem para interagir com a internet, são necessárias habilidades cognitivas e também motoras, o que traz um resultado positivo aos idosos (FREESE et.al., 2006, p. 236).

Na faixa etária a partir de 50 anos, é comum a apresentação de declínio da audição, coordenação motora, visão e memória, no que consiste o desafio, em virtude de as ferramentas digitais conterem muitas funções, geralmente uma ligada à outra, o que requer boa memorização.

Os ministrantes das exposições tecnológicas utilizaram-se de artifícios, como: iniciar as atividades por meio da ludicidade, objetivando criar prazer na execução das tarefas; utilizar as experiências de vida dos idosos para auxílio no desenvolvimento de material de apoio às aulas; usar os laboratórios com boa iluminação; usar datashow com slide, contendo textos em fontes grandes; observar o tamanho e a iluminação do monitor; utilizar mais linguagens visuais que textuais; falar de forma clara e objetiva, pausadamente, olhando nos rostos dos alunos, para que se pudessem compreender de forma simples o conteúdo e, assim, se evitar transtornos por conta de uma possível dificuldade auditiva. Os conteúdos repassados aos alunos são exaustivamente revisados, para assegurar que sejam bem assimilados, além de exercitar a memória. Kachar (2006, p. 296) afirma que se deve respeitar o ritmo de cada aluno; partir de situações contextualizadas; efetuar repetição das atividades; seguir etapas gradativas de aprendizagem.

“As alterações emocionais advindas do processo de envelhecimento, de acordo com a Psicologia Atual, não resultam do ganhar idade.” (FREITAS et al., 2002, p.226). O medo do não aprendizado, sentimento não ocasionado pela idade, é um fator de grande incidência, mas ocorre pelo crédito que muitas pessoas conferem à sociedade, que prega estigmas de inexistência do aprender na velhice.

[...] em nossa cultura não existe a idéia clara do ciclo da vida, recebemos um intenso treinamento para apenas a metade dela. Temos um “script” social muito claro a seguir até a idade de 50 anos. Quanto a isso não há dúvida. Mas depois de ter cumprido os deveres, por assim dizer (estudar,

se profissionalizar, casar, ter filhos, se aposentar, etc.), o que fazer com os próximos 10, 20, 30 ou 40 anos de existência? Onde está a orientação sobre essa etapa da vida humana que doravante será o tempo mais longo de nossa existência? (ARCURI, 2005, p. 14).

A autora nos instiga a uma reflexão sobre quebra de estereótipos impostos a todo momento pela sociedade sobre a velhice, pensamento que foi provocado nos próprios idosos, questionamentos que contribuíram para o rompimento de conceitos e que encorajam ao abandono de uma visão antiga, que resume o idoso a alguém que só se ocupa em recordar memórias. Incentiva ainda a prática de ações socializadoras, que revelam à sociedade uma nova forma de respeitar a velhice, desafio árduo para uma sociedade altamente voltada ao consumo e à produção.

A insegurança da capacidade de aprendizado tornou muitos alunos dependentes do professor, sempre desejando o educador ao lado, mesmo quando sabiam o que era necessário para a realização das atividades propostas. Existe um grande receio da sala de aula, devido a experiências anteriores, como muitos participantes do curso que sofreram agressões e desrespeitos, práticas comuns no passado, pela antiga metodologia usada por parte de alguns professores.

Foi trabalhado, a partir de vídeos e textos motivacionais, a autonomia e o protagonismo desse público, transmitindo-se mensagens e experiências que demonstram o verdadeiro potencial desse segmento. “Hoje, a pessoa idosa não vive mais, necessariamente, recolhida e recordando lembranças do passado, mas pode ser ativa e participativa.” (KACHAR, 2001, s/p). A medida que iam resolvendo de forma independente as atividades, a autoconfiança era gerada nos participantes.

Os achados da pesquisa ratificam a existência de temor por partes dos matriculados no Projeto, de danificar o computador ou outras ferramentas tecnológicas utilizadas durante as aulas. A maioria dos idosos chegou ao curso insegura e em todo o momento chamava o tutor, acreditando ter lesado os equipamentos. Muitos participantes do Projeto não possuíam um computador em casa, o que dificultava o processo de ensino, visto que é necessário haver prática. Apesar dessas dificuldades, evidenciou-se que, por meio das ações dos universitários, o objetivo de integrar as pessoas idosas ao mundo globalizado foi alcançado de forma satisfatória.

Conclusões

O processo de introdução do segmento idoso amazônida no novo contexto digital, em que a sociedade atual está inserida, atravessa por diversos desafios, como problemáticas ocasionadas pelas mudanças físicas, sociais, políticas, financeiras, dentre outras. Promover autonomia da pessoa idosa ante às TIC's traz obstáculos, porém Freire, na obra *Pedagogia da autonomia*, estimula o docente a um posicionamento de perseverança, afirmando que barreiras existem para serem vencidas.

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para a nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 1996, p.54)

Deve-se compreender que o processo educacional não contém fórmulas prontas, cada discente possui peculiaridades, resultantes de um histórico de vida. No entanto, foi observado que, com a utilização de uma metodologia adequada às pessoas idosas, a inclusão digital pode ser alcançada com êxito.

É necessário considerar os diversos aspectos que conceituam a velhice, não limitando esta a estereótipos como doenças, aposentadoria e perda de capacidades cognitivas, motoras e sociais, pois dependerá da qualidade de hábitos vivenciada por cada indivíduo, visto que o envelhecimento é um processo natural, resultado de um processo de vida. (KACHAR, 2010, p. 145)

A inclusão digital na velhice ainda não é comum aos idosos brasileiros, sobretudo na Amazônia, local de funcionamento do Projeto IDIGETI. Ainda prevalecem estigmas que pregam a incapacidade da aprendizagem de pessoas idosas e ausências de políticas públicas efetivas à inclusão desta parcela da sociedade. A iniciativa de promover cursos de cunho tecnológico aos participantes do Programa GETI revelou resultados surpreendentes sobre a superação de limites, interesse, aceitação e participação dos idosos no Projeto, clarificando que, por meio de contatos com as Tecnologias de Informação, também é alcançada a promoção de cidadania.

Pereira e Neves revelam, em suas pesquisas, resultados próximos aos encontrados pelo Projeto de Inclusão Digital oriundo da UFPA Castanhal:

[...] foi visível uma motivação acrescida por parte dos idosos, verificada através das expressões sorridentes ao perceberem que, sozinhos, são capazes de utilizar a Internet e, sobretudo, de comunicar. Esta observação permitiu concluir que, para além de encurtar distâncias, o uso da Internet para fins comunicativos estreita relações familiares, principalmente entre avós e netos. Ou seja, a Internet tem a capacidade de suavizar o fosso etário; avós e netos passam a utilizar a mesma linguagem, aproximando-se. (PEREIRA; NEVES, 2011, p. 19)

As pessoas idosas participantes do Projeto IDIGETI agregaram conhecimentos que lhes possibilitaram a superação de limites, que outrora jamais conseguiriam sem a utilização das tecnologias digitais enquanto ferramentas aliadas deste público, contribuindo significativamente para um novo processo formativo, bem como para a aquisição de conhecimentos e informações com amigos e familiares. Isso evidenciando que a inclusão digital possibilita aos sujeitos sociais novas oportunidades.

Referências

ARCURI, I. G. Velhice: da gerontofobia ao desenvolvimento humano. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Org.) **Velhice, envelhecimento e complexidade**. São Paulo: Vetor, 2005, p. 35-56.

BRASIL. Estatuto do Idoso, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em: 18 dez. 2015.

FRESE, J.; RIVAS, S.; HARGITAI, E. Cognitive ability and *internet* use among older adults. **Poetics**, v. 34, n. 4, p. 236-49, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. C.; MARUYAMA, S. A.; FERREIRA, T. F.; MOTTA, A. M. A. Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura. *Rev. Latino Americano de Enfermagem*, v. 10, n.2, p. 2221-228, 2002.

GABRIEL, M. C. C. **Educ@r – A (r)evolução digital na educação.** São Paulo: Saraiva, 2013.

GRANDA, T. K.; DUARTE, A. B. S. Inclusão Digital na Terceira Idade: Identificando Contribuições e Lacunas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Maceió, 2011. p. 1-13.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/04/acesso-internet-chega-494-da-populacao-brasileira>>. Acesso em: 27 de ago. 2015.

KACHAR, V. **A terceira idade e o computador: interação e produção num ambiente educacional interdisciplinar.** Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2001.

_____. **Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades.** São Paulo: Cortez, 2003.

_____. A terceira idade e a exploração do espaço virtual da internet. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.; GAETA, I. A. (Org.). **Envelhecimento e Velhice: um guia para a vida.** São Paulo: Vetor, 2006. p. 287-306.

_____. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.13, n 2, p. 131-147, nov. 2010.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, São Paulo, v.1, n. 3, 2.Sem. 1996.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade.** Campinas: Papirus, 1999.

NUNES, R. C. **Metodologia para o ensino de informática para a terceira idade: aplicação no CEFET/SC.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) -Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

PEREIRA, C.; NEVES, R. Os idosos na aquisição de competências TIC. **Educação, Formação & Tecnologias**, v.4, n.2, p. 15-24, 2011. Disponível em: <http://eft.educom.pt>. Acesso em: 18 dez. 2015.

RYBASH, J. M. **Adult and development and aging.** Nova York: Brown & Benchmark Publishers, 1995.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão Digital – a miséria na era da informação.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SOUZA, C. H. S. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro:Ed. FAFIC, 2003.

SOUZA, J. A. G.; IGLESIAS, A. C. R. G.Trauma nos idosos.Rev. Assoc. Med. Bras., v. 48, n.1, p. 79-86, 2002.

WHITE, H. et al.A randomized controlled trial of the psychosocial impact of providing *internet* training and access to older adults.**Aging Ment.Health**, v. 6, n. 3, p. 213-21,2002.



Artigo recebido em:
11/02/2016
Aceito para publicação em:
14/04/2016

JOANA D'ARC EM LUTA PELA DIGNIDADE: UMA PRÁTICA EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

JOANA D'ARC FIGHTING FOR DIGNITY: A PRACTICE IN COMMUNITY DEVELOPMENT

Aline Accorssi*

Cristina Maranzana da Silva**

RESUMO

Discute-se neste artigo uma prática de desenvolvimento comunitário realizada ao longo de cinco anos (2005-2010) na Vila Joana d'Arc, periferia de Porto Alegre/RS. Esta iniciativa, intitulada *Projeto Joana d'Arc em Luta pela Dignidade*, esteve vinculada ao setor de Desenvolvimento Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e contou com o patrocínio do Programa Desenvolvimento & Cidadania, da Petrobras. O projeto teve como objetivo melhorar a qualidade de vida dos moradores através da implementação de um empreendimento coletivo, visando a geração de trabalho e renda para um grupo de mulheres. Aliado a isso, buscou problematizar as dificuldades da vivência e da articulação do grupo para o desenvolvimento de um trabalho calcado na coletividade. A metodologia utilizada foi essencialmente participativa e dialógica, ou seja, foi através da constituição de vínculos significativos, da amorosidade entre educadores e educandos, que a militância cotidiana ganhou espaço para incentivar a autonomia e o protagonismo da comunidade no processo de transformação social. Após cinco anos de ação comunitária, os principais resultados foram: formação de 37 mulheres na área de padaria e confeitaria; construção de uma sede para o empreendimento coletivo e outro espaço complementar para as atividades comunitárias; aquisição de maquinário específico; formação de 19 mulheres para trabalhar com crianças na função de Educador Assistente; implementação de um conjunto de ações interdisciplinares que contribuíram para a melhoria de diferentes aspectos da vida comunitária

Palavras-chave: Educação Popular, Economia Solidária, Dialogicidade, Militância, Transformação Social.

ABSTRACT

This paper discusses a community development practice conducted for five years (2005-2010) in the Joana d'Arc community, in the poor outskirts of Porto Alegre/RS. This initiative, called *Joana d'Arc fighting for Dignity Project*, was linked to the Social Development sector of the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul was sponsored by the Development and Citizenship Program, Petrobras. The project

* Professora do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), RS – Brasil. E-mail: aline.accorssi@unilasalle.edu.br

** Psicóloga da Associação de Moradores da Vila Tijuca, RS – Brasil. E-mail: crismaranzana@yahoo.com.br

aimed at the improvement of the quality of life of residents through the implementation of a collective enterprise, which offers employment and income generation for a group of women. In addition, it sought a way to problematize the living difficulties and the articulation of the group for the development of a work grounded on collectivity. The methodology was essentially participatory and dialogic. Thus, it was through the establishment of meaningful links, such as caring between educators and students, that daily militancy gained space to encourage autonomy as well as the central role of the community in the process of social transformation. After five years of community actions, the main results were: 37 women trained in bakery and pastry skills; the construction of a place for the collective enterprise as well as an additional space for community activities; acquisition of specific machinery; 19 women trained to work with children as Educator Assistants; and the implementation of a set of interdisciplinary actions that contributed to the improvement of various aspects of community life.

Keywords: Popular Education; Solidarity Economy; Dialogicity; Militancy; Social Transformation.

1. Notas introdutórias

Vivemos em um tempo paradoxal de grandes revoluções tecnológicas, comunicacionais, da genética e da biotecnologia; um período de grandes achados que, segundo as promessas da modernidade, nos libertariam de presas do passado. A narrativa de legitimação desse tempo foi a busca da emancipação humana, que viria a partir da liberdade, da igualdade, da solidariedade e da paz, tudo isso como consequência “natural” do progresso material, com a melhoria significativa da qualidade de vida da sociedade.

O paradoxo, no entanto, está no fato de que, hoje mais do que nunca, parece haver possibilidades técnicas para cumprirmos os ideais da modernidade, mas estamos cada vez mais longe de os conquistar, uma vez que nosso tempo está emaranhado por problemas modernos, para os quais parece não haver soluções modernas. Logo, o que está em jogo, segundo Santos (2002), é a reinvenção da emancipação social através de uma globalização alternativa.

No presente trabalho, portanto, partimos do pressuposto de que a realidade não se reduz ao que existe, ao que está dado como imutável e natural (SANTOS, 2000), mas, ao contrário, ela sempre deve ser pensada enquanto um campo de possibilidades para a emergência de novas formas de ser e fazer *o e no* mundo. O papel de uma teoria crítica, nesse caso, é o de ampliar as possibilidades através da experimentação e da reflexão acerca de alternativas que conduzam a construção de sociedades mais justas (SANTOS, 2002). Pensamos ser relevante refletir e problematizar as possíveis saídas encontradas pela sociedade aos processos de empobrecimento e exclusão social que a população brasileira historicamente tem vivenciado e produzido.

Assim, nosso objetivo com este artigo é apresentar e discutir, à luz da psicologia social crítica, uma prática de desenvolvimento comunitário realizada entre outubro de 2005 e dezembro de 2010 na Vila Joana d’Arc, periferia de Porto Alegre/RS, por uma equipe de profissionais e alunos de diferentes cursos e campos de conhecimento. Essa iniciativa, intitulada *Projeto Joana d’Arc em Luta pela Dignidade*, esteve inserida institucionalmente no Setor de Desenvolvimento Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e realizada em parceria com o Programa Desenvolvimento & Cidadania da Petrobras. O projeto teve como foco prioritário de ação melhorar a qualidade de vida dos moradores através da construção e implementação de um empreendimento coletivo (padaria e confeitaria), visando a geração de trabalho e renda para um grupo de mulheres da comunidade.

Aliado a isto, buscou-se discutir e problematizar as dificuldades da vivência e da articulação do grupo para o desenvolvimento de um trabalho calcado na coletividade, ou seja, nos valores e princípios

da Economia Solidária (SINGER, 2002; SANTOS, 2002). Uma vez que a comunidade não dispunha de instituições educativas e de espaços coletivos de lazer voltadas às crianças e que, por conta disto, inúmeras dificuldades do cotidiano familiar inviabilizavam a participação feminina das ações comunitárias, buscamos criar um espaço lúdico-educativo direcionado prioritariamente aos filhos e filhas das trabalhadoras, bem como, mobilizar a rede pública para a implementação de ações permanentes na região.

A metodologia que utilizamos ao longo do processo de desenvolvimento do projeto foi essencialmente participativa e fundamentada na perspectiva da educação dialógica (FREIRE, 1987). Em outras palavras, podemos afirmar que foi através da constituição de vínculos fortalecidos e da amorosidade entre educadores e educandos que a militância (MORETTI, 2008) cotidiana ganhou espaço para incentivar a autonomia e o protagonismo da comunidade no processo de transformação social.

Neste artigo, portanto, buscamos delinear o acúmulo de mais de cinco anos de experiência em desenvolvimento comunitário baseado na educação popular. Para isso, em um primeiro momento, tratamos dos aspectos teóricos que fundamentam nossa ação e compreensão da realidade; em seguida, trilhamos a nossa *práxis* marcando alguns momentos ou experiências relevantes para possibilitar a compreensão do processo como um todo. Por fim, fazemos algumas “reflexões e questões para não finalizar”, em outras palavras, discutimos os elementos centrais para a sustentabilidade da iniciativa, bem como as limitações da nossa própria ação.

2. Fundamentos teóricos da experiência

Se por um lado “sem prática não há conhecimento” (Freire e Horton, 2002, p. 112), por outro compreendemos que o conhecimento se nutre e se fortalece com as teorias, as quais, quando tomadas como criação e ação humana sendo, portanto, históricas e passíveis de contradições, podem nos fornecer lentes de análise do campo social que estudamos, onde agimos. Tais lentes focam em certos aspectos e, ao mesmo tempo, desfocam em outros, pois a incompletude, característica ontológica, também está presente nas produções humanas.

Conscientes das limitações e da não neutralidade das escolhas, tomamos como teoria de base para fazer a leitura de mundo, bem como para sustentar nossa prática, a Psicologia Social Crítica, que se difere pelo seu propósito fundamental, que é a busca pelo esclarecimento e pela emancipação. Ela “toma partido e não vê como se possa deixar de tomar partido” (GUARESCHI, 1993, p. 43) e, devido a isso, rompe com os pressupostos da ciência moderna, em que se prezava a neutralidade e objetividade da pesquisa. É sempre reflexiva, autorreferente, parte do ‘objeto’ que descreve e analisa; ela é crítica, primeiramente, dela mesma, rejeitando a absolutização dos fatos da sociedade e das pessoas, pois considera que um fenômeno social somente ocorre sob certas condições de mundo, condições históricas.

Para essa teoria, nada seria natural, nem o ser humano, que é aqui entendido como um ser de relações (GUARESCHI, 2004), que se cria e se forma a partir das interpelações provocadas pelo outro. Contudo, ele é muito mais do que a soma das relações, aliás, pensamos que seria impossível ser essa somatória, pois senão o ser humano seria uma espécie de tábua rasa sobre a qual as outras pessoas imprimiriam suas marcas à medida

em que fossem se relacionando. Ao contrário, pensamos que a cada interpelação do outro no sujeito, há um processo de significação que o transforma para além do que ele e o outro eram. Contudo, essa noção de ser humano enquanto um ser de relação também precisa estar contextualizada em certo momento histórico-social, por isso em nosso caso buscamos as discussões em torno do conceito de contemporaneidade para compreender qual ser de relação é pertencente a esse tempo histórico.

Em linhas gerais, a contemporaneidade, conforme Lipovetsky (1993), é marcada por um individualismo puro, uma desafeição generalizada que ostensivamente se afirma no social. É um período de despolitização e dessindicalização em que a esperança revolucionária e a contestação ao sistema econômico, político e social quase que desapareceram, uma vez que raras são as causas coletivas que se mobilizam, pois somente a esfera privada parece ter sido fortificada. Zela-se, por exemplo, pela saúde, busca-se perder os ‘complexos’, vive-se sem grandes ideais e sem a esperança de um fim transcendente. “Sob muitos aspectos, esta fórmula traduz o novo espírito do tempo: o fim do *homo politicus* e o advento do *homo psychologicus*, à espreita do seu ser e do seu bem-estar” (LIPOVETSKY, 1993, p. 49).

Nesse contexto, há uma perda do sentido de continuidade histórica: vive-se no presente, apenas no presente, e não em função do passado e do futuro. Assim, o sentido histórico sofre a mesma deserção que os valores e as instituições sociais: vivemos para nós mesmos, sem nos preocuparmos com as nossas tradições ou com a nossa posteridade.

Um dos grandes riscos desse processo de ruptura com passado é a naturalização dos fatos e acontecimentos e, como consequência, a apatia frente a situação do mundo – prova disso é o modo como tendemos a tratar a economia e o próprio sistema capitalista. De modo geral, aceita-se o fato de que a economia pode e deve ser competitiva, afinal nos traz benefícios no cotidiano: preços mais baixos devido à concorrência; os que melhor atendem aos consumidores são os ganhadores, enquanto os que não conseguem são categorizados como os perdedores ou os excluídos.

O neoliberalismo (SOARES, 2002), enquanto um novo modelo de acumulação implementado na América Latina a partir dos anos de 1970, reafirma esses valores e inclui, entre outros aspectos, a culpabilização do indivíduo pelo não sucesso no mundo, criando assim uma sociedade fragmentada e polarizada entre ganhadores e perdedores (SINGER, 2002). Os primeiros acumulam capital e os segundos acumulam dívidas, além de serem despedidos ou ficarem desempregados até se tornarem os “inempregáveis”. Contudo, essa competição econômica, bem como os valores que a sustentam, tem sido alvo de debate em nossos dias devido às consequências sociais que estão evidentemente nela implicadas.

A Economia Solidária, por exemplo, é um campo de ação/reflexão fundamental para pensar em saídas alternativas ao modelo hegemônico. Ela possui acepções diversas, mas todas giram em torno da ideia de solidariedade em contraste ao individualismo competitivo, conforme vimos acima. O termo se refere a organizações de trabalhadores, consumidores, etc. que se distinguem por estimularem a solidariedade entre os membros através da *autogestão* e por praticarem a *solidariedade* para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos (SINGER, 2003). A autogestão significa a completa igualdade de direitos de todos os membros nas organizações; é um conjunto de práticas sociais que se caracterizam por uma natureza democrática de tomada de decisões, além de ser um exercício de poder compartilhado, que expressa a existência de relações sociais horizontais.

Evidentemente que esse campo de ação/reflexão anti-hegemônico não é um processo tranquilo e linear. Aliás, tem-se debatido se é possível consolidar a proposta da Economia Solidária enquanto um modelo de produção alternativo, uma vez que fomos constituídos e estamos inseridos em um outro modelo de desenvolvimento social e econômico. De qualquer modo, se considerarmos que a história é um produto da ação humana, pensamos ser possível e necessário alimentar o sonho de que um novo modelo econômico e social pode ser fomentado. A perspectiva do desenvolvimento local endógeno (ZAPATA, 2002), por exemplo, que busca dinamizar os aspectos produtivos e econômicos, potencializar as dimensões sociais, culturais, ambientais e político-institucionais de modo integrado e com a inserção de múltiplos atores, pode contribuir de modo significativo para a construção de um mundo mais decente.

Nos próximos itens do artigo abordamos como conduzimos o processo de desenvolvimento de nossa ação/reflexão no *Projeto Joana d'Arc em Luta pela Dignidade*, realizado de 2005 a 2010 em uma comunidade periférica de Porto Alegre (Vila Joana d'Arc), além de discutir a problemática da transformação social da experiência vivida.

3. “O caminho se faz caminhando”

Tomamos emprestado o nome do livro de Paulo Freire e Myles Horton (2003) para marcar um aspecto fundamental de nosso agir, uma vez que o percurso por nós trilhado ao longo dos cinco anos foi se abrindo e se delineando no próprio caminhar. Tal caminho se caracterizou por uma multiplicidade de pessoas, logo, de intenções e de desejos em movimento, conforme veremos a seguir. Dessa forma, é importante frisar que o objetivo do projeto do qual estamos tratando era melhorar a qualidade de vida dos moradores daquela comunidade através da implementação de um empreendimento coletivo restrito às mulheres (padaria e confeitaria), além da criação de um espaço lúdico-educativo para as crianças.

3.1 Primeira fase

A inserção da equipe na comunidade ocorreu de forma gradativa e cuidadosa, no qual se fez o uso de entrevistas, conversas informais, visitas domiciliares e participação em festas da comunidade. Nossa principal preocupação era construir vínculos que dessem base para o estabelecimento de relações horizontais ao longo do projeto. Para isso, privilegiamos o exercício da escuta e do respeito ao tempo de cada mulher, do grupo e da comunidade de um modo geral.

A postura inicial das mulheres que ingressaram no projeto caracterizava-se pela adesão passiva às atividades propostas pela equipe: pouco questionamento e, em alguns momentos, vergonha e medo de opinar, de agir e até mesmo de se relacionar. Sentíamos um grande receio por parte delas em se expor no grupo, pois utilizar esse espaço para propor algo, por exemplo, significava responsabilizar-se pelo processo.

Em alguns desses momentos, em especial quando observávamos uma certa insegurança das mulheres em relação à participação e/ou a permanência no projeto, dirigíamos-nos até as suas casas (ou a outros espaços da própria comunidade) para

estabelecer um diálogo com o intuito de proporcionar um espaço de escuta para o fortalecimento de sua participação. Aos poucos, o vínculo, a amorosidade e o respeito passaram a ser constituidores do nosso trabalho.

Depois do grupo composto e se encontrando regularmente, conflitos interpessoais e outras dificuldades ligadas ao cotidiano das mulheres e suas famílias passaram a emergir e a prejudicar a participação delas nas atividades. Assim, a nossa estratégia de visita domiciliar foi se ampliando e constituindo o que passamos a chamar de *acompanhamentos individuais*, os quais eram caracterizados por ser um espaço de reflexão e produção de sentido sobre suas vivências. Buscamos trabalhar com o potencial de cada uma e estimular uma rede de apoio entre elas, processo semelhante ao que Freire descreve em relação ao *empoderamento* (FREIRE; SHOR, 1986; GUARESCHI, 2008).

Tendo em vista a consolidação da padaria/confeitaria, optamos por realizar um curso de *qualificação profissional* consistente, com uma carga horária expressiva. Escolhemos uma instituição de renome no mercado de trabalho, uma vez que as participantes não tinham experienciado essa função enquanto campo profissional e o recebimento de um diploma seria de grande importância. O curso iniciou com a participação de 40 mulheres, sendo que 37 conseguiram finalizá-lo, recebendo o certificado. Atualmente, parte do grupo de mulheres está inserida no mercado formal de trabalho na área de alimentação, outra parte no mercado informal (produzindo alimentos em casa e revendendo em armazéns e escolas) e outras trabalhando de forma coletiva. Percebemos que a retomada da possibilidade de estudar (qualificação profissional) e trabalhar (padaria e confeitaria) empoderou o grupo e as próprias mulheres na vida cotidiana, gerando impactos na forma como as trabalhadoras agem dentro da comunidade e também no núcleo familiar.

Em nossa avaliação, em relação ao alto índice de aproveitamento do curso de qualificação, a conquista aconteceu devido à *metodologia participativa* que foi gradualmente sendo construída e também pela possibilidade de ter as necessidades emergenciais supridas – o projeto adotou a disponibilização de uma *cesta de reforço alimentar*¹ para as famílias participantes do grupo de trabalhadoras.

Uma das formas utilizadas para a construção e o fortalecimento da metodologia participativa do projeto foi a idealização de um *colegiado gestor*, caracterizado como uma instância de reflexão e monitoramento das ações que diziam respeito à forma como o projeto deveria ser conduzido. Vários atores que compunham o projeto, como membros da equipe técnica, representantes da instituição parceira da comunidade e mulheres do grupo de trabalhadoras, compartilharam esse espaço de gerenciamento coletivo. Contudo, após um ano e meio de funcionamento, os modos tão diversos de conduzir o projeto passaram a não mais se comunicar e conflitos emergiram, acabando por desconstituir o espaço oficializado de participação coletiva. Isso não significou a anulação da participação dos grupos e sujeitos envolvidos, ao contrário, novas formas de comunicação nas redes comunitárias passaram a existir, provocando tensionamentos, onde antes havia aceitação.

Com o processo de autonomia se constituindo, as participantes passaram a se interessar pela forma como a verba do projeto estava sendo investida. Esse momento foi crucial, pois passamos a discutir com elas como definir os investimentos materiais, ou seja, o que e onde comprar aquilo que estava previsto nas rubricas. As trabalhadoras tiveram *acesso ao orçamento completo*, o que enriqueceu a participação nos momentos de tomada de decisão e contribuiu para o fomento da autogestão e empoderamento.

1 Cesta de reforço alimentar no valor de R\$20,00 semanais disponibilizados em produtos.

Percebemos, ao longo do tempo, uma série de mudanças constituídas a partir da metodologia utilizada. Houve uma significativa transformação na postura das mulheres em relação ao papel da equipe: do assistencialismo ao questionamento, de uma postura passiva a um enfrentamento de opiniões e, aos poucos, a consolidação de um grupo de trabalhadoras em atividade dispostas a concretizar um empreendimento coletivo.

Sabíamos, contudo, que o empoderamento é um processo contínuo e que requer a atualização nos diferentes espaços e momentos. Neste sentido, entre outras ações, foram criados debates em torno da continuidade do projeto, bem como sobre as atividades que as participantes e a comunidade de modo geral queriam promover na segunda fase; passamos também a ampliar as nossas intervenções na comunidade no sentido de fortalecer a participação de outros moradores e instituições (Associação de Moradores) nos processos de desenvolvimento comunitário.

3.2 Segunda fase

Entre a primeira e a segunda fase do projeto, houve um longo período com poucas atividades, considerando que o recurso financeiro da primeira edição do projeto já havia encerrado e aguardávamos a consolidação do segundo contrato. A ideia original era a de que as atividades não encerrariam, porém, com o atraso dos recursos e o aumento das dificuldades financeiras para manter o empreendimento coletivo, grande parte do grupo de participantes precisou procurar novas formas de sobrevivência. Era a urgência do cotidiano que as chamava.

Transcorrido alguns meses, o contrato de patrocínio foi renovado e a verba liberada para darmos continuidade as ações. A partir daí, paulatinamente, o grupo de mulheres foi sendo reestruturado; convites abertos para a comunidade foram realizados conforme a necessidade do grupo, que almejava se consolidar com um número entre 20 a 25 participantes. Atividades relacionadas a *formalização jurídica do empreendimento* passaram a ser desenvolvidas sistematicamente com a participação de todas as trabalhadoras.

Após quase um ano de encontros permeados de debates e reflexões, o estatuto social da cooperativa foi finalizado. A assembleia de constituição do empreendimento, com a eleição dos cargos diretivos também foi realizada, iniciando o processo de planejamento para a oficialização das atividades e recebendo um nome: Cooperativa de Panificação e Padaria Joana d'Arc.

Paralelamente às atividades de implementação do empreendimento, um conjunto de ações foi desenvolvido para fortalecer os recursos humanos existentes na comunidade, visando o exercício de atividades direcionadas ao público infantil. Em um primeiro momento, foram realizadas oficinas de criação de brinquedos, de teatro e de contação de histórias que, além de possibilitar o debate dos temas específicos, sensibilizaram um grupo de 19 pessoas para a formação subsequente em *Educador Assistente*² (EA). Tal qualificação teve duração de quatro meses e foi composta por uma parte teórica e outra prática, com estágios em escolas infantis.

Contudo, algumas das participantes/educandas, que mostraram interesse e desejo nessa formação, não tinham os requisitos mínimos no que se referia a idade e/ou escolaridade para concluí-la nas escolas infantis. Assim, criamos junto à comunidade

² Este curso é obrigatório, segundo lei municipal, para ser educador de nível médio em escolas infantis.

modos alternativos para a realização do estágio, inserindo as participantes em locais de educação infantil informais, como no *Espaço Joaninha*³ e em outras atividades das associações comunitárias da região. É importante destacar que a interação entre educadores (professores do curso EA), educandas e mães possibilitou reinventar espaços de proteção e cuidado para as crianças.

Com o término do estágio, algumas das famílias que tiveram seus filhos atendidos pelas educandas nas instituições conveniadas solicitaram a realização de encontros com diferentes atores sociais (equipe do projeto, educadoras, dirigentes das escolas, etc.) para discutir a necessidade de ampliação do acesso à educação infantil no município, em especial, na região em que estão inseridas. Este grupo se auto-organizou e participou de reuniões do Orçamento Participativo, levando tal demanda para debate.

Em uma perspectiva de continuidade das ações, ou seja, da sustentabilidade das iniciativas a médio e longo prazo, nossas últimas ações na comunidade foram a construção de uma sede para o empreendimento coletivo e para a Associação de Moradores. Todo o processo foi amplamente discutido com a comunidade em reuniões e encontros informais: a construção das plantas, a contratação das empreiteiras, o pagamento dos serviços prestados, a composição dos ambientes, etc.

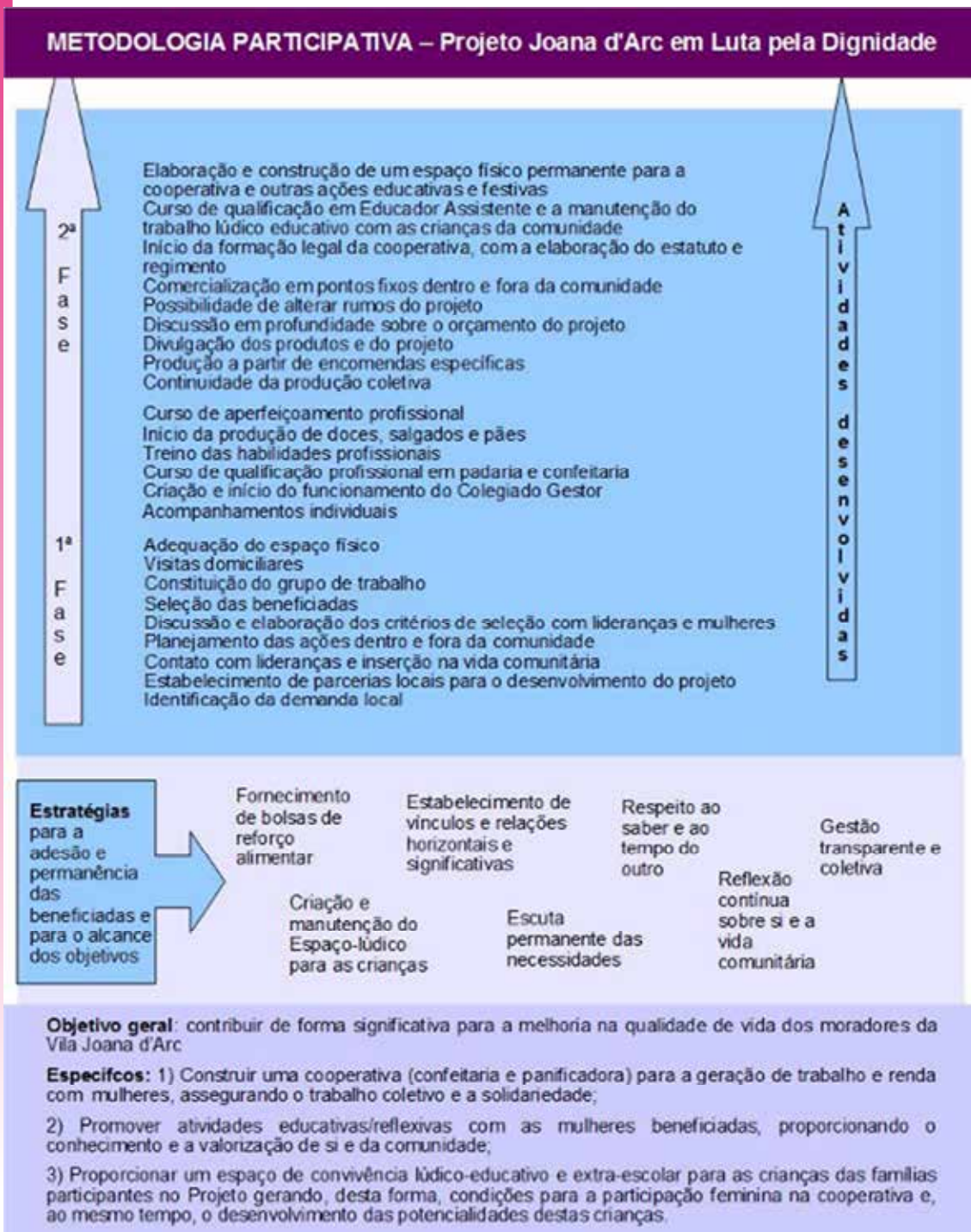
Até certo ponto, já esperávamos enfrentar momentos difíceis de negociação e mediação em torno desta atividade, mas o processo de planejamento e construção da obra foi um desafio muito maior do que imaginávamos. Novos problemas levaram a atrasos significativos para o término da obra, o que pela segunda vez desmotivou e desestruturou parte do grupo de mulheres que estava organizado em torno do empreendimento.

Atualmente, em termos estruturais, a cooperativa tem seu espaço físico e todo o maquinário necessário para a produção de pães, salgados e doces; Associação de Moradores tem uma sala a mais, ampla e versátil, podendo abrigar desde festas a quaisquer outras atividades formativas e/ou educativas. Já o grupo de mulheres que comporiam a cooperativa, no entanto, encontra-se novamente em fase de formação, já que algumas das trabalhadoras conseguiram se inserir no mercado de trabalho, outras mudaram de comunidade, mas há um núcleo que nunca deixou o sonho do empreendimento coletivo de lado e que segue trabalhando na perspectiva de que haja a sua efetiva consolidação.

Buscando sintetizar esse conjunto de ações desenvolvidas, apresentamos a seguir um quadro que ilustra o desenho de nossa metodologia e intervenção na comunidade.

Para finalizar nossa descrição das fases do projeto, é importante destacar que a metodologia utilizada foi essencialmente participativa e dialógica, inspirada na educação popular desenvolvida por Paulo Freire (1987). Partimos do pressuposto de que é a partir da situação concreta do grupo, da experiência vivida e da reflexão crítica sobre ela mesma que a transformação pode ocorrer. Assim, nossa intervenção na comunidade procurou fomentar processos de diálogo, de tolerância e de compreensão do outro e da diferença, acreditando também na potencialidade do conflito como um dispositivo tensionador e constitutivo da participação e, por isso, algo para não ser negado no seio dos grupos. O exercício da ação dialógica, portanto, é o que fundamentou nossas ações em busca da construção de um processo de autonomia dos sujeitos e grupos.

3 Espaço lúdico-educativo em funcionamento na Vila Joana d'Arc desde o início do projeto.



Fonte: autoria própria

4. Reflexões e questões para não finalizar

Como imaginar um mundo diferente, onde não haja (ou haja menos) exploração de uns sob os outros? O capitalismo, em toda sua grandiosidade, aprisionou nossos pensamentos e ações dentro de si mesmo e nos fez acreditar que não haveria uma saída de seu próprio mecanismo – prova disso é que tal sistema nunca conseguiu um nível de aceitação, desde seu primórdio, tão alto quanto nesta época atual (SANTOS, 2002).

A proposta de promover o desenvolvimento comunitário a partir da Economia Solidária busca desnaturalizar essa construção histórica, romper com a apatia social e abrir novos caminhos para o avanço da solidariedade como um princípio ético-político. Sabemos que o conceito de desenvolvimento comunitário também pode acobertar práticas opressivas, visando a manutenção do *status quo*, vide as inúmeras atividades ligadas às empresas que praticam a famosa Responsabilidade Social embasadas na filantropia e caridade.

Então, se sabemos que o conceito utilizado para falar sobre determinada realidade nem sempre manifesta a prática daquele que o enuncia, como podemos analisar a força de uma ação que se propõe a fomentar a transformação social? Do nosso ponto de vista, somente a observação do cotidiano poderá sinalizar a intensidade de uma experiência, isso porque o vínculo, a amorosidade e a humildade só podem ser vividos e confrontados na relação com o outro. A militância sugere uma intensa implicação de si com o processo, uma esperança que se vitaliza com a mudança, mas também com as dificuldades, e que é capaz de respeitar (espera ativa) o tempo para o processo de transformação acontecer.

É importante aqui ressaltar a ambiguidade e a angústia decorrentes do impasse em relação à vivência do tempo. Se, por um lado, buscamos desenvolver a sensibilidade para respeitar o processo de transformação social dentro do tempo necessário para emergir novas consciências, por outro, trabalhamos dentro de limites institucionais que cobram resultados precisos dentro de um período de tempo estabelecido longe da comunidade. O papel de educador, nesse caso, é também o de mediador com as várias instâncias que estão coletivamente contribuindo para o desenvolvimento de determinado grupo.

Acreditamos que com tempo e com a experiência vivida, resgatada e analisada criticamente é que podemos tensionar para a mudança. Contudo, um outro grande desafio se coloca: como realizar planejamentos a médio e longo prazo, como um plano de negócios para o empreendimento, quando os sujeitos estão preocupados com o agora/ o hoje? Poderíamos levar a compreensão para o lado do imediatismo da sociedade de consumo, etc., mas não é disso que se trata. O problema da fome, por exemplo, é concreto e solicita urgência, por isso alguns esforços em termos estatais de fato têm contribuído para amenizar o problema, mas estamos longe de resolvê-lo.

Frente a isso, a nossa estratégia de intervenção também se volta para o lado emergencial das famílias que participam do projeto, com o fornecimento de bolsas de reforço alimentar nos períodos de qualificação e aprendizado profissional. Com esse apoio concreto e os acompanhamentos realizados com as trabalhadoras individualmente e em grupo, o número de desistência ao longo do curso foi mínima, contrariando, evidentemente, o discurso preconceituoso e fatalista de que as classes economicamente empobrecidas são acomodadas. Aos olhos dos desnecessitados, a nossa prática cria a dependência, mas, aos nossos, essa ação se faz humana a cada momento, uma vez que a empatia nos possibilita estabelecer um contato íntimo e verdadeiro com o outro.

Por vezes, tomamo-nos repetindo ações sem refletir, sem considerar de onde elas partem; somos parte de um todo e o reproduzimos. A figura do oprimido e a sombra do opressor estão introjetadas, em alguma medida, em todos nós, mas isso não se configura em um problema quando a reflexão e o verdadeiro diálogo estão contemplados, pois é justamente na coletividade, na relação com o outro, que buscamos nos humanizar, nos libertar.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GUARESCHI, P. Comunicação e Teoria Crítica. In: _____ (coord.). **Comunicação e Controle Social**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. Empoderamento. Em: REDIN, Danilo; ZITKOSKI, Jaime (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **Psicologia social crítica**: como prática de libertação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.

MORETTI, C. Z. M. Militância. In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, B. **A crítica a razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

SANTOS, B. **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SOARES, L. T. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2002.

Singer, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. Economia Solidária. In: CATTANI, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

ZAPATTA, T; Parente, S. **O desenvolvimento institucional e a construção de parcerias para o desenvolvimento local**. Brasília: Projeto BNDES – Desenvolvimento Local – Cooperação Técnica do PNUD, 2002.



Artigo recebido em:
31/07/2016
Aceito para publicação em:
26/08/2016

INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES POR MEIO DE GRUPOS FOCAIS: UMA ESTRATÉGIA DE DEMOCRATIZAÇÃO ESCOLAR

INTERVENTION WITH ADOLESCENTS THROUGH FOCUS GROUPS: A STRATEGY FOR A DEMOCRATIC SCHOOL

*Amanda Pantoja Freitas**

*Marina Couceiro Elias**

*Roberta Coutinho Proença**

*Victória dos Reis Gonçalves da Costa**

*Yasmin Sasaki Brito**

*Aline Beckmann Menezes***

RESUMO

A presente intervenção é oriunda de uma disciplina de graduação do curso de Psicologia, que possui caráter extensionista e teve como objetivo auxiliar nas mudanças e nos desenvolvimentos socioemocionais de adolescentes, a partir de grupos focais cujos temas foram escolhidos pelos próprios alunos, a saber: Futuro profissional e família; cyberbullying; feminismo, religião e sexualidade. Na primeira etapa do estudo, participaram 104 adolescentes de uma escola no Pará. Destes, 26 se voluntariaram para integrar os grupos focais, a partir dos temas de seus interesses. Nesta etapa, os adolescentes tiveram a oportunidade de expor suas opiniões, bem como se posicionar frente a diversos assuntos de forma crítica e reflexiva. Destaca-se a importância do psicólogo escolar em propor e intermediar atividades que possibilitem debates e vivências, bem como agir neste processo como um profissional que possui uma visão ampliada, entendendo o indivíduo a partir de um contexto histórico e social.

Palavras-chave: Adolescência; Psicólogo escolar; Grupo focal; Desenvolvimento.

ABSTRACT

This study results from an outreach intervention carried out in a discipline of the undergraduate Psychology course. It was designed to help the changes and the social-emotional development of adolescents through focus groups. The themes were chosen by the ones that took part on the intervention and were related to their professional future and family, cyberbullying, feminism, religion and sexuality. The first stage was conducted among 104 adolescents from a school in Pará, Brazil. Twenty-six of those students volunteered to join focal groups in accordance with the subjects of their own interest. During this stage,

* Alunas de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil

** Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), PA – Brasil. E-mail: alinebcm@gmail.com

the participants had the opportunity to express their opinions as well as to take a stand on themselves, critically and reflectively, about several subjects. It is relevant to highlight the importance of school psychologist to suggest and intermediate activities that stimulate participants to share and discuss their experiences as well as to act as the one who understands the person from a historical and social context.

Keywords: Adolescence; School psychologist; Focus group; Development.

Introdução

Historicamente, a atuação do psicólogo no contexto escolar esteve centralizada no estabelecimento do diagnóstico, atendimento, orientação e intervenção, principalmente em relação a problemas de aprendizagem e de comportamento (MARTINEZ, 2010). Essa visão tradicional de abordar os problemas dentro do contexto escolar ainda prevalece em muitas instituições, através de posturas generalistas, não considerando as individualidades dos alunos.

Nos últimos anos, vem surgindo um novo modelo de atuação do psicólogo escolar, em que o indivíduo é considerado parte de sistemas relacionais constituídos cultural e historicamente (MARTINEZ, 2010). Esses indivíduos influenciam e são influenciados pelo contexto social no qual estão inseridos, por isso a dinâmica escolar terá um impacto no desenvolvimento e na subjetividade deles.

Assim, o psicólogo escolar deve possuir um olhar amplificado sobre a instituição a qual pertence, com um olhar de pesquisador, observando, analisando, avaliando e escrevendo novas possibilidades de atuação (ANDRADA, 2005).

Dessa forma, sua atuação deve estar voltada à compreensão dos processos relacionais ocorridos na instituição, na qual trabalham com o público adolescente, procurando conhecer os modos pelos quais os alunos sentem, pensam e atuam nesse espaço.

Entende-se esse período da adolescência como um momento cheio de nuances, pois segundo Papalia, Olds e Feldman (2006), as transformações físicas visíveis deste período também influenciam as mudanças nos sentimentos destes jovens. Assim, segundo os autores, a maturidade emocional dos adolescentes depende de fatores como realizações, descobrimento da identidade, independência dos pais, desenvolver seu sistema de valores e formar relacionamentos.

O início da adolescência é quando ocorre a transição entre a saída da infância e a entrada na vida de jovem. Esse momento oferece chances de crescimento físico, cognitivo e social, a partir do desenvolvimento da autonomia, autoestima e intimidade. (PAPALIA et al., 2006).

Entende-se o período da adolescência como um momento crítico do desenvolvimento de qualquer ser humano, pois se caracteriza como uma fase onde este indivíduo está descobrindo sua própria identidade, ou seja, a primeira barreira desenvolvimental por ele enfrentada (ERIKSON, 1963 apud SHAFFER, 2005). Erikson fala em “crise de identidade” para se referir à confusão e ansiedade que os adolescentes podem apresentar ao pensarem em quem, realmente, são e quem poderão se tornar. Ao mesmo tempo, são bombardeados por uma infinidade de informações e cobranças, já que, conforme vão se tornando mais velhos, as responsabilidades sociais esperadas aumentam de forma brusca.

Concomitantemente, é comum que os adolescentes se sintam inseguros em relação a várias questões, principalmente à descoberta de sua sexualidade e como pretendem vivenciá-la. Além disso, espera-se que os mesmos tenham a maturidade para tomar decisões de extrema importância, como a carreira que pretendem seguir no futuro. Com isso, é comum que adolescentes apresentem dificuldades em lidar com muitas mudanças ao mesmo tempo, e de acordo com Papalia et al. (2006), essas mudanças podem demandar necessidade de auxílio para superar os perigos ao longo do caminho e, muitas vezes,

o suporte oferecido a esse grupo é insuficiente, não só no que diz respeito ao papel da família, mas também ao papel da escola.

A partir dessa visão da adolescência como um período de transição e por vezes conturbado, foi realizado um trabalho com adolescentes entre 15 e 18 anos, estudantes do segundo ano do Ensino Médio de uma escola situada na cidade de Belém do Pará. O trabalho desenvolvido é parte de uma disciplina do Curso de Graduação de Psicologia, denominada “Estágio Básico IV – Psicologia Escolar”, que possui por definição caráter extensionista. Como definido pelo Fórum de Pró-reitores de Extensão – FOPROEX (2012, p. 16), no Plano Nacional de Extensão Universitária:

Extensão Universitária denota também prática acadêmica, a ser desenvolvida, como manda a Constituição de 1988, de forma indissociável com o Ensino e a Pesquisa, com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social. (p.16)

Desta forma, a referida disciplina propõe como método de ensino a atuação supervisionada da equipe de estágio na Escola de Aplicação da Universidade, com o objetivo de desenvolver práticas que favoreçam a promoção dos valores democráticos e o desenvolvimento humano, ético, cultural e social da população com que são desenvolvidas as ações.

No caso do presente relato, o objetivo foi auxiliar o desenvolvimento socioemocional adolescente, através da discussão de diversas temáticas escolhidas pelos próprios participantes. Foi almejado, assim, ouvir a voz desses indivíduos a respeito dos assuntos que consideram como suas demandas, dando suporte à equipe na promoção de debates acerca desses temas. Essas discussões oportunizaram compreender a posição do alunado em relação aos aspectos debatidos, como também a possibilidade de ampliar o olhar e a consciência desses sujeitos ao apresentarmos a eles diferentes formas de abordar o mesmo conteúdo.

Essas conversas foram realizadas mediante grupos focais, por se entender que este instrumento, segundo Lopes (2014), possibilita compreender como se dá a construção da realidade vivenciada pelos alunos, a partir de suas práticas cotidianas, tanto aquelas observadas pela equipe do projeto em observações na sala de aula, quanto as relatadas pelos alunos durante conversas com os mesmos, ou ainda entre conversas com seus colegas. Através deste instrumento, pode-se perceber atitudes e comportamentos comuns entre si, os quais seriam relevantes para o objetivo proposto (LOPES, 2014), bem como promover a reflexão sobre as temáticas discutidas.

Este instrumento possibilita lidar com uma intervenção grupal (SERVO; ARAUJO, 2012), dado o número de pessoas que se interessaram em participar das discussões, e, ainda segundo as autoras, é uma forma de lidar com dimensões subjetivas. A estratégia objetiva é construir um espaço em que seja possível explicitar as dificuldades que possam estar cristalizadas ao longo da vida, neste caso, no decorrer mais especificamente do período da adolescência.

De acordo com o CFP, na Resolução nº 014/00 (apud ANDRADA, 2005), uma das tantas atuações do psicólogo é:

Aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino-aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes

ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família-comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser.

A partir dessas atribuições do Conselho de Psicologia, foi realizada a intervenção, para possibilitar o desenvolvimento humano dos alunos, a partir da melhora das relações interpessoais e, principalmente, a promoção do desenvolvimento social e psicológico daquele grupo.

Método

A intervenção aqui relatada pode ser dividida em três etapas. A primeira etapa foi de observação participante em sala de aula e a segunda a aplicação de questionário. A terceira etapa consistiu na realização de grupos focais. O presente relato será com base na experiência vivenciada a partir da terceira etapa.

Participantes

A atividade abrangeu 104 estudantes de ambos os sexos, regularmente matriculados no segundo ano do Ensino Médio de uma escola situada na cidade de Belém do Pará. Os alunos tinham entre 15 e 18 anos. Na terceira etapa da intervenção, participaram 26 alunos, pertencentes ao grupo inicial, que se inscreveram voluntariamente para discutir os temas propostos.

Não houve procedimento de amostragem, pois se objetivava oportunizar a participação de todos os interessados. Assim, nas duas primeiras etapas, foi envolvido todo o universo de alunos do segundo ano do Ensino Médio. A terceira etapa contou com um contingente reduzido, em função de valorizar a autonomia discente para aderir ou não à proposta e para escolher o tema que teria interesse em debater.

Ambiente

Todas as atividades foram realizadas nas dependências de uma Escola de Aplicação Federal, em salas de aula disponibilizadas à nossa equipe.

Materiais e Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização das atividades foram questionários desenvolvidos especificamente para esta intervenção, após a observação das turmas, com o objetivo de levantar as opiniões dos alunos sobre a estrutura física da escola e o funcionamento da equipe pedagógica, além de interesses pessoais (como gosto musical, atividades no tempo livre e assuntos que gostariam de discutir).

Nos grupos focais, foram utilizados recursos audiovisuais para reprodução do vídeo “Coisinhas Flutuantes”, retirado da plataforma de vídeos online Youtube.

Procedimento

A intervenção iniciou-se com as cinco estagiárias divididas nas cinco turmas de segundo ano do Ensino Médio existentes na instituição, iniciando a primeira etapa com a observação-participante. As estagiárias permaneceram nas salas de aula durante três horas, por três dias. Nesse período, as integrantes da equipe ficaram alocadas em sua respectiva sala, buscando conhecer o cotidiano dos alunos para, então, programar as etapas seguintes da intervenção.

Após a observação-participante, houve a segunda etapa de aplicação de questionário. Este questionário buscou identificar o perfil discente, procurando conhecer os interesses dos alunos e os assuntos representativos como demanda para este grupo. Antes da aplicação do questionário, cada estagiária explicou a respeito do sigilo das informações nele contidas, assim como o objetivo do instrumento. No início, havia campos para o nome do aluno, com a informação de que a identificação não era obrigatória, bem como campos para o preenchimento da idade do aluno e sua turma.

Os dados obtidos por meio dos questionários possibilitaram perceber quais assuntos eram relevantes para os alunos, assim como quais alunos gostariam de participar espontaneamente dos grupos focais. Foi feita uma inscrição voluntária em todas as turmas de participantes da intervenção com a lista de cada grupo focal, e, posteriormente, todos os inscritos nos grupos foram lembrados da data e do horário em que iriam acontecer, para que a participação fosse mais efetiva. Cada grupo focal teve duração de 1h30min, com duas a três estagiárias em cada grupo, sendo realizados três grupos durante dois dias.

A condução dos grupos focais era feita considerando três momentos: 1) Abertura da interação pelas mediadoras, provocando reflexões iniciais; 2) A fala livre dos participantes, com reflexões propostas pelas mediadoras; e 3) O fechamento com encontro, com uma síntese pelas mediadoras e a avaliação da experiência por parte dos participantes.

Os temas foram distribuídos da seguinte forma:

Grupo 1 – Cyberbullying

Grupo 2 – Futuro profissional e família

Grupo 3 – Sexualidade, feminismo e religião nas escolas.

Resultados

Descrição breve de cada grupo focal realizado, mencionando as questões discutidas durante a dinâmica – incluindo aquelas que foram planejadas pela equipe e os tópicos que os adolescentes trouxeram de forma espontânea para o grupo. Para tal, foram utilizadas falas dos próprios participantes para ilustrar as diferentes opiniões que surgiram no debate.

Futuro profissional e família

Participaram do grupo 3 pessoas do sexo feminino. Como seriam abordados dois temas conjuntamente, foi separada a primeira metade do tempo para a discussão de um tema e o outro tópico discutido no tempo restante. O tema inicial foi o futuro profissional e, para isso, foi utilizado recurso audiovisual para exibir o vídeo “Coisinhas flutuantes”. Neste vídeo, a personagem fala sobre seu futuro profissional e as dúvidas que teve ao longo da vida, ao tentar decidir o que fazer.

A partir disto, foi perguntado se elas se identificaram com o que havia sido falado no vídeo. Todas as participantes afirmaram que sim, utilizando palavras enfáticas como “completamente”. Então, começaram a falar o porquê da identificação. O relato das participantes foi de que se sentiam bastante pressionadas a escolher uma profissão, no entanto, a pressão pessoal era muito maior do que a externa sobre essa escolha. As participantes falaram que os pais não as pressionavam tanto, mas elas se pressionavam mais.

Outro aspecto destacado foi que, ao escolher a profissão, elas consideravam principalmente quais atividades eram mais prazerosas para elas e em quais teriam mais habilidades para desenvolver o trabalho requerido. Uma participante citou que tinha escolhido um curso para o vestibular, mas percebeu que não tinha domínio sobre uma matéria essencial para ele; com isso, ela passou a procurar outros cursos em que pudesse aplicar a habilidade que tinha e considerava possuir um bom desempenho.

Apesar de o retorno financeiro ser um fator considerado, disseram que isso não era o mais importante e, sim, fazer o que elas gostam. Outro aspecto discutido foi que, caso percebessem que o curso escolhido não era a opção mais adequada, elas estariam dispostas a mudar de curso. Contudo, consideraram que uma mudança deste tipo seria difícil e que percebiam que falar sobre esta disposição, naquele momento, era mais fácil do que a tomada de decisão durante o curso – sendo este um fator relevante para que a escolha fosse cuidadosa.

Chegada a metade do tempo disponível, as meninas terminaram de falar sobre o cuidado com a escolha da profissão, e, então, foi introduzido o próximo tema. Para começar a discussão sobre família, as participantes foram questionadas acerca da forma como definiam a palavra família. Uma delas respondeu que família era mais do que laço sanguíneo, com o que as demais concordaram. Após isso, passaram a descrever suas relações com seus familiares.

Em um primeiro momento, todas falaram que a relação entre elas e a família era boa, no entanto, no decorrer da conversa, surgiram inquietações. Uma das participantes relatou um forte desejo em obter sua independência, já que não gostava de lidar com certos comportamentos dos pais, como a imposição de sua religião e a cobrança de determinadas atitudes e pensamentos.

Em outro momento, elas relataram sentir falta de uma relação de amizade com os pais, construída de forma natural, desde o início de suas vidas, e não algo forçado em um momento que já seriam adolescentes. Algumas conversas ainda eram um tabu na relação familiar e elas não se sentiam à vontade para abordar certos assuntos com os pais, de modo que, nesses momentos, procuram os amigos. Durante o diálogo entre elas, foram feitas poucas intervenções, pois a ideia era justamente que elas pudessem se sentir livres para falar.

Ao término do tempo, feito o fechamento do grupo, agradecendo a participação e realizada a pergunta se gostaram e como se sentiram. Elas disseram que tinham gostado muito do espaço e se sentiram à vontade para falar. Enfatizaram que, geralmente, ocorrem palestras e nelas elas não se sentem à vontade. Apesar de o grupo ter sido pequeno e elas terem ficado nervosas no início, descreveram que, no decorrer da conversa, foram se sentindo mais relaxadas e gostariam que houvesse esse tipo de intervenção mais vezes na escola. Relataram, ainda, a vontade de que a área da psicologia fosse mais presente em seu cotidiano escolar.

Cyberbullying

O grupo focal sobre cyberbullying teve cinco participantes, sendo três mulheres e dois homens. Inicialmente, a conversa teve como foco o que eles entendiam sobre cyberbullying. Eles usaram frases como “um bullying praticado na internet” e “falar mal ou fazer montagens de alguém no facebook” para conceituar o tema e foi possível perceber que havia um bom entendimento dos alunos sobre o que o termo designa.

Em seguida, foi lançada a pergunta se eles já haviam presenciado algum caso de cyberbullying, ao que relataram histórias de outros alunos da instituição que já haviam sofrido esse tipo de violência, ao serem alvo de compartilhamento de vídeos ou fotos íntimas, através de mensagens no celular. Uma aluna contou sua experiência pessoal de ter sido ridicularizada em uma rede social, por causa de uma foto.

Após ouvir o relato dos alunos, foi feita a leitura de algumas histórias reais de pessoas que haviam sido alvo de cyberbullying; pedimos para que falassem sobre como isso pode afetar a vida de quem sofreu esse tipo de violência. Diante dos relatos, os alunos questionaram seus próprios atos ao compartilharem conteúdos que expõem e ridicularizam as pessoas, e o grupo chegou à conclusão de que repassar esse tipo de conteúdo é praticar e ser conivente com esse tipo de crime.

Outra questão norteadora do grupo foi sobre as motivações da prática de crimes virtuais, e o grupo chegou ao consenso de que isso era decorrente da possibilidade de anonimato e consequente sensação de impunidade que o cyberbullying gera. A partir disso, o debate voltou-se para o esclarecimento de algumas leis que existem para combater esse tipo de crime, e um dos alunos falou sobre a existência da Delegacia de Crimes Virtuais, demonstrando seu conhecimento, e, a partir da oportunidade criada pelo grupo focal, compartilhando-o com o grupo de pares.

Outro ponto importante foi o relato dos alunos sobre a necessidade de a instituição de ensino tratar o cyberbullying com seriedade, buscando maneiras de combater e punir esse tipo de prática.

As mediadoras do grupo finalizaram o debate fazendo uma síntese de tudo o que havia sido discutido e enfatizando algumas conclusões que o grupo havia elaborado em conjunto. Ficou claro que cyberbullying é um tema muito presente entre os alunos, devido à imersão neste meio de redes sociais e conversas on line. Eles relataram a importância de se discutir esse tema entre eles, o que possibilitou muitos esclarecimentos e novas formas de entender a complexidade de tal violência.

A partir da exposição do tema e dos relatos, foi possível perceber que houve maior sensibilização dos alunos em relação às pessoas que são vítimas deste tipo de bullying. Eles perceberam que, às vezes, perpetuam o cyberbullying, e elencaram maneiras de combatê-lo, após compreender que não se trata de algo banal ou uma brincadeira entre os usuários de redes sociais, mas, sim, de um crime que gera grande sofrimento emocional nas vítimas.

Feminismo, sexualidade e religião

Participaram do grupo 18 estudantes, sendo 6 meninos e 12 meninas. Durante o grupo focal, iniciamos questionando os alunos a respeito da forma como definiam e o que entendiam por sexualidade. Devido ao número grande de participantes, as respostas foram bastante variadas e incluíam aspectos relacionados a Doenças Sexualmente Transmissíveis

- DSTs, ao ato sexual, à orientação sexual e à necessidade de se falar sobre esses temas com a família e com a escola.

De acordo com os adolescentes, embora a escola promova discussões acerca de sexualidade, elas são focadas no aspecto biológico. Eles afirmam sentir a necessidade de haver discussões voltadas para métodos contraceptivos e questões subjetivas relativas ao sexo e gravidez na adolescência.

Em relação à gravidez na adolescência e ao momento adequado para dar início à vida sexual, uma participante afirmou que o sexo deve ser evitado até que o sujeito esteja casado formalmente, pois, segundo ela, os jovens, em sua grande maioria, não possuem maturidade para ter uma vida sexual de forma responsável, o que aumentaria as chances de uma gravidez indesejada, e essa gravidez acarretaria sérias consequências, vista pela aluna como catastrófica.

No entanto, outros alunos questionaram tal posicionamento e debateram a respeito das consequências, além de defenderem o início da vida sexual no momento em que a pessoa se sentir preparada, e sobre a utilização de métodos contraceptivos para evitar a gravidez indesejada.

A partir desta fala, foi discutido como geralmente apenas a mulher é culpabilizada pela gravidez indesejada, já que, segundo eles, a responsabilidade de se proteger contra a gravidez e, posteriormente, cuidar da criança é socialmente atribuída ao gênero feminino. A seguinte fala ilustra essa perspectiva:

“A mulher que tem que tomar anticoncepcional, a culpa é só da mulher”.

Em seguida, o grupo começou a debater sobre religião. Algumas pessoas falaram qual religião praticavam e as suas características variadas. Outros disseram não ter uma religião ou não a frequentarem assiduamente. Um ponto importante tocado foi em relação à religião na escola. Eles disseram que a escola, apesar de não ser religiosa, primava por uma religião, enquanto criava barreiras para a promoção de outras.

Outro tópico comentado em relação à religião foi como a virgindade era vista, de acordo com as religiões. Um ponto destacado foi o fato de algumas religiões dizerem que o sexo deveria ser feito apenas depois do casamento. Os adolescentes debateram sobre isso e as opiniões foram diversas – tanto a favor quanto contra esse tipo de posição.

Como o grupo começou a desviar do tema central para outras questões, as mediadoras retomaram a temática a partir do questionamento acerca dos papéis que eles exerciam na sociedade e se percebiam alguma diferença entre ser mulher e ser homem. A partir disso, foi discutido o tema feminismo e a questão dos papéis sociais e diferenças de gênero. De forma geral, as adolescentes mulheres que participaram do grupo afirmavam que havia uma grande diferença na forma como os homens e mulheres são encorajados socialmente a vivenciarem a sua sexualidade – o que foi concordado por alguns participantes do sexo masculino.

Segundo elas, o homem é incentivado a vivenciar a sua sexualidade de forma exacerbada, enquanto as mulheres são reprimidas e incentivadas a não se sentirem livres para vivenciar a sexualidade da forma que desejam.

As jovens afirmaram que consideram a sociedade em que vivem “bastante machista” e que não acham corretas as imposições sociais sobre as mulheres. Elas acreditam que deveriam ter o direito de “conduzir suas vidas sexuais da forma que quisessem” e, por

isso, creem na importância do feminismo. Segundo elas, o movimento feminista ajuda a promover a liberdade das mulheres.

Em seguida, a maioria das meninas do grupo começou a falar sobre assédios que acontecem em diversos ambientes, como nas ruas, transportes públicos e até mesmo dentro da escola. Elas relataram diversos abusos que já sofreram, e, ao conversarem sobre isso, houve uma grande comoção. Algumas disseram que não tinham espaço para falar sobre o assunto em foco e que é muito bom e importante haver lugares em que elas se possam se sentir confiantes em desabafar. Elas comentaram sobre o medo e a insegurança em relação a esses casos e pediram para que os meninos não reproduzissem tal tipo de violência. O grupo, como um todo, ficou bastante sensibilizado.

Foi promovida uma reflexão no grupo, mudando a forma de ver situações que eram naturalizadas como brincadeiras, para uma nova percepção de que essas atitudes são uma forma de violência e causam enorme sofrimento para as vítimas. Alguns dos meninos que participavam do grupo afirmaram que, no passado, por várias vezes, haviam cometido algum tipo dos assédios mencionados pelas adolescentes, e que a partir daquele momento evitariam cometer os atos novamente. O momento muito significativo da intervenção, por demonstrar o potencial transformador do tipo de atividade desenvolvida.

Realizamos o fechamento do grupo focal pedindo aos participantes que avaliassem a dinâmica realizada e, de forma geral, o grupo afirmou considerar esse tipo de atividade muito proveitosa, já que é raramente promovida dentro do ambiente escolar, além de suprir a sua demanda – a de possuir um espaço em que podem expressar suas opiniões.

Discussão

A partir dos dados coletados, tanto nos questionários quanto nos grupos focais, foi possível entrar em contato com a crise de identidade característica da adolescência (ERIKSON, 1963 apud SHAFFER, 2005). Para Erikson, esta crise pode estar relacionada à influência de diferentes meios de informação, como a igreja, os pais, a escola, os amigos, os meios de comunicação e as redes sociais – que, por muitas vezes, podem ser conflitantes entre si. Um exemplo desse conflito foi observado durante o Grupo Focal 3, no qual participantes relataram dúvidas sobre o momento adequado para o início da vida sexual, pois a igreja defende a relação sexual somente dentro do casamento, enquanto os amigos defendem a liberdade sexual independente do casamento.

Os relatos obtidos por meio dos grupos focais corroboram, ainda, a necessidade de auxílio e a insuficiência de suporte oferecida aos adolescentes, já que muitos deles, em diferentes grupos, relataram a dificuldade que possuíam de conversar com seus pais sobre determinados assuntos (como sexualidade, uma vez que era considerado um tabu debater este tema), assim como na escola, que apesar de discutirem esse assunto, o enfoque foi descrito como sendo sob o aspecto biológico (como as DST's e métodos contraceptivos), enquanto os aspectos subjetivos e emocionais (como qual o melhor momento para o início da vida sexual) eram ignorados.

Assim, esses grupos focais confirmam a necessidade de um espaço para discussão, onde a sua opinião seja considerada como relevante, bem como façam parte da construção desses debates de maneira espontânea. Pôde-se perceber que o papel de mediação proposto pelo grupo, provendo questões norteadoras apenas, foi suficiente para permitir que os

participantes contribuíssem uns com os outros na construção de um pensamento crítico e reflexivo sobre os temas propostos.

Acredita-se, assim, que a construção de espaços de diálogo no contexto escolar, tal qual realizado nesta experiência, pode ser uma ferramenta eficaz na democratização do ensino e para o empoderamento do adolescente sobre seu próprio processo de amadurecimento (como propõe o Conselho Federal de Psicologia, 2013).

Nos três grupos focais realizados, surgiram demandas em comum que valem a pena serem destacadas, como a necessidade de haver um espaço em que os alunos tenham a oportunidade de expor suas opiniões, e não somente palestras em que apenas recebam informações, sem se posicionarem efetivamente.

Segundo o relatório da Unesco (2010), existem quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. A escola prioriza o conhecer e o fazer, que seriam voltados para o conhecimento técnico para desenvolver e adquirir uma profissão, uma aprendizagem voltada às exigências do mercado de trabalho. É necessário que a educação também leve em consideração o conviver e o ser, em que a aprendizagem seja baseada no respeito às pluralidades e em responsabilidade social, promovendo discussões e reflexões que tornem possível o desenvolvimento de alunos comprometidos com as diferenças culturais e sociais presentes na sociedade.

As ações realizadas por nossa equipe colaboram para esses objetivos, pois os grupos focais realizados deram a oportunidade para os alunos exporem suas opiniões, e até mesmo relatarem sobre possíveis preconceitos que enfrentam em seus cotidianos. Ao compartilharem suas experiências com o grupo, foi possível que os outros se sensibilizassem com o sofrimento de seus colegas.

Dessa forma, os adolescentes puderam perceber a existência de dificuldades que determinados grupos enfrentam, mesmo que eles próprios não estivessem inseridos naquele grupo, colaborando para que esses jovens se tornem mais empáticos e conscientes, capazes de desenvolver um senso crítico que irá ajudá-los a não perpetuar diferentes tipos de preconceito, como também incentivá-los a combater os mesmos.

Conclusão

Consideramos nossa intervenção importante, pois ela está de acordo com o novo modelo de atuação do psicólogo escolar definido por Martinez (2010), que considera que o olhar do psicólogo deve ser ampliado, percebendo-se os indivíduos dentro de um contexto social e histórico.

Neste sentido, Andrada (2005) afirma que este olhar amplificado do profissional traz novas possibilidades de atuação, de modo que a intervenção aqui relatada se configura como um exemplo dessas novas possibilidades.

Na presente experiência de extensão, foram identificadas demandas a respeito de temas específicos, possibilitando ser desenvolvida uma nova possibilidade de atuação, discutindo tais temas (cyberbullying, futuro profissional, família, sexualidade, feminismo e religião) na escola. Essa maneira de atuar na escola pode ser considerada inovadora no contexto em que foi aplicada, dado que os alunos nunca haviam se reunido para refletir acerca de assuntos decididos por eles, sob orientação de um psicólogo.

Assim, pôde-se sair do paradigma que tantos psicólogos escolares acabam embarcando, de acordo com Andrada (2005), em separar os alunos entre normais e desviantes, propondo intervenções apenas direcionadas àqueles inseridos na categoria “desviante”. Considera-se, assim, que a ausência de critérios para seleção de alunos participantes dos grupos oportunizou a se expressar qualquer aluno que estivesse interessado em participar.

Há diversos problemas enfrentados pelos psicólogos escolares, seja pelos paradigmas citados, seja pela enorme demanda apresentada na escola, dificultando a atuação deste profissional; ou mesmo por não haver uma prática específica elaborada de sua atuação, pelo fato de não existirem teorias capazes de refletir a realidade da escola pública no Brasil, necessitando de uma intervenção psicológica diferenciada (ANDRADA, 2005).

Compreendemos que o nosso trabalho possui importância neste cenário, por apresentar possíveis estratégias de intervenção, de caráter tanto preventivo quanto remediativo, compatíveis com o contexto de uma escola pública.

A necessidade de ações do tipo aqui apresentado ficou clara nas falas dos alunos em todos os grupos, onde foi relatada a escassez das referidas práticas, além da falta de diálogo entre o setor de psicologia e os estudantes. Portanto, acreditamos na importância de que a escola não foque apenas na educação formal, mas preocupe-se com o desenvolvimento social, emocional e psicológico dos alunos, promovendo debates a partir das demandas identificadas pelos próprios alunos, para que eles se tornem ativos nesse processo.

Referências

ANDRADA, E. G. C. Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.18, n.2, p. 196-199, 2005.

EDUCAÇÃO: UM TESOURO A DESCOBRIR (1996). *Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Relatório. Brasília: UNESCO, 2010.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS-FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: Ed. UFMG, 2012.

JOUT JOUT PRAZER. Coisinhas Flutuantes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CC1rbEMtOck>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

LOPES, B. E. M. Grupo focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v.3, n.2, 2014.

MARTINEZ, M. A. O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em aberto*, Brasília, v.23, n. 83, p. 39-56, 2010.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R.; D. *Desenvolvimento Humano*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SERVO, M. S.; ARAÚJO, P. O. Grupo Focal em Pesquisas Sociais. *Revista espaço acadêmico*, v.12, n.137, 2012.

SHAFFER, D. R. *Psicologia do desenvolvimento - Infância e adolescência*. 5. ed. São Paulo: Thomson, 2005.



Artigo recebido em:
15/01/2016
Aceito para publicação em:
11/04/2016